



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

**CAMILA APARECIDA LEVES MANEZE**

**A TRANSFORMAÇÃO HUMANA NAS VIAGENS: ENCONTRO DE SI E BUSCA DE  
SER**

**Brasília  
2018**

CAMILA APARECIDA LEVES MANEZE

**A TRANSFORMAÇÃO HUMANA NAS VIAGENS: ENCONTRO DE SI E BUSCA DE  
SER**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Turismo do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestra em Turismo. Área de concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional. Linha de pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo.

**Brasília  
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM275t      Maneze, Camila Aparecida Leves  
              A transformação humana nas viagens: encontro de si e  
              busca de ser / Camila Aparecida Leves Maneze; orientador  
              Neuza de Farias Araújo. -- Brasília, 2018.  
              251 p.

              Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Turismo)  
              -- Universidade de Brasília, 2018.

              1. Viagens autônomas. 2. Mulheres viajantes. 3.  
              Bicicleta. 4. Autoconhecimento. I. Araújo, Neuza de Farias,  
              orient. II. Título.

Dissertação de autoria de Camila Aparecida Leves Maneze, sob o título “A transformação humana nas viagens: encontro de si e busca de ser”, apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestra em Turismo pelo Programa de Pós-Graduação em Turismo, na área de concentração Cultura e Desenvolvimento Regional. Aprovada em 11 de dezembro de 2018 pela banca examinadora:

---

**Orientadora: Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo**  
**Universidade de Brasília**

---

**Membro examinador: Prof. Dr. Thiago Allis**  
**Universidade de São Paulo**

---

**Membro examinador: Profa. Dra. Natália de Sousa Aldrigue**  
**Universidade de Brasília**

---

**Suplente: Profa. Dra. Profa. Dra. Donária Coelho Duarte**  
**Universidade de Brasília**

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer as viagens proporcionadas pelo imaginário, no ato da escrita e no ato do ouvir, as risadas e as emoções de cada relato de viagens.

Em primeiro lugar agradeço ao Bom Jesus e Nossa Senhora Aparecida, a todas às minhas crenças religiosas da Sagrada Família de Deus.

Às viajantes Juli, Pam e Ada por participarem da pesquisa com a doação dos seus relatos de viagens, numa viagem autônoma e de bicicleta, e às demais viajantes.

À minha orientadora Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo pela liberdade na construção do estudo e pela amizade.

Às professoras Lana Magaly Pires, Valéria Magalhães e Maria Elisa M. Bernardes, aos professores Reinaldo Pacheco e Thiago Allis pelo apoio e força e às demais professoras que compõem a banca, Natália de Sousa Aldrigue e Donária Coelho Duarte por aceitarem participar desse processo de ensino-aprendizagem.

Agradeço aos meus pais, ao Sha e aos animais, principalmente, aos gatos do Campus Universitário. E aos amigos Filipe, Valéria e suas filhas Bárbara e Diana pela acolhida em Brasília, força e amizade. Aos amigos de São Paulo, Ariane, Aline, Evangelina, Eriberto, Lígia e Luana e aos amigos que fiz nesse processo de mestrado, entre os mais presentes Cris, Fernanda, Rose, Elizangela, Danilo, Déia, Ludovico, Tânia, Goiara, Paulo e Tereza, à carioca Gabi e família, à revisora Graça, aos funcionários da UnB, principalmente aos da limpeza, segurança, portaria, alimentação e à secretária da pós-graduação. A todos que me apoiaram e acreditaram na pesquisa!

... Viajar sozinho são duas  
viagens em uma!

**Juli**

... Pedalar é um exercício  
para pensar...

**Pam**

... Foi  
um encontro, mesmo, eu fui me descobrindo nesse caminhar,  
coisas que até então eu não conhecia!

**Ada**

## RESUMO

O presente trabalho aborda como tema o ato de viajar autônomo. O ato de viajar acompanha a construção da história humana, é antigo e provido de várias motivações, tais como a busca por experiências significativas para o sentido da vida. Por meio de um recorte de gênero, evidencia-se como elemento central do estudo a viajante independente, considerada “a nova filha errante da estrada”, que viaja desacompanhada ao seu próprio modo e tempo, vivencia diversas formas de acomodações e meios de transporte, mas que pode privilegiar um modal, a bicicleta, e assumir as viagens como um novo estilo de vida móvel. Deixa-se guiar pela viagem e por seus sentidos, ao acaso da aventura e do encontro. Transgride o imaginário social e a ordem social estabelecida que remetem o ato de viajar à figura masculina. Realiza uma experiência de viagem não convencional, considerada uma das expressões de viver as mobilidades turísticas contemporâneas. O fio condutor, ao tratar do ato de viajar com autonomia, é trabalhar com os seus aspectos subjetivos, por meio das experiências que se aproximam das dimensões simbólicas dos ritos de passagens. Tais experiências podem promover mais do que o encontro com o outro diferente de si, revelando-se um processo de autoconhecimento na busca ou encontro, consciente ou não, de ser e de si. Nesse percurso, no objetivo geral, analisa-se a construção da figura da viajante independente por meio de três relatos de viagens, que se amparam no método da história oral ao compor uma análise única e interpretativa. Entre os critérios estão viajar sozinha e de bicicleta, com base nas principais características: a errância, a liberdade e a aventura. De modo que, no escopo do estudo, visa-se a descrever e analisar o relato de uma experiência de viagem, além de caracterizar o perfil e verificar as motivações das viajantes independentes. Trata-se de três viajantes brasileiras, inicialmente desacompanhadas, que realizam viagens longas de bicicleta pelas Américas. Verificam-se as motivações e os desenvolvimentos das construções das viajantes, por meio de experiências singulares, que configuram um processo coletivo de desafios e amadurecimento, englobando sentimentos, aprendizados e autodescobertas. No entanto, ao tratar do subjetivo das viagens e ao perpassar pelo universo complexo da existência, as experiências de viagens promovem a transformação das viajantes e (re) significação das identidades. A pesquisa busca contribuir para novas investigações no campo do Turismo e na valorização do viajar autônomo realizado por mulheres.

**Palavras-chave:** Viagens autônomas; Mulheres viajantes; Bicicleta; Autoconhecimento.

## ABSTRACT

The present work approaches as the theme the act of autonomous travel. The act of traveling accompanies the construction of the history of human life, is ancient and provided with various motives, such as a search for meaningful tasks for the meaning of life. Through a return of gender, it is evidenced, as a central element of the study, the independent traveler, considered "a new wandering daughter of the road", who travel the unaccompanied in their own way and pace, who experiences various forms of places and means of transport, but who can privilege a modal, a bicycle and take travel as a new mobile lifestyle. Let yourself be guided by the journey and your senses, by chance of the adventure and encounter. It transgresses the social imaginary and the established social order social that remit the act of traveling to the male figure. It is an unconventional travel experience, one of the expressions of living as contemporary tourist mobilities. The motivation, when dealing with the mode of autonomous travel, is to work with its subjective aspects, through the experiences that approach the symbolic scales of rites of passage. Such events can promote more than the encounter with the other different from yourself, revealing a process of self-knowledge in the search or meeting, conscious or not, of being and of self. The route, in the general objective, the construction of the figure of the independent traveler is analyzed through three travel reports, which are based on the method of oral history when composing a single and interpretative analysis. Among the criteria are traveling alone and by bicycle, based on the main characteristics: wandering, freedom and adventure. So, the scope of the study, it aims to describe and analyze the course of a travel experience and characterize the profile and verify the motivations of the independent travel. They are three Brazilian travelers, initially unaccompanied, who make long bike trips through the Americas. The motivations and the constructions' developments of the travelers are verified by means of singular experiences, which configure a collective process of challenges, maturity, feelings, learning and self-discovering. However, in dealing with the subjective of travel and passing through the complex universe of existence, travel experiences promote the transformation of travelers and (re) signification of identities. This research is a contribution to new investigations in the field of Tourism and in the valorization of the autonomous travels carried out by women.

**Keywords:** Autonomous travel; Women Travelers; Bike; Self-knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| FIGURA 1- Juli no Alasca .....           | 91  |
| FIGURA 2- Mapa de todo o percurso.....   | 106 |
| FIGURA 3- Presente “Dente de Leão” ..... | 106 |
| FIGURA 4- Imagem da Viajante Juli.....   | 107 |
| FIGURA 5- Mapa do percurso .....         | 117 |
| FIGURA 6- Imagem da Viajante Pam.....    | 118 |
| FIGURA 7- Mapa do percurso.....          | 119 |
| FIGURA 8 – Imagem da Viajante Ada.....   | 128 |

## **LISTA DE QUADROS**

|  |    |
|--|----|
| QUADRO 1 - As viajantes independentes..... | 79 |
|--|----|

## **LISTA DE ABREVIACOES**

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>13</b>  |
| <b>CAPÍTULO I - COMPREENDENDO O CENÁRIO DA VIAJANTE INDEPENDENTE.....</b>          | <b>23</b>  |
| <b>1.1 Breve histórico do ato de viajar: o novo perfil de ser viajante .....</b>   | <b>23</b>  |
| <b>1.1.1 O gênero.....</b>   | <b>30</b>  |
| <b>1.2 Busca de ser e encontro de si.....</b>                                      | <b>34</b>  |
| <b>1.3 Mobilidades Contemporâneas: o novo paradigma .....</b>                      | <b>53</b>  |
| <b>1.3.1 Contextualizando a bicicleta nas viagens.....</b>                         | <b>61</b>  |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>                                  | <b>70</b>  |
| <b>2.1 Tipologia da Pesquisa.....</b>  | <b>70</b>  |
| <b>2.1.1 Análise dos elementos.....</b>  | <b>76</b>  |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO III - SER UMA VIAJANTE INDEPENDENTE: apresentação dos relatos.....</b> | <b>91</b>  |
| <b>3.1 Relato de viagem: Juli.....</b>   | <b>91</b>  |
| <b>3.2 Relato de viagem: Pam .....</b>   | <b>108</b> |
| <b>3.3 Relato de viagem: Ada.....</b>  | <b>119</b> |
| <br>   |            |
| <b>CAPÍTULO IV- TRANSFORMAÇÃO HUMANA DAS VIAGENS.....</b>                          | <b>129</b> |
| <b>4.1 Análise e interpretação.....</b>  | <b>129</b> |
| <br>   |            |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>172</b> |
| <br>   |            |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>183</b> |
| <br>   |            |
| <b>APÊNDICE A - Roteiro .....</b>  | <b>193</b> |
| <b>APÊNDICE B - Transcrição I.....</b>   | <b>194</b> |
| <b>APÊNDICE C- Transcrição II.....</b>   | <b>210</b> |
| <b>APÊNDICE D- Transcrição III.....</b>  | <b>232</b> |
| <b>ANEXO A - Convite das viajantes.....</b>  | <b>250</b> |
| <b>ANEXO B - Termo de imagem e som.....</b>  | <b>251</b> |

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação traz como tema o ato de viajar autônomo realizado por mulheres. O ato de viajar autônomo<sup>1</sup> faz parte das novas expressões do turismo na contemporaneidade.

A pesquisa tece novas interpretações de como fazer e pensar o turismo como um fenômeno social e cultural, que pode provocar a produção de subjetividades no ser humano e promover experiências significativas à vida. Busca tecer essas interpretações nas interdisciplinaridades das ciências humanas, ao trabalhar os sentimentos e o universo subjetivo do sujeito. Conforme Boaventura de Sousa Santos (2011), o conhecimento subjetivo é essencial ao compor os estudos da ciência, mas, antes de ser considerado válido como conhecimento científico, foi alvo de muita polêmica e preconceito. Nesse viés, Urry (2009) aponta a emergência de uma postura pós-disciplinar frente a temas de mobilidades.

Sabe-se que o ato de viajar é bem antigo e faz parte da construção social e cultural. Os verbos *descobrir* e *buscar* são constantes na história do ato de viajar, ao se adentrar o universo do outro, o “desconhecido”. Independente das motivações, o ato de viajar revela, desde motivações de sobrevivência, diásporas, peregrinações e interesses econômicos, científicos e políticos, a gostos e nostalgias por aventuras e liberdades. Posto que a figura do viajante sempre refletiu essas nostalgias pelo imaginário social e que o ato de viajar autônomo as suscitam. Nesse sentido, as viagens revelam os sentimentos mais profundos e uma experiência de travessias ao encontro com o seu *Outro*, ou seja, podem resultar num processo de autoconsciência de si mesmo, o autoconhecimento.

No entanto, o universo das viagens acompanha um histórico de negações à atuação das mulheres, evidenciando a figura masculina como protagonista do ato de viajar e sempre as deixando em segundo plano, restritas ao cuidado do lar e à espera dos seus

---

<sup>1</sup> Para efeito de análise, neste estudo, será usado de forma concomitante à qualificação dos termos *independente* e *autônomo* para exemplificar a experiência significativa de viagem. Parte-se do pressuposto de que essas categorias, em certa medida, são conexas e interdependentes, já que a busca da independência e liberdade no ato de viajar amplia a possibilidade de construção da autonomia do sujeito.

maridos, destinadas à dependência, à fragilidade e à maternidade. Segundo Sónia Serrano (2017, p. 28):

Ao representar conquistas e domínios, mesmo que já não existam novos territórios para desbravar, a viagem autêntica é comparada com o sexo. Logo, às mulheres não é permitido, ou não seria historicamente permitido, entrar nesse mundo a sós. Apenas a mão experiente do marido as poderia guiar.

Infelizmente, esse pensamento sobre a imagem da mulher ainda é muito presente no imaginário social atual. Mas, séculos atrás, mesmo com a opressão e correndo o risco de ferir a honra de suas famílias, houve mulheres que desafiaram a própria época, viveram e transgrediram em uma sociedade conservadora e moralista, que até as proibia de escrever e estudar. Algumas mulheres tiveram que se disfarçar de homens para fazer parte do universo das viagens. Entre elas, algumas pertenciam a famílias nobres europeias e deixaram relatos importantes e polêmicos, principalmente as viajantes dos séculos XVII e XIX. Algumas dessas viajantes são: *Egéria (considerada a primeira viajante no fim do século IV)*; *Jeanne Baret (volta ao mundo disfarçada de homem como assistente naturalista no século XVII)*; *Ida Laura Pfeiffer (realizou volta ao mundo no fim do XVII)*; *Isabelle Eberhardt (viajou pelo continente africano disfarçada de homem ao fim do século XVIII)*; *Annie Londonderry (primeira viajante a dar a volta ao mundo de bicicleta no século XIX)*; *Marianne North (viajante pintora do século XIX)*; *Nísia Floresta (escritora viajante brasileira do século XIX)*, entre outras viajantes (DUARTE, 2008; DUARTE, MUZART, 2008; FRANÇA, 2008; GAZZOLA, 2008; MOREIRA LEITE, 2000, SERRANO, S. 2017).

Os testemunhos dos relatos foram importantes para afirmar e dar visibilidade às mobilidades femininas. Serrano, S. (2017) frisa que o ato de viajar foi relevante para a emancipação da mulher e para a luta por seus direitos como atuantes sociais e culturais. No entanto, apesar da conquista de direitos sociais, entre eles o lazer, e da igualdade de gênero, ser uma viajante mulher no século XXI ainda é socialmente polêmico, visto que o machismo e o patriarcado ainda resistem e estão impregnados culturalmente no pensamento e em algumas ações, mesmo que de forma inconsciente.

Por esse viés, o estudo dá voz à viajante independente dos tempos atuais por meio do método de história oral. A história oral, considerada uma história nova, contribuiu para mostrar os outros ângulos da história, além de outros protagonistas que tentaram excluir, como as mulheres. Método que também foi alvo de polêmica e desprezo

científico, por buscar investigar o subjetivo, mas que ganhou seu espaço e reconhecimento científico, ao colaborar com investigações e respostas que, outrora, o mundo acadêmico teve dificuldades em compreender. No entanto, o relato, além de construir uma nova história, é fundamental para analisar a construção das identidades e as visões sobre as experiências vivenciadas e sobre si mesmas (ALBERTI, 2005; AMADO, FERREIRA, 2006; PATAI, 2010; PERROT, 1988; TOURAINE, 1994; THOMPSON, 1992).

No objetivo geral buscou-se, por meio de três relatos de experiências significativas de viagens, *analisar a construção da figura da viajante independente nesse percurso das viagens*. Sendo uma figura<sup>2</sup> que representa o movimento pós-moderno e as novas mobilidades, faz parte de um novo perfil de ser viajante, que procura vivenciar a viagem ao seu próprio modo e tempo.

A figura da viajante independente está circunscrita nesse mundo cada vez mais globalizado e “líquido”, isto é, marcado pela efemeridade das relações com o outro na pressão temporal do *aqui e agora* e das identidades que não são fixas (HALL, 2005; LIPOVETSKY, 2004). Mas, ao mesmo tempo em que se globaliza e se depara com o espaço e o tempo cada vez mais comprimidos, aumenta o gosto por experiências que fogem da rotina cotidiana. Anseia-se por experiências mais sensíveis, isto é, significativas ao sentido da vida (BAUMAN, 1998; GIDDENS, 1991, 2003).

A experiência, neste estudo, é concebida como prática social e cultural, isto é, *novo* modo de vida e meio de transformação e formação humana. (AVENA, 2008; DE BOTTON, 2010; FREIRE, 2011; PANOSSO NETTO, 2010; TRIGO 2010, 2013;

---

<sup>2</sup> Salazar (2017; 2018) examina que a noção de figura móvel abrange perspectivas analíticas e complexidades teóricas das mobilidades em relação à condição humana, da qual o movimento é também uma tendência natural. Entre os teóricos sociais, a figura de pessoas móveis, que tem sido empregada para descrever o eu e o outro, traz a noção de um “tipo ideal” e alude ao grupo ou a uma experiência de vida particular ou específica, fenômeno de mobilidades em debates acadêmicos como metáforas de abreviações conceituais. O autor explica que essa alusão da palavra “figura” traz um significado chave dos imaginários de mobilidades que tentam criar e personalizar conceitos, tais como: “os nômades” Deleuze (1925-1995) e Guattari (1930-1992); “o migrante” Said (1935-2003); “o *flâuner*” Benjamin (1892-1940); “o pedestre” Certeau (1925- 1986); “estrangeiro/estranho” Simmel (1858-1918). Segundo Maffesoli (2000, p.15), as figuras de viajantes “permitem uma estética comum e servem de receptáculos a expressão do ‘nós’ podendo agregar algo ao outro”. O estudo quer evidenciar a figura da viajante em relação ao ato de viajar autônomo, sozinho, em uma viagem que não convencional, como uma experiência significativa à vida, representante da pós-modernidade e das novas mobilidades.

SCOTT, 1995). Faz-se uma aproximação das experiências significativas de viagem com o rito de passagem, que são dimensões simbólicas da vida, pautadas nas características do *ethos* do viajante independente: o espírito de liberdade, a aventura e a errância. (CARDOSO, 2003; GENNEP; 1978; IANNI, 2003; MAFFESOLI, 2001; ORTIZ, 1996; TURNER, 2008).

A viajante independente entrega-se à arte da deriva e do devir, sendo a sua relação de consumo por meio da troca solidária, no compartilhar e estar-junto com o outro (MAFFESOLI, 2001). A viagem sai do convencional, da monitoria e lógica do mercado turístico. Atua de forma econômica, desacompanhada e de bicicleta, sendo esses os principais critérios da pesquisa.

Dessa forma, em uma abordagem qualitativa e descritiva, por meio da técnica e método da história oral, a investigação descreve e analisa o relato de uma experiência de viagem na perspectiva da mulher. Além disso, a análise engloba a caracterização do perfil e as motivações das viajantes independentes, buscando compreender o problema: “*Como o ato de viajar autônomo pode se revelar uma experiência significativa à viajante independente?*”

O estudo procurou explicar o universo simbólico e subjetivo ao analisar a construção da figura da viajante independente. Esse trajeto não foi simples de percorrer devido ao tempo de pesquisa e à profundidade exigida por cada pedalada construída, na experiência de cada viajante colaboradora – Juli, Pam e Ada – rumo a uma longa viagem pelas Américas, assumindo novos estilos de vida. No entanto, apesar dos significados particulares das experiências, foi realizada uma análise única. Os objetivos da pesquisa transparecem em cada relato, possibilitando a generalização do *ethos* da figura de viajante independente e a verificação de como o ato autônomo simboliza um processo de descobertas, buscas, aprendizados e de encontros e reafirmação de identidades. Ou seja, os relatos “traduzem visões particulares de processos coletivos” (DELGADO, 2006, p.18).

O corpo teórico segue como organização a lógica de trabalhar as partes que envolvem a temática e a construção da figura de viajante, o conceito das novas mobilidades destacando a bicicleta como uma possibilidade de viagem realizada pela figura da viajante independente, cruzando os conceitos teóricos na análise dos relatos de viajantes contemporâneas e brasileiras – Juli, Pam e Ada – compondo ao todo da pesquisa. Procurou-se dar ênfase aos relatos contemporâneos das viajantes, sujeitas da

pesquisa, pois em termos de viajantes brasileiras que tenham realizado viagens autônomas, econômicas e de bicicleta, não há conhecimento na história. Dos estudos sobre mulheres viajantes de Serrano, S. (2017), a única viajante histórica do século XIX era europeia e deu a primeira volta ao mundo de bicicleta, a já citada e conhecida *Annie Londonderry*.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresenta uma abordagem geral para compreender o cenário da figura da viajante independente, explanando a história, as motivações, a organização do ato de viajar e suas relações com o turismo. Nesse cenário toma-se como fio condutor o legado pós-moderno e hipermoderno e os efeitos da globalização que intensificam o *mal-estar* social e que afetam o ser humano mais sensível, aquele que busca transgredir com as obrigações sociais estabelecidas para buscar um novo estilo de vida e experiências mais humanas e singelas que tragam sentido à existência. Vive-se a era das experiências com o surgimento do novo perfil de ser viajante: a figura do viajante independente, que deseja viajar ao seu próprio estilo, de forma autônoma e econômica (BAUMAN 1998, 2007; BARBOSA, 2002; GIDDENS, 1991, 2003; LIPOVETSKY, 1983, 2007; TRIGO, 2010, 2013, entre outros).

No início do primeiro capítulo, procura-se também chamar atenção sobre a ausência da mulher viajante na história das viagens, buscando-se prestar mais contribuições à história, pois na história das viagens e na história em geral, a figura da mulher foi abafada e inferiorizada, “condenada” à esfera privada. Trabalha-se com o conceito de gênero e procura-se visibilizar os movimentos culturais por igualdade de gênero e liberdade do ser, no século XX, movimentos influentes na cultura de estrada, na qual a figura da viajante independente rompe com o imaginário social de que as viagens são apenas exercidas por homens. Busca-se trabalhar as características da construção da figura viajante independente: a errância, a liberdade e a aventura. Concebe-se as experiências significativas de viagens como prática cultural transformadora que se aproxima da dimensão simbólica dos ritos de passagens ou travessias, ao tocar no universo do subjetivo. Posteriormente, o estudo abarca o conceito do paradigma das novas mobilidades, quando se discutem as facilidades atuais na forma de viver as viagens, que antecipam o contato com o desconhecido e criam uma atmosfera mais íntima. Surgem novos estilos móveis e alternativos, destacando-se a bicicleta na interface com as viagens e um breve histórico nacional e internacional. Conclui-se que, cada vez mais, o ato de viajar e a bicicleta se (re)afirmam como

símbolo de emancipação feminina, de forma que a figura da viajante assume a bicicleta como meio de vivenciar as viagens, demonstrando ser um dos limites da autonomia humana (ALLIS, 2016; ANTONIOLI, 2015; ARAÚJO, Neuza 2010; AUGÉ, 1994, 2009, 2010; BENJAMIM, 1986; CASSIRER; ELLITOT, URRY, 2010; DUARTE, MUZART, 2008; FIGUEIREDO, 2010; GAZZOLA, 2008; HANSON, 2010; PEIXOTO, 2003; MAFFESOLI, 2000, 2001; MAUSS, 2003; MELO, SCRETINO, 2009; SERRANO, S., 2017; SHELLER, URRY, 2006; SAFFIOTI, 2009; SALDANHA, 2017; SANTOS, M. 2008; SALAZAR, 2014; SCOTT, 1995; URRY, 2007, entre outros).

O segundo capítulo refere-se aos passos metodológicos em relação à análise e os elementos de pesquisa organizados pelo método e técnica da história oral temática por meio dos relatos de experiências significativas de viagens. A abordagem da pesquisa é descritiva e qualitativa, cujo elemento central é a figura da viajante independente. Pautase em uma análise única e interpretativa. O método de história oral fornece liberdade de criação e interpretação, além de construir e ressignificar memórias e identidades. (ALBERTI, 2005; AMADO, FERREIRA, 2006; FREITAS, 2006; GEERTZ, 2001, 2008; TRIVIÑOS, 2010; MARTINS, THÓPHILO, 2007; RICHARDSON *et al*, 1999; GIL, 2002; THOMPSON, 1992, entre outros).

O terceiro capítulo apresenta os relatos das longas viagens de Juli, Pam e Ada, realizadas de bicicleta e sozinhas pelas Américas. Juli partiu, em 2016, para o extremo da América do Norte, no Alasca, uma viagem de dois anos, com uma interrupção temporária, devido a uma lesão no ombro. Ela pretende retomar a viagem em outubro para chegar ao extremo da América do Sul. Pam iniciou a viagem em 2016, no México, com duração aproximada de um ano e meio, até o Brasil. Ada começou a viagem em 2015 e a retornou no final de 2016, viajando por quase toda a América do Sul. Todas assumiram as viagens autônomas como um novo estilo de vida, principalmente, Pam e Juli que ainda se mantêm em viagem. Nesse capítulo foram desenvolvidos o método e a técnica de história oral, de transcrição, que expôs o relato *limpo* oral e permitiu a criação e a intervenção da pesquisadora (MEIHY, 1996).

O quarto capítulo abrange a análise única e interpretativa dos relatos apresentados no capítulo anterior, buscando estudar a construção da figura da viajante independente. Os critérios da pesquisa incluem: viajar desacompanhada e de bicicleta. Faz-se uma

aproximação com os elementos da ordem simbólica dos ritos de passagem: separação, margem, agregação (GENNEP; 1978; TURNER, 2008).

Já nas considerações finais são identificadas as características que compõem o *ethos* da figura de viajante independente: a errância, a liberdade e a aventura. Verifica-se nos processos de travessias o desenvolvimento das construções das figuras das viajantes independentes e o quanto as experiências das viagens se revelam significativas às três viajantes, que afirmam que o tempo e o caminho as pertencem e os *redesenham* conforme os ritmos da pedalada. O ato do viajar autônomo demonstra uma vivência humana e transformadora de vidas. Viabiliza o enfrentamento de desvios que são muito mais interiores do que exteriores, promove encontros e trocas de aprendizados com o outro diferente de nós. Além de ser um percurso de autodescobertas, um ato de educar, de diálogo, de tensão e de (re)significações identitárias, de autoconsciência de si mesmas. Por fim, as viajantes buscam inspirar outras mulheres a ocupar a estrada e a desconstruir o imaginário fortificado de que o “*lugar da mulher não está nas viagens*”, ao exercê-las desacompanhadas da figura masculina e em uma experiência pouco comum.

A pesquisa não visou a um aprofundamento histórico de quando as mulheres viajam, pois o objetivo é tratar dos relatos e investigações das viajantes independentes atuais. Serrano, S. (2017) afirma nas suas investigações históricas o quanto jovens viajantes independentes eram raros. Além disso, o estudo não procura discutir os segmentos turísticos, apesar de fazer algumas referências a cicloturismo ou a cicloviagens, dada a interface da bicicleta com as viagens; tampouco visa a debater a existência de diferenciação entre as categorias viajante ou turista. A pesquisa aborda a figura de viajante independente, reconhecendo-a como uma figura não institucionalizada, que representa o sujeito do movimento da pós-modernidade e das novas mobilidades, cujo estilo de viajar traz a essência do perfil do sujeito errante, do *flâneur* e do vagabundo concebido como viajante sem destino (FIGUEIREDO, 2010). Porém, reconhece-se que é apenas uma essência “romântica” atribuída aos “sem rumos”, pois a viajante pode escolher o modo de vida móvel, já o vagabundo enquanto vítima social não pode. Bauman (1998) reflete que a figura do vagabundo é uma figura de “viajante” indesejada, ao contrário do viajante. O movimento transpassa como “um jogo” da relação de poder, pois, por mais que o viajante procure vivenciar a viagem de forma simples, econômica, acomodando-se de maneira informal, solitária e desprendida,

pegando carona e vivendo com pouco, sua atuação, mesmo que confundida com a de um vagabundo e gerando alguma ameaça, também pode causar admiração.

Trigo (1998) nos diz que a imagem do turista sempre é estereotipada, chega a discutir que a figura do turista está relacionada ao consumo, como uma categoria mais institucionalizada, que tem horas e roteiros definidos. Já o viajante, uma categoria não institucionalizada, é aquele sujeito que se deixa guiar pela viagem. Para Urbain (1993), independente da categoria, serão sempre os *idiotas que viajam*, diferenciando-se apenas pelos gostos e as lembranças, porém o autor evidencia o incômodo que a imagem do turista exala nos relatos de viajantes que não se identificam como turistas. Conforme Salazar (2014), a depreciação lançada à figura de turista pertence ao pensamento eurocêntrico por causa da massificação do turismo e os impactos sociais, ambientais e culturais. No entanto, Trigo (1998) conclui que a diferenciação entre as categorias é polêmica e suas definições são subjetivas.

Apesar do processo investigativo não ser simples, houve insistência no tema devido à sua importância ao visualizar experiências de viagens pouco comuns, protagonizadas por mulheres brasileiras. A dissertação procurou, por meio do recorte de gênero, valorizar uma das expressões de se fazer e se pensar o turismo na contemporaneidade. Sendo o turismo um fenômeno humano, e não uma mera atividade praticada de forma alienada, representa muito mais do que um movimento de corpos, como também chega a refletir Allis (2016) ao discutir sobre as novas mobilidades. Dessa forma, conceitos e categorias também podem ressoar arbitrários com as novas mobilidades, pois o movimento se mistura ao cotidiano.

### **Justificativa**

A pesquisa se justifica por revelar-se essencial para o enriquecimento das investigações no campo do Turismo e do próprio segmento de Turismo de Experiência, muito mais discutido atualmente, como observa Panosso Netto (2010). Porém, o estudo não se delimitou aos segmentos metodológicos, mas procurou contribuir para novas interpretações que elucidam o ato de viajar na sua autonomia e aos estudos contemporâneos do turismo. Conforme Trigo (1993), muitos dos estudos no campo do Turismo estão fragmentados e partem de conceitos técnicos e superficiais, sendo assim fundamentais as reflexões dos resultados e da práxis das experiências de viagem.

Salazar (2017) e Urry (1996, 2009) complementam o quanto é importante compreender as mobilidades humanas na contemporaneidade e as relações de gênero, classe e etnia nessa práxis. A viajante independente é concebida como a atual representante das mobilidades, pois, segundo Maffesoli (2001), o ser humano é sujeito do movimento.

Contudo, Figueiredo (2010) pontua que a compreensão da experiência de viagem por meio do relato é fundamental, pois esse permite o enriquecimento pessoal e o social (reformulação, adaptação e reconstrução de valores humanos e sociais). O relato permite entender como o ser humano que viaja vê-se a si mesmo e aos outros após a viagem. Por se tratar de memórias, interpretação do imaginário e experiências de vida, é essencial o método da história oral (ALBERTI, 2005; FREITAS, 2006), na análise da narrativa. De acordo com Franco (2017, p. 3), dada sua importância, “os relatos de viagem de autoria feminina têm sido foco de análises acadêmicas nas últimas décadas”.

### **Objetivo geral e específicos**

No estudo, o foco é a motivação singular do indivíduo. O objetivo geral é *analisar a figura da viajante independente construída no percurso das viagens*, por meio de um relato significativo de viagem, cujos critérios principais são viajar sozinha e de bicicleta, com base nas principais características que compõem a figura de viajante independente: *a errância, a liberdade e a aventura*.

A liberdade, a aventura e a errância são elementares na construção da autonomia humana e na formação da identidade cultural, fazem parte também do imaginário social, conforme enfatizam Eco (1984) e Avighi (2000).

O percurso da viagem é concebido nos seus aspectos subjetivos, como um ritual de passagem, ou seja, um processo de vivência de uma outra realidade, que pode colocar a viajante independente ao encontro com o seu *Outro*, irreconhecível para si mesma.

A experiência da viagem, realizada de forma autônoma e desacompanhada, pode ser percebida como um processo educativo para o ser humano, no caso, para a mulher, ao ressignificar e transformar suas identidades, na visão de si mesma e do outro diferente de si.

Considerando as transformações pessoais e sociais ao longo da história, as lutas e conquistas contínuas de direitos e inserções sociais pelas mulheres, compreende-se o ato de viajar autônomo nesta realidade das mulheres, ao entender a inserção delas no mundo das viagens autônomas. Dessa forma, por meio do relato de viagem e da análise da construção da figura de viajante independente no processo da experiência, procurou-se explicar: se o ato de viajar autônomo pode se apresentar ou contribuir, como um processo de aprendizagem, de transformação pessoal, de formação social às mulheres viajantes, ao ponto de alcançar o autoconhecimento ou a autoconsciência, provocar o encontro de si mesma, a autoafirmação. Esse ato de viajar pode se mostrar como um novo estilo de vida e experiência vital para mais liberdade e constituição da autonomia.

Nesse sentido, pensando não na fragmentação humana, mas sim no sujeito total proporcionado pelo ato de viajar autônomo (MAUSS, 2003), o escopo da pesquisa é:

- Descrever e analisar o relato de uma experiência de viagem na perspectiva da mulher;
- Caracterizar o perfil e verificar as motivações das viajantes independentes.

Percebe-se que o estudo e a análise da construção da figura da viajante independente, por meio do relato de viagem, são importantes contribuições para a área do turismo na compreensão do fenômeno social das viajantes independentes e para averiguar se esse fenômeno pode ser considerado uma tendência atual ou novo estilo de vida entre as mulheres, isto é, viajarem sozinhas, de forma independente, numa viagem econômica e de bicicleta, em busca de uma experiência significativa para a vida. Verifica-se com as investigações, a insuficiência de dados sobre o perfil da viajante independente que viaja de bicicleta. Com esse estudo, se espera contribuir para mais pesquisas e dados que demonstrem as realidades de viajantes mulheres do Brasil.

E também, espera-se com o estudo contribuir para a efetivação de políticas públicas nos atendimentos às mulheres viajantes independentes referentes à segurança, mobilidade e projetos de organização de hospedagens solidárias.

Contudo, todos os autores citados na introdução desta pesquisa são base para o desenvolvimento da construção da figura da viajante independente. Já os demais autores, que fazem parte da pesquisa bibliográfica, apenas compõem e contribuem com o arco teórico do estudo para iluminar o percussor desta construção.

## CAPÍTULO I - COMPREENDENDO O CENÁRIO DA VIAJANTE INDEPENDENTE

### 1.1 Breve histórico do ato de viajar: o novo perfil de ser viajante

As viagens sempre fizeram parte dos sonhos, ideias, mitos, crenças e *descobrimientos* na construção social histórica do ser humano. No campo do sagrado, na mitologia com Homero temos os poemas épicos gregos do século VIII a.C. sobre a *Ilíada* e a *Odisseia*, que representam as viagens longas e heroicas. Assim como a Bíblia, que alude as parábolas associadas às viagens relacionadas aos movimentos de partida e de retorno, como a grande jornada de Moisés pelo deserto. Os viajantes tinham a vontade divina como guia de seus destinos.

Barbosa (2002), ao levantar a história do ato de viajar, acredita que o surgimento da moeda e o desenvolvimento comercial pelos sumérios (Babilônia, em torno de 4.000 a.C.) marcam o começo da era moderna das viagens, acompanhado da invenção da escrita e da roda. Os povos asiáticos e o Império Greco-Romano construíram redes de comunicação e alguns tipos de transportes via mar e terrestres. Os romanos foram um dos responsáveis pela infraestrutura das estradas e pelo desenvolvimento do gosto pelo ato de viajar, por motivos inclinados ao lazer na busca por prazer e conhecimento cultural.

Castelli (1975) reafirma que o prazer é uma sensação *descoberta e almejada* desde a Grécia e a Roma antiga, com os Jogos Olímpicos, as estâncias termais (os banhos medicinais) e as casas de veraneio. Na Grécia antiga, acreditava-se que Zeus poderia estar disfarçado entre os forasteiros (“os viajantes”) que, dessa forma, eram benquistos. Com o início das estradas, apareceram algumas hospedarias para receber os viajantes.

Os primeiros périplos (registros de viagens) surgiram com os viajantes e se transformaram em um dos motivadores para a realização das grandes viagens, que se estenderam aos tempos medievais com a expansão marítima. Os temores, construídos tanto pelo imaginário como pelo cristianismo, começaram a ser enfrentados por uma mentalidade antropocêntrica. Segundo Trigo (2013), a religião alimentou o medo que imobilizou por um certo tempo o ser humano para obter controle social. Esse mesmo

medo despertou a busca pelo universo *desconhecido* do outro. Esse despertar foi resultado do desenvolvimento da ciência no campo das navegações e por interesses comerciais, além da ânsia por descobertas e ampliação do conhecimento, principalmente acerca das indagações sobre a existência humana. No entanto, o deslocamento humano nem sempre foi um ato prazeroso e deleitoso, tanto por vias fluviais e marítimas como terrestres, pois eram experiências arriscadas, penosas e inseguras (BARBOSA, 2002).

Em suma, o ato de viajar expressa na história vários significados, entre eles: a sobrevivência, desde as primeiras civilizações pré-históricas (paleolíticas e neolíticas); os modos de vida nômades, as peregrinações motivadas por missões religiosas; a conquista territorial e a comercial na busca também pelo *desconhecido* e por mais conhecimento.

As viagens são concebidas como experiências essenciais para a expansão do conhecimento científico, cultural e intelectual. Ideais que são frutos da era renascentista, entre meados do século XIV e o final do século XVI, com interesse centrado na elaboração científica da teoria humana e pelo o que ainda não se conhecia do mundo. Assim, a experiência da viagem impulsiona a construção do pensamento filosófico e da ciência.

Nessa perspectiva, com as mudanças de mentalidade e o desenvolvimento do sistema capitalista na Europa, a viagem torna-se uma prática importante que deixa de se revelar apenas como prova de sacrifício e bravura, para se revelar com um ato de prazer e mostrar-se importante para o avanço e a formação do conhecimento. Dessa forma, também se torna importante para os interesses políticos e socioeconômicos na Europa. A prática de viajar torna-se uma exigência para a sociedade aristocrática.

Os avanços científicos influenciaram os novos líderes políticos, empresariais e culturais a valorizarem cada vez mais uma visão metropolitana e abrangente de mundo, especialmente para o processo de aprendizagem de seus jovens. O importante era conhecer outras facetas do planeta, sair de seus domínios e vizinhanças, percorrer terras estranhas para aprimorar os conhecimentos. (TRIGO, 2013, p.76)

Segundo Barbosa (2002), Salgueiro (2002) e Trigo (2013) a prática dessa atividade passou a ser denominada como *Grand Tour*, viagem de formação complementar essencial para a jovem aristocracia e, posteriormente, a burguesia emergente, ambas conhecidas também por *grand tourist* dos finais do século XVI. Porém, a prática se tornou mais popular e atingiu o auge no século XVIII. No entanto, a experiência era um

privilégio masculino; a presença da mulher era rara e proibida, exceto em alguns momentos, quando acompanhada do marido, sendo também rara a participação dos homens casados. Porém, algumas mulheres se disfarçavam como homens para fazer parte da experiência pedagógica de viagem, pois o conhecimento e a escrita eram um mérito masculino. Mas, como “homens” perante a sociedade, elas mantinham a honra da família e evitavam os riscos por serem mulheres, revelando-se grandes cientistas e escritoras.

A maioria das viagens do *Grand tour* se destinavam a cidades italianas, como Roma, Veneza e à cidade de Paris. O *Grand tour* foi incorporado à cultura e ao gosto europeu e se tornou uma prática que não apenas resultou no enriquecimento cultural, artístico, científico e linguístico, mas em um enriquecimento pessoal. A sociedade começou a perceber que o ato de viajar, além da busca por aprimoramento profissional, era um encontro com o “deleite e as emoções” (SALGUEIRO, 2002, p.2). Os jovens procuravam não apenas contemplar a paisagem, mas sim conhecer, se aventurar e vivenciar novas experiências.

No entanto, é errôneo considerar apenas o *Grand tour* como única experiência de aprendizagens que está para além do conhecimento intelectual e cultural. Desde a mitologia, com as viagens épicas, a Grécia antiga, com os pensamentos pré-socráticos e socráticos, até a Idade Média, com as peregrinações religiosas – tanto a cristã como a muçulmana – já se concebia o ato de viajar como mais do que um ato heroico ou religioso, mas uma busca ou descoberta simbólica pela sabedoria espiritual, uma jornada interior, uma experiência de autoconhecimento. Uma das formas de conhecimentos e sentimentos mais profundos no ser humano, segundo Trigo (2010).

Todavia, em decorrência do gosto europeu pelo ato de viajar, na metade do século XVIII e primeira metade do século XIX, esse ato tornou-se cada vez mais um símbolo de *status*, moda e poder. Ressurgiu o interesse pelos balneários, que também se tornaram um ambiente natural propício para saúde na cura mental e respiratória, com os banhos medicinais e térmicos, principalmente na Inglaterra, mas que começou a repercutir nas Américas.

Após a Revolução Industrial surgiram novos costumes e necessidades. Iniciaram-se também as reivindicações por mais tempo livre, igualdade de direito pelas mulheres nos papéis sociais, o direito a férias e ao lazer. O gosto pelas viagens se disseminou, desde a nova classe social, a classe média burguesa, até à classe trabalhadora. Com as melhorias nas estradas e os avanços nos meios de transporte e comunicação, surgiram

novas alternativas de locomoção, com mais conforto, segurança e velocidade; e com as inovações socioeconômicas e políticas, criou-se um cenário propício para as viagens organizadas, uma das formas de atividade lucrativa de lazer percebidas e organizadas por Thomas Cook, que procurou, com o novo negócio, atingir a todos que estivessem dispostos a pagar, incluindo as mulheres.

Thomas Cook é considerado por Trigo (2013) e Barbosa (2002) como um dos primeiros visionários a perceber o ato de viajar como um interesse turístico e não somente comercial. Portanto, conforme o crescente interesse mundial, a práxis de viajar se massificou, se desenvolveu, se segmentou e se personalizou conforme os sonhos de viagem de cada ser humano.

O termo turístico aplicado às viagens se relaciona ao advento “técnico- científico-informacional”<sup>3</sup> decorrente da globalização, que consolidou o terceiro setor econômico de serviços: o turismo como atividade econômica mundial. Conforme seu desenvolvimento e impactos, posteriormente, tornou-se objeto de estudo das ciências humanas e começou a ser viabilizado como um fenômeno social e cultural significativo, de acordo com os estudos epistemológicos de turismo de Moesch (2002, 2013).

No viés de Figueiredo (2010, p.38), em suas investigações sobre as viagens e a importância dos relatos das experiências para entender o significado do ato no comportamento dos viajantes, compreende-se que o turismo é “a viagem do mundo moderno”, como se fosse a “evolução” do ato de viajar a transpassar o desejo e a necessidade do ser humano por mobilidades que se diferem conforme interesses políticos, econômicos, ambientais, sociais, de gênero e culturas.

Para Avighi (2000), o turismo passa a ser uma nova forma ou conceito de viver as viagens na atualidade, que provoca o imaginário e propicia mais interação cultural e espacial. Com a intensificação das facilidades do mundo tecnológico e o dissolver das fronteiras geográficas com a globalização, surgem novas preocupações sociais e ambientais, patologias emocionais, crises identitárias, novos estilos de vida e, com eles, novos símbolos, exigências, ideologias, angústias. Tornou o ato de viajar um dos maiores anseios dos seres humanos mais sensíveis afligidos pelo legado de uma

---

<sup>3</sup> Termo denominado pelo geógrafo Milton Santos, surgiu a partir da década de 1970. O termo relaciona-se ao processo da globalização, aos avanços das técnicas e das comunicações com a ciência no espaço e no tempo (SANTOS, M. 2008).

modernidade tardia<sup>4</sup> do mundo pós-moderno<sup>5</sup> ou hipermoderno<sup>6</sup>. Passa-se a buscar, por meio do ato de viajar, experiências que saiam do apelo do consumo inconsciente, massivo e alienado, ou seja, experiências que promovam mais bem-estar e sentido à vida.

De acordo com Panosso Netto (2010), vive-se a “era da experiência<sup>7</sup>” possibilitada por meio das viagens, para preencher o vazio e a perda do sentido deixado pelo legado pós-moderno ou hipermoderno. O autor explica que o termo *experiência*<sup>8</sup> perpassa duas trajetórias conceituais ligadas ao ato de viajar: a econômica<sup>9</sup> e a filosófica. Neste estudo, concebe-se a trajetória filosófica da experiência do ato de viajar, não aprofundada a seu teor clássico do pensamento filosófico, mas como *nova filosofia* de modo de vida, práxis cultural, meio de transformação, formação humana,

<sup>4</sup> Segundo Giddens (2002, p. 221), a modernidade tardia ou alta modernidade representa “a fase de desenvolvimento das instituições modernas, marcadas pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade”.

<sup>5</sup> O pensador britânico Anthony Giddens (1991, p. 56) explica que o conceito pós-modernidade ou pós-moderno, que se diferencia do conceito de pós-modernismo atribuído ao movimento artístico e estético oposto ao modernismo, assinala um período concebido como diferenciado, que se percorre fora das “institucionalizações da era moderna”. Para Trigo (1998) não há um consenso de quando se inicia a pós-modernidade ou a pós-industrialização, porém ele a relaciona com o período de 1950, ou seja, com o desenvolvimento da “alta tecnologia” e dos “avanços cibernéticos”.

<sup>6</sup> Lipovetsky (2004, 2007), ao refletir sobre a vida contemporânea, ressalta que na verdade vivemos a extensão da pós-modernidade, isto é, a hipermodernidade ou o hipermoderno, que apresenta o espaço-tempo cada vez mais comprimido e acelerado. O sujeito social se encontra num processo de conexão e desconexão, angustiado por experiências mais significativas e autênticas que fujam à rotina e à pressão social das obrigações institucionais estabelecidas e morais.

<sup>7</sup> Conforme Lipovetsky (2007), a “era da experiência” pertence à terceira fase do capitalismo com a “nova” economia, a “economia da experiência”, devido aos critérios mais exigentes e mais individuais que atingem uma lógica de gostos e necessidades mais subjetivos, autênticos e emocionais.

<sup>8</sup> As noções de experiência são abrangentes em suas aplicações filosóficas e etimológicas. Obtém-se “[gr. *ἔμπειρία*; lat. *Experientia*; in. Experience; fr. *Experience*; al. *Erfahrung*; it. *Esperienza*.] por Abbagnano (2000, p. 406). Complementa Trigo (2010, p.24), ao trazer o termo experiência “[...] em alemão [*erfahrung*] vinda “do antigo alto alemão *irfaran*, que significa *to travel* (‘ato de viajar’), *to go out* (‘ato de sair’) ou *wonder* (‘ato de admirar-se, deslumbrar-se’, que é o ato fundamental da experiência filosófica)”. Há diversos sentidos para o termo “experiência”, sendo que um dos significados se encontram no dicionário filosófico, por meio da definição de Mora (1996, p. 968), que expõe os significados interno e externo, associados ao “eu” (mundo interno) e a “o outro” (mundo externo) no processo de aprendizagem do sujeito no ato de experienciar. O autor traz como definições: “1. A apreensão por um sujeito de uma realidade, uma forma de ser, um modo de fazer, uma maneira de viver etc. A experiência é, então, um modo de conhecer algo imediatamente antes de todo juízo formulado sobre o que é apreendido. / 2. A apreensão sensível da realidade externa. Diz-se então que essa realidade é dada por intermédio da experiência, mas comumente também- antes de toda a reflexão- e, como diria Husserl, pré-predicativamente. / 3. O ensinamento adquirido com a prática. Fala-se então da experiência de uma profissão ou de um ofício e, em geral, da experiência da vida. / 4. A confirmação dos juízos sobre a realidade por meio de uma verificação, usualmente sensível, dessa realidade. Diz-se então que um juízo acerca da realidade é confirmável, ou verificável, por meio da experiência. / 5. O facto de suportar ou “sofrer” algo, como quando se diz que se experimenta uma dor, uma alegria etc. Neste último caso a experiência aparece como um facto interno.”

<sup>9</sup> O conceito econômico “ou a economia da experiência” associada à segmentação de mercado no turismo concebe a experiência de viagem com uma estratégia de *marketing*. Ela é adjetivada na mídia publicitária por experiências únicas, autênticas, inesquecíveis. E são personalizadas conforme o sonho de cada cliente. A estratégia de *marketing* traz a relação mercadológica de produtos e serviços com a filosofia do encontro de si, a busca pela felicidade. Procura promover a elaboração de rotas criativas, memoráveis, marcantes à vida, a fim de atingir os cinco sentidos do sujeito: paladar, visão, audição, tato e olfato (PINE II; GILMORE, 1998).

experiência de autoconhecimento, tais como as conclusões levantadas nas pesquisas e viagens realizadas por autores como Avena (2008), Trigo (2010, 2013), Figueiredo (2010) e De Botton (2010). Para Maffesoli (2003, p.153), a filosofia vivida vai fundar também “a experiência coletiva, no que ela tem mais de humano”.

Sabe-se que há experiências de várias ordens na vida, mas existem também aquelas, conforme ressalta May (2002), mais raras e marcantes, que estimulam a autoconsciência e a práxis criativa, sendo mais significativas, memoráveis. Experiências que põem o ser humano a dialogar com a própria existência e a encontrar o sentido de suas ações, como o ato de viajar no seu estilo mais autônomo, no anseio de vivências mais humanas com o universo cultural do outro, sendo esse outro imaterial (a natureza) ou material (os lugares e as pessoas).

Segundo Trigo (1998), surge um novo perfil de ser viajante que busca viajar a seu próprio estilo, para encontrar experiências significativas, singelas, “libertadoras”, com uma relação mais humana, afetuosa, social, voluntária e participativa com o outro.

O novo perfil de ser viajante aproxima-se da classificação aloccêntrico ou aventureiro puro (viajantes que buscam novas experiências, não se importam com o conforto, têm espírito independente), desenvolvida na década de 1970 por Plog, por meio dos seus estudos psicológicos/ psicográficos sobre os perfis de viajantes<sup>10</sup>, abordados nas teorias sistêmicas do turismo, apresentados por Lohmann e Panosso Netto (2008), e pelos estudos do novo perfil de viajante mais econômico, que busca experiências mais profundas, por Oliveira (2005).

Oliveira (2005) salienta que, a partir da década de 1970, há muitas perspectivas teóricas para definir o novo perfil de viajante e, por meio dessas primeiras teorias, começam a se delinear denominações como *backpacker* (mochileiro), na década de 1990, posto pelos estudos turísticos de Philip L. Pearce.

Entre as teorias, apresenta-se uma das pioneiras tipologias de viajante, classificada por Erik Cohen (1973, 2004): os viajantes institucionalizados, que reservam pacotes, acomodações, transportes, entre outros serviços de agências de viagem, para terem mais conforto e evitarem riscos, em uma lógica mais massiva do consumo. Estes diferem dos

---

<sup>10</sup> Plog (2012) desenvolveu estudos e gráficos psicológicos/ psicográficos para entender e conhecer os estilos de vida de viajantes e a relação deles com o desenvolvimento, crescimento ou declínio dos destinos. O estudo foi visado pelos programas de marketing para “adequar” tipos específicos de viajante a determinado destino no desenvolvimento de segmentos e destinos turísticos. No estudo, o viajante considerado aventureiro (alocêntrico) é minoria, mas é um viajante considerado influente e que evidencia novos potenciais de destinos ao mercado turístico e aos viajantes que prezam por mais segurança, denominados de confiáveis (psicométricos).

viajantes não institucionalizados. Cohen destaca os viajantes por impulso, *drifters*, aqueles que se dispõem a vivenciar experiências longas com orçamento limitado, organizam a própria viagem, são mais abertos aos riscos e não se importam com o conforto, têm maior consciência sociopolítica e querem “fugir” da lógica mercadológica do consumo turístico e capitalista. Por outro lado, Labate (2000), a fim de encontrar uma postura mais intermediária, ao estudar o novo perfil de viajante acredita que, no mundo globalizado, por mais que se busque uma nova cultura do viajar, não estamos isolados das intermediações dos serviços turísticos. Porém, Krippendorf (2009) conclui que há várias formas de viajar que dificultam a tarefa de classificar o viajante em uma única categoria, pois não é simples ser um viajante, principalmente quando os viajantes afirmam a sua própria maneira de lidar com as viagens.

No entanto, o novo perfil de ser viajante presente nesta pesquisa pretende viver o ato de viajar como uma nova simbologia de vida, fruto do legado pós-moderno, que concebe o ato como um novo modo ou estilo de vida móvel e mais independente, ao romper com as viagens convencionais e *rejeitar* o sistema de gestão e organização social. E ao ressuscitar a figura de viajante errante aspirada pelo imaginário social. Espera-se, de certa forma, *desacorrentar* ou *despertar* o espírito da liberdade. Pois o ser humano é por excelência o sujeito do movimento (MAFFESOLI, 2001). Dessa forma, depara-se com a construção da figura do viajante independente, não como uma *categoria institucionalizada*, mas como representação do sujeito que se desloca com mais autonomia pelo espaço-tempo e tenta romper com a opressão simbólica ao espírito de liberdade. Retrata a mobilidade atual.

Contudo, no decorrer desse sucinto contexto histórico do ato de viajar e do aparecimento de novo perfil de viajante, a busca de experiências significativas leva ao ponto de essas se configurarem em uma jornada interior, que pode convergir pela busca por identidades, no autoconhecimento. A fim de chamar a atenção do leitor, percebe-se, também, que pouco se atribui a presença do gênero feminino ao mundo das viagens, de forma intencional, à luz de Serrano, S. (2017). A autora, ao estudar a história das viagens e das mulheres viajantes, demonstra que a imagem da mulher foi sempre silenciada, neutralizada e apagada dos seus feitos e relatos de viagens. O objetivo era não criar tensão entre essa e a imagem dos viajantes emblemáticos, desde as viagens épicas e mitológicas, as missões peregrinas e heroicas medievais, até às missões científicas e antropológicas com sua perspicácia de observação e bravura. As mulheres eram vistas apenas como coadjuvantes ou feiticeiras, até mesmo quando participavam

como guerreiras e desbravavam o *desconhecido*. Porém, como viajantes disfarçadas ou não, nas palavras de Serrano, S. (2017), conforme as mudanças históricas e das técnicas com as revoluções tecnológicas, as experiências dos atos de viajar possibilitaram a construção de suas identidades, pois abriram caminhos ao direito de igualdade de gênero. Mais do que isso, à diversidade entre o gênero e o direito à mobilidade feminina, com mais autonomia e liberdade.

### 1.1.1 O gênero

Na história da representação do gênero feminino, desde a pré-história até à primeira metade dos anos 1990, ignorou-se a voz e o protagonismo da mulher na construção social e cultural. Ela fez parte dos atores sociais que foram considerados excluídos da história oficial, conforme as investigações sobre excluídos da história de Perrot (1998). E, segundo Serrano, S. (2017), não seria diferente a exclusão da práxis da mulher na história e no imaginário social do ato de viajar. Porém, ao longo das mudanças econômicas e políticas, a luta é para se construir uma nova história e se estabelecer uma identidade cultural com o despertar e a formação dos primeiros movimentos emancipacionistas das mulheres, bem como as discussões do conceito de gênero para se afirmarem como sujeitos históricos.

Historicamente, as discussões e o conceito de gênero começam a ser mais visibilizados e desenvolvidos em meados da década de 1970 com o movimento das mulheres americanas, que obteve mais repercussão mundial. Porém, o conceito delinea outras linhas teóricas como: marxistas, socialistas e radicais. Conforme Araújo, Neuza (2010), as linhas teóricas constituem o preenchimento de lacunas entre as próprias linhas no debate sobre o conceito de gênero, delineando-as também por meio de uma cultura mais alternativa nas constituições de novas ramificações teóricas, como o feminismo plural, que posiciona o debate fora da questão da diferença, mas da diversidade dentro do gênero.

Inicialmente, uma das maiores discussões são que o gênero é um conceito não definido pela sexualidade biológica, mas sim por um caráter social e cultural. Para Okin (2008, p.316):

A combinação crítica de várias ênfases feministas levou a tentativas de se entender o gênero como uma construção social e política, relacionada a, mas

não determinada pela diferença sexual biológica. [...] Dois focos principais das teorias de gênero desenvolvidas pelas feministas são a psicologia e a história.

Segundo Okin (2008), a teoria de gênero com foco na psicologia e o desenvolvimento da psicanálise no século XX procuram refletir a identidade do sujeito e a consciência de si mesmo, algo que também se delineia nas teorias existencialistas, com a filósofa francesa e feminista Simone de Beauvoir.

Já o foco da história na teoria de gênero é abordado pela historiadora norte-americana Joan W. Scott, que eleva o gênero à categoria de uma análise histórica na compreensão do conceito, de acordo com as mudanças socioeconômicas e culturais. Scott (1995) promove a importância da história das mulheres para elaboração de uma nova história, que foi desqualificada pelos historiadores não feministas ou pela “história oficial”. Scott rejeita o determinismo sexual e ressalta que a relação de poder do homem sobre a mulher contorna um aspecto simbólico e também político. Em diálogo, Boudieu (2012) destaca a naturalização desse poder e sua ressonância embrenhada entre as relações da sociedade como uma violência simbólica.

Heiborn (1991); Scott (1995) e Saffioti (2015) caminham para a desconstrução do gênero. As autoras acreditam que não se deve mais falar de gênero, mas sim de feminismo ou de sujeitos sociais. Ampliam o conceito para a construção do ser e também o concebem no campo do simbólico, que não faz distinção sexual, e o conduzem ao conceito geral na condição de ser humano. No entanto, destacam que há desigualdade dentro do próprio gênero em relação à raça, à etnia e à classe social.

Já o sujeito na condição de ser humano é concebido como um sujeito cultural e total, isto é, biológico, sociológico e psicológico, conforme as três dimensões refletidas pelo antropólogo Mauss (2003), e também é um sujeito político. A totalidade do ser humano não visa à fragmentação humana, sendo que esta leva ao reducionismo do *eu*.

Nessa perspectiva, Saffioti (2009), ao denominar o ser como *bio-psicossocial*, o desvincula da reflexão central de gênero na atribuição do corpo biológico para um corpo simbólico. Mauss (2003) já havia analisado que os atributos ao corpo advêm da construção cultural e simbólica refletida do núcleo familiar e social, na representação para si mesmo e para o outro.

Saffioti (2009) ao falar de feminismo leva a problemática ao patriarcado (‘regra do pai’ entre os significados), que está altamente embrenhado em toda a sociedade. A

autora apresenta um conservadorismo que objetifica a mulher e a estereotipa como sexo frágil, familiar e quer ditar que seu lugar ainda permaneça o ambiente do doméstico, deixando a esfera pública, que “pertence” historicamente ao espaço masculinizado. No entanto, na esfera do privado há polaridades. Pois o doméstico é apenas visível como a esfera natural feminina e, ao mesmo tempo, há a invisibilidade da mulher em relação ao trabalho e dedicação aos cuidados domésticos.

Conforme Araújo, Neuza (2010), os cuidados domésticos são ainda considerados como momentos do tempo livre ou como uma das formas de lazer das mulheres, são concedidos pelos próprios familiares e pelos meios econômicos como justificativa à desvalorização do trabalho doméstico e do não reconhecimento do direito de escolha da mulher.

Portanto, quando a mulher começa a ocupar ou participar dos espaços políticos e da esfera pública é alvo de censura aos olhos dos conservadores. Pois, segundo Serrano, S. (2017, p.34), na história social da representação do gênero feminino, “o brilho da mulher estava reservado à sua esfera privada e mesmo que ela pudesse cultivar-se de alguma maneira o essencial era que conservasse a sua feminilidade”.

Conforme Touraine (1994, p.237), sociólogo francês que analisa o nascimento do sujeito à luz das críticas à modernidade, a presença da mulher na vida pública e o reconhecimento das suas ações serão “valorizados” somente à medida em “que nossa cultura dê importância tanto à afirmação e à liberdade do sujeito como ao progresso técnico e econômico” e conforme sua capacidade de participar dessas mudanças sociais.

Tanto Touraine (1994) como Simmel (2006) salientam que dentre os movimentos culturais nascentes para afirmar as condições de atores sociais, o movimento das mulheres foi o mais concreto e relevante, pois traz à tona com suas ações a importância do reconhecimento do desejo de ser mulher e das relações intersubjetivas<sup>11</sup> fora da esfera do privado, para sua construção e descoberta enquanto sujeitos, constituída a renovação dos papéis tradicionais e em uma nova relação com os homens. Sendo autoras sociais, seus papéis não se resumem apenas ao compor a massa no mercado de trabalho, mas também possuem papéis culturais, de grande valor supra social, nas

---

<sup>11</sup> O termo intersubjetivo é posto por BUTTIMER (1982), que promove um diálogo da geografia com a fenomenologia sobre orientação de uma disciplina humanista com base na experiência do mundo vivido. Com o modo fenomenológico critica o reducionismo nas relações complexas entre sujeito e objeto na ciência. Aprofunda-se na compreensão do subjetivo e o conduz ao autoconhecimento e à identidade, por meio da experiência humana no espaço.

palavras de Simmel (2006), para afirmarem sua subjetividade, que é projetada com as experiências do ato de viajar.

Gazola (2008); Duarte e Muzart (2008) afirmam que, desde o século XVIII, a mulher luta por seu papel social e político, pelo direito à educação e à liberdade de ir e vir sem estarem acompanhadas do marido ou familiares. Mas também, as autoras, por meio dos estudos pioneiros de Moreira Leite (2000), se surpreendem com a polêmica atribuída à presença do gênero feminino na literatura por meio dos relatos de viagens dos séculos XVIII e XIX. Porém, nas viagens, tanto os escritos como sua presença foram considerados gêneros inferiores. Justifica-se a inferioridade por sua “fragilidade”, que dessa forma deve ser “protegida na invisibilidade”, assim não reconhecida como atora social, cultural e política.

No contexto histórico do ato de viajar não seria diferente, pois sua participação é abafada, contestada, *proibida* em nome da *moral*, da *proteção* da família e da própria imagem do poder masculino. É inimaginável e espantoso para o imaginário social o mundo das viagens exercido por mulheres, mas imaginável como inspiração romântica, *prêmio* após uma longa jornada ou referencial de volta para casa, na imagem de esposa dedicada, comum nas histórias e *contos de fadas* das viagens épicas e medievais.

Segundo França (2008) e Serrano, S. (2017), inicialmente, a construção da figura de viajante para as mulheres era apenas de meras coadjuvantes. Geralmente, as mulheres viajantes acompanhavam os maridos em missões ou estudos científicos. Mas, as mulheres rebeldes assim identificadas por Perrot (1988) nos séculos XVI a XIX, se disfarçavam de homens para desfrutar das aventuras, missões ou explorações e ter o acesso “da esfera pública” da liberdade com as experiências de viagem. De certa forma, a imagem da mulher e a figura de viajante são tanto romantizadas como marginalizadas.

Portanto, as viagens eram apenas exercidas por homens, cabendo à mulher o isolamento nas atividades voltadas à família e ao lar. Já no século XX, em um mundo que cada vez mais se globaliza e caminha para a transformação da mentalidade e dos modos de vida, onde há maior visibilidade, como já abordado, as discussões sobre conceito de gênero acontecem e, posteriormente, alguns reconhecimentos constitucionais da igualdade de gênero nos papéis sociais e na mobilidade. Todavia, as raízes do patriarcado ainda estão fortemente presentes no corpo social, são perceptíveis até hoje, sendo que ainda é espantosa e polêmica a presença da mulher nas viagens, principalmente se estiverem desacompanhadas. Apesar do aumento do acesso educacional e da conquista dos direitos de igualdade, há ao mesmo tempo um

mascamamento em relação ao papel social da mulher e um resistente juízo de valor à sua liberdade de expressão.

Contudo, o segundo sexo, assim atribuído na obra e nos estudos de Beauvoir (1970, p.7), “as mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano”. E, imagina, afirma-se como uma viajante independente.

## **1.2 Busca de ser e encontro de si**

Com o advento da pós-modernidade ou da hipermodernidade nos deparamos com um mundo fragmentado, com identidades fragilizadas e deslocadas pela compactação do espaço e em tensão ou redefinição sofridas pelo sistema capitalista. As identidades encontram-se impactadas pelo processo da hibridação cultural<sup>12</sup> provocada pelo alargamento das fronteiras geográficas e virtuais, em contato com o “novo”, a “diversidade” e “o estranho”, mas também pela consolidação do Turismo, como importante atividade econômica mundial e fenômeno social e cultural. Observa-se também uma pressão temporal causada pelas obrigatoriedades sociais e uma superficialidade dos sentimentos, das relações de afeto na compreensão humana (BAUMAN, 1998, 2007; HALL, 2003, 2005.).

No cenário pós-moderno ou hipermoderno há também maior abertura e mudanças nos papéis de gênero, no modo de vida e nas relações com o turismo, transcritas no ato de viajar mais humano e autônomo. Procura-se estar fora do apelo organizado convencional do mercado turístico e do consumo de massa e alienado. Há uma angústia e maior anseio por uma busca existencial e espiritual, por vivências únicas, significativas e emocionais, isto é, altruístas. Nesse cenário, conforme Urry (1996) está circunscrita a figura do viajante independente, representante pós-moderno. Há mais abertura ao protagonismo da mulher, surge a viajante independente.

---

<sup>12</sup> O pensador contemporâneo argentino Canclini (2008) teoriza o fenômeno de hibridação, processo sociocultural que estabelece o sentido de mesclas interculturais e o desvincula da noção de puro e autêntico. Relaciona o fenômeno com as práticas ou estruturas que se separam, se combinam e podem formar novas estruturas, práticas, produções de criação culturais ao coletivo ou ao indivíduo ocasionadas pelos movimentos migratórios, turísticos, intercâmbios das comunicações etc., consequentes do advento da tecnologia e *desterritorialização*. O autor trata do conceito em uma abordagem intercultural.

A figura da viajante independente rompe com o imaginário social de que as viagens são apenas exercidas por homens. Manifesta a influência dos movimentos culturais das décadas de 1950 e 1960, com a *geração Beat*, que era composta por jovens errantes americanos que semeavam a cultura da estrada, como nova filosofia de vida. E, conseqüentemente, o movimento *hippie*, que promove culturalmente a liberdade de SER sem o controle do Estado e a pressão do sistema capitalista. Ambos invocam o espírito de liberdade e aventura. Expõem a necessidade da liberdade de expressão, de escolher o próprio estilo ou modo de vida e de mobilidade, de manifestar o amor livremente e da igualdade de gênero (KEROUAC, 2012; LABATE, 2000; OLIVEIRA, 2005).

O *ethos* da figura do viajante independente herdeiro da pós-modernidade transgride, com peso social estabelecido e asfixiante causado pelo mal-estar consequente das patologias sociais e do medo das incertezas do destino (BAUMAN, 1998). Dessa forma, a viajante independente necessita intercambiar na insegurança para se sentir segura, isto é, quebrar com o contrato conformista social e com a lógica de vida ideal construída pelo capitalismo, que se resume no novo “feudo atual” – casa, família, emprego fixo e lazeres monitorados – vivenciando uma liberdade mascarada pela mão invisível da moral e do patriarcado, sob pressão do medo. Porém, ao mesmo tempo que o medo pode ser concebido como uma das barreiras implantadas culturalmente a fim de limitar ações do ser humano, pode ser um sentimento que o estimule e o lance para o desafio, o “desconhecido”, o “universo do outro”, o desafio a si mesmo. Assim, a viajante procura resistir e autoafirmar sua condição de ser humano emancipado que, inconsciente ou não, também necessita e busca por experiências significativas à vida.

Serrano, C. (2000) procura entender o comportamento do *viajante individual*, assim nomeado pela autora, na contemporaneidade. Ele traz a marca da inquietude pós-moderna. A autora o identifica como se fosse um “*flâneur* ou uma *flanêurie* reeditados”. O *flâneur*, “o preguiçoso ou passante”, arquétipo francês da experiência moderna de *Walter Benjamin*, que o recria com base na poesia de *Charles Baudelaire*, é um personagem que se incomoda com as transformações do modo de vida ao ritmo da Revolução Industrial no século XIX. E, dessa forma, procura caminhar ou vagar sem pressa pela cidade guiado pelos sentimentos, observando as singularidades e diversidades. A rua é o seu lar. Busca uma nova relação com as coisas, com os lugares e com as pessoas. Busca uma relação mais humana que dê mais sentido à existência.

Gastal (2005) frisa que o viajante independente procura reviver a cultura do nomadismo, prefere “se perder” no caminho, sem destino definido e sem pressão temporal, não aderindo à lógica do acúmulo e ao apego material.

Maffesoli (2001) ressalta existir um novo “habitante das megalópoles”, um novo errante do tempo contemporâneo, um novo tipo de nômade, arquétipo “dos filhos e filhas da estrada”. Se faz a analogia com a figura do viajante independente. Na composição da sua figura estão: a errância, a liberdade e a aventura. Sendo essas, assim, características que fazem parte do nomadismo ou de um neonomadismo atribuído por Eco (1984), do imaginário social que se remete ao viajante como uma figura nostálgica.

Para Maffesoli (2001), o nomadismo é uma estrutura natural do sujeito, uma pulsão quase instintiva pelo movimento, que por meio da *errância*, uma estrutura cultural e mental, se defronta com a teatralização e a obrigatoriedade social. Há uma sede infinita na busca de existir, uma busca por identidades, mesmo que seja até de modo inconsciente no processo do *devir* e da deriva.

Assim como o *flâneur* e o novo errante, transpassa também pela essência do perfil do vagabundo, retratado por Figueiredo (2010, p. 273) como “viajante sem rumo”. Este procura viver conforme a própria ética, possui “uma aura sábia valorizada em certos escritos”. Não atribui o mesmo valor dado pela sociedade capitalista ao trabalho, pois para ele o trabalho não enobrece o ser humano. Vive sem objetivos concretos, apenas aqueles da experiência da viagem que podem proporcionar aventuras inesperadas e até arriscadas. Conforme Giddens (2003), o risco pode significar ousadia e não somente perigo.

No entanto, os perfis do *flanêur*, do vagabundo (o viajante sem rumo), do errante, da viajante independente, todos aqueles ou aquelas que são considerados forasteiros, estranhos ou estrangeiros são figuras que, segundo Bauman (1998) e Maffesoli (2001), incomodam a estabilidade social por incitarem o gosto nostálgico da “verdadeira” liberdade ao remeter à lembrança coletiva da “aventura original”. Portanto, para Maffesoli (2001, p. 43.):

O viajante apresenta um risco moral inegável, e isso por ser portador da novidade. Na verdade, essas são as próprias características da errância. O errante, porém, uma vez estabelecido tem a tendência de esquecer até mesmo de negar ou estigmatizar essas características. O viajante é testemunha de um ‘mundo paralelo’, no qual o sentimento, sob suas diversas expressões, é o vagabundo, e no qual a anomia tem força de lei.

A imagem da mulher na figura de viajante independente também pode apresentar “um risco moral”. Conforme Perrot (2010), não se diferencia da imagem construída pelo mito e ao longo da história social ao relacioná-la ao sagrado e ao profano. Assim, no ato de viagem, tem imagem de heroína ou de “vadia”, quando está sozinha, com recursos financeiros limitados, sem a monitoria e a organização convencional do mercado turístico, seguindo sua própria ética, sem compromisso fixo de volta, sem planos ou destinos concretos, com seus bens que se resumem em mochila ou “bolsa alforje”, sem aderir à lógica do acúmulo, buscando praticar o desapego. Acomoda-se em diferentes meios de hospedagem, na maioria informais (barraca ou *hostel*) ou solidários (casa de residentes ou de amigos feitos ao longo do caminho, entre outras) e pode utilizar várias modalidades de transporte (veículos próprios como a bicicleta, caronas, o próprio pé na estrada, entre outros). Parte com um único objetivo: as experiências significativas de viagem. Propõe-se a praticar o ato como um novo estilo ou modo de vida.

No entanto, por mais que se procure ter poder de escolha e liberdade de expressão, Gazzola (2008, p.1034) afirma que “a mulher-viajante se situa em uma rede complexa de relações de dominação e subordinação, assumindo posições de sujeito contraditórias em lugares de poder (ou falta de poder) que se encontram em processo constante de deslocamento”.

Antonioli (2015), ao estudar a exposição da figura da viajante em torno dos estereótipos e da violência e dominação social em relação ao gênero, ressalta que a liberdade exalada pela práxis de viajar de forma independente e sem acompanhante, ao mesmo tempo que causa admiração, pode ser compreendida como ameaça à sociedade conservadora, que logo recorre ao uso do medo ou da violência como elementos discursivos limitadores ao ato de viajar autônomo. Esse discurso se pauta nas indagações e exclamações de “como não é ou pode ser perigoso viajar só para a mulher”, ou expõe juízo de valor ao duvidar de como a viajante se manteve em uma viagem longa e econômica, com poucos recursos financeiros. Isso conduz a um imaginário machista, que julga a imagem da mulher ao ser atribuída como um objeto de valor de uso e troca (BOUDIEU, 2012). Não se percebe que o ato de viajar autônomo e econômico pode se configurar em um novo modo ou estilo de vida móvel, essencial para o desabrochar humano. Pois, de acordo com De Botton (2010, p.17):

[...] Somos inundados de conselhos sobre os lugares aonde devemos ir, mas ouvimos pouquíssimos sobre por que e como deveríamos ir, se bem que a arte de viajar pareça sustentar naturalmente uma série de perguntas nem tão simples nem tão triviais, e cujo poderia contribuir modestamente para uma compreensão do que os filósofos gregos denominaram pelo belo termo de eudaimonia ou desabrochar humano.

Viajar é como uma *arte*, expressa De Botton (2010), e pode se constituir em um conhecimento que ultrapassa o ambiente externo. Perpassa a experiência subjetiva. Pode ser uma forma de “evolução do *eu*”. E se revela como pedagogia da alma, em que a experiência significativa se traduz na intensa aprendizagem de si mesmo e com o “outro” diferente de nós. Pois é por meio do erro, do desvio e da partida que as polaridades, assim como as diferenças, são evidenciadas, interiorizadas, “familiarizadas”, proporcionando sentido e significado perante o lugar. O território integra-se e interage com o imaginário, com o mundo simbólico da existência.

O contato com o outro ou um novo olhar “de fora” também podem renovar a cultura, conceber nova poesia ao lugar, produzir culturas ao se misturar, *estar-junto* com o outro (MAFFESOLI, 2001). A presença da viajante pode “despertar” o gosto pela viagem, principalmente em outras mulheres que se sentem presas ao comodismo, ao medo e à opressão masculina. Mas, também, pode impactar na cultura, e em identidades. Porém, Matos (1997) afirma que o produzir ou o renovar a cultura e a elaboração das identidades ocorrem somente quando houver trocas (relações afetivas e sociais). Ao se criarem e renovarem os códigos de hospitalidade. Para Mauss (2003), os códigos de hospitalidade e as trocas são elementos simbólicos e culturais, e que são atribuídos pelo antropólogo como *dádivas* ou *dons* (trocas simbólicas, que seguem a lógica cíclica: dar, receber e retribuir), responsáveis por estabelecerem vínculos ou desconstituí-los do coletivo. São referências na constituição dos sistemas sociais. Conjugam-se à estrutura de pares de opostos na construção social e cultural de um grupo: ao se abrir e se fechar, enraizar e desenraizar, conectar e desconectar etc., discutidos por Durkheim e Mauss (1984); Maffesoli (2001) e Lévi-Strauss (2009).

Cardoso (2003 p.360) analisa que ao mesmo tempo que a viajante está distante geograficamente, o ato de viajar a aproxima das suas próprias estranhezas, pois por meio do outro se pode reencontrar *o seu Outro*, desconhecido a si mesma. “[...] ‘O estrangeiro’ está sempre delineado – latente, invisível – nas brechas de nossa identidade, na trilha aberta por própria indeterminação. Não podemos apanhá-lo de fora, só o

tocamos dentro (de nós-mesmos), pagamos o preço da nossa própria transformação”. Apesar de não serem todas as pessoas dada a experiência da viagem. As mulheres-viajantes pagam o preço por afirmarem a sua independência.

A “viagem iniciática” ou “viagem de iniciação”, denominada por Maffesoli (2001), dá-se em resposta ao sufocamento do “eu moral ou coerente” que se “desconecta” dessa prisão da ordem social para se integrar ao “eu” ideal que, ambos em conflito, provocam a pulsão por outro lugar, na construção de uma nova história, por uma busca *inconsciente ou não* de si mesma. Abre-se a errância, aos sonhos de percorrer os lugares “imaginados ou não”, em um processo inicial de aprendizagens constantes. A partida pode soar como “um abandono à vida anterior”, tal como uma fuga. A fuga pode ser concebida como uma “saída de si” ou uma “explosão” presente no imaginário do coletivo e do indivíduo, que se configura ao *sentido etimológico* na noção de existência. Ela provoca a partida.

A fuga é um elemento antigo da errância, influente na formação social e cultural. É o preceito para romper com os laços estabelecidos da normativa social reacionária e com o laço maternal do local de origem. É necessário suspender a rotina estável do dia a dia, para se perder e depois se reencontrar. No entanto, Figueiredo (2010, 249) assegura que a busca por identidade é “um movimento de partidas. [...] desprender-se, despojar-se do ruim, do insuportável da vida”. Para o autor, a fuga é uma reação social nostálgica, sendo que não há um rompimento definitivo, é “*uma passagem ou travessia*”, mesmo que essa partida proponha um novo estilo ou modo de vida móvel, por meio do ato de viajar autônomo, mas que dessa forma, se dispõe a vivenciar experiências incomuns, mais significativas.

Segundo Ortiz (1996) e Figueiredo (2010), a viagem como experiência significativa aproxima-se ao rito de passagem ou é um processo de travessia, uma das “metáforas” dada às viagens por Ianni (2003). Pois, afirma Ianni (2003, p. 22), aquele que parte volta sempre modificado. A experiência de viagem pode “alterar o significado do tempo e espaço, da história e da memória, do ser e do devir”.

Ortiz (1996, p.30) assegura que, tal e qual no rito de passagem, existe uma sequência na prática da viagem, e a exemplifica com a religião, como o batismo no *candomblé*. O autor explica que há uma série de procedimentos: a troca do nome, o corte do cabelo, o isolamento por tempo indeterminado, com distanciamento da vida anterior. Esse processo é como se fosse a experiência de vivenciar outra realidade, pois, quando se dá o retorno, “as marcas de sua iniciação a acompanharão pelo resto da vida”.

Para o antropólogo Arnold van Gennep, o rito de passagem é composto, geralmente, por três estágios necessários para se entender o funcionamento e o significado da sequência da passagem por meio do ritual ou da celebração. Os três estágios ou sequências propostas pelo autor estão relacionados ao contexto social e com a esfera do sagrado e do profano (estágios neutros ou intermediários). Fazem parte do universo *mágico-religioso* no qual todos nós estamos imersos, independentemente da sociedade ou clã. Compõem um aspecto universal cósmico ou social. Estão presentes nos ritmos, nas fases ou nas suspensões da vida que afetam os seres humanos, pois há uma relação cíclica com a vida. Por exemplo, o nascimento, as experiências ou fases ao longo da vida que são formas de aprendizagem, a morte e a ressurreição.

Gennep (1978) ressalta o quanto os ritos são complexos e têm várias classificações, assim como muitas interpretações diferentes. Entretanto, para os estágios e tipos de ritos não há uma rigidez classificatória, mas o que importa, alega o autor, é a compreensão sequencial e as razões cerimoniais de determinada fase ou fato social. Também pode apresentar uma lógica de saída e de entrada, com sequências alternadas ou se mesclar entre as fases do rito, porém aqui neste estudo não há a necessidade de aprofundamento.

As três sequências ou estágios são: os ritos preliminares (a separação), os ritos liminares (a margem) e os ritos pós-liminares (a agregação), cada um com suas especificidades e significados. Porém, o rito de margem é um dos mais importantes, pois nele está a simbologia do rito de passagem, da saída do mundo doméstico e familiar para adentrar em um novo mundo. Essa passagem reflete-se na antologia da elaboração de novo modo ou estilo de vida com o ato de viajar. E também, associa-se ao processo de travessia com o processo da desconstrução, desenvolvimento e construção da figura da viajante independente. A passagem ou travessia é de natureza autônoma e voluntária. É concebida como uma das passagens da vida para a evolução do “eu”.

Nesse processo de travessia ou passagem se estabelecem os vínculos com o outro, o contato com o “novo”, o “desconhecido”. A relação com o outro é promovida pelo aceite que se manifesta na abertura social e cultural com as relações solidárias; o ato da partilha e de hospitalidades ao transparecer: nas trocas recíprocas de gentilezas e aprendizagens, nos sentimentos de afeto e de emoção, na experiência do *estar-junto* ou se misturar com o outro, no ato de comer junto, por exemplo. Essas práticas na relação do aceite social, ao tornarem familiar o que é estranho a si, foram observadas nos estudos etnográficos de Malinowski (1984) e Mauss (2003) na compreensão de tribos

“primitivas”, principalmente as tribos da Polinésia e da Melanésia. Percebe-se que a prática das *trocas* simbolizavam as relações de interesses econômicos e matrimoniais com as tribos vizinhas. E também, no contato da recusa ou aceite da presença e do compartilhar com o estranho, o forasteiro, o estrangeiro, o viajante.

Turner (2008), ao estudar os rituais da tribo africana *Ndembu*, em 1957, também defende que as fases do rito de passagem são de natureza totalmente simbólicas, se associam às performances, aos códigos e dramas de ações sociais em determinado contexto cultural.

[...] as três fases: separação, margem (ou "limen", significando "limiar" em latim) e agregação. A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social, quer de um conjunto de condições culturais (um "estado"), ou ainda de ambos. Durante o período "limiar" intermédio, as características do sujeito ritual (o "transitante") são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (desagregação ou reincorporação), consoma-se a passagem. O sujeito ritual, seja ele individual ou coletivo, permanece num estado relativamente estável mais uma vez, e em virtude disto tem direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e "estrutural", esperando-se que se comporte de acordo com certas normas costumeiras e padrões éticos, que vinculam os incumbidos de urna posição social, num sistema de tais posições (TURNER, 2008, p. 116-117).

No rito de passagem, a *margem ou a zona de fronteira* é o estágio no qual se presencia a esfera do sagrado e do profano. A margem ou a zona de fronteira são também denominadas por Genep (1978) de zona neutra, zona intermediária de um estágio para o outro. Sendo uma zona tanto física como espiritual. “[...] no cerne da experiência ritual, o laço que liga o sujeito à sua própria experiência que, vivida coletivamente, é sempre também experimentada subjetivamente, um processo de transformação do ser” (CAVALCANTI, 2012, p.119-120). Há sempre um rito de saída ou entrada que compõe a margem. Sair do mundo familiar para entrar no mundo exterior.

O rito de passagem possui tanto objetivo próprio, como objetivo geral (na transformação do ser e na relação com o sagrado e o profano). Dessa forma, a vida comum (a ordem social normativa) é concebida como a esfera profana. Já a saída dessa ordem normativa, como o ato de viajar, é uma vivência sagrada. Porém, na vida social e individual há um movimento constante entre o sagrado (puro) e o profano (ímpuro) e vice-versa. Segundo Genep (1978, p.32-38):

Um homem que vive em sua casa, em seu clã, vive no profano. Mas vive no sagrado logo que parte em viagem e se encontra, na qualidade de estranho, na proximidade de um acampamento desconhecido [...] o embarque ou desembarque, o ato de subir para uma carruagem ou um palanquim, de montar a cavalo para viajar, acompanha-se muitas vezes de ritos de separação na partida e ritos de agregação na volta.

Por outro lado, Turner (1974, p. 137-138) “amplia” o entendimento dos ritos de Gennep, ao analisar e conceber a existência de arranjos sociais alternativos, dos quais alguns sujeitos se liberam do rito social padrão das exigências normativas culturais, refletindo nessa analogia do sagrado para com o ato de viajar, ao resultar também no crescimento da ação cultural. Traz à tona, como exemplo, as ações de jovens errantes, como a *geração Beat* e os *hippies*, concebidos como “audaciosos” por “optarem fugir da ordem social [...] vestindo-se como ‘vagabundos’, ambulantes em seus hábitos, ‘populares’ no gosto musical e subalternos em qualquer ocupação casual de que se incumbam. Valorizam mais as relações pessoais do que as obrigações sociais”. Atualmente, a figura das viajantes independentes reproduz as ações desses jovens errantes, ao romper com o contrato social do ritual normativo para atuar em diferentes processos ritualísticos com o ato de viajar autônomo, como um novo estilo ou modo de vida resultando em experiências significativas ao conhecer, ao socializar, ao interagir, ao tolerar, ao compartilhar e ao se integrar com o outro.

Dessa forma, “as inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge”. Projeta-se um “eu nômade” no espaço e tempo que reconhece as diversidades, demarca a singularidade e alteridade. Pode-se reafirmar “a identidade [...] ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades” (IANNI, 2003, p. 13-26).

Alude-se que a experiência significativa das viagens é um elemento propiciador que separa a viajante do convívio do universo familiar ou provoca a “negação” ao lugar de origem para conhecer um “outro mundo e outras realidades”. Mas que, após uma longa estadia *on the road*, há o momento de se reintegrar a esse universo familiar ou local de origem (ORTIZ, 1996).

A princípio, a viajante independente nega o local de origem, os laços familiares e a própria identidade ao partir e no percurso da experiência de viagem. Aproxima-se esse processo da viagem com o rito de passagem ou a travessia.

Ianni (2003) ressalta que o percurso ou o caminho vai ser construído conforme o processo do devir. E, nesse processo, as transformações são efetuadas por provocarem mudanças nos hábitos, nas certezas, no modo de ser, agir e pensar. A viajante liberta-se dos vícios, da opressão, do passado, de si. E ao mesmo tempo, mergulha em si mesma.

À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defrontar-se com o desconhecido pode ser exótico, surpreendente [...] ou insólito [...] tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica [...] No curso da viagem há sempre alguma transfiguração [...] A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu [...] Um eu que se move, podendo reiterar-se e modificar-se, até mesmo desenvolvendo sua autoconsciência; aprimorando a sua astúcia (IANNI, 2003, p. 26-31).

Observa-se que por meio da afirmação de Ianni (2003), a experiência de viagem pode se revelar vital e transformadora, pois pode resultar em conhecimento, busca ou (re) encontro de si mesma, no autoconhecimento e autoafirmação, tal e qual a autodeterminação e o protagonismo ao se tornar uma viajante independente.

Segundo o filósofo Cassirer (1994, p.17), o ser humano “é a criatura que está em constante busca de si mesmo”. O autoconhecimento é a dialética do mundo externo (natureza) com o mundo interno (os seres humanos) na constituição da autoconsciência e do conhecimento. Pois aquele ou aquela que está em harmonia com si mesmo, também saberá viver em harmonia com o universo, com o outro.

O autoconhecimento, desde a mitologia – passando pelo pensamento clássico, como o socrático, até o religioso – era um imperativo de exigência moral. Ao longo do desenvolvimento da filosofia moderna surgem novas preocupações e questionamentos sobre o conhecimento interior do ser humano, ou seja, a busca pela compreensão de si mesmo, o sentido do seu pertencimento no mundo e sua importância epistemológica. O autoconhecimento é indispensável para o sentimento de autorrealização e autodeterminação (CASSIRER, 1994; MALDONATO, 2004; SANTOS, B. 2011.).

Para o psicanalista May (2002, p. 17), o autoconhecimento, a autoconsciência corrobora com o nascimento do *self*, “eu” (identidade pessoal), que tem a “função organizadora no íntimo do indivíduo, por meio da qual um ser humano pode relacionar-se com outro”, ampliar sua visão sobre o mundo e perceber a própria história com o outro. Mas, esse nascimento apenas desabrocha com o romper do laço maternal e do contrato social, que se conjuga com o aflorar do ato de coragem ao enfrentar medos,

opressões e receios que limitam o ser humano. No caso da mulher, de conquistar mais liberdade, mais atitude e de ocupar os ambientes públicos considerados historicamente o “palco” sob direção masculina. Pois, segundo Serrano, S. (2017), a mulher que viaja com independência ainda é uma presença rara, espantosa e polêmica.

Para Giddens (2002), tanto a mulher como o homem podem passar por momentos limites na vida, necessitando tomar uma grande decisão de risco ou promover um desligamento indeterminado das suas raízes para consolidar o “projeto de reflexão do eu”. São momentos que fazem parte da crise humana e pessoal frente aos efeitos tecnológicos, às pressões e opressão social ao ritmo do relógio da globalização, que procuram apontar “quem você deve ser” para fazer parte do meio social dos bens sucedidos. Mas, também, acaba tornando-se uma situação propícia para “sair da zona de conforto ou da mesmice” e partir para enfrentar desafios e sonhos de vida que podem resultar em crescimento pessoal, essencial para reflexão e renovação do coletivo. Momentos importantes para tecer novos conhecimentos e símbolos, como a experiência da viagem autônoma, e estabelecer novos vínculos. Momentos que são importantes para a auto identidade que, segundo o autor, é o “eu reflexivo” na constituição e (re) significação da própria biografia. Importantes também para o autodesenvolvimento. O autor ressalta que essas decisões são necessárias para romper os códigos estabelecidos, resultando em novos estilos de vidas.

Percebe-se que na experiência significativa de viagem a figura da viajante independente se constrói e se desenvolve em movimento. Que o ato de liberdade é uma das características principais para estar entregue aos desafios, aos acasos, às aventuras e se predispor à errância, que pode convergir em uma jornada interior, ao ponto de atingir a sensação da transcendência.

A liberdade é o fio que provoca e conduz a constituição da autonomia na tradução do ato de pensar e fazer as próprias escolhas, responsável por si mesma. Para Freire (2011, p. 53- 105), a conquista da responsabilidade se reflete na maior consciência de si e no sentido das suas ações na vida. Faz parte do ato de educar, do processo de aprendizagem, por meio das experiências vivenciadas que são fundamentais para o processo da busca, constituição e desenvolvimento da autonomia na formação cultural e amadurecimento de mulheres e de homens. “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”. Adquire-se mais confiança e segurança, gera coragem, ousadia, curiosidade, se reconhece e se aprende o valor das emoções, intuições

e afetos, as diferenças de vida e o socializar com o outro. Aceita-se as imperfeições de si, como ser pensante, social, político e histórico, com suas diversidades e singularidades, com sonhos e criatividade, sentimentos, assim como a importância de reconhecer as identidades culturais, tornando-se mais cuidadoso, tolerante, crítico, pois todos os seres humanos são seres inacabados que vivem em um processo constante de ensino-aprendizagem. “Afim, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história”, podendo transformar a realidade e a si mesma.

A experiência significativa de viagem compara-se a um ato educativo, pois tem o poder de transformar e também, como pontua Avena (2008), constrói, desenvolve ou reforça as identidades, desconstrói olhares estereotipados sobre as coisas, lugares, formas de vida, condutas e pessoas, ao ponto de proporcionar mais enriquecimento cultural e pessoal, transfigurando-se no conhecimento e no autoconhecimento, na consciência da sua presença no mundo de acordo com sua própria ética.

No entanto, Bauman (1998) afirma que a liberdade é uma relação de poder e relativa para cada ser humano, pois corresponde às vontades e às satisfações de cada pessoa, de cada viajante.

Bauman (1998), Maffesoli (2001) e Freire (2002) salientam e criticam a imposição do Estado e a propagação dos meios de comunicação para controlarem a autonomia e a liberdade do sujeito, que também se vê incumbido do dever de construir uma identidade “sólida”, que está sob domínio do sistema econômico. E advertem que a identidade não é uma construção individual, mas uma dimensão cultural. Porém, conforme Ortiz (1996) e Castells (1999), cada vez mais se intensifica a relação do ser humano com o consumo e o permite compor suas próprias identidades.

No entanto, conforme Charles (2004), nem tudo ou todos estão entregues à superficialidade e à alienação do mercado, como os sentimentos amorosos e afetuosos na socialização com o outro, imaterial ou material. Há uma autonomia subjetiva que se estabelece no contato social e cultural com o outro, ao adquirir novas consciências e hábitos a lidar com si mesmo e com o próprio corpo. Assim como a busca por experiências libertadoras, que rompa com o “tédio institucional”, ao vivenciar a nostalgia das aventuras com as viagens longas, autônomas e econômicas.

Stuart Hall (2005), teórico importante dos estudos culturais, abrange em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade*, o quanto o sujeito herdeiro da pós-modernidade, abalado com a era da globalização, se depara com uma identidade cultural deslocada e fragmentada, com o espaço e o tempo cada vez mais comprimidos, e também revela identidades nacionais enfraquecidas e que perpassam por uma crescente homogeneização ou heterogeneidade cultural.

De acordo com Hall (2005), a identidade cultural caminha para uma individualização ou padronização acarretada pelas novas formas de confeccionar a existência, por meio da “liberdade de escolha” e também por uma questão pessoal e subjetiva. Os efeitos da globalização provocam um processo de hibridação e pluralização cultural que impacta na formação de novas identidades em níveis locais e globais. Por outro lado, também podem (re) significar e fortalecer as identidades locais como, por exemplo, por meio das viagens turísticas, uma das práticas responsáveis por preservar ou reinventar as culturas mais tradicionais, ou também responsável pela hibridação cultural. No entanto, as identidades culturais podem sofrer alterações e influências no decorrer do tempo, são passíveis de mudanças, advindas dos impactos das mobilidades humanas, da diluição das barreiras geográficas e alcance das virtuais, do ritmo tecnológico, dos interesses culturais, políticos e econômicos.

Hall (2005), no contexto histórico das identidades, salienta que o sujeito do iluminismo apresentava o “eu” enquanto uma identidade fixa e unificada. Por outro lado, com o sujeito sociológico que começa a ter uma compreensão mais complexa sobre o mundo, expõe uma identidade que se elabora conforme as interações de símbolos, valores e culturas na relação com as pessoas que o afetam. Dessa forma, dá abertura ao sujeito pós-moderno, inserido e marcado pelas frequentes mudanças globais, e que vive em constante movimento, condição que é delegada à viajante independente que apresentará uma identidade móvel, porosa e impermanente, que nas palavras de Bauman (1998, 2007, 2012) são de natureza líquida e acompanham a efemeridade das relações e da vida social atual.

Em outro viés, para Ortiz (1996), ao se apoiar na teoria de Lévi-Strauss, as identidades virtuais são tecidas em uma relação dialética com as referências simbólicas e as vivências de cada sujeito com o coletivo. Dessa forma, o “eu” enquanto identidade cultural se externaliza para se “completar”. Pois, como já frisou Freire (2001), somos seres inacabados. Hall (2005) explica que a identidade:

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurradas em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas.

Portanto, a compreensão da noção de identidades, tal como a noção de cultura, é abrangente e complexa. Também, é elaborada e está inserida no contexto da “liberdade, da autonomia, da mobilidade, da errância”, revelando um “eu” de multifacetadas e paradoxos, capaz de representar diversos “selves” e papéis sociais (LINTON,1979; MAY, 2012; WOODWARD, 2007).

Nesse sentido, percebe-se a viajante independente, a nova errante da atualidade, que apresenta identidades múltiplas e contraditórias, como uma figura frágil, por portar uma identidade que se desconstrói, desenvolve e se constrói em movimento na busca de ser.

Dessa forma, o ato de viajar autônomo torna-se uma experiência significativa por se revelar como uma vivência e uma prática cultural que engloba e integra todas as faculdades intelectuais, físicas, psicológicas, simbólicas e espirituais da viajante com o entorno experimentado e compartilhado com o outro. Assim, torna-se, na concepção de Mauss (2003), um sujeito total, e não fragmentado, com dimensões biológicas, culturais, psicológicas e também políticas (SAFFIOTI, 2009; SCOTT, 1995, 1999), na emancipação e na autodeterminação de ser uma viajante que viaja com independência.

Segundo Figueiredo (2010), a experiência significativa do ato de viajar, tal e qual o ritual de passagem ou travessia, apresenta o estágio da margem, ou seja, uma experiência que cambaleia no sagrado e no profano. Mas, o momento sagrado expõe a busca por identidades, coloca a viajante ao (re) encontro de si mesma, o que para Peixoto (1987) somente ocorre por meio das viagens.

Porém, no momento profano, as experiências de viagem não deixam de ser significativas, mesmo quando podem causar sofrimento em situações frustrantes, inesperadas, decorrentes da predisposição aos destinos percorridos e idealizados, conforme a *errância* e ao acaso das aventuras. Pois, de acordo com Trigo (2010, 2013), são experiências que na sua totalidade – profanas e/ou sagradas –, são vitais, essenciais e fazem parte do aprendizado humano.

Percebe-se que com o despertar e (re) nascimento do espírito de liberdade, conjugado à errância, a viajante independente abre-se ao encontro das aventuras. Sendo a aventura um dos aspectos simbólicos que compõe a construção da figura da viajante e remete à nostalgia por aventuras “autênticas” pela memória coletiva. Imaginário coletivo e histórico que traz também à tona as aventuras das mulheres viajantes dos séculos passados como: *Egéria* (considerada a primeira viajante, fins do século IV); *Jeanne Baret* (volta ao mundo disfarçada de homem como assistente naturalista no século XVII); *Ida Laura Pfeiffer* (realizou volta ao mundo no fim do XVII); *Isabelle Eberhardt* (viajou pelo continente africano disfarçada de homem no fim do século XVIII); *Annie Londonderry* (primeira viajante a dar a volta ao mundo de bicicleta no século XIX); *Marianne North* (viajante pintora do século XIX); *Nísia Floresta* (escritora viajante brasileira do século XIX), entre outras. Conforme Avigh (2002), as aventuras ainda compreendem aos anseios “dos viajantes de vanguardas”.

No entanto, Ortiz (1996) adverte que no mundo atual das mobilidades frente à era informacional, com as tecnologias de inteligência artificial e simulações virtuais em tempo real, tanto o espaço e o ato de viajar, assim como as aventuras se *domesticaram*, pois a tecnologia permite antecipar a imaginação do sujeito a obter informações, simular visitas e emoções, orientar o percurso e “amenizar” os riscos, as frustrações sobre os locais desejados, a conhecer o universo do outro. Contrariando e criticando a ideia e o discurso polêmico, mas também subjetivo sobre os anseios dos sujeitos na busca da autenticidade, do “desconhecido” ou do “exótico”, a fim de resultar em uma experiência mais singular e ousada.

Peixoto (2003) e MacCannell (2003) expressam que o problema e a banalização da palavra “autenticidade” também acompanham atitudes inconscientes e irresponsáveis advindas da indústria cultural, de interesses econômicos e de instituições sociais insustentáveis, como as viagens turísticas em massa, na busca por vivências e aventuras únicas que podem culminar na espetacularização de alguns agentes culturais locais, provocando a segregação e a intolerância ao outro. Paralelamente, Ortiz (1996) ressalta também que há uma luta por “autenticidade” ao propor legitimar o modo de ser, a memória coletiva, as identidades culturais.

MacCannell (2003), ao analisar o turismo de massa, acaba generalizando as experiências e, às vezes, o próprio comportamento do viajante. Trata a sua relação com a experiência similar ao ritual pela busca de autenticidade, e transpassa que o viajante

sintetiza a simbologia construída das estruturas sociais. No primeiro plano, se revela apenas pela aparência, parte da teatralidade social, a qual associa a teoria de *Erving Goffman* sobre a dramatização e teatralidade forjada pela sociedade. Tomando como base esta teoria, MacCannel analisa que as experiências turísticas e o comportamento dos viajantes são decorrentes da dinâmica do próprio turismo, que tende a produzir “autenticidades encenadas pela frente “palco” e, às vezes, por trás “bastidores” (ou vice-versa), ao realizar contato com outro, que pode apresentar seu “íntimo” cultural na superfície, uma forma de poder e rito de polidez com o estranho.

Em outro viés, Peixoto (1987, 2003) salienta que *autenticidade* também pode transpassar por uma busca por vivências simples e mais humanas do ato de viajar com o outro, ao saborear a proximidade das coisas e dar mais sentido e valor à vida. Sendo essa uma atitude que faz parte do comportamento da viajante independente, pois o autor reforça que a presença do estranho ou do estrangeiro pode (re) significar as identidades, os espaços, o sentido de cidadania, reforçar vínculos, minimizar e romper a intolerância, renovar a percepção sobre as coisas e os lugares que caíram no esquecimento, aguçando o “valor” dos bens culturais e naturais e da memória coletiva.

Giddens (2002, 2003, p. 16) e Ianni (2003) pontuam que a globalização ou a planetarização trazem entre seus efeitos – para a relação do “eu” com o “outro”, do “eu” com o “nós” – a constituição de uma “onda” de confiança que busca minimizar a impessoalidade. Tudo e “todos” estão virtualmente conectados, a ideia é que o sujeito está num mundo povoado e não anônimo e vazio. Há uma maior “regularidade de contatos com outros que pensam, e vivem, de maneira diferente de nós”. Podemos nos suspender fisicamente, mas estamos em rede.

Por outro lado, Ortiz (1996, p.39) acredita que quando as viagens se domesticaram, postas a serviço dos interesses das instituições sociais e econômicas, a figura e a ação do viajante também se tornaram banalizadas, por serem manipuladas pelas diversas intermediações tecnológicas ou a serviço do mercado turístico, sob a orientação e a personalização do roteiro de viagem, “desmistificando” o sentido das aventuras. De modo que o ato de se perder no caminho, pode até se dar ao “luxo” de ser uma escolha pessoal. Pois, atualmente, existe mais uma sensação de familiarização com o outro, do que um estranhamento, quando estamos longe de nossa cidade ou país de origem. Porém, o estranhamento pode passar a ser evidenciado, quando há uma tensão por meio

da linguagem. Ou por meio da cultura popular que, conforme o autor, pode viabilizar “um mundo ‘diferente’ para quem busca alteridade” ao se envolver com o outro.

Independentemente da crítica de Ortiz (1996), ao afirmar que tudo caminha para uma familiaridade tornando-se o ato de viajar banal, mesmo assim, Trigo (2013, p.23) justifica que ao sair da zona de conforto do lar, o ser humano conta com o prazer sob controle do “risco” para se aventurar em outras realidades, misturando a imaginação e os sonhos. À medida que cruza fronteiras, aquele que se desloca pode “descobrir outras facetas do mundo, das pessoas e de si mesmo”, pois as “descobertas” por meio da experiência da viagem despertam o olhar ingênuo e deslumbrado, tal e qual o olhar do tempo de infância, quando tudo parecia infinito, mágico, simples e emocionante.

De Botton (2012, p.63), assim como Trigo (2013), acredita que “o ambiente doméstico nos mantém amarrados à pessoa que somos na vida comum, mas que talvez não sejamos essencialmente”, por mais que também possamos encontrar mágica ao “viajar na imobilidade” ou pelos espaços na cidade de origem, ao nos “forçar” a rever com outros olhos, sem a pressa do dia a dia, os mesmos lugares que antes eram tidos como não-lugares. Em uma simples explicação, eram espaços de passagem sem identidade, segundo Augé (1994). Ser viajante cidadão, e se deixar aventurar com os relatos de viagens alheias, pelas literaturas e ficções: ainda assim, é por intermédio das experiências de viagem que o sujeito passa a vivenciar as mobilidades, as fantasias, as nostalgias pela liberdade e por aventuras “imaginadas e inesperadas”. Rompe com a mesmice das rotinas evitando o retrocesso do conhecimento e de si mesmo, ao se dispor à novidade e aos desafios, enfrentando os medos que limitam o sujeito, podendo assim construir o próprio relato e símbolos pelo caminho (CERTEAU, 1990).

Para Trigo (2013), o medo é chave que conduz à aventura e à descoberta. Toma-se como exemplo que desde os primórdios da história, o medo, acompanhado do mistério, foi imprescindível para a busca do conhecimento, para saciar a curiosidade sobre o mundo, ainda suscitada no ser humano. Assim, ao juntar o desejo de conhecer e o da aventura, o ser humano até hoje aspira pelas viagens. Mas não serão todos que vão se dispor a vivenciar uma experiência de viagem que saia do convencional, incomum para alguns, como uma viagem econômica e autônoma, pegando carona ou em veículo próprio como a bicicleta, acampando, preparando a própria comida, trocando trabalho ou favores por comida ou hospedagem, se colocando à deriva, isto é, não se prendendo ao roteiro de viagem.

Assim, a arte da deriva unida às inquietações pessoais e o desejo de conhecer o outro deslumbram a viajante independente, que opta por se mover guiada por um roteiro que flui, constrói e se desmancha ao seu próprio ritmo de viagem, imaginação e estado de espírito. Assumem diversas formas e proporções as experiências das aventuras consequentes do próprio modo de viajar, em tempo real e sem simulações. Assumem, da mesma forma, seus atributos de sofridas, imprevistas e insólitas.

A viajante vive aventuras independentemente de ter companhia ou não, mesmo sabendo que estar acompanhada é também satisfatório, transpassa uma maior ilusão de sensação de segurança. Porém, desacompanhada, a viajante pode ter o devaneio de se sentir mais livre, se “libertar” ou conhecer suas estranhezas, de desenvolver habilidades, assumir desafios, pois o ritmo das aventuras está sob “o comando” das consequências das suas próprias decisões e desejos. De modo que as vivências em grupo ou acompanhada poderiam limitar as verdadeiras vontades da viajante, limitá-las de ser ela mesma (DE BOTTON, 2012; MAFFESOLI, 2001).

A aventura se revela um evento extraterritorial (COSTA, 2000; ORTIZ, 1996), que pode tornar a experiência de viagem mais significativa para a viajante. Ao se colocar aberta à novidade e a conhecer o universo do outro diferente de si, o processo da experiência demonstra que não estamos completamente a sós. Além da nossa própria companhia, novos vínculos são construídos no percurso com o outro, com quem mais nos identificamos, por motivos de: atitude, sentimento amoroso, afeto, compaixão, solidariedade, segurança, amizade, curiosidade e por ideologia de modos de vida semelhantes. Sendo este outro tanto um residente local, como uma outra ou outro viajante. Nesse processo, por determinado momento, podem conviver juntos, incentivar um ao outro a continuar ou a se aventurar mais pelo caminho. Isso pode ocasionar ou não a formação de um grupo temporário, que une forças, habilidades e compartilha da mesma ideologia de vida e estilo de viagem na busca por experiências mais sensíveis e coletivas.

A formação de grupo ou o *estar-juntos* pode constituir, de acordo com Maffesoli (2001), um “tribalismo”, mas, por ser tema polêmico na academia, Magnani (2005) o chama de grupo pertencente ao mesmo circuito cultural, que faz parte da *errância* na identificação do modo de pensar e agir, estabelecendo novas regras e hábitos. Ao mesmo tempo, é simples de se desconstituir, ao passo que haja a contrariedade de atitudes, decisões ou por desejo e interesses diferentes, sem apegos que interfiram na sua liberdade de escolha e mobilidade, buscando viver a autonomia em sua plenitude.

A viajante independente adquire, no decorrer da construção de sua figura, o arquétipo que Maffesoli (2001, p. 87) denomina de “*ave de passagem*”, por exalar gosto pelas viagens ao compartilhar seus relatos, ao representar a liberdade de mobilidade na condição de ser humano – que pode transformar e (re) significar a própria identidade cultural e a do outro – ao inventar novos códigos e símbolos. Assim, como “ave”, sua presença e vivências são efêmeras. Pois, ao almejar pela distância e ao mesmo tempo pelo seu encurtamento diante do contato com o universo cultural do outro, é levada a um outro processo identificado pelo autor como *enraizamento-dinâmico*, que deriva da *errância*. No processo da experiência, assim como na travessia ou rito de passagem, se desconecta ou se conecta, se abre ou se fecha, enraíza ou desenraíza conforme interesses, situações, necessidades e sentidos, resultando em aprendizagens, na relação mais humilde e generosa com o lugar e as pessoas, construindo laços de afetos, que nesse processo são dinâmicos e efêmeros, mas que se revelam transformadores e necessários. Também, o *enraizamento-dinâmico* demonstra na atitude da viajante pela busca de outro lugar que a insatisfação é uma constante da natureza humana, que transpassa no ato da viajante a fim de aludir à felicidade, uma sensação que é também dinâmica e efêmera.

Segundo Bauman (1998) e Lipovetsky (2007), o sintoma da efemeridade é paradoxal, assim como a viajante. Ora a efemeridade é causa do *vazio ou perda de sentido*, de crises identitárias e artificiais entre as relações humanas geradas pelos efeitos do mundo globalizado, com experiências áridas cotidianas, ora demonstra ser um sintoma necessário para ir da melhor forma ao encontro do movimento, das distâncias, das coisas, dos lugares e das pessoas, de um novo estilo ou modo de vida, de si mesmo, na busca de ser, por meio de experiências significativas de viagens, criativas e mais ecológicas, conscientes e humanas.

A construção da figura da viajante independente, que desenvolve cada vez mais autonomia no percurso da experiência de viagem ao revelar a errância, a liberdade e a aventura, características da essência da composição de sua figura, expõe no estado da margem – tal e qual o rito de passagem para o estado de agregação do mesmo – o quanto a natureza humana é contraditória. No estado de agregação, a experiência significativa da viagem pode se confirmar como um novo estilo ou modo de vida móvel que dá uma “cara” nova ao cotidiano ou demarca o limite psicológico e corporal que, segundo Maffesoli (2001), é o “termômetro” para retornar e novamente se “integrar” à

vida social normativa, à cidade de origem, que apenas estava em suspensão (FIGUEIREIDO, 2010).

Todavia, a volta “ao mundo familiar” pode ser a princípio conflituosa, pois aquela que parte não será a mesma que retorna. Portanto, a volta é como se fosse um processo de “ressurreição” da alma, o estado agregador dos ritos, que reintegra o “eu aprisionado” com o “eu libertado”, em um estado de amadurecimento de ensino-aprendizagem constante, ao encontro de si, na busca de ser si mesma. Uma busca que, inconscientemente ou não, permeia o “processo de agregação” análogo à experiência significativa da viagem que promove enriquecimento pessoal e cultural, tece e devolve habilidades e conhecimentos, novos símbolos e hábitos, uma nova relação com si mesma e com o próprio corpo, que pode resultar no (re) encontro de si, autoconsciência e autoconhecimento. A experiência que se torna significativa, mesmo que já seja ansiada, pode transformar, educar, (re) formar, (re) significar e afirmar as identidades dessa mulher, que desenvolve mais autonomia e empoderamento ao viajar ao seu modo e ritmo, afirmando-se como autora do próprio relato de viagem.

Por fim, a práxis da viajante a possibilita “descobrir” que o sentido da vida é estar em harmonia consigo mesma, com os lugares e com as pessoas, independentemente de onde esteja, é um estado de espírito (DE BOTTON, 2012). Pois, conforme Peixoto (1987), o mundo é a sua verdadeira morada. A figura de viajante independente marca o quanto sua presença é fundamental ao representar a mobilidade feminina e um novo estilo ou modo de vida a partir das experiências de viagens, na plena condição de ser humano, mesmo que, atualmente, haja uma maior emancipação das mulheres e ser uma viajante independente ainda não seja uma tarefa tão simples.

### **1.3 Mobilidades contemporâneas: o novo paradigma**

Ao longo do corpo teórico percebe-se o quanto o movimento está imbricado no ser humano na sua essência natural e imaterial por meio do imaginário, na construção histórica, social e cultural, nas novas relações com o ato de viajar decorrentes dos aprimoramentos nos meios de comunicação e de transporte, e no surgimento da figura de novo perfil de ser viajante. Figura que está circunscrita ao mundo pós-moderno ou hipermoderno e, cada vez mais, está sob os efeitos do meio técnico-científico-

informacional (SANTOS, M. 2008) com a globalização, ao ritmo dos avanços tecnológicos e sistêmicos. Os efeitos tensionam e produzem tanto novas identidades, como geram crises identitárias, conseqüentes da circulação de pessoas e da crescente indústria cultural, com a capacidade simultânea e de disseminação em massa de imagens, ideias, informações, além da padronização de serviços e produtos, por meio de aparelhos eletrônicos e das redes de comunicação de alcance planetário, que promovem a cultura do instantâneo e processos de individualização. Concebe-se novas relações com os riscos e os perigos, com as experiências e com o próprio movimento, que flui até na imobilidade e estabelece novas associações e (re) significações com o lugar e o não-lugar (AUGÉ, 2010; BAUMAN, 1998; CASTELLS, 1999; GIDDENS, 2002; IANNI, 2003; HARVEY, 2004; MAFFESOLI, 2001).

Nas palavras de Harvey (2004), há nesse cenário técnico-científico-informacional uma dissolução da compreensão do tempo e espaço, dessa forma ficam indefinidos e coligados aos aspectos de uma cultura pós-moderna que transforma e transfigura hábitos, símbolos, estilos de vidas, consciências, conhecimentos, pensamentos e remete os seres humanos a buscarem mais “segurança ontológica” (GIDDENS, 1991; 2002), ou seja, formas de existir e sentir, dos quais transpassam por uma contínua sensação de quererem estar ou vivenciar uma outra realidade, como as sensações causadas pelas músicas, simulações virtuais, literaturas, ficções e o próprio ato de viajar realizado de forma mais autônoma. O viajar autônomo se destina ou tende a experienciar de maneira nostálgica a cultura nômade (GASTAL, 2005). Porém, segundo Augé (2010), na mobilidade atual o sentido do nomadismo, assim como o do movimento, se modifica. No entanto, a figura da viajante independente é uma das representantes das mobilidades contemporâneas, a compor a discussão e constituição do “novo paradigma” das mobilidades.

Nesse contexto, o sociólogo Urry (2007), um dos pioneiros a abordar o paradigma das novas mobilidades na contemporaneidade, delineado por ele desde os anos 1990, defende a emergência desse novo paradigma com apoio de Mini Sheller e com base nas teorias dos paradigmas científicos de Thomas Kuhn. Urry (2007) preconiza que a mobilidade deve sempre ser tratada na pluralidade, por ser um fenômeno social complexo de diversa essência, motivação, significado e temporalidade, que transpassa dimensões geográficas, físicas e econômicas e abrange dimensões afetivas, culturais, imaginárias e do ser humano, de acordo com os meios de transporte e comunicação, deslocamentos, circulação, redes, fluxos de pessoas e objetos, não sendo apenas parte da

vida contemporânea, mas que compõe a estrutura social e revela sua organização e reprodução.

Urry (2007) pretende com o paradigma salientar como estamos envolvidos com o movimento. Móveis ou imóveis, há uma fluidez que dissolve a ideia de fixidez ou imobilidade, pois o movimento real ou potencial é a essência das relações sociais no planeta. Assim, o tema das mobilidades começa a “transcender” a dicotomia entre os estudos sociais e de transportes nas ciências sociais, pois se começa a perceber a importância de estudos de mobilidade que saiam da visão tradicional da mobilidade social para produzir novas teorias sociais com outras ciências do conhecimento. Conforme Sheller e Urry (2006), esses estudos trazem contribuições recentes para se pensar o paradigma que saia da lógica racional e pense as mobilidades também na sua interdependência, como resultado de interações orgânicas que têm adaptações e significados diferentes, isto é, pensar nas mobilidades e suas significações nas instituições e na vida, pois contêm várias formas, simbologias e arranjos sociais. Dessa forma, há uma virada das mobilidades – *mobility turn* – no campo das pesquisas, com a reorientação do paradigma e com novas contribuições sobre o tema em outras áreas do conhecimento como: turismo, antropologia, estudos culturais e de migração, estudos de ciência e tecnologia, geografia, entre outras, sendo fundamental o diálogo entre as áreas para se entender as dimensões, complexidades e mecanismos das mobilidades no meio social.

Sheller e Urry (2006) também levantam críticas e problematizam as teorias anteriores, que consideram *a-movel* ou estáticas, por ignorarem os movimentos sistemáticos e seus impactos nas esferas da vida do ser humano, sem analisar as nuances que estão para além do movimento ou da imobilidade. No entanto, essas teorias convencionais trazem equívocos ao analisar o sedentarismo e a distância em relação às experiências humanas, sem viabilizar as complexidades sistêmicas, as correlações e os impactos de diferentes transportes ou comunicações com gênero, crises ou interesses econômicos e políticos, formação de identidades, entre outros. Já o paradigma traz uma abordagem mais ampla sobre as complexidades das mobilidades, que também envolvem infraestruturas específicas, imóveis, não sendo somente uma afirmação da existência das novas mobilidades no mundo atual.

Nesse viés, depara-se com a realidade das “mobilidades turísticas” que, conforme Freire-Medeiro e Pinho (2016), a sociologia brasileira sempre procurou ignorar, preferindo temas como migração e exílio. E Allis (2016) também chama atenção sobre a

importância de o fenômeno do turismo estar sob a lente de um “novo paradigma de mobilidades”, para novas interpretações e compreensão das mobilidades turísticas, que ultrapassam o deslocamento em si e se integram à rotina cotidiana aderindo novos sentidos ao ato de viajar. Pois Cohen, S. *et al* (2013) e Coles *et al* (2005) explicitam que o movimento se mistura aos estilos de vida e formas de mobilidade. Conceitos que pareciam sólidos mostram suas fragilidades e limitações, como as linhas tênues entre viagem, lazer, migração e trabalho. Dessa forma, Creswell (2010) ressalta a necessidade da ascensão do paradigma nos estudos que trabalhem as mobilidades em relação à corporalidade dos movimentos, transpassando a visão tradicional sobre as mobilidades.

Urry (2007), nesse sentido, frisa a importância da emergência pós-disciplinar do paradigma e o quanto é fundamental a teoria social percebê-lo, enfrentá-lo e transcendê-lo, pois há a necessidade de desenvolver novos métodos e soluções para interpretar as dimensões e cada estrutura social influenciada e impactada pelas novas mobilidades. Merriam (2014, p. 169) complementa que tanto os pesquisadores, como seus métodos, precisam estar adaptados para lidarem com situações que envolvam a mobilidade, pois “as pessoas não ficam em um só lugar. Por isso, os métodos de pesquisa também precisam estar em movimento [...]”. (Trad. nossa)

Sheller e Urry (2006) e Urry (2007) destacam os movimentos e suas consequências sociais, pois estes tanto podem ser desejados como forçados pelo mundo: estudantes internacionais, terroristas, membros de diásporas, refugiados, mochileiros, asilados, empresários, jovens profissionais móveis, aposentados passageiros, membros de redes sociais, visitantes, trabalhadores pendulares, passageiros, entre outros, que acessam aeroportos, ônibus, navios, trens, automóveis, entre outros, assim como objetos, mensagens e *websites*, troca e circulação de objetos transportados em corpos de forma lícita ou clandestina, serviços de mercadorias *just-in-time* etc. De certa forma, tudo parece estar em movimento e impacta nos sentidos e significados diferentes com o espaço e o tempo, sendo por Urry (2007) importante analisar e pensar as dimensões, interconexões e interdependências entre as formas de mobilidade reais e potenciais enquanto parte da vida e organização política, ambiental, social e histórica, que também estabelecem novas práticas sociais e culturais e modos de vida móveis e alternativos.

Em *Mobile Lives*, Urry e Elliott (2010) fazem reflexões por meio de situações de casos empíricos de mobilidade em relação ao paradigma sobre realidades de diferentes indivíduos, refletindo os significados e as interações das mobilidades na vida contemporânea que promovem situações “nodais”, estabelecendo diversão,

relacionamento com o lugar, entre as pessoas, vínculos e encontros, possibilitando novos papéis sociais e funções, que perpassam por um processo sistêmico.

Conforme Giddens (2002), os novos conhecimentos e avanços tecnológicos da era global podem criar no ser humano um maior sentimento de confiança e segurança ao compararmos com o século passado, devido à interação atual dos sistemas abstratos, isto é, serviços virtuais, eletrônicos, das engenharias tecnológicas, digitais e científicas, que também produzem novos significados com os riscos e os meios de transporte que provocam outros sentidos na relação local e global. O autor traz como exemplo as viagens de avião, nas quais não há mais a necessidade de habilidades técnicas ou do conhecimento real do trajeto, mas apenas saber a localidade do aeroporto, obter a passagem e o passaporte, diferentemente das viagens aventureiras dos “velhos tempos”, quando mesmo com uma vaga ideia da localidade o viajante precisava de habilidades, resistência física para conduzir a viagem e enfrentava um percurso com grandes riscos de vida.

Giddens (1991) afirma que a confiança é baseada atualmente no conhecimento do perito, ou seja, para cada situação há um profissional ou um sistema com os conhecimentos específicos para solucionar os problemas, “manipular” ou “guiar” as ideias, emoções e comportamentos. Se estabelece, dessa forma, uma atmosfera de confiança que antes não existia com a presença do estranho e com o próprio deslocamento, independentemente da distância, pois antes vivia-se sob a atmosfera da restrição e da sensação de fixidez. Atualmente, o caminho é encarado como mais “familiar e seguro” e se estende para o novo sentido dos transportes e formas de comunicação na vida humana, que transformam a intimidade do ser humano, proporcionam mais autonomia e minimizam a impessoalidade ultrapassando as fronteiras com os espaços. Dessa forma, desde os veículos até os recursos de tecnologias digitais, por meio de satélites, e com a evolução de *softwares* possibilitam conexões com as distâncias e com as pessoas de afeto por meio físico e virtual. Com as redes sociais virtuais torna-se possível obter contatos e manter relações de intimidades à distância, sendo pessoas conhecidas ou não, criando laços pessoais ou profissionais. No entanto, o autor enfatiza a ambiguidade da confiança gerada pelos sistemas abstratos, por meio dos quais é fácil construir vínculos, assim como desfazê-los quando a relação de confiança é abalada, ou pela falta de segurança pessoal do “eu”, que pode tanto se abrir como se ocultar.

Cria-se nessa direção, para Augé (2010), Giddens (1991, 2002) e Maffesoli (2003), uma atmosfera das aparências que, na visão de Ianni (2003), também proporciona uma multidão ou ilhas de solitários, por perceber o impacto do mundo virtual nas relações, que passa a sensação de independência. Para Ianni (2003), há também um descolamento da própria consciência em relação à experiência, à existência e à realidade, que se dissocia e desenvolve outros significados do imaginar e explicar, pensar e sentir, do ser e do devir.

Urry (2007), Elliott e Urry (2010) expressam que com as novas mobilidades podemos estar em qualquer lugar, de forma móvel ou imóvel. Independentemente da forma, há a fluidez do movimento, que afeta no psicológico e na construção das identidades. Sendo assim, mais que as mobilidades, trata-se dos seus impactos no sentido das trocas sociais. Por exemplo, os encontros virtuais, que podem ser forçados ou não e, com isso, implicar nas identidades desse “eu”. Reproduzem e produzem novos símbolos e sentidos da relação face-a-face ou por meios digitais, que promovem os “capitais sociais” (*network capital*) com as redes sociais como uma forma de capital, em que capacita o ser humano a fazer diversos usos para si próprio, como contatos, negócios e favores para pessoas desconhecidas.

Segundo os autores, o conceito de capital é de Marx, mas Pierre Bourdieu se fundamenta nessa teoria ao dizer que o ser humano tem capital econômico, social, cultural, simbólico e, a partir dessa interpretação, os autores incluem o capital de rede, que compõe o mundo simbólico dos fenômenos sociais e culturais e promove novas formas de controle, poder e privilégio. Elliott e Urry (2010) explanam a constituição e reprodução do capital de rede em oito casos como:

[...] um arranjo de documentos, vistos, dinheiro e qualificações que permitem que o indivíduo locomova-se seguramente entre cidades e países [...]; outras pessoas - colegas de trabalho, amigos ou familiares – que ofereçam convites, acolhimento e encontros [...]; capacidade de movimento em diversos ambientes, incluindo a habilidade, competência e interesse em usar telefones celulares, SMS, e-mail, internet, Skype etc. [...]; acesso amplo a informações e contatos [...]; equipamentos de comunicação [...]; lugares apropriados e seguros para encontros e reuniões [...]; acesso a meios de transporte e tecnologias de comunicação [...]; tempo e outros recursos para monitorar os sete elementos anteriores, além da capacidade de remediar eventuais falhas. (ELLIOTT, URRY, 2010 p. 10-11 – trad. nossa)

*A priori*, a vida móvel, mesmo em “imóveis”, pode gerar benefícios emocionais ou não, e também práticos e econômicos, está envolta da complexidade dos sentimentos e da formação das identidades, que afetam a estrutura social e o “eu”. Nesse viés,

Cohen, S. (2011), Cohen, S. *et al* (2013) afirmam que, com as novas tecnologias, há uma mudança no sentido do lar e na noção de pertencimento, pois se produzem “eus” híbridos de múltiplas pertenças, quando se assumem novos estilos de vida por meio das mobilidades – *lifestyle mobility*. As escolhas das mobilidades se refletem na construção da auto identidade e na diluição do sentido de um único local, como ocorre na realidade da figura da viajante independente, realidade que pode ressoar como privilégio, quando a mobilidade é voluntária. No entanto, esse movimento voluntário está sob a rédea do controle simbólico, como das autoridades de fronteiras físicas, causando atritos com a motilidade da viajante, que é a potencialidade de ser, se mover, pois envolve capacidades, habilidades e a escolha de se mover ou não (KAUFMAN *et al.* 2004).

Portanto, com as novas formas de mobilidade, a vida cotidiana atualmente adquire novas características que soam diferentes de acordo com cada população e localidade, em ritmo lento ou mais rápido. E que podem, conforme as tecnologias, melhorar a mobilidade de alguma população e alguns locais ou construir nova mobilidade do outro, desconstruindo, cruzando ou criando, além de fronteiras físicas e geográficas, fronteiras simbólicas refletidas pelas políticas, pelos tipos diferentes de governança, restrições ambientais, conflitos cívicos não só acompanhados de expulsão ou fuga, mas também que restringem o acesso, a saída e a entrada de pessoas, redes sistêmicas públicas e privadas, esbarram em questões de desigualdade de gênero, raciais, econômicas, de saúde etc. Novamente, percebe-se que as mobilidades de acessos de entrada e saída, tanto físicas como virtuais, refletem acessos desiguais por gerarem barreira arbitrária de poder e controle, de dependência e exclusão (AUGÉ, 2010; CRESWELL, 2010; ELLIOTT, URRY (2010); SHELLER, URRY, 2006; SALAZAR, 2017, 2018; URRY, 2007).

No entanto, o crescente aglomerado de mobilidades, desde o movimento de corpos, objetos e de redes virtuais, impacta nas formações de subjetividades de gêneros, nas relações com os espaços públicos, nas alterações dos espaços e do clima, com a emissão de poluentes. A cultura do automóvel, por exemplo, à medida que se massifica causa várias implicações urbanas, sociais, políticas e ambientais, como a poluição sonora. A emissão de poluentes também acontece via o aumento das viagens de avião e a “explosão” da produção de aparelhos eletrônicos digitais, causando problemas respiratórios, estresse, obesidade, impactando a qualidade de vida das pessoas e do planeta. Assim, as mobilidades se refletem nas fragmentações sociais, no poder de compra e, quando há possibilidade de escolha de como e quando se mover, são

assumidas como um novo capital, porém esse capital deve ser um direito social (BAUMAN, 1998; SHELLER, URRY, 2006; SHELLER, 2017<sup>13</sup>).

Múltiplas possibilidades de auto mobilidade, no entanto, interferem nos sentidos e nos estímulos humanos, a exemplo da cultura do automóvel e do meio virtual, que criam bolhas individuais entre os espaços e as pessoas, fazendo com que estas respondam a poucos estímulos sociais e culturais, intensificando-se a postura *blasé* do ser humano, isto é, um comportamento de indiferença com o entorno e com o outro na vida urbana contemporânea.

Por outro lado, criam-se também novos fluxos de significados no espaço e novas culturas do movimento (JENSEN, 2009). Pois, segundo Simmel (2005), além do comportamento *blasé* produzido nos espaços da cidade, a mesma cidade abre brechas para os comportamentos desviantes, sendo aqueles que transgridem as fronteiras e as condutas tradicionais. Associamos essas atitudes às novas exigências do ser humano, que busca estilo de vida mais humano, móvel, sustentável, consciente, autônomo com o espaço que habita, isto é, mais alternativo, como refletido na cultura da bicicleta, um transporte de emissão zero, mais democrático e que provoca e produz novos estímulos e mais capacidade cognoscitiva com o entorno, dialogando e redesenhando o tempo e o espaço. O estilo de vida móvel pode ressoar e se refletir em uma postura mais crítica e humana ao ocupar os espaços públicos, fazendo o sujeito se perceber como cidadão e valorizar o coletivo (SILVA, MELLO, 2014). E perceber o uso criativo da bicicleta como uma outra forma de viver as experiências das viagens, pois ela atinge um dos limites da mobilidade da autonomia humana. Desse modo, o *flâneur* amplia suas relações com o caminho (COUTO, 2014), conjugando as novas formas de mobilidade turística.

Contudo, as discussões demarcam a importância da emergência do novo paradigma, o quanto as novas mobilidades transformaram os modos de vida, assim como as vivências com as viagens. Allis (2016, p.103) explicita a urgência de reconhecer que as práticas de mobilidades turísticas “denotam aspectos de mobilidades mais elaborados do que o simples movimento de corpos”, transpassando plenamente a um pós-turismo.

---

<sup>13</sup> SHELLER, Mimi. Mobility, Justice and Power. São Paulo: Universidade de São Paulo, 3 out de 2017. **Palestra in SP Mobilities 2017**. Primeira versão da Escola de Mobilidade pela Universidade de São Paulo. Realizada em comunicação virtual, redigida e disponibilizada pela autora.

### 1.3.1. Contextualizando a bicicleta nas viagens

O ato de viajar na história da mobilidade humana segue os avanços tecnológicos dos meios de transporte e de comunicação. Na história e no imaginário social os viajantes lançavam-se em aventuras marítimas, usavam a força animal no meio terrestre ou o próprio esforço físico, a pé, para adentrar universos “desconhecidos”. Com as revoluções industriais e tecnológicas depararam-se com os veículos férreos e os automotores. E, gradualmente, com o advento da globalização, surgiu o desenvolvimento do complexo aeroviário influente na abrangência da atividade turística. Percebe-se o turismo como uma nova forma do ser humano se lançar à experiência das viagens. Todavia, o acesso à mobilidade pode se limitar frente as relações políticas, ambientais, econômicas, culturais, étnicas e entre as relações de poder e de gênero.

Maffesoli (2001) salienta que o ser humano é sujeito do movimento. Dessa forma, o viajante no mundo atual é um dos representantes da mobilidade urbana e turística (ALLIS, 2016; SALAZAR, 2017; URRY, 1996; SINGH, 2017<sup>14</sup>). E, nesse contexto, se encontra o “novo paradigma das mobilidades” (SHELLER, URRY, 2006; SHELLER, 2017, URRY, 2007).

O paradigma, como já exposto no capítulo anterior, procura analisar e discutir o quanto as diferentes formas de comunicação e de transporte impactam na vida contemporânea e nos lugares, as inibições ou produções de estímulos que afetam o “eu” sempre em movimento na construção identitária e as percepções sobre o espaço-tempo. Observa-se o surgimento de novos estilos de vida móveis que optam por modais mais alternativos, democráticos, autônomos, sustentáveis e econômicos, também presentes na agenda política e ambiental sobre as estruturas sociais, espaciais e urbanas e voltados ao futuro da saúde do planeta, exigindo práticas mais conscientes, sustentáveis e cidadãs. Destaca-se a bicicleta, que desperta no sujeito uma relação mais humana, crítica e consciente por onde ele pedala, redesenhando os espaços com o outro ao seu redor. Possibilita várias formas de uso como meio de transporte urbano ou turístico, como também entre as formas de lazer cotidiano (esporte ou recreação). Um transporte individual, mas que pode potencializar encontros sociais.

---

<sup>14</sup> SINGH, Dhan Zunino. Cultural history of urban mobilities. Cities, practices and representations in motion. São Paulo: Universidade de São Paulo, 6 out de 2017. **Palestra in SP Mobilities2017**. Primeira versão da Escola de Mobilidade pela Universidade de São Paulo.

A bicicleta surgiu na Europa na versão em duas rodas no século XIX, precisamente. Invenção alemã feita em madeira, impulsionada pelos pés, apenas posteriormente o pedal de origem francesa foi incluso. Na história, as bicicletas foram evoluindo com o tempo e conforme os avanços da técnica com a revolução científica e industrial vigente na Inglaterra. Foram criados vários modelos estruturais, com diferentes materiais e pesos, até alcançarem maior aprimoramento tecnológico, com a correia, por exemplo, que possibilitou mais velocidade, e o quadro (estrutura da bicicleta) a ferro e mais leve (ROLDAN, 2000; MELO, SCHETINO, 2009).

A princípio a bicicleta estava relacionada ao urbano, à elegância, à modernidade fazendo parte da cultura e do cenário de países europeus e até os asiáticos. No entanto, inicialmente a bicicleta era um “engenho” das classes mais abastadas. E, somente no final do século XIX, passou a ser produzida em larga escala, se tornou mais acessível economicamente e se expandiu pelo mundo. Com o aprimoramento de peças e acessórios, como pneus com câmeras de ar, aumentaram o conforto e a segurança e cresceu a cultura do pedalar, mas a prática se direcionava aos campeonatos esportivos, surgindo as primeiras ciclovias e velódromos na França e na Inglaterra. Porém, foi também concebida como meio de transporte de pessoas e mercadorias, prática para saúde e lazer que transformou a paisagem e o uso cotidiano (MELO, SCHETINO, 2009; SOUZA, 2016).

Já no cenário nacional, ainda no fim do século XIX, os primeiros registros do surgimento da bicicleta no Brasil decorrem com a leva de imigrações, principalmente a alemã, que penetrou em solo brasileiro nas regiões sul e sudeste, nas cidades de Curitiba, Porto Alegre e São Paulo. Posteriormente, nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, a cultura da bicicleta também foi disseminada pela elite brasileira, inspirada nos costumes europeus. Em 1895, a colônia de imigrantes alemães trouxe a cultura dos clubes de ciclistas, que também surgiram na cidade de São Paulo, onde foi construído o primeiro velódromo (MELO, SCHETINO, 2009).

No entanto, ainda na primeira metade do século XX, a bicicleta estava fora do cotidiano brasileiro, pois a taxa de importação era alta. Apenas a partir da década de 1930, se consolidou a fabricação da bicicleta em solo brasileiro, decorrente dos problemas de importação de peças para as montadoras nacionais com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e com a política nacionalista de indústria de base da era Vargas (1930 - 1945) que, a fim de fortalecê-la, cortou as cotas de importação dos bens de consumo. Assim, foram inauguradas em São Paulo (1948) as primeiras empresas, como

a *Caloi* (que lançou a primeira bicicleta feminina em 1978, a *Caloi Ceci*, modelo com cesta dianteira, barra central rebaixada e mais leve) e a *Monark*, ambas empresas pioneiras até o aparecimento da *Mountain Bike*, com abertura do mercado mundial no começo da década de 1990. Conseqüentemente, a fabricação total das bicicletas no mercado nacional gerou o barateamento da produção e da manutenção, tornando-as mais acessíveis às outras classes sociais, que começaram a usar a bicicleta como meio de transporte, meio de transportar mercadorias, de lazer e como prática de esporte. Porém, a bicicleta deixou de ser um instrumento de competição, porque acabou perdendo força como manifestação esportiva, frente às outras modalidades, como o futebol (ROLDAN, 2000; SOUZA, 2016).

Segundo Rejowski *et al* (2002), as competições desde a Europa, promovidas com os clubes, resultaram na organização de eventos turísticos envolvendo ciclistas de outras cidades e regiões, que se locomoviam em grupos até os lugares onde eram realizados. Pode-se dizer que isso despertou o gosto pelas viagens de bicicleta, inclusive nas mulheres, cuja participação no ciclismo causou polêmica e discussões, mas acabou provocando o ativismo entre as mulheres que também queriam participar das competições e, de certa forma, o direito de ocuparem os espaços públicos, direito ao esporte e ao lazer na transição do século XIX para o século XX (AUGÉ, 2009; MELO, SCHETINO, 2009).

A partir da década de 1950 houve o aumento da quantidade de fábricas de bicicletas no Brasil, mas por outro lado a cultura do automóvel começou a reinar entre a elite e tomou a atenção das políticas urbanas, transformando a paisagem e impactando na saúde do ar com as emissões de carbono. O planejamento das cidades dedicou maiores investimentos às vias de circulação automobilística, tornando-se símbolo do capital e de prestígio social (ROLNIK; KLINTOWITZ, 2011). Com o descaso em relação aos transportes públicos, se popularizou o uso da bicicleta como meio de transporte, ela passou a ser sinônimo de transporte da classe trabalhadora, fato que acabou se refletindo em um “status” discriminatório na sociedade de consumo.

No entanto, na década de 1970, tanto em solo nacional como internacional, com a crise do petróleo, os movimentos de culturas alternativas – como o movimento *beat* no final de 1950 e da contracultura em 1960 – lutavam por direitos sociais, direito ao lazer e à cidade, direito de igualdade de gênero, com aumento gradativo dos movimentos feministas, como os norte-americanos. Também se iniciavam as discussões ambientais, o aumento da exigência de bem-estar e da qualidade de vida, maior culto ao corpo, mais

do que isso, o apelo por experiências mais singulares e existenciais decorrentes dos sintomas da pós-modernidade ou hipermodernidade (SCOTT, 1995). Consequentemente, aumentou o uso da bicicleta como lazer pela classe média. A bicicleta passou a ter maior capacidade tecnológica, com modelos mais velozes produzidos de acordo com a necessidade de uso de cada pessoa.

Rejowski *et al* (2002) levanta a ideia de que a bicicleta possibilita férias mais versáteis, desenvolve um novo estilo para o ato de viajar e evidencia um novo perfil de ser viajante, que procura formas alternativas de lazer, de viajar e de vivenciar a liberdade, independentemente do gênero. Como exemplo, a mulher viajante que se tornou duplamente transgressora, nas palavras de Serrano, S. (2017, p. 67); temos na história do século XIX, *Annie Cohen Kopchovsky*, jovem mãe de origem judaica, nascida na Letônia, mas que se mudou com a família na infância para Boston, nos Estados Unidos da América. Quando adulta, se tornou jornalista e por meio de uma aposta lançada por dois clubes masculinos de Boston, aceitou o desafio de provar que as mulheres não eram frágeis e poderiam realizar feitos como os homens. Ela realizou uma viagem sozinha ao redor do mundo de bicicleta e ficou conhecida pela mídia como *Annie Londonderry*, a primeira mulher viajante que deu a volta ao mundo de bicicleta.

Em suma, a bicicleta é um dos símbolos da autonomia na representação histórica da relação de gênero, sobre os direitos de igualdade à liberdade de mobilidade e ao lazer. Contribuiu para a revolução do vestuário das mulheres, possibilitando maior flexibilidade e melhor relação com o próprio corpo. Segundo Roldan (2000, p.16):

A mania da bicicleta aniquilou as armações e os espartilhos (peças do vestuário feminino no século passado), instituindo um vestuário mais prático para as mulheres e aumentando sua mobilidade consideravelmente. Em 1896 Susan B. Anthony <sup>15</sup>disse que "a bicicleta fez mais pela emancipação das mulheres do que qualquer outra coisa no mundo."

As mulheres francesas e as norte-americanas foram as pioneiras no uso da bicicleta. Nos Estados Unidos, no início do século XX, se associou a imagem da nova mulher à bicicleta, pois ela começou a ter uma postura mais ativista e a contestar seus papéis sociais tradicionais. Na história das mulheres, a mobilidade feminina se restringia à esfera do privado, ao ambiente doméstico e familiar. O uso da bicicleta para as

---

<sup>15</sup> Susan Brownell Anthony, ativista americana na luta pelo direito das mulheres no século XIX (MELO, SCHETINO, 2009).

mulheres, inicialmente, era considerado um esforço físico que poderia afetar sua saúde, pois a mulher era retratada como figura frágil. A falta de atividades físicas gerava pouca resistência e desmaios no isolamento dos seus lares, mas além disso estas práticas eram inadequadas à conduta e à moral da mulher. Não foram bem quistas pela religião, que julgava a bicicleta vetor do estímulo sexual da mulher. Devido ao exposto, as mulheres de bicicleta corriam riscos de agressões físicas e verbais, pois se temia que a mobilidade com a bicicleta as desvitalizaria. Criaram-se empresas, como *The Cyclist's Chaperon Association*, que acompanhavam mulheres a fim de serem “guardiãs de suas virtudes”. Em síntese, a bicicleta se demonstra de grande importância para acesso à mobilidade nos espaços públicos e tem o potencial de transformar os significados e práticas em relação ao gênero (AUGÉ, 2009; CONNOLLY, 2015; HANSON, 2010; MELO, SCHETINO, 2009; SIMPSON, 2001).

A bicicleta revelou-se como um veículo que, ao mesmo tempo que produz um modismo, desde o século XIX até o século atual, causa menos impactos ao meio ambiente, sendo assim, mais sustentável, rápido e econômico. Também, tem o potencial de causar bem-estar e contribui para uma melhor qualidade de vida. Andar de bicicleta pode proporcionar maior integração do ser com o ambiente e com o outro, sendo esse material ou imaterial, e pode estimular os sentimentos de maior satisfação, felicidade pessoal e liberdade, mais anseio por aventura e autonomia. Além de produzir cultura e subjetividades (BRUHNS, 1997; JENSEN, 2009).

Para Augé (2009, p. 14-40), o ser humano resgata a memória da infância e da adolescência na práxis de pedalar. Há uma relação de totalidade com a bicicleta e o espaço, pois sucede de um desenvolvimento biológico, psicológico e cultural, que pode influenciar na construção da identidade cultural daquele que pedala, ou seja, pode contribuir na aprendizagem e na autoconsciência do corpo ao lidar com os próprios limites, que podem estar para além do limite físico-humano. Torna-se um instrumento de descoberta pessoal e social. Para o autor, pedalar é existir, uma experiência de eternidade e renascimento.

[...] Graças a isso, todos nós descobrimos um pouco de nosso próprio corpo, de suas capacidades físicas, e experimentamos a liberdade à qual está indissolivelmente ligada ... Por outro lado, há indubitavelmente uma relação entre a redescoberta de uma certa presença de si mesmo e a descoberta da presença de outros. O fato de a prática do ciclismo, mesmo quando é episódica, oferecer a oportunidade de experimentar algo semelhante a uma identidade (uma certa permanência no tempo) permite a atenção ao próximo

(uma forma de espera, uma abertura para o que pode acontecer) (Tradução nossa).

Dessa forma, a bicicleta aumentou a possibilidade de experienciar sensações internas e externas com a contemplação (vivência estética) e provoca sentimento de amor com o local de origem ou com outros lugares (DE BOTTON, 2012; ROLNIK, 1980; TUAN, 1970). Ela amplia o direito à cidade, aos espaços públicos e ao lazer. O interesse pela bicicleta ultrapassa a rotina do uso urbano e esportivo para o acesso às práxis turísticas como nova forma de experiências móveis e mais autonomia nas viagens (AUGÉ, 2009; ROLDAN, 2000). A junção viagem e bicicleta tornou a experiência mais significativa, principalmente para as mulheres, pois deu abertura e visibilidade à liberdade de gênero (SERRANO, S., 2017). Porém, é uma experiência para poucas, o que de certa forma é um reflexo da opressão e da desigualdade de gênero. No entanto, segundo Cardoso (2003), o ato de viajar não é para todos, nem todos estão dispostos a se entregarem ao acaso e ao desafio do que é novo e “desconhecido”, principalmente, se estiverem desacompanhados e de bicicleta. A experiência dessa junção pode viabilizar uma maior dimensão simbólica e harmônica com o tempo e o espaço, com os lugares e com o outro.

Roldan (2000) e Saldanha (2017) pontuam a abrangência do sentido do termo ciclismo, tanto para atividades de bicicleta nas modalidades competitivas (esporte), como nas modalidades não competitivas (uso cotidiano, transporte ou lazer). E destacam que a interface bicicleta e turismo passou a compor o segmento turístico denominado por cicloturismo ou cicloviação, que dentro das políticas de gestão do turismo identificam os atores dessa prática como cicloturistas ou cicloviantes. Para Roldan (2000, p. 22-23):

[...] o cicloturismo combina a paixão pelo ciclismo e o prazer de viajar. Alguns cicloturistas definem o cicloturismo como o uso de alforjes na bicicleta e o fato de pernoitarem fora de casa. O cicloturismo pode ser entendido, também, como toda viagem de turismo que utiliza a bicicleta como forma principal de transporte. No Brasil o cicloturismo é uma atividade ainda recente, lentamente em expansão [...] O cicloturismo não tem regras nem definições rígidas [...] Não existe preocupação com rendimento e sim com o turismo e o prazer de viajar pedalando. Qualquer que seja a distância ou duração, o espírito e as emoções são semelhantes: o importante não é o lugar para onde você vai, mas o caminho que você percorre. O maior prazer está no percurso [...]. O cicloturismo pode ser praticado sozinho ou em grupos, tudo vai depender da afinidade, condicionamento e objetivos do grupo.

Faulks *et al* (2008); e Ritchie (1998) relatam a complexidade dos conceitos e denominações, destacam que as diferenciações se dão conforme as motivações do viajante, que pode conceber a bicicleta apenas como um meio para o objetivo principal de viajar ou tem o ato de pedalar como objetivo exclusivo, de caráter mais esportivo. Porém, também tende a ver a experiência do viajar lento como uma outra lógica de consumo, conforme Fullagar *et al* (2012). No entanto, na pesquisa, compreende-se a bicicleta como um meio de transporte que possibilita uma das formas alternativas de experiência de viagem.

O cicloturismo, a cicloviação ou o simples viajar de bicicleta pode se realizar de forma autônoma ou com o suporte de agentes turísticos mediadores. É caracterizado por distâncias longas ou curtas, acompanhado pela bagagem, como “alforjes”, equipamentos de viagem ou da bicicleta, especializados ou não, e ferramentas.

Segundo Roldan (2000), deve haver um planejamento prévio para a modalidade se denominar de fato como cicloturismo ou cicloviação, pois o viajante necessita de conhecimentos prévios sobre os lugares que deseja percorrer, o uso e peso dos equipamentos ciclísticos, treinamento físico e cálculos das rotinas a serem percorridas, porém o autor destaca que esse não é um planejamento inflexível. Mas é recomendada a organização do roteiro de viagem, visto os riscos físicos e riscos previstos ou não no percurso. Já Saldanha (2017) ressalta que as maiores características do viajar de bicicleta estão em portar uma bagagem e no prazer pela viagem.

Para Allis (2015), o cicloturismo envolve organização e um planejamento estrutural turístico, como os roteiros de turismo especializados. Ressalta que a cultura da bicicleta ou a ciclocultura está crescendo no Brasil, porém há muitos desafios e problemáticas de gestão pública.

Tosta e Kunz (2014), Saldanha (2017), destacam a tendência da mobilidade turística com bicicleta na atualidade, mas há dificuldades e carências tanto no desenvolvimento da prática, como no campo das pesquisas em âmbito nacional. Em comparação a países mais desenvolvidos, tais como Canadá, Estados Unidos da América, países da Europa e Oceania, o cicloturismo e o ciclismo são mais difundidos do que no Brasil (ROLDAN, 2000). Mas, em nível global, é um segmento de mercado turístico pequeno, embora sua popularidade cresça (NEVES, ESPERANÇA, 2011; FAULKES *et al* 2008). No entanto, percebe-se primeiro nos estudos ou na organização de eventos de cicloturismo que estes são voltados ao interesse esportivo da prática (BUNING, GIBSON 2016; SHIPWAY *et al* 2016).

Portanto, o presente estudo parte do entendimento de que o cicloturismo, apesar de trazer uma filosofia do ser e da sustentabilidade (LUMSDON, 2000) na relação com o patrimônio natural, cultural e o espaço, identificando os praticantes como cicloturistas ou cicloviajantes, aponta a necessidade de uma gestão, roteiro e planejamento turístico para uma prática segura e com mais apoio estrutural nas rotas percorridas. Geralmente, é acompanhado de um debate da segmentação mercadológica turística e publicitária. Já a experiência de viagem aqui proposta vai além de uma classificação dos interesses mercadológicos da relação bicicleta e turismo. E, novamente, os conceitos e denominações como cicloturismo ou cicloviagem, cicloturista ou cicloviajante, cabem em um entendimento pessoal e subjetivo atribuído ou não pela própria pessoa, que resolve utilizar a bicicleta como meio de transporte alternativo na experiência de viagem. E se colocarmos o turismo sob a lente do “novo paradigma de mobilidades”, como propõe Allis, (2016) muitos dos “conceitos solidificados” soam arbitrários frente as novas mobilidades e estilos de vida.

Sabe-se da importância de explicar brevemente essas classificações de mercado e da necessidade atual de mais ações de gestão pública na ampliação e organização cicloviária, além de ações inclusivas e coligadas às políticas de turismo para o desenvolvimento seguro da modalidade de bicicleta e dos benefícios econômicos com as práticas mais responsáveis e sustentáveis de turismo. Porém, o estudo presente está livre desses conceitos de segmento de mercado. Pois a viajante independente apresentada ao longo da pesquisa, ao privilegiar a bicicleta como meio de transporte, a fim de optar por mais independência, torna o ato de viajar “totalmente libertário”, cuja maior preocupação como filha da estrada é viver a viagem ao seu ritmo, sem a pressão do compromisso temporal social, na própria lei e filosofia de vida, uma viagem econômica, aberta a acomodações informais e a outros meios de transporte (pé na estrada, caronas ou veículos próprios, como a bicicleta). Ao realizar a viagem de bicicleta, por exemplo, o modelo da bicicleta e os equipamentos podem ser especializados ou não. Deixa que a viagem flua e a guie. Procura sentir o local e as pessoas. Busca por experiências novas, únicas e sensíveis. Ao se dispor à simplicidade voluntária, a experiência de viagem revela-se um fenômeno humanista e a aproxima do limite total de autonomia. A experiência pode ser concebida como um novo estilo de vida e transformação da própria existência (COHEN, S. *et al.*, 2013; SALAZAR, 2014).

Por fim, a experiência significativa da viagem, a figura do viajante independente e a bicicleta remetem à nostalgia por aventura e liberdade, que fazem parte do imaginário coletivo e representam as novas mobilidades contemporâneas.

## CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA

### 2. 1 Tipologia da Pesquisa

A metodologia da pesquisa se norteia pela análise, levantamento e fichamento bibliográfico para desenvolver e aprofundar o tema *o ato de viajar autônomo*, como fio condutor na compreensão sobre a construção da figura da viajante independente, objetivo central da investigação. O instrumento de pesquisa é a história oral: um relato de uma experiência significativa de viagem que foge do comum, do mercado e do fluxo temporal turístico. O estudo permeia uma abordagem qualitativa e descritiva.

Na literatura, Triviños (2010, p.120) salienta as dificuldades entre autores das Ciências Humanas para uma definição sólida sobre o que se entende por pesquisa qualitativa, em razão da abrangência e da complexidade do conceito, além da especificidade da ação, com o objetivo de atingir “uma interpretação da realidade”. No entanto, segundo Martins e Theóphilo (2007, p. 137), a abordagem qualitativa abarca como um de seus aspectos a “preocupação em entender, compreender e descrever os comportamentos humanos”. Sendo também para Richardson *et al.* (1999, p. 79) uma forma “adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

O estudo descritivo procura “conhecer a comunidade, seus traços característicos [...]” exigindo do pesquisador toda informação e toda a descrição do fenômeno ou da população, além das relações concebidas entre as variáveis de determinada realidade (TRIVIÑOS, 2010, p. 110; GIL, 2002).

A pesquisa qualitativa aporta uma essência descritiva ao interpretar os fenômenos sociais e aos materiais como: entrevistas, narrativas, fotografias, entre outros. Não se admite uma visão isolada aos procedimentos metodológicos e técnicos da coleta e análise de dados, “ela se desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente” (TRIVIÑOS, 2010, p. 137).

Segundo Richardson *et al* (1998, p.207), o método e a técnica da coleta e análise de dados têm como instrumento a entrevista, sendo esta de suma relevância para a pesquisa, possibilitando a interação das relações “face a face” com o outro.

Com a entrevista, se trabalha o relato de viagem pelo viés da história oral, que é uma história construída em torno do outro e da sua experiência de vida, ou seja, deriva da

percepção humana, sendo um todo subjetivo, o qual procura desafiar essa subjetividade a fim de ir ao fundo da memória para atingir a verdade oculta (ALBERTI, 2005; MEIHY, 1996). Segundo Thompson (1992, p.44), a história oral:

[...] admite heróis vindos não só de dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo [...] Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações [...] Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos e dá subsídios para transformar o sentido social da história”.

Freitas (2006) e Delgado (2006) explicitam a existência de dois tipos de entrevista: a história oral de vida e a história oral temática. Foca-se na história oral temática, por se tratar de momentos particulares, em curto período da vivência narrada.

A história oral inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo [...] Situa-se no terreno da contrageneralização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. Na verdade, os depoimentos recolhidos através do procedimento de constituição de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos (DELGADO, 2006, p.18).

Meihy (1996, p.13) compreende o método de história oral como um “recurso moderno usado para elaboração de documento, arquivamento e estudo referente à vida social de pessoas”, tendo por base a gravação de depoimentos. A forma de fazer a entrevista difere de outros tipos de entrevista. A proposta é ser uma conversa, deixar o entrevistado à vontade sem muita interrupção, sem transformá-la em um monólogo, utiliza-se como ferramenta o roteiro, que é manuseado pelo pesquisador como um processo norteador da entrevista.

Segundo Thompson (1992), o roteiro deve ser apenas um condutor e um orientador no momento da entrevista, pois a narrativa pode levar a outras questões construídas conforme a história é narrada. Dessa forma, é importante que o roteiro não tenha questões fechadas que inibam a fluidez da narrativa, pois a proposta é fazer o entrevistador mais ouvir do que falar, é produzir uma condução com caráter mais informal, construindo uma relação solidária e humana com o entrevistado. Pois a fonte oral ou “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ de estudo em ‘sujeitos’, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (THOMPSON,1992, p.137).

Há vários tipos de relatos de viagem, reais ou ficcionais (FIGUEIREDO, 2010). Porém, nesta investigação prefere-se analisar o relato por meio de um depoimento oral

com o sujeito da ação, resultando em uma maior riqueza na análise, revelada na emoção por meio da memória e das lembranças, pois “quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos” (THOMPSON, 1992, p. 205).

Entretanto, Meilhy (1994, p.57) afirma que a memória não pode ser confundida com a história oral. Uma das diferenças está no método e na aplicação técnica de cada uma, mas é a partir da memória que a história do sujeito é constituída, pois “recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade”, conclui Thompson (1992, p.208), sendo um dos efeitos dos benefícios da história oral ao dar voz ao sujeito.

Delgado (2006, p.39) ressalta a importância da memória na construção e afirmação das representações coletivas e individuais, isto é, elemento fundamental nas constituições das identidades, consciência e autorreconhecimento do “eu e o outro” e do “eu com o outro”, com base nas experiências vividas e compartilhadas. Uma das características da memória aponta-se da “afirmação de identidades através do reconhecimento da pluralidade e da alteridade, que conformam a vida em fluxo contínuo [...]”.

Nos estudos de memórias há várias perspectivas teóricas, desde a filosófica, a histórica, até a psicológica. Essas perspectivas são na maioria produções consequentes do contexto histórico do pós-guerra no século XX, no qual também há uma maior evidência e discussão sobre o método e a técnica<sup>16</sup> da história oral. Thompson (1992, p. 45) afirma ser a história de origem mais antiga, isto é, “a primeira espécie de história”.

No entanto, a saber dos estudos de memória, sucintamente, apenas para maior crivo de conhecimento, destacam-se autores como: Maurice Halbwachs, ao tratar da memória coletiva<sup>17</sup>; Le Goff, com a perspectiva histórica da memória<sup>18</sup>; e Henri Bergson, com a

---

<sup>16</sup> Na definição de história oral há tanto discussões divergentes sobre se é um método ou técnica, como há discussões, conforme Amado e Ferreira (2006), que a compreendem como método e técnica ao englobarem todos os procedimentos metodológicos da história oral, assim contemplada pelo estudo.

<sup>17</sup> Para Halbwachs (1990, p.7), a memória aparenta ser um fenômeno individual, porém é social e coletivo, que recompõe o passado, mas é passível de transformações e mudanças. Dessa forma, a “memória coletiva” é “aquela que recompõe magicamente o passado”, mas da “consciência coletiva e individual desenvolvem-se as diversas formas de memória, cujas formas mudam conforme os objetivos que elas implicam”, por meio dos elementos e códigos simbólicos na reconstituição da memória coletiva e do sujeito que permeia uma comunidade afetiva resultante da coesão social atribuída aos lugares de memórias, aos rituais e aos encontros com o outro.

<sup>18</sup> Le Goff (2003) faz a relação entre a história e a memória, traz uma perspectiva da memória na história tal como ela aparece nas ciências humanas, direcionando-se mais para a memória coletiva. Expressa uma memória que se remete ao conjunto das funções psíquicas do ser humano. Ela apresenta tanto aspectos biológicos como psicológicos quando está conjugada à esfera das ciências sociais e humanas. Também, o autor frisa a importância da linguagem, pois o comportamento narrativo é fundamental para o ato *mnemônico* que se caracteriza pela função social por meio da comunicação, o ato de comunicar. Le Goff (2003) aborda um estudo histórico da memória que a diferencia, entre a sociedade, como memória oral,

abordagem psicológica da memória <sup>19</sup>(MEIHY, 1994). Porém, conforme a experiência de vida de cada entrevistado, a memória é seletiva, inconsciente ou não. O silêncio e o esquecimento no ato da narrativa são evidências ricas e ocultas de grande significado para a análise da fonte oral. A memória tem o princípio de reorganizar a vida e a consciência do ser humano e, dessa forma, pode construir, desconstruir e reformular identidades (POLLAK, 1989, 1992; THOMPSON, 1992).

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros (POLLAK, 1992, p.5).

---

ou seja, sem escrita (retratada de selvagem, originando-se os mitos e as fábulas) e memória escrita. O autor explicita a fase de transição da oralidade para a escrita até os dias atuais, em que se depara com meios eletrônicos com o objetivo de expressar a profunda transformação na memória coletiva e no interior psíquico, nas funções sociais, na historiografia e nas técnicas pedagógicas, no conhecimento e na identidade, sendo a memória a fundadora da identidade. Pois, segundo Le Goff (2003, p.469), a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e angústia”.

<sup>19</sup> O filósofo francês Henri Bergson traz aliada à sua teoria de memória, a teoria de percepção pura, que em simples explicação é uma seleção de imagens subtraídas dos dramas do indivíduo e encerradas no presente. No entanto, a teoria de memória com base na metafísica e na psicologia busca demonstrar que as lembranças do passado, até antes do nascimento do ser, podem ser representadas (sendo um misto de matéria e memória que caminha nas cordas das subjetividades) em alguns momentos do tempo presente, por meio de tendências ou impulsos, porém são lembranças do passado em si mesmo. Não significa que a memória fosse comparada a uma gaveta onde as lembranças são salvaguardadas. Para alcançar as lembranças desse passado é necessário um movimento para a manifestação da imagem no presente, de modo a transportá-las do virtual para o estado atual, há um mergulho dentro de si e uma breve consciência de si mesmo que se confunde com nossos atos de liberdade. Conforme Bergson (2006), as lembranças causadas pelas sensações têm graus para se recompor no sujeito: começam fracas e aumentam à medida em que há uma fixação mental delas. Contudo, para o autor, a memória resulta de mobilidade e criatividade, unidas ao mundo espiritual e ao mundo material.

Pollak (1989, p.10) reconhece que a “nova história”, a história oral, deu voz à memória subterrânea<sup>20</sup> que entra em disputa com a memória oficial, isto é, a memória nacional. Mas pontua, “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. Contudo, o autor frisa a história oral como importante instrumento para expandir as investigações para novos campos de pesquisa.

Com o ato de narrar e a reconstituição das experiências, ou seja, o pós memória, Sarlo (2007, p.19) explicita os novos interesses de estudo em relação à guinada subjetiva, que após a década de 1960 dão evidência ao “eu”, ao estudo da identidade do sujeito, à narração em primeira pessoa, que destaca a história oral e o testemunho como instrumentos importantes na reconstrução da confiança daquele que narra sua vida, na esfera privada e pública, política e afetiva, “para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada” ou reconstruir e reformular a consciência de si. Benjamin (1986) salienta que o ato de narrar está cada vez mais raro entre as pessoas, porém essa afirmação do autor está relacionada com os períodos pós-guerras. Conforme Sarlo (2007), na verdade, a história oral possibilita mais vozes – que não representam a história social – de serem ouvidas.

A pesquisa busca trabalhar de forma interdisciplinar e não se restringir a uma única perspectiva de análise. No entanto, ao se tratar das experiências humanas, lida-se com as “teias culturais” da relação com o outro no processo da vivência social. Dessa forma, parte-se da concepção de análise interpretativa, conforme o pioneiro da antropologia interpretativa, simbólica ou hermenêutica, Clifford Geertz (2001, 2008) nas reflexões dos significados das experiências culturais pois, desde a linguagem, as narrativas representam o mundo do simbólico e os códigos da identidade cultural.

Para Sarlo (2007), a linguagem liberta o silêncio da experiência, o corpo está unido com a voz ao narrar a experiência. E torna a experiência narrada significativa por ser uma construção discursiva compartilhada pelo sujeito (SCOTT, 1999).

Conforme Thompson (1992, p. 203), a linguagem tem um grande peso cultural. Ao falar da inconsciência que compõe uma estrutura semelhante à linguagem e da construção da identidade pessoal e sexual pela reinterpretação da psicanálise, o autor destaca que a linguagem é carregada de “simbolismo cultural inconsciente do gênero”, ou seja, há uma cultura que sempre privilegiou a masculinidade na forma e nas regras

---

<sup>20</sup> Para Pollak (1989, 1992), a memória subterrânea é a que representa os grupos minoritários e oprimidos na história oficial da memória nacional, e também, diferencia-se da memória herdada, que é aquela adquirida no cotidiano e nos hábitos de cada grupo social.

linguísticas, “a forma feminina só entra como exceção”. Percebe-se desde a história social a voz da mulher ser abafada e ignorada.

A história oral começa a dar voz à mulher, ampliando a igualdade aos grupos sociais à margem do poder (THOMPSON, 1992; SARLO, 2007; SCOTT, 1999). Desse modo, continua-se a ampliar essa voz feminina por meio do relato de experiência de viagem, afirmando assim sua autoridade. Para Araújo, Nara (2008), o relato é um exercício de afirmação do poder presencial na sociedade ao validar a voz da mulher. Sabe-se que desde o imaginário social as histórias produzidas das viagens trazem como protagonista o homem, o viajante.

Procura-se, dessa forma, atentar aos objetivos específicos da pesquisa: descrever e analisar o relato de uma experiência de viagem na perspectiva da mulher; caracterizar o perfil e verificar as motivações das viajantes independentes. E refletir: *como o ato de viajar autônomo pode se revelar uma experiência significativa à viajante independente?*

Figueiredo (2010) justifica o quanto é rico um relato de experiências de viagem, pois elas se configuram mais significativas quando registradas e/ou por transparecer, por meio da experiência, o enriquecimento pessoal (reformulação, adaptação e reconstrução de valores humanos) e social, isto é, como o ser humano que viaja se vê após a viagem e como reflete ou percebe “os outros”.

Sarlo (2007) ressalta que o relato é composto de fragmentos, assim como a reconstituição da memória. Pois, conforme a experiência vivenciada, as falhas e os esquecimentos da memória podem ser um mecanismo de defesa. Porém, a autora afirma o quanto é valorativa a narrativa em primeira pessoa, para entender uma das formas de representação do “eu”. Portanto, os relatos deixam perceptíveis a transformação, a construção e o desenvolvimento da figura da viajante independente, pautando-se em características fundamentais: na errância, na liberdade e na aventura. Essas características conjugadas no interior da viajante se transformam em experiências significativas.

O sujeito da pesquisa e, conseqüentemente, o elemento central é a viajante independente, que planeja ou não suas próprias viagens, ou seja, o planejamento é construído pelo caminho, pois entre as motivações está o vivenciar cada momento, deixando a viagem guiá-la. Preza por experiências marcantes e enriquecedoras do ponto de vista cultural, social, ambiental e pessoal. O fator tempo é determinado por suas buscas, realizações e desejos no ato de viajar.

Contudo, justifica-se a relevância da escolha do estudo por se tratar de uma mulher que parte sozinha, em vista da história social em relação a esse gênero. Na sociedade brasileira, ainda se presencia altamente enraizada uma mentalidade machista em relação às mulheres que viajam sozinhas. Há um discurso bastante comum sobre os riscos desse tipo de viagem, que revela o preconceito em relação à mulher (ANTONIOLI, 2015). De fato, em função desses condicionantes sociais, ainda são incomuns mulheres que viajam sozinhas, principalmente brasileiras (CARPAREZZI, 2015; WATSON, 2012), tema que o estudo procurou investigar. Além de estarem desacompanhadas nesse universo das viagens, são brasileiras e tomam como modal privilegiado de transporte, a bicicleta.

### 2. 1.1 Análise dos elementos

A pesquisa é organizada pelo uso do método e a técnica da história oral temática sobre um relato significativo de viagem com recorte de gênero. Parte de uma abordagem qualitativa e descritiva. No início da investigação realizou-se o processo de aprofundamento teórico, o levantamento bibliográfico, leituras e fichamentos para a elaboração do corpo teórico sobre o ato de viajar, o gênero, o quanto a experiência pode se tornar significativa a fim de promover uma busca ou (re) encontro da viajante com ela mesma, sobre as características que afluem no desenvolver e no construir da figura da viajante independente, elemento central da pesquisa. Também, como se refere na história oral o sujeito colaborador (MEIHY, 1996), por meio da busca por experiências singulares e que atribuem mais sentido à vida, derivadas do legado do *mal-estar* social da pós-modernidade ou hipermodernidade, com a era globalizante, nas quais a viagem delinea o turismo, em razão de outros significados e interesses no fenômeno social e cultural.

Procurou-se abordar a noção de experiência pelo viés filosófico, porém não com o teor teórico clássico, mas percebendo a experiência como prática cultural e social, como um novo estilo ou modo de vida móvel, sendo ela transformadora no processo de aprendizagem por meio das viagens (AVENA, 2008; DE BOTTON, 2012; PANOSSO NETTO, 2010, SCOTT, 1999), com um fio condutor interdisciplinar, concebida como uma experiência significativa (TRIGO, 2010, 2013), ou seja, essencial para a vivência humana, transgredindo a ordem conservadora estabelecida e promovendo abertura à errância, à aventura e à liberdade na constituição da autonomia, transfigurando-a em

ato de educar (FREIRE, 2010) que pode resultar no amadurecimento, na autoconsciência, na transformação pessoal e social, nas identidades culturais do sujeito da ação, no conhecimento e autoconhecimento, isto é, a experiência da viagem como jornada interior.

Concebe-se o relato de viagem como uma ferramenta fundamental, pois conforme Figueiredo (2010), possibilita analisar a desconstrução, o desenvolvimento e a construção da figura da viajante independente e verificar as transformações concebidas por meio das experiências significativas com as viagens autônomas. O relato é composto por memórias e sentimentos, é o momento de reflexão do “eu”. Segundo Candau (2012), as lembranças marcadas por experiências mais profundas compõem a memória do ser humano, sendo a memória elementar ao transcrever e ao influenciar a elaboração das identidades, das personalidades, dos “eus” (*selves*) e na evolução da consciência de si no mundo.

Figueiredo (2010) ressalta a existência de vários gêneros de relatos de viagem, como fictícios ou reais. Porém, nessa direção, a pesquisa procurou trabalhar com os relatos reais, por meio do depoimento oral da protagonista da ação, a fim de resultar em maior riqueza para a análise, transparecendo em palavras e expressões a emoção sentida por meio da memória ao remeter às lembranças mais marcantes, decorrentes da experiência significativa de viagem.

Para Trigo (2010, 2013), por mais que se saiba que existem experiências de diferentes ordens ao longo da vida, há experiências mais intensas do que outras, que dialogam com a alma humana ao ponto de nos modificarmos, como o processo do ato de viajar autônomo realizado por mulheres.

O relato de viagem configura-se em um depoimento ativo de exercício de poder, ao viabilizar a voz da viajante independente e possibilitar que ela (re) escreva a própria história de vida e construa uma nova história do ato de viajar pelas mulheres, que em séculos passados da história social era uma presença abafada, silenciada e inferiorizada, tanto na forma escrita como oral (SERRANO, S., 2017; SCOTT, 1995). Nessa direção, o método de história oral propicia a compreensão de como atores sociais interpretam e vivenciam situações, modos de vida e acontecimentos. É um método fundamental para analisar as experiências e acontecimentos no campo das ciências humanas.

Com relação ao relato oral, a presente pesquisa objetiva *analisar a figura da viajante independente construída no percurso das viagens*, a partir do método e com a técnica da história oral sobre um relato de uma experiência significativa de viagem. E

atender os objetivos específicos: *descrever e analisar o relato de uma experiência de viagem na perspectiva da mulher e caracterizar o perfil e verificar as motivações das viajantes independentes.*

Depara-se com dez casos de viajantes com elementos comuns para a seleção inicial dos relatos do grupo universal: *suspensão das obrigações sociais, a viagem como busca existencial, ser brasileira e maior de idade, utilizar diversas formas de transporte e hospedagem, na maioria solidária (na base da troca), mas, que inicialmente, viaje desacompanhada e de bicicleta, um meio sustentável, democrático e econômico de deslocamento no espaço social.*

De acordo com a técnica do método de história oral é permitido ao pesquisador investigar e colher dados dos sujeitos potenciais encontrados para a escolha do grupo da pesquisa geral e da específica, selecionado conforme os critérios definidos pela pesquisa. A investigação foi viabilizada tanto por contato pessoal, como por meios intermediários (meios eletrônicos digitais), pois a maioria das viajantes publicam suas experiências em redes sociais, facilitando o encontro com elas (direto ou indireto) e também com o contato das suas experiências de viagem para composição do quadro geral do estudo (QUADRO 1). Nessa etapa, houve apenas contato direto, quando necessário, com o intuito de obter maiores informações ou por ocasião de encontros pessoais em eventos informais ou cicloativistas, a fim de evitar frustrações e constrangimentos, já que o estudo apenas escolheu três relatos para o aprofundamento da investigação.

A seleção é acompanhada de fragilidades e dificuldades, pois se trata de uma experiência não convencional de viagem realizada por mulheres de nacionalidade brasileira, que inicialmente partem desacompanhadas e com a bicicleta, fato que reflete um grupo muito pequeno de mulheres nessa prática. No entanto, as viajantes independentes que publicaram e criaram relatos virtuais facilitaram o processo ao serem identificadas, mas também houve o contato proporcionado por meio de outra viajante ou por pessoas que sabiam da pesquisa (o chamado *boca a boca*).

Apresenta-se, no quadro geral, as viajantes independentes identificadas no processo de investigação e seleção que atenderam aos critérios iniciais da pesquisa. Visa-se, por ética de pesquisa, *a priori*, a fazer uma denominação geral com os dez casos identificados como Viajante, com numeração de um a dez, sendo uma forma usual de identificação em pesquisas, expressa no quadro a seguir:

## QUADRO 1 - As viajantes independentes

| Sujeito   | Motivação   | Casos  | Contato                                      | Período/<br>Tempo  |
|---|---|--|--|--|
| Viajante 1<br>Natural de Minas Gerais, atualmente mora em Brasília e tem 37 anos.<br>Formada em Administração.                              | A bicicleta sempre foi o seu meio de transporte e lazer até descobrir a possibilidade de viajar. Fez uma viagem teste de um mês para Santiago de Compostela (Espanha) e lá descobriu que seria capaz de viajar de bicicleta. Nessa viagem fez um amigo colombiano, daí nasceu a decisão de visitá-lo na Colômbia de bicicleta, sozinha. Também tinha interesse de conhecer lugares em sua essência.<br>Resolveu vender os pertences e tirar licença do trabalho. E assim fez a primeira viagem longa pela América do Sul. | A viagem era para ser de apenas um ano, mas se estendeu para quase dois anos. Afirmou viajar sozinha, pois não encontrou companhia que estivesse disponível, mas também era uma viagem para si própria. Revelou estar bem com ela mesma. O plano era ir até a Colômbia, mas acabou sendo quase toda a América do Sul. Partiu do Brasil, da cidade de Florianópolis (SC) e percorreu Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e dezenove cidades do Brasil.                    | Rede social<br>Celular                       | Janeiro de 2015 a dezembro de 2016                                 |
| Viajante 2<br>Natural do interior de São Paulo, mora em Taubaté.<br>37 anos. Curso superior completo <i>Personal trainer</i> e montanhista. | Resolveu tirar um ano sabático e realizar o sonho de viajar pedalando pela América do Sul.<br>Em 2004, teve uma lesão no joelho e ficou quase dez anos sem pedalar, mas resolveu realizar seu sonho.  | A viajante criou um projeto de viajar pela América do Sul, com início em Curitiba, sozinha. Com o decorrer da experiência, trabalhou como monitora, agente de viagem, chegou a fazer artesanato para se manter na viagem de um ano, que se transformou em quatro anos. Afirmou em palestra que não quer mais realizar viagens longas, essa foi a primeira e única, mas mostrou que foi capaz de fazer tudo que desejava.<br>Percorreu dezoito mil quilômetros de bicicleta por seis países: Brasil, Uruguai, Argentina, Chile, Peru e Bolívia. | Rede social<br>Celular<br>Pessoal em evento. | Agosto de 2013 a setembro de 2017.                                 |
| Viajante 3<br>Natural de Mato Grosso do Sul.<br>29 anos.<br><br>Curso superior incompleto em Arquitetura.                                   | Sempre buscou fazer viagens autônomas, viajava de carona quando estava na universidade para ir aos congressos. Há quatorze anos está no mundo das viagens, pegando caronas, até que sentiu necessidade de mais autonomia, pois a cada carona era a mesma “entrevista” sobre o seu modo de viajar. Assim, em uma viagem em 2015 pela Patagônia, ao ver dois rapazes  | Depois de oito meses de preparo físico e psicológico, três tentativas, partiu com o plano inicial de sair de Bonito em Mato Grosso do Sul, para chegar até o México, mas o plano mudou na Amazônia, onde encontrou três amigas e duas delas aceitaram seu convite de viajar juntas, porém começando do México até o Brasil. Voaram para o México e, depois de alguns   | Rede social<br>Celular                       | Março de 2016 a julho de 2017. Retornou à estrada em maio de 2018. |

|  |  |   |  |                      |
|--|--|---|--|----------------------|
|  | <p>viajando de bicicleta, tomou a decisão de assumir esse meio de transporte com o objetivo de chegar ao México. Trancou matrícula na universidade, trabalhou vendendo brigadeiro, vendeu pertences e comprou a primeira bicicleta por meio do aplicativo da <i>OLX</i>. Pretende descobrir do que seu corpo é capaz.</p>  | <p>meses, a Viajante seguiu viagem sozinha, dizendo que nesse momento começou a viagem que procurava. No percurso, buscou ser dona do seu caminho e tempo, sentir a viagem ao extremo. Seus roteiros seguiram sua conexão com a natureza e os animais. Percorreu quatorze países de bicicleta, entre América Central e do Sul (Brasil, México, Cuba, Belize, Guatemala, <i>El Salvador</i>, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia). Considera a estrada seu lar. Totaliza três anos de bicicleta.</p>  |  |                      |
| <p>Viajante 4<br/>Natural de São Paulo.</p> <p>38 anos.<br/>Bióloga e Mestra em conservação da biodiversidade vegetal.</p> | <p>Decidiu se libertar de seus medos. Pesquisou e constatou que mulher alguma havia até então realizado viagem de bicicleta pelo Alasca. Resolveu ser uma das incentivadoras, além de sair da zona de conforto e fazer algo só para si, pois era casada e fazia tudo juntamente com outra pessoa. Após viagem a trabalho aos Estados Unidos da América, resolveu ter uma experiência de viagem mais autônoma por lá, chegou até a dormir e comer com moradores de rua, ver que é possível viver com pouco e respirar a cultura da bicicleta. E também, em um momento emocional muito forte, começou a brotar a ideia da viagem e da lista que tinha elaborado sobre o que faria se não tivesse medo. Assim, surgiu o projeto de viagem ao extremo das Américas, que se tornou seu projeto de vida. Resolveu se separar, sair do emprego que gostava muito e planejou a viagem durante nove meses, até que partiu sem preparo físico.</p> | <p>Criou o projeto do extremo das Américas, uma viagem desde o Alasca até o extremo da Argentina, com o objetivo de conhecer os parques de unidades de conservação, constatar o estado de conservação deles e a relação com as pessoas. Viajou desde o Alasca e conviveu com seus medos em plena imensidão branca. Foi um grande desafio, afirmou a Viajante. Por conta desses medos, no início da viagem desenvolveu um problema de saúde, que é hereditário, a diabetes. Ganhou condicionamento físico no caminho, aprendeu que nada lhe pertence, inclusive o planejamento. Seguiu viagem procurando sentir as pessoas, acampando, fazendo a própria comida, além de receber doações pela admiração e generosidade das pessoas. Descobriu que consegue viver com muito pouco. Nesse caminho, teve a viagem interrompida por um acidente no ombro, em junho de 2017, após uma queda na Costa Rica. Teve que retornar ao Brasil em outubro para tratamento, mas disse que está em São Paulo como visitante, pois sua viagem atualmente é uma escolha de vida.</p> <p>Já tem dezesseis mil e sessenta e dois quilômetros pedalados. O problema mais</p> | <p>Rede social<br/>Celular<br/>Pessoal</p> | <p>Abril de 2016</p> |

|  |  |  |             |                                    |
|--|--|--|-------------|------------------------------------|
|  |  | grave com a bicicleta na viagem foi a quebra do raio no México.  |             |                                    |
| Viajante 5<br>Natural de Salvador, Bahia.<br>44 anos.<br>Dentista.                       | Trabalhava anteriormente como dentista na cidade de Palmeiras, na Bahia. Largou o consultório com o objetivo de transformar sorrisos pela América do Sul.  | Partiu sozinha na missão de transformar sorrisos pela América Latina. Viajou de mochila e utilizou diversas formas de transporte, entre elas, a bicicleta.<br>Durante a viagem trabalhou como dentista voluntária no Peru e no Equador, além de vender brigadeiro, comida e artesanato, entre outros itens, para se manter em viagem.<br>Percorreu seis países: Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia, Peru e Equador.<br>Buscou viver com o essencial, conhecer lugares, culturas e encontrou pessoas especiais nessa experiência.   | Rede social | Fevereiro de 2015 a junho de 2016. |
| Viajante 6<br>Natural de Timbó, Santa Catarina.<br>27 anos.<br>Programadora de produção. | Em razão de problemas pessoais, resolveu fazer uma mudança radical na sua vida. Ao descobrir em uma rede social que amigos argentinos iriam fazer uma viagem de bicicleta, resolveu embarcar junto, numa decisão repentina, pois não tinha familiarização com a bicicleta. Comprou uma, vendeu seus pertences, saiu de casa e do emprego e fez uma festa para arrecadar dinheiro e viajar para a Argentina depois de quinze dias. O plano de viagem se modificou pelo caminho, quando decidiu ir até o México. | A viagem começou na Argentina com três pessoas e o grupo aumentou pelo caminho, porém se separou por conta de alguns desentendimentos. Durante sete dias a Viajante esteve sozinha pela primeira vez, no deserto de San Pedro de Atacama. A princípio, o interesse era apenas seguir viagem, mas após a separação começou a pensar nos trajetos que gostaria de fazer e resolveu ir inicialmente até o México. Viajou alguns trechos sozinha até encontrar novas companhias e, assim, seguiu em suas viagens. Atuou como garçomete, entre outros trabalhos. Em quase dois anos de viagem, trabalhou por um período. Voltou para sua cidade natal, Timbó, para visitar a família no final de 2017. Já percorreu: Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Equador, Amazônia Equatoriana, Colômbia. Está atualmente na Costa Rica. | Rede social | Agosto de 2015.                    |
| Viajante 7<br>Natural de Guaraí, Tocantins.<br>29 anos.                                  | Desde a infância sonhava em voar. Teve uma infância de privações. Aos vinte e quatro anos foi morar sozinha em Florianópolis (Santa Catarina) e resolveu viver o seu sonho de infância. Saiu do emprego e  | Partiu em viagem da cidade de onde morava e trabalhava para seguir o sonho que sempre teve desde a infância, pois sofreu muitas privações ao ser separada da mãe aos oito anos de idade. Cresceu   | Rede social | Outubro de 2015                    |

|   |  |  |  |                    |
|---|--|--|--|--------------------|
|   | partiu de bicicleta, com o objetivo de quebrar mitos e conhecer outros lugares, pessoas e culturas.  | em um mundo no qual se diz “que o lugar da mulher é ser dona do lar” e que “a cor define o caráter”. Nessa experiência busca voar, deixar a viagem guiá-la com a bicicleta, que sempre foi seu meio de transporte. Partiu a fim de provar e vencer os medos e quebrar mitos. Já trabalhou na cozinha de um barco para atravessar o canal do Panamá, como atendente, com artesanato, jardinagem e outros<br>Percorreu: Brasil, Uruguai, Argentina, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, El Salvador, Guatemala, Belize, México e atualmente está nos Estados Unidos da América. Pretende ir até o Canadá e terminar a viagem. |  |                    |
| Viajante 8<br>Natural de Araxá,<br>Minas Gerais<br><br>29 anos.<br>Tecnóloga em<br>alimentos.   | Tinha o sonho de viajar e se aventurar pela América do Sul, em contato com a natureza, vencendo desafios. Resolveu seguir esse sonho e documentar a cultura de lugares que desejava conhecer.  | Partiu de <i>Ushuaia</i> , no extremo sul da Argentina. Pretendia viajar por um ano, com o plano inicial: Argentina e Chile até chegar a Bolívia, passando pelo Peru, Equador, Colômbia e voltar para o Brasil, atravessando a Amazônia, Chapada dos Veadeiros, Caminho dos Diamantes da Estrada Real e chegar a Ouro Preto (MG). Mas, ao sofrer uma inflamação no joelho a caminho de <i>La Paz</i> , teve que interromper seu projeto de viagem para se recuperar. Em fevereiro de 2017 voltou à estrada pelo Brasil. Entre os países percorridos: Brasil, Argentina, Chile, Bolívia e Peru. Em viagem, vende artesanato.  | Rede social  | Fevereiro de 2016. |
| Viajante 9<br>Natural do interior<br>de São Paulo.<br>Mora em Porto<br>Alegre, Rio Grande<br>do Sul.<br><br>33 anos.<br>Cicloativista e<br>feminista. | Começou viajando de bicicleta com três amigas, no início de 2018, por três semanas pelo Uruguai, como teste para realizar um projeto de viagem sozinha em bicicleta de bambu e com o objetivo inicial de chegar até o México, para incentivar mais mulheres a ocuparem as vias, pois afirma que o número de mulheres que | Após conseguir levantar dinheiro por meio de <i>site</i> coletivo, adquiriu a bicicleta de bambu. Partiu de Porto Alegre em novembro, buscando transformar a bicicleta e a estrada no seu novo lar. O objetivo é chegar ao México, embora não tenha um roteiro fixo, mas pretende percorrer toda a América   | Rede social<br>Celular<br>Contato<br>pessoal em<br>evento. | Novembro de 2018.  |

|   |   |  |             |                |
|---|---|--|-------------|----------------|
|   | pedalam é muito baixo. Largou família, emprego, vendeu tudo que podia, pesquisou e procurou aprender sobre plantas comestíveis.   | Latina. Pretende ser uma incentivadora ao desmistificar alguns medos e pedalar fora da zona de conforto.   |             |                |
| Viajante 10<br>Natural de São Paulo.<br>37 anos.<br><br>Quase uma artesã. | Sempre fez viagens curtas, como para Minas Gerais e para o litoral, entre outros lugares da região sudeste, sozinha e com amigos. Até que resolveu fazer uma viagem longa, mas em uma decisão que diferiu das anteriores, pois teve que trabalhar o desapego da família, sair do emprego e seguir viagem com o objetivo de pedalar por toda a América do Sul. | Já faz quase três anos que viaja pela América Latina, diz ser uma <i>viageira</i> que gosta de desfrutar o momento sem pressa, não tem um roteiro definido, afirma que segue por onde o vento leva e o sol se põe. Ama alturas, costuma fazer montanhismo e acampar em noventa por cento da viagem, e apenas cinco por cento em hospedagem solidária. Carrega cento e vinte quilos de bagagem, faz artesanato com arame, mas afirma não ser <i>hippie</i> . Só faz os trabalhos quando precisa de dinheiro para alimentação. Vende ou compartilha suas obras com pessoas especiais, pois não segue a lógica do capital. São trabalhos que não são feitos apenas por fazer. Começou a viagem no Rio Grande do Sul e foi para a Argentina. Percorreu toda a América Latina, mas por falta de dinheiro não conseguiu atravessar para o México e, sempre percorrendo entre o Chile e a Argentina, voltou para o Brasil. Pretende ir para Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Amazonas e região Nordeste. Não é muito ativa nas redes sociais. | Rede social | Março de 2016. |

Fonte: A autoria da pesquisadora, 2018.

No período de julho foi efetivada a seleção para a definição do quadro. Realizou-se contato direto (meio virtual e/ou pessoal) somente com cinco viajantes: Viajante 9 (contato na rede social e encontro pessoal por meio do evento de bicicleta *100 gurias 100 medo*, realizado no Rio de Janeiro); Viajante 10 (contato por rede social pessoal); Viajante 4 (contato por rede social pessoal, celular, encontro pessoal); Viajante 3 (contato por rede social pessoal, celular e encontro pessoal); Viajante 2 (contato por rede social pessoal, celular e encontro pessoal por meio de evento sobre seu projeto de viagem em São Paulo); e a Viajante 1 (contato por rede social pessoal, celular e encontro virtual). Com as outras viajantes foi feito apenas contato indireto por meio de

buscas e informações de *sites* e /ou redes sociais virtuais de acesso público. Pois, no processo de seleção, um dos maiores problemas foram a distância coligada ao difícil acesso à internet, como o caso da Viajante 10, que se encontra em experiência de viagem pelo sul do Brasil, e também pela falta de disponibilidade de tempo da Viajante 2. No entanto, para a seleção, também foram priorizados o acesso às viajantes e sua disponibilidade de tempo, além do acesso aos meios virtuais delas.

Portanto, para o aprofundamento do relato foram selecionadas três viajantes, conforme os seguintes critérios específicos: *viajante com o maior tempo de viagem (mais de um mês), que utiliza a bicicleta na maior parte da experiência, opte por uma viagem econômica e que tenha concluído a viagem ou que a escolha como um novo estilo de vida por tempo indeterminado.*

Justifica-se a escolha de três relatos entre as dez viajantes – identificadas na maioria por meio de buscas em *sites* e redes sociais – para efetuar o aprofundamento da análise da investigação sobre as experiências significativas das viagens autônomas. Para Veal (2011), é usual um número reduzido de participantes em entrevistas que exijam uma análise mais profunda como o relato oral, já que cada relato tem sua própria complexidade, guiado por meio de um roteiro, instrumento de pesquisa mais habitual para esse tipo de aprofundamento de análise, em vez de um questionário formal, pois o roteiro é menos estrutural do que uma entrevista semiestruturada, uma vez que não se constitui somente por questões, mas sim apresenta em maior parte os tópicos dos assuntos que se procuram investigar no relato. O roteiro é apenas uma orientação e as perguntas geralmente são (re) elaboradas ou construídas no processo da entrevista, conforme cada relato.

Meihy (1996, p.13) afirma que a história oral é um “recurso moderno usado para elaboração de documento, arquivamento e estudo referente à vida social e pessoal” e as principais ferramentas do pesquisador são o roteiro e o gravador. A entrevista é como se fosse uma conversa informal com o entrevistado, mas que exige atenção e o saber ouvir pelo entrevistador para orientá-lo no assunto que necessita abordar durante a investigação. O entrevistador deve deixar o entrevistado o mais à vontade possível e tomar cuidado para evitar interrupções, porém não quer dizer que elas não possam ser feitas, principalmente, para evitar narrativas que saiam do rumo do objetivo do estudo. A proposta do método de história oral é de uma relação mais humana e sensível do entrevistador com o entrevistado, que busca evidenciar a voz do entrevistado, mas sem torná-la um monólogo.

A elaboração do roteiro (apêndice A) segue a sequência básica inicial e com algumas questões principais, que se julgam importantes para o objetivo da pesquisa. Outras questões são construídas de acordo com o desenvolvimento de cada relato, mas não chegam a diferir muito do roteiro geral, com apenas algumas para “explorar” mais o que foi relatado ou o que tenha ficado pouco claro.

Portanto, o estudo selecionou a Viajante 4, a Viajante 3 e a Viajante 1, entre as dez viajantes dessa etapa. Apenas com a Viajante 1 foi realizada entrevista pelo recurso virtual (*Skype*), por causa da distância de localidade entre a entrevistadora e a entrevistada. Ainda que o “face a face” seja mais interessante na história oral, em relação ao contato pessoal para melhor observação do comportamento e das expressões no ato da fala, o recurso virtual é uma alternativa possível e também usual. Thompson (2000) e Meihy (1996) frisam que o surgimento das novas tecnologias possibilita a entrevista virtual, ampliando as ferramentas de pesquisa da história oral.

Todas as entrevistadas ficaram muito felizes com o convite da pesquisa e de poderem participar e doar seu relato de experiência de viagem. Desde o início do contato, se mostraram solícitas. Nesse contexto, a escolha do local e a hora da entrevista ficaram a critério das viajantes, como propõe o manual de história oral (ALBERTI, 2005; FREITAS, 2002; MEIHY, 1996).

A primeira entrevista foi feita com a Viajante 4 no início do mês de agosto, às três da tarde, em um dos cômodos do patrimônio histórico e cultural “Casas das Rosas”, na cidade de São Paulo, com duração de duas horas de relato, com poucas intervenções.

A segunda participante foi a Viajante 3, que estava em meados de agosto em São Paulo, cidade de origem da pesquisadora, fato que possibilitou um encontro pessoal na zona leste da cidade, em condomínio residencial onde a viajante estava hospedada temporariamente, ocorrido às duas horas e trinta minutos da tarde, com duração de uma hora e quinze minutos.

Já a terceira entrevista foi com a Viajante 1 no mês de setembro, realizada à distância por *Skype* (recurso virtual), às vinte horas, em sua residência atual na cidade de Brasília, com duração de um hora e quarenta e oito minutos (com poucos problemas na rede virtual). Nesse período da entrevista a pesquisadora, apesar de estudar em Brasília, estava em São Paulo.

Todos os contatos anteriores às entrevistas foram realizados por meio das redes pessoais de cada viajante. A cada contato era explicado o objetivo geral da pesquisa – *analisar a construção da figura da viajante independente no percurso da viagem* –

destacando-se que entre os critérios do estudo estava o de viajar sozinha e de bicicleta. A pesquisadora apresentou o convite de participação na pesquisa (Anexo A) e o termo de autorização do uso da imagem e som (Anexo B), além da autorização dada pelas viajantes no ato da gravação, confirmando a doação do relato à pesquisa e a qualquer atividade de publicação científica. Também perguntou a forma como gostariam de serem identificadas na entrevista, em vista de que todas as entrevistadas têm “páginas” públicas em redes sociais construídas ao longo das viagens, pois concebem as “páginas” não como uma promoção pessoal, mas como um instrumento de empoderamento para futuras viajantes, bem como um meio de compartilhar notícias de si mesmas, sentimentos, imagens, vídeos e experiências.

Na investigação, o interesse inicial era encontrar mulheres que viajassem sem esse compromisso de registro virtual nas redes sociais, porém esse é um fenômeno que vem crescendo, como forma de facilitar o encontro e o acesso ao serem vistas e reconhecidas enquanto incentivadoras do empoderamento da mulher. E, conforme os relatos das viajantes, percebe-se que o quadro geral do estudo (Quadro1) contempla a maior parte das viajantes independentes que usam a bicicleta no processo da viagem, desacompanhadas e brasileiras.

Verifica-se também, com as novas formas de mobilidades contemporâneas, que os registros de viagem não são apenas comprometidos pela escrita, apesar das viajantes também escreverem em seus diários de bordo. Os registros seguem o tempo dos avanços globais tecnológicos, no qual cada vez mais se caminha para a era midiática e das imagens, o que dificulta o anonimato total, que se torna uma opção pessoal. Atualmente, percebe-se por meio da mídia ou rede social um crescimento do número de viajantes ou a formação de grupos que se constituem no percurso, ou que já se agruparam pelas redes sociais. O interesse dessas pessoas é se tornarem “viajantes profissionais” ou encontrarem um “novo modo ou sentido de vida” por meio do ato de viajar; pegando carona, trabalhando em viagem, ficando em hospedagem solidária, buscando a experiência como enriquecimento pessoal, cultural e social (ELLIOTT, URRY, 2010; MAGNANI, 2002; URRY, 2009). Observa-se que, inicialmente, a maioria desses viajantes ou são casais, ou se juntam em viagem ou são homens, porém a presença da mulher nessa proposta de viagem vem tomando corpo.

Em suma, o estudo segue os procedimentos do manual de história oral que lida com o compromisso ético. Procurou-se seguir o protocolo do método e da técnica de história oral, que contém os termos, como doação do documento dos relatos, autorização do

entrevistado que pode ser realizada no ato da gravação, mas também por meio de termos como a autorização institucional acadêmica de pesquisa em ciências humanas com consentimento registrado pela entrevistada, contato inicial ou por meio de informações nas redes sociais (recurso alternativo dependente da localização geográfica do entrevistado), ou contato pessoal para a seleção das entrevistadas que satisfaziam os critérios específicos de pesquisa nos locais indicados pelos elas ou em ambientes onde não houvesse interferência. Etapas: realização dos agendamentos, elaboração dos roteiros da entrevista (geral e específico) (APÊNDICE A), explicação do objetivo do trabalho, gravações, edição (devido à falta de tempo e habilidade com edição de áudio se prezou a transcrição do material, com apresentação dos áudios em seu estado puro, a maioria na íntegra, autorizados sem necessidade de interferência e cortes). Procedimentos pré e pós entrevistas: transcrições, leituras, fichas de catalogação, conferências do conteúdo, observações do comportamento emotivo no ato da entrevista e outras anotações relevantes de campo, consultas realizadas com as viajantes para tirar dúvidas ou complementar dados, análises dos relatos e interpretações, entre outros. E, caso necessário, aconselha-se agendar outras sessões, com o consentimento das participantes, para que a entrevista não se alongue, pois esta não deve durar mais de duas horas (ABERTI, 2005; FREITAS, 2006; MEIHY, 1996). No entanto, não há uma regra sólida de fazer história oral, apenas é preciso haver sensibilidade na relação e na comunicação com o outro (THOMPSON, 2000; PATAI, 2010).

O começo da gravação foi efetuado conforme o protocolo em entrevistas: apresentação e assinatura dos termos, declaração de agradecimento e objetivo da pesquisa, identificação a critério da viajante. Logo após a apresentação de si mesma é dado início ao relato. No entanto, por se tratar de uma experiência de viagem, com a autorização do sujeito, é uma pesquisa que não põe em risco a imagem do sujeito, sem necessidade de sigilo. Porém, por questões éticas e de cuidado com essa imagem, optou-se por utilizar, no corpo do trabalho, o primeiro nome – “Juli”, “Pam” e “Ada” – ou as três iniciais de cada viajante, bem como a denominação comum de Viajante.

Todas as informações observadas e comentadas durante a análise, que não foram gravadas no momento da conversa inicial (rede social e celular) ou aconteceram pós-gravação, receberam autorização das participantes por sua veracidade, isto é, em todo o processo procurou-se agir de forma ética. E, segundo Alberti (1996), geralmente quando se desliga o gravador é comum a pessoa entrevistada fornecer informações pertinentes ao estudo que não haviam sido compartilhadas anteriormente.

No ato da entrevista com a Viajante 4 foi usado um gravador tradicional de voz e registro em imagem fotográfica. Já com as outras duas Viajantes usou-se dois gravadores (aplicativo do celular e o tradicional de voz), além do registro fotográfico. No processo de pesquisa após as entrevistas os áudios foram revisados e estão de acordo com a autorização final das participantes, assim como as informações complementares sem gravação ou por meio de áudio-mensagens.

A pesquisadora efetuou as observações relevantes no ato da gravação: emoção e ação (comportamentos). Realizou também a etapa das transcrições, a primeira versão integral com todas as marcas das narrativas (Apêndices B, C e D), a contextualização e a *transcrição*, compondo a apresentação do relato de cada entrevistada, que configura uma versão limpa (sem vícios de linguagem, apenas mantendo aqueles que fazem sentido na fala e desfazendo as contrações como: “né, pra, tá, tó, sabe, então, assim, entendeu mesmo”, além de marcas de expressões como hum, hã etc.”). Dessa forma, a pesquisadora teve liberdade de interferência e de criação sem tirar a legitimidade dos relatos, além das transcrições parciais de fragmentos elementares (algumas partes foram grifadas com o objetivo de evidenciar a narrativa), para investigação e interpretação dos relatos em uma análise única. Apesar de se tratar de relatos com experiências singulares de viagens, os diálogos entre as fontes na análise visualizam o grau de generalização do intuito do estudo (ALBERTI, 2005; MEIHY, 1996; THOMPSON, 1992).

Segundo Delgado (2006, p. 18-19), as “fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos” e também podem “revelar novos campos e temas de pesquisa/recuperar memórias [...], possibilitar a construção de evidências via o entrecruzamento de depoimentos, etc.” Analisa-se os outros ângulos da história. Porém, o maior desafio do método e da técnica é o registro em áudio da emoção.

Nesse sentido, observou-se que apesar de serem três relatos de experiências significativas de viagens, as expressões e emoções causadas pelas lembranças no ato da fala são expressas tanto na própria entonação das vozes, como em gestos, risos, expressões faciais, sorrisos, e por lembranças engraçadas, empolgação ao narrar e olhos vivos e lacrimejantes, porém sem lágrimas escorrendo, mas carregados de emoção conforme as lembranças, nos relatos mais marcantes. Dessa forma, a história oral expõe tanto as marcas de emoções e expressões, como informações relacionadas às pausas e outras representadas nos colchetes, a exemplo de: [risos], [emoção], [inaudível], [pausa] e [silêncios]. Também, palavras e expressões que indicam destaque no ato da fala estão em caixa alta e referências de diálogo em itálico.

As três Viajantes demonstraram espontaneidade e desenvoltura no ato da fala. Segundo Freitas (2006), a desenvoltura e a espontaneidade na comunicação são pouco comuns, porém, mais frequentes em pessoas mais jovens. Em geral, as interferências pela entrevistadora foram feitas conforme cada relato, as intervenções foram apenas realizadas para saber mais do que havia no relato ou tirar dúvidas geradas no processo da narrativa. Porém, na maior parte dos relatos, as narrativas abordavam os assuntos elaborados no roteiro, sem necessidade de uma pergunta direta.

Em todo o procedimento houve a preocupação em deixar as entrevistadas à vontade, tirando dúvidas iniciais e instruindo-as, como de praxe, antes e após as gravações. A entrevistadora procurou evitar a produção de sons ou vícios de linguagem como “é, sim, né, sabe, hum etc.”, mas, ao mesmo tempo precisou se mostrar presente, passar confiança e interesse. Por se tratar de uma entrevistadora iniciante, procurou seguir o manual de história oral para efetuar uma boa entrevista. Porém, em cada ocasião, a pessoa entrevistada reage de uma forma e desenvolve um determinado raciocínio. Talvez, no momento da entrevista, tenha deixado passar perguntas que surgiram durante o relato, mas que também não se realizaram por entender que naquele momento o corpo do relato já apresentava os elementos que responderiam à pergunta. Algumas foram retomadas em outro momento após o dia da entrevista e da revisão do relato. Houve, em alguns casos, perguntas que se repetiram na tentativa de se explorar mais o assunto, ou por se perceber que houve pouca compreensão da questão.

No entanto, apesar do método de história oral dar liberdade de análise ao pesquisador, não é um método simples, exige muita atenção, tempo e dedicação, principalmente na transcrição, que geralmente é feita em equipe, dependendo da quantidade de relatos ou da duração das entrevistas. Por exemplo, uma entrevista de duas horas pode levar de oito horas até três dias de acordo com a habilidade e a experiência de quem transcreve, além do processo de pós-transcrição, o tratamento textual. Conforme os autores de história oral, como Thompson (1992), desde a entrevista e a pós-entrevista, o pesquisador aprende com os erros e a cada entrevista realizada.

O método de história oral decorre, usando a expressão freiriana, de uma grande “boniteza”, pois no processo da entrevista deste estudo houve emoção em ambas as partes. Verifica-se o quanto é relevante para a academia o método de história oral, pois ao abordar os relatos, lida-se com memórias de vidas reais repletas de subjetividades, sentimentos e alma. Frisa-se a relevância do estudo não somente à área do Turismo,

mas às demais áreas do conhecimento científico, pois o tema *viagens autônomas realizadas por mulheres desacompanhadas e de bicicleta* faz parte das reflexões e discussões do paradigma das novas mobilidades. Portanto, o estudo e as novas formas de viver e fazer o turismo – esse fenômeno que não é apenas social e cultural, mas humano – é de interesse pessoal da pesquisadora, assim como a compreensão do que se pode perceber como uma atual tendência ao vivenciar as viagens, das ações independentes das viajantes.

Contudo, Richardson *et al* (1999) afirma que um dos instrumentos essenciais para produzir conhecimento é a pesquisa. Houve pequenas modificações na elaboração da dissertação em relação ao projeto. Buscou-se trabalhar o tema do estudo com as possíveis relações pelo caminho da interdisciplinaridade, visto que o Turismo é interdisciplinar ou até transdisciplinar e pós-disciplinar, e por se tratarem de elementos subjetivos e complexos das ciências da humanidade.

## CAPÍTULO III- SER UMA VIAJANTE INDEPENDENTE: apresentação dos relatos

### 3.1 Relato de viagem: Juli

FIGURA 1- Juli no Alasca



Fonte: Aatoria da Viajante, 2018

O primeiro relato é de Juliana Hirata, “Juli”, que tem atualmente trinta e oito anos de idade, é paulistana e bióloga de formação. Na apresentação do relato a Viajante explica sua identificação como “Juli”, que foi um apelido carinhoso de família. Filha de pai de origem japonesa e mãe brasileira, declara que percebeu que o nome “Juli” seria muito mais simples de ser pronunciado, em termos das diferenças entre as línguas inglesa e espanhola, de acordo com os próprios amigos de trabalho estrangeiros, antes de sua viagem rumo ao Alasca. Passou também a ser identificada dessa forma nas redes sociais. Partiu no dia 23 de abril de 2016, considerado por Juli como uma nova data comemorativa de nascimento. A viagem começou por meio de sonhos, emoções, inquietudes e vontades interiores de realizar experiências que a colocassem diante de seus medos, algo que fizesse sozinha, sendo mulher. A partir daí, nasceu o projeto da viagem *Extremos das Américas*, que é, na verdade, seu projeto de vida!

Juli Hirata é o meu nome! Meu projeto se chama ‘Extremos das Américas’, porque eu estou fazendo de um extremo ao outro, do extremo norte ao extremo sul do continente americano. É mais ao norte que você pode chegar. Eu comecei mais ao norte que você pode chegar na estrada, que é no Ártico... É no círculo polar Ártico, numa baía chamada *Prudhoe Bay*, no Alasca, e vou até o extremo sul da América do Sul, ali na Argentina. Hum, pelo que eu sei ... é... que nenhuma mulher ou se alguma mulher fez, eu não tenho conhecimento, apesar de eu conversar com bastante gente ... esse trecho todo solo, de extremo a extremo! ... Tem umas viagens que começam, não é?! Ali no Canadá e vão até a Argentina, esse trecho de extremo a extremo do continente é conhecido como a Pan americana [...] ela começa no Canadá, mas muita gente que faz, não conhece o Ártico, que é o extremo do continente, mas eu sabia que vários homens já avisam feito isso, vários grupos já tinham feito isso! [Pausa pequena] Homens solos, mas nenhuma MULHER tinha feito isso ainda! E isso foi uma das grandes razões de eu bater o pé e fazer de extremo a extremo do continente, que nenhuma mulher tinha feito isso! [Pequeno silêncio, ar pensativa] ...Ah! Uma coisa que me inquieta bastante, é que...a primeira viagem de extremo a extremo do continente foi feita por dois casais. Eles saíram do sul do Alasca e foram até ...não chegaram a ir até o fim do continente, mas foram até a Argentina, e eles fizeram isso em mil novecentos e ... trinta e nove, quarenta e dois, mais ou menos [gestos com a cabeça] quando eles fizeram ... desde então, estamos em dois mil e dezoito e nenhuma mulher tinha feito isso... sozinha! Eu tinha feito antes de começar a viagem [...] fiz um levantamento das pessoas que viajam sozinhas e de bicicleta e o que eu vi é que...pouquíssimas mulheres viajam sozinhas e não é porque elas não querem ou porque elas não podem! É porque existe uma coberta de ... eu chamo isso de [empolgação na fala] uma nuvem de medo que nos mantêm em casa domesticadas quase, não é?!

A viagem surgiu como um “certo” incômodo e, entre eles, a necessidade de mais independência para ser mulher e fazer suas próprias escolhas. Entre suas inquietudes, também – como bióloga e mestra em ecologia ambiental de conservação em áreas protegidas de parques – está a curiosidade de ver as diferenças de uso dos parques nas Américas, além do desejo motivado pela leitura da obra *As Veias Abertas da América Latina*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano, que apresenta uma filosofia anticapitalista e anti-imperialista. A Viajante diz:

[...] sempre tive a curiosidade de conhecer os parques das Américas, as Américas como uma unidade, o continente como um só [...] livro que desperta exatamente esse entendimento de latinidade !!! [Tom empolgado] Da gente ser um só!!! Da gente ser esse povo que é produto, que é nascido desse contexto de opressão, de violência e de colonialismo fortíssimo! Eu queria entender é ... um pouco, porque quem morar perto de um parque nos Estados Unidos, por exemplo, supervaloriza a sua casa e morar aqui perto do parque do Estado, aqui em São Paulo, deprecia o preço... o valor da sua casa?! [...] Eu nunca achei que preservação e conservação da natureza se faz distante das pessoas! ... Essa ideia que o homem é muito distante da natureza, é ... é equivocada !!! É do passado! A gente sabe que a gente tem que fazer parte desse processo de conservação, a gente é parte disso tudo, e acho que as mulheres têm um papel fundamental nisso! Comunidades no México, tem umas comunidades matriarcais, que os índices de conservação e perda de biodiversidade são baixíssimos !!! Na Amazônia acontece a mesma coisa, então eu queria entender um pouco melhor como funciona esse mecanismo

de preservação e o empoderamento feminino! Então, como eu criei o projeto? Eu mapeei os parques que eu queria visitar! Eu vou conectando igual pontinho [tom alegre] entre os extremos das Américas. MAS antes disso [ressalta empolgada] eu não podia ir, porque eu tinha uma casa para pagar, eu tinha um ótimo emprego, eu era professora numa ótima escola, que eu ADORAVA dar aula! Eu tinha uma vida muito boa!

Segundo a Viajante, ela tinha uma vida muito confortável, um adorável emprego de professora, um casamento de dezesseis anos com bom relacionamento e companheirismo. Mas lhe algo faltava, ela tinha necessidade de si mesma, além de fazer coisas que fossem apenas resultantes de suas decisões, como viajar. Pois, segundo *Juli*, viajar já não era mais uma das vontades do seu ex-marido, porém ela sentia necessidade de fazer algo sozinha.

Eu estava num lugar que eu queria estar, de um jeito SUPER confortável !!! [Tom crítico] E aí o que a gente percebe que a zona de conforto, ela pouco é desafiadora, eu percebi que eu já estava patinando [riso curto]! Eu Não era SUPER feliz, mas também não estava triste. Eu não estava SUPER bem, eu não estava super mal! [Tom alto e baixo de ressaltado]. Eu estava naquela zona que tudo que vier está bom! [...] E aí, eu ...decidi que era hora de terminar esse relacionamento mesmo gostando muito dele! Era hora de sair desse emprego mesmo gostando muito de estar nesse emprego! ... Por uma coincidência, eu precisei ir para *Oregon* em uma cidade chamada *Portland*, é nos *Estados Unidos*, cidade mais amigável para bicicleta dos *Estados Unidos*! Todo mundo usa bicicleta para tudo lá! A bicicleta é uma cultura! E ter respirado um pouco dessa cultura da bicicleta lá, foi fundamental para mim nesse processo todo! Eu já estava pensando em separar. [...] Isso foi em dois mil e quatorze... eu fiz uma parada no Panamá, e lá eu conheci um grupo de mulheres que faziam *ollas* [panela], e elas falavam o quão era importante o pão centrado nelas, o gerenciamento do dinheiro... Então, eu fiz uma parada no Panamá e depois eu fui para *Portland* e aí lá em *Portland*, eu resolvi me dar um desafio! Eu falei: “- *Meu, eu quero viver, eu quero passar os quinze dias que eu vou ficar aqui, eu quero viver com o mínimo possível... de dinheiro!*” E foi uma das melhores experiências que eu vivi... alguns dias eu passei com menos de dez dólares por dia, mas eu dormi na rua, eu dormi junto com os moradores de rua, mesmo! Eu dividi comida com eles, eu aprendi um pouco do que é viver na rua! Eu conheci gente maravilhosa !!! [Sorriso] ... Esse foi o primeiro gostinho que eu tive que eu não preciso de tanto para viver ... Talvez eu não precise de um teto, talvez eu não precise de tantas roupas, talvez ... [sorriso] eu esteja mais confortável na rua do que eu imaginava... do que tinha imaginado que eu estaria [interferência de som e pausa curta] esse foi o primeiro gostinho! .... Um dia, comemorando, antes de voltar para o Brasil, eu estava no bar do teatro, bebendo cerveja e me veio uma situação que um moço passou por mim, ele olhou nos meus olhos, e eu desviei o olhar na hora, assim! Aí, eu pensei: “- *porque eu tenho tanto medo assim de olhar nos olhos das pessoas!*” ... Aí, eu pensando um pouquinho mais, eu descobri que mais do que eu tinha imaginado do meu dia a dia, eu vivia com medo !!! Aí, fiz uma lista do que eu faria se eu não tivesse medo, eu comecei a listar: eu me separaria; eu ficaria sozinha, não é !?; eu iria me desfazer das minhas coisas; me desfaria do meu carro; da minha casa; eu sairia do meu emprego; eu viajaria, sem ter medo; eu visitaria todos os parques sem precisar planejar... Porque aí não ter medo... “-*Ah, meu...para visitar todos os parques que eu quero visitar, eu preciso ter dinheiro, eu preciso ter ... carro, eu preciso de avião! Eu preciso ter ...*”. E na verdade, quando eu fiz essa lista, eu tirei todos esses medos. E falei: “- *Meu, o que eu faria?*” [...] Aí eu falei: “- *Vou considerar essa lista como uma coisa real e*

*guardei essa lista!*” Em julho de dois mil e quinze [...] eu me separei! E essa separação foi importantíssima, porque quando a gente está num relacionamento, a gente se vê na outra pessoa, não só uma outra pessoa [...] A gente compartilhava tudo!!! Quando você tem essa segurança de contar com o outro, muito do que você precisa, você não faz! Não é? ...Então, tem um pouco dessa... de viver com uma outra pessoa, de viajar com uma outra pessoa, um pouco de você não ser muito você, da outra pessoa ser um pouquinho você também, tem esse meio de campo que é ... que você fala: “- *Meu! não sou eu e nem é ele, somos nós!*” Eu percebi que uma parte GIGANTE da minha vida, somos nós! [...] Eu pensei: “- *acho que está na hora de eu reafirmar essa minha individualidade, essa minha personalidade. Quem eu sou? Quem sou eu?*” [Risos]” [...] Nossa vida era tão nós dois, que as pessoas não conseguiam distinguir e nem nós dois! Então, eu estava nesse desespero. Porque é isso... a separação para mim foi quase morte! Quase morri! Porque foram muitos meses de sofrimento, que eu achei que não fosse aguentar! [Silêncio pouco]. Um dia eu estava me desvaindo de chorar, eu estava quase morrendo [riso] eu não tinha forças para nada! Eu estava sentada no chão e uma gaveta estava aberta e eu bati na gaveta e a gaveta caiu, quebrou e o que cai no meu colo? ...A LISTA! .... Aí eu abri essa lista, eu falei: “- *Meu, quer saber de uma coisa. Eu vou fazer isso!*” E comecei a planejar! Foram nove meses de planejamento, quais eram os parques que eu iria viajar e eu foquei nisso, como meu projeto, o primeiro projeto de vida sozinha! Foi a primeira vez que eu estava planejando uma vida só para mim, sem pensar em mais ninguém! Então, esse foi o projeto, o projeto nasceu assim, desse momento de extrema dor e extremo conforto, mas uma *insatisfação imensa com esse conforto!* Eu queria MESMO viver uma vida com medo! É a minha escolha, foi a minha escolha...eu escolhi...eu fiz uma lista do que eu faria se *eu não tivesse medo...* Fazer as coisas que você faria se não tivesse medo, é viver sob medo! Então, a primeira vez que saí sozinha, é um frio na barriga o tempo inteiro [tom de riso] até agora! [Risos com emoção]. Agora, eu falando com você, eu estou sentido um pouquinho de frio na barriga que eu senti.... Porque *só de eu escrever as coisas, às vezes parava, meio tremendo, meio suando...* “- *Porque meu Deus do Céu! Como eu vou conseguir fazer isso! Como é que vai ser, eu vou fazer sozinha. É sério mesmo!*” Por um bom tempo eu fiquei na fase do planejamento, quase que me apegando ao planejamento, mais do que fazer [Risos]. Então, foram nove meses, exatamente, nove meses... foi um parto! [Tom empolgado] E nove meses depois, eu estava voando para o Alasca para começar a minha viagem dos extremos das Américas!

Percebe-se no relato de Juli a necessidade interior de “autoafirmação” de seu empoderamento, de se tornar sujeito da sua própria história de vida por meio de outro modo ou estilo de vida, por meio das viagens. Ao mesmo tempo, Juli frisa que um dos motivos de optar por viajar sozinha está em almejar que o seu ato seja um incentivo para outras mulheres viajarem sozinhas, além de provocar um choque nas pessoas, principalmente nos homens.

[...] se a gente visse que é possível fazer, isso daria mais coragem para mais mulheres fazerem! Por isso, que eu faço sozinha! Porque... primeiro... eu gosto de estar sozinha! Eu tenho um prazer imenso na solidão, mas eu também gosto dessa ideia... dos homens olharem e verem ...o quão é ameaçadora a presença deles, quando uma mulher está sozinha! SÓ a minha presença, sozinha na bicicleta, pedalando .... Dá para o homem e para a

mulher a dimensão do que é viver o medo, de uma mulher sozinha na estrada. Então, eu gosto muito disso...desse choque que muitas pessoas sentem, principalmente aqui na América Latina. [...] Nossa história está muito permeada com o machismo .... E eu tenho conversado bastante sobre o machismo, com machistas, que não fazem ideia que são machistas! ... Esse é o contexto da história !!! [...] É o porquê que eu viajo sozinha... [voz corrida] É por isso !!!

No entanto, apesar de dizer que passou por um planejamento de nove meses, afirmou que dois meses antes da viagem sofreu um acidente em sua antiga casa, a qual compartilhou com seu ex-companheiro, rompendo os ligamentos dos dois tornozelos. O preparo físico que havia começado a adquirir foi interrompido por conta de sua recuperação, que levou dois meses. Ao viajar, estava com dezessete quilos acima do peso ideal e, assim, considera ter ido para a viagem sem nenhum preparo físico, mas ao longo do percurso foi adquirindo mais resistência e condicionamento. Percebe-se que isso não foi um problema. Relatou que, em relação à viagem, somente seguiu o planejamento à risca no início, quando chegou no Alasca:

[...] só o início do Alasca, porque não tem outra alternativa, eu segui exatamente à risca o planejamento, porque lá eu fiquei... São oitocentos quilômetros sem nenhuma comunicação, num lugar totalmente isolado, e se alguma coisa acontece, eu precisava dar para a minha família uma área de busca. Então, eles tinham lá mais ou menos um planejamento de quando ... onde, eu iria estar, mais ou menos, em cada dia e sempre falando para eles...porque as estradas fecham, tem urso polar... tem uma estrada que não tem nenhuma cidade. Eu saí no início da primavera e ainda é muito frio! A minha primeira e segunda noites eram menos vinte e quatro graus! Então, ainda é muito frio, ninguém está lá ainda! É uma cidadezinha que vive para a plataforma de petróleo, as pessoas vivem no contêiner, vão trabalhar e voltam para o contêiner! É muito frio! Então, minha família precisava saber mais ou menos onde eu estava, por questão de segurança e eu falei: “- *Se até dia tal eu não chegar ainda em Fairbanks, que é a maior cidade, era a primeira cidade que eu estava chegando, vocês ...ligam para tal telefone, se eu não tiver dado notícias nesse telefone, aí vocês podem considerar de vir para cá ou mandar uma equipe de busca!*” Foi a única vez que fiz...que eu segui o planejamento, depois disso eu mudei os planos, quase que todos os dias, porque eu chegava num lugar e as pessoas falavam: ... “- *mas você precisa ver esse tal lugar*”. Eu sou uma ótima viajante, mas sou uma péssima turista! [Risos]. Eu chego em cidade onde tem museus e pontos turísticos famosíssimos, e eu não vou! Mas eu gosto de falar com as pessoas, eu gosto de estar tomando café com as pessoas, eu gosto de perguntar que fruta é aquela, eu gosto de comer o que todo mundo está comendo, eu gosto de sentar no café que todo mundo gosta de tomar, mesmo sendo horrível! Sou uma péssima turista, mas sou uma boa viajante, eu acho!

Juli afirma que havia se planejado para uma viagem de dois anos e meio, porém devido ao acidente ocorrido na Costa Rica, no qual deslocou o ombro, por questões de

cuidados e das hipóteses de ter que fazer uma cirurgia, teve que adiar a viagem até a Argentina. Mas, nesse processo antes do acidente, descobriu:

[...] eu descobri na minha viagem, que nada me pertence! Inclusive o planejamento ... É uma baita besteira, eu ter me planejado do jeito que eu me planejei ... No início, eu cheguei a perder momentos que seriam maravilhosos, porque eu queria chegar em tal lugar aquele dia, para cumprir o planejamento, sabe? Hoje a minha viagem, tem dias que eu faço vinte quilômetros e vinte quilômetros não é nada! Para um cicloviajante, não é? Mas tem dias que fiz cento e oitenta quilômetros [...] Percebi que o frio do Alasca exige que você tenha uma certa disciplina! Mas também pedalar no calor do Caribe, também exige que isso tem uma certa disciplina! No Caribe é impossível pedalar depois das nove da manhã! É muito quente, é muito quente !!! É muito exaustivo! Então, ali na América Central tem que começar a pedalar umas quatro da manhã e parar às nove e voltava a pedalar lá pelas sete e meia da noite, quando já estava escuro! Só assim eu conseguia evoluir um pouco! “- Ah, eu quero chegar em tal lugar” ... esquece, para mim não funciona! Normalmente, quando eu tenho alguém me esperando, como aconteceu com um grupo de amigos que foram me visitar na Costa Rica, eu até faço umas puxadas maiores e consigo pedalar ... Mas ...eu não estou mais preocupada de chegar na América do Sul, no extremo Sul da América do Sul ... o tempo já não é mais um problema... eu consigo viver com muito pouco! Eu percebi que dá para viajar mais tempo, porque eu consigo viver com quase nada! Eu consigo viver da generosidade das pessoas! Então, eu consigo parar e trabalhar um pouquinho! Eu consigo ir... Porque eu topo fazer qualquer coisa! [...] Principalmente, em hostel e restaurante.... “- Ah! Meu, eu posso trocar duas refeições por tantas horas de trabalho?”

Após relatar os lugares onde geralmente pedia trabalho em troca das refeições, respondeu como se mantém em viagem e o que carrega na bicicleta:

[...] Meu objetivo era dez dólares por dia para dois anos e meio, mas eu recebi muita doação no meio da estrada! Muita gente me deu dinheiro ...Muita gente me dá comida ... MUITA! Muita gente ...eu durmo sem gastar nada. Então, eu acampo no meio da estrada, eu peço para acampar nos lugares! Eu escondo a bicicleta no meio da mata ou escondo a bicicleta e barraca em algum lugar! Eu uso muito *warmshowers* [...] é uma comunidade de pessoas que hospeda cicloturistas. O Tim por exemplo, não é ?! [Refere-se a um amigo] eu conheci...ele é um *warmshowers*, ele me hospedou na casa dele e eu fiquei lá... Normalmente, tem o *warmshowers* que te dá comida, que te ajuda com a manutenção da bicicleta e tem o *warmshowers* que fala: - “Olha, você vai precisar dormir aqui no chão!” ... “- Beleza!” ... Tem que estar preparado para tudo ... Então, é ...um topa tudo, mesmo?! Então, nas cidades... eu tenho casa assim ... eu escrevo: “- Olha, gente estou chegando em tal lugar, quem pode hospedar?” Aí, as pessoas falam: “- Você pode ficar aqui, você pode ficar aqui!” É bem legal !!! É quase um *CouchSurfing*, mas só para cicloturista! Então, eu sempre tenho um lugar para dormir! E sempre eu tenho lugar ou eu tento arranjar um lugar para comer. Eu cozinho a maior parte das minhas refeições! Quase nunca eu compro comida! Então, se as pessoas me oferecem um saquinho de arroz. Eu aceito! [Sorrindo] Fruta na estrada é o que eu mais como e ganho [risos]. Eu quase não tenho gastos! Eu lavo a minha roupa no rio! Eu faço... a minha própria máquina de lavar roupa.... Então, eu não preciso de muita coisa!!! [...] Eu estou hoje com cinquenta quilos na bicicleta, entre quarenta e cinco e cinquenta quilos, é o que varia. Eu levo toda a minha cozinha. Então, eu cozinho, eu tenho duas panelas, tenho o fogareiro. Minha bicicleta tem quatro alforjes e uma mala. Os alforjes da frente são minhas cozinhas ...um é a cozinha e outro a dispensa [sorrindo], onde tenho a comida. Nos alforjes de trás, eu tenho as minhas roupas e no outro alforje, eu tenho o meu escritório, que é o

computador, porque às vezes eu escrevo e porque também, eu consigo ganhar dinheiro escrevendo, produzindo conteúdo. Eu também sou bem ativa nas redes sociais. Eu estou sempre postando! É como eu consigo muita ajuda também !!! A minha presença nas redes sociais está associada com essa reciprocidade de ajuda. Então, todo mundo que quer me ajudar ou conhece alguém de alguma cidade e que pode me ajudar, a gente cria essa rede e eu sempre tenho alguém me esperando nas cidades que eu estou chegando ou sempre tenho uma dica, de algum lugar que pode me ajudar com alguma coisa ou: “- *Só vem aqui que te mostro a minha cidade! Ou “- Vem aqui que eu conheço um grupo de pesquisa.”* Eu sou muito interessada por grupos feministas! Grupo de pesquisas...Eu sempre tenho alguém disponível. Graças as redes sociais !!!

Juli comentou que o custo total da viagem foi em torno de onze mil, que o Alasca, o Canadá e as passagens de volta foram os mais caros, e que já chegou a viver momentos nos quais estava quase sem dinheiro, como a situação atual em que se encontra em São Paulo, mas que isso não é um problema, pois necessita de muito pouco e ganha muita coisa, principalmente ovo.

Em relação à bicicleta, relatou que o começo da viagem no Alasca foi bem problemático, por causa do peso que carregava e do gelo, mas falou de a importância da bicicleta ser um modelo com equipamentos simples (sua bicicleta é uma *Mountain Bike Specialized Myka Pro 2008*) e comentou sua relação com a bicicleta:

A bicicleta toda estava pesando sessenta e cinco quilos. Sessenta e cinco quilos no gelo é praticamente insustentável! [...] Nos primeiros minutos de pedal, eu caía...Mas, eu acho que mais do que isso, a bicicleta.... ela é uma ferramenta, eu não sou aquelas pessoas super fanáticas por bicicleta, tipos de bicicleta, as melhores peças...Minha *bike* é uma de dois mil e oito.... Eu fiz muitas viagens com ela, conheço muito bem a mecânica da minha bicicleta, não é uma *bike top*! Não é aquelas bicicletas no topo da linha... É uma bicicleta simples! É uma boa bicicleta, funciona ... porque quando você está viajando, quanto mais simples, melhor! Literalmente, eu encontrei cabo de transmissão da minha bicicleta, do freio dela, no açougue! E é assim que tem que ser, porque na América Latina, principalmente na América Central, você passa por muitos lugares, onde as bicicletas são muito simples! ... Não adianta você ter um puta equipamento tecnológico e ele não ter concerto! Você fica na mão, ele não serve! Então, eu simplifiquei minha bicicleta, mais simples do que quando eu comprei! Ela é bem de uso! ... Mas, às vezes eu tenho um pouco de raiva dela [risos], porque ela é uma ferramenta, mas é uma ferramenta que ao mesmo tempo, está ali comigo! Porque às vezes eu estou cansada .... É duro quando está sozinha, que você não pode culpar ninguém! [Risos]. Então, o que você culpa é o equipamento! O que eu falo: - “*Eu não quero mais pedalar!!!*” Encosto a bicicleta e não quero mais saber da bicicleta! Deixo ela no canto e me afasto! Eu preciso ficar longe dela! Então, ela minha companheira, para o bem e para mal! Às vezes eu agradeço dela ser tão incrível [tom empolgado e olhos vivos], mas às vezes eu xingo por ela existir, por eu estar fazendo isso de bicicleta! Parece que está tudo dentro de mim! ... Viajar sozinho são duas viagens em uma! Só o fato de você estar sozinho... é uma viagem em si, mesmo !!! Eu tenho bastante tempo para pensar, não é !? E a cadência da bicicleta ...é uma cadência muito humana! Ela te permite que você respeite o teu tempo! Se você está cansado ... você pedala devagar, se você está com energia, você pedala forte...e se você está com energia...você está com energia para pensar e pedalar! Se você está cansado, a gente está sem energia para pedalar e pensar! Então, esse ritmo da bicicleta acompanha muito o ritmo humano! É a ferramenta ideal

para pedalar! Eu falo: “– *Cansa...CANSA !!!*” É difícil... muitas vezes são difíceis, mas também não é impossível! Se você não quer pedalar rápido, não precisa! Se você quer pedalar rápido ...tem gente que gosta da velocidade, pode pedalar rápido! Vai depender de você! A bicicleta é o meio de transporte perfeito!

Além de falar da bicicleta na viagem – esta já nomeada de borboletinha – Juli explicou que antes de viajar o nome, a princípio, era mais uma forma prática de identificá-la entre suas outras bicicletas. Ao longo da viagem, o nome se ressignificou para Juli ao comparar as metamorfoses das borboletas à sua experiência de viagem:

É engraçado porque nos momentos de mais transformação uma borboleta cruza meu caminho [...] nos momentos de mais transformação interna assim ...às vezes não é nada muito significativo externamente, mas internamente rolou um *insight*, eu sinto que eu quebro um pouquinho do meu casulo e quem sabe no final dessa viagem eu não viro mesmo...a borboleta [risos] que está para surgir aí!

Em relação a essas experiências, Juli falou sobre os maiores desafios, que também se compõem entre os momentos mais marcantes e impactantes:

O início... o Alasca foi incrível! Foi o início mais duro ... O melhor início que EU poderia ter! Acho que se eu fizesse o Alasca no final ... Eu não teria terminado! [Silêncio] ... No sexto dia, eu estava no meio do gelo, no meio da estrada e eu não via uma pessoa há mais de um dia já! Nenhum carro passava por mim há mais de um dia ...e eu morria de medo! Eu estava com medo de comer, porque os ursos polares conseguem sentir o cheiro de moléculas de odor a vinte e cinco quilômetros de distância. Naquela neve branca, a vinte e cinco quilômetros, eu não enxergo! Eu estava parada tomando uma sopa... fria, porque eu estava com medo de esquentar e ela cheirar e atrair mais urso ...eu estava tomando uma sopa e aí eu vi dois pontinhos pretos se movendo na neve ... e era uma raposa branca! Que só vi ...quando ela abriu o olho e se mexeu e ela estava super perto de mim e eu não tinha visto o bicho! .... Eu estava desesperada! Os primeiros cinco dias de viagem, eu estava desesperada! Quase histérica! Eu morria de medo de tudo! Eu quase não dormia, eu quase não comia, eu não estava bebendo água, porque você tem que tirar todo equipamento, esquentar a água de gelo e beber a água... morna, e se você sentir sede dali três quilômetros, você tem que fazer tudo de novo! Para e abre ... esse negócio de pedalar bebendo água não rola no Alasca! [Pausa] [...] os cinco primeiros dias foram terríveis e aí eu percebi que eu estava começando a ficar muito fraca, eu, provavelmente, estava começando a ficar desidratada [...] minha coxa estava roxa! ... Roxeada e vermelha! Eu colocava o dedo, assim [gesto] ...e não sentia minha perna... eu estava começando a ficar hipotérmica e desidratada. E aí foi o dia que eu me parei! ...Eu falei: “– *Escuta! ...Eu quase me peguei, me sacudi, me dei uns tapas [...] O risco de morte é ... Real! Você que decidiu estar aqui!*” [Riso] isso, eu falando comigo mesma! ... “– *É você que decidiu estar aqui! [...] É hora de você entrar na viagem*” ... E foi aí que eu entrei na viagem! ... Eu pensei: “– *Meu, eu tenho conhecimento, eu estudei, eu entendi, eu planejei para estar ali!*” E foi aí que começou a viagem! Cinco dias depois! [Emoção] Foi aí que comecei a entender que eu estava viajando, que ali agora, aquela era a minha vida! Mas a ficha de verdade só caiu um mês depois só! E depois de um mês viajando ...eu comecei a perceber que eu não era mais uma turista! Não era uma viagem que iria voltar para algum lugar! Estava indo, mas aquilo já era minha vida [...] É assim que eu vou viver na estrada, pedalando! Então, eu tenho que curtir, é essa a vida que eu escolhi ter! Esse foi um momento importante [...] Esse foi um momento crucial, eu acho que não aconteceria se não fosse no Alasca ...é, eu acho que não aconteceria se não fosse exatamente daquele jeito, eu estava no lugar certo, na hora certa e do jeito que eu queria, o jeito que eu precisava estar [...] depois disso, eu me dei conta que esse momentos de epifania assim... “– *Meu, é esse lugar que você precisa estar...Se*

*fosse uma hora antes ou uma hora depois você estaria nesse acidente, aconteceram algumas coisas assim ... você teria estado naquele acidente. E se fosse uma hora depois, você não teria encontrado aquele cara”* ou ... coisas desse tipo ... Mas também ter dormido na floresta das sequoias gigantes no Norte do Canadá para mim foi uma das coisas mais importantes que aconteceram ... eu estava completamente isolada, eu estava a quatro dias isoladas ...sem conversar e ver ninguém, eu estava dormindo num lugar ...milênar ...aquelas árvores ...eu fiz as contas [sorrindo com emoção] tinha pelo menos dezesseis mil anos de organismos me cercando ali ! [sorrindo] E olhando para aquelas árvores gigantescas e eu minúscula [risos] daquele jeito ...me sentindo uma bactéria ...eu percebi que era isso que eu quero para mim ...eu estou fazendo o que eu gosto ! É desse jeito que eu quero me descobrir!

Após Juli relatar que a vivência com as sequoias a fez refletir novamente sobre sua escolha de modo de vida e esse ser o meio como queria se descobrir, mais uma pergunta foi feita sobre essa afirmação, se a viagem era uma descoberta para ela:

Cem por cento! Eu acho que [risos] uma descoberta de mim ...e ... dos outros, não é ?! Eu percebi que hoje .... Eu sei muito menos, mesmo sabendo muito mais do que eu sabia ...meio que se colocar no meu lugar assim ...sabe ?! Eu posso ter o mestrado, mas quando eu estou caminhando na floresta com uma mulher que vive daquilo há sessenta anos, eu sou uma analfabeta! Ela é a mestra, ela é a doutora ...Então, essa impermanência das coisas, essa coisa que ... tudo está mudando o tempo todo e que você não é absoluto em nada, foi para mim .... Acho que foi a grande descoberta de ter viajado em mim!

Em sequência, ela respondeu como se via antes e agora no momento da experiência:

Essa experiência ... Então, como me via antes, eu me via como uma bióloga, eu me via como uma profissional. É engraçado quando alguém vai num lugar e pergunta: “-*Quem é você?*”. A primeira coisa que você fala é sobre sua profissão ou o que você faz profissionalmente para ganhar dinheiro ou o que está estudando ...Então, você não é Camila ...você é estudante ...ou você é mestranda ...ou você é a turismóloga ... e agora eu sou NADA! ... Agora eu uso menos os meus títulos, eles têm cada vez menos valor, porque ... aconteceu uma coisa muito engraçada [risos de emoção] de eu estar conversado com uma senhora na fronteira com Honduras ...Eu parei nela e ela estava terminando de fazer uns *tamales*, uma pamonha recheada ...dá até água na boca! [Gestos] ... Ela estava me servindo e ela falou assim: “- *De onde você está vindo?*”. Eu falei: “- *Eu estou vindo do Alasca*”. Eu percebi que ela não se ligou o que era o Alasca ... ela saiu e aí ela voltava e fazia outra pergunta e assim nós ficamos quase uma hora conversando ... No final ela preparou uma marmitinha para mim e falou: “- *Para você ... Para tua viagem ...é eu não sei quão longe você vai e não sei de quão longe você veio, mas me pareceu o que você está fazendo é difícil, se for fácil você pode dar para alguém ...se for difícil você come!*” O que eu percebi é que eu posso até achar que eu estou fazendo uma coisa grande[risos]! ... Mas nem é tão grande assim ... Ela não fazia ideia de onde era o Alasca, ela não fazia ideia de onde era a Argentina e o que eu estava fazendo era só estar ali... naquele momento tão [emoção] ...quando ela me perguntou o que eu era ...eu falei bióloga, ela me olhou ... Aquilo não quis dizer nada para ela, mas quando eu falei que eu era professora, que alguma coisa fez sentido para ela ...Ela falou assim: “-*Ah, Professora!*” Aí, ela se impressionou um pouquinho, eu comeci a perceber que esses títulos, essa coisa que você faz tem tão pouco valor quando você

está na frente de outra pessoa ...que aí eu já não falo mais! Eu não sou mais bióloga ... eu me via antes como bióloga ...uma profissional, uma professora... a esposa ou a consultora ... alguma coisa assim ...hoje eu não me apresento mais assim .... Eu às vezes falo que eu sou: uma mulher que está viajando ...normalmente, é o que eu falo!

Ao perguntar como ela se definia nessa experiência e como era a experiência do viajar, Juli respondeu:

Eu não me defino! [Risos] Eu sou uma cidadã do mundo ...eu acho que talvez esse seja ...o mais próximo de uma definição que eu posso chegar ... eu sou uma pessoa, que não sou mais paulistana, eu não sou mais brasileira ... eu acho que sou hoje com muito orgulho, eu sou latino-americana, mas com muita admiração! Eu sou parte desse continente ... acho que sou daqui, mas sou de lá também ... eu sou de qualquer lugar [risos] [...] Viajar hoje é a minha vida! ... Então, o viajar é parte do que eu sou ...eu acho que mesmo que um dia eu termine a minha viagem ou eu fique só em um lugar, ainda sim essa viagem vai ficar reverberando em mim por um tempo, como agora ... eu estou quase um ano parada do meu acidente, que eu parei de pedalar, mas eu continuo ...continuo pensado como viajante ... Essa condição de viajar, de ir é uma condição difícil de sair da gente ...é difícil ficar num lugar só ...eu tenho sofrido um pouco aqui! [...] É um divisor de águas ... É como se [ silêncio ] ...uma nova fase adulta ...é quase como se eu estivesse saindo da adolescência e entrando na fase adulta ...parece que ...alguma coisa aconteceu ... quando você sai da fase adulta, entra na adolescência, a gente tem até uns rituais: você entrou na faculdade ...então agora você é um adulto, aos dezoito anos e agora você pode ser preso, coisas assim ...essa viagem definiu um novo estado da minha maturidade ...definiu uma nova forma de eu ser nesse mundo ... nessa sociedade, eu acho que eu sou um Outro adulto ... Sou um outro indivíduo!

Ao ser perguntada sobre o maior aprendizado nesse processo, Juli sentiu dificuldade em responder:

Essa é uma pergunta SUPER difícil!!! Eu certamente não sou mais a pessoa que começou! .... MAS, tem uma coisa interessante, Camila... Que eu acho que de alguma forma, eu não sou tão diferente assim! Parece que de algum jeito, essa pessoa que sou hoje, ela já existia [sorrindo] só que ela estava meio que dormindo! ... Era só uma falta de uso, mesmo! Ela já existia [silêncio]... eu não sou uma pessoa que me desconheço completamente! As pessoas falam: “- Ah, eu sou pessoa completamente diferente!” NÃO, eu não sou uma pessoa totalmente diferente !!! Se eu fosse uma pessoa totalmente diferente, eu iria falar: “- Meu, Quem é você?” [Tom mais exaltado] não é? Eu não estranho as minhas ações! Parecia que eu já existia ...eu só não estava em uso [risos] ...Mas uma coisa que eu aprendi muito que você não aprende na escola e nem ninguém ensina é a gente ser um pouco mais carinhosa com a gente mesma! ... Eu era muito mais dura comigo! Eu era muito mais carrasca: “- Você não fez isso? .... Ah, como você é fraca! Ou como... Coisas assim, sabe? Ou mais, porque você está chorando?”. Agora eu sou um pouquinho mais carinhosa comigo...eu aceito muito mais quem eu sou e respeito muito mais: “- Ah, eu estou cansada ... eu estou com sede... eu estou com fome ou quero dormir...Nossa, que sombra gostosa...- Vamos dormir? Bora, dormir!” Então, eu sou mais carinhosa comigo! Isso foi uma mudança drástica, eu aceito muito mais quem eu sou. E eu continuo não sendo conivente com meus problemas, mas eu aceito muito mais que eles existem em mim! ... Isso facilita muito... estar na estrada! [Riso].

Juli também sentiu dificuldade em dizer quais lugares com os quais mais se identificou:

[Riso] o lugar que eu mais me identifiquei? *Puth* !!! [Risos com expressões gestuais] Eu acho que agora eu sou uma cidadão do mundo, Camila! ... Todo lugar...eu me sinto um pouquinho em casa, sabe! Então, ... é tão simples agora para mim estar confortável num lugar... A gente começou com você subindo e falando assim: “- *Eu só quero que você esteja confortável!*” ... Mas ... de verdade! Eu fico confortável com muito pouco, hoje! ...A gente está num banheiro, agora! [Risos] [...] Está certo que estou numa poltrona superconfortável! Mas, eu não preciso de muito para ficar confortável nos lugares... Eu passei por lugares bem sujos e com muitos problemas, mas era ali que eu precisava descansar ...Então, de alguma forma, você tem que aceitar o lugar como ele é, e aí aceitar... tem um pouco de se identificar, também! ... eu acho que...eu não sei se consigo falar...Eu adoro o Caribe! Sem dúvida nenhuma, eu moraria no norte do Panamá [risos], a Costa Rica é maravilhosa! [Tom empolgado] Eu moraria em qualquer um daqueles lugares, mas falando: “- *Ah, você se sente parte do lugar ...*” Não, eu não me sinto parte de nenhum lugar ainda ... Não sei se vou me sentir um dia!

Desde o início, Juli dizia ter o objetivo de conhecer parques e comentou as diferenças percebidas:

Eu percebi que a América Latina é mais que um nome. É real, existe ali uma barreira ... Quando eu cruzei de *San Diego* para *Tijuana*, aquela passagem do muro quando a gente atravessa dos Estados Unidos e entra no México, ali... Você está na América Latina! E a gente é diferente... sem dúvida nenhuma! ... De alguma forma, a gente está fazendo muito melhor do que muita gente imagina! [Risos] Eu estava esperando ver na América Latina a devastação completa dos parques! Nosso estado não é o melhor! Mas os Estados Unidos e o Canadá não estão bem assim! Eu percebi que a conservação de uma forma geral, ela está ameaçada, em diferentes níveis, mas ela está devastada! Os parques ainda são as melhores formas de conservar. E eu percebi que é muito importante as pessoas saberem o que é um parque! A gente se comunica muito mal. A gente como biólogo, pessoas da conversação se comunicam muito mal, sobre conservação! Eu acho que comunicação é a chave da boa conservação. E boa parte da boa conservação passou por uma comunicação melhor! Acho que é essa a diferença dos parques do hemisfério norte para os parques latino-americanos!

Quando Juli citou as fronteiras pedi para ela comentar mais um pouco, se teve muitos problemas ou como foi recebida. A viajante comentou sobre os vistos, que já tinha o de turista para entrar nos Estados Unidos da América e que precisou de visto para o Canadá, mas como já tinha o norte-americano isso já facilitava “noventa e nove por cento do processo”, sendo fácil de obter o canadense nos Estados Unidos. Em relação aos outros países, disse que não precisava de visto, por causa do livre acesso em

consequência do acordo comercial do Mercosul<sup>21</sup>, mas um único problema aconteceu na Costa Rica:

O único probleminha que eu tive foi na Costa Rica, que eles me perguntaram: “- Quando você vai sair?” Eles pedem uma data certinha para você sair... E eu não tinha! ... Mas o cara foi super flexível! Isso é uma coisa muito legal de atravessar por terra, você está conversando com uma pessoa ali! A gente como brasileiro, pode circular por toda a América Latina! Desde o México até a América Central e boa parte dos países da América do Sul, porque fazem parte do Mercosul! A gente pode circular tranquilo sem nenhum visto! O que eles querem é que você fale quando vai sair e de bicicleta fica muito difícil de estimar, mas a gente tem sempre uma ideia ...um mês, dois meses e ... eles deixam tranquilo!

Juli comentou que precisaria de visto na América do Sul, somente para a Guiana Francesa. Para isso, teria de enfrentar uns “procedimentos chatinhos”, mas não sabia como iria fazer, porque divergiam de seu modo de viajar, uma vez que solicitavam as passagens de avião de ida e volta, além de diárias pagas de hotel. “*Como que eu aviso que vou sair de bicicleta?*”. Juli mencionou o nome da viajante Ada, que também teve o mesmo problema na viagem e iria ajudá-la.

Questionou-se se ela era fluente nas línguas, inglês e espanhol. Juli afirmou que não é fluente em nenhum dos idiomas: “*Eu enrolo num portunhol e eu enrolo num portuinglês!*” [Risos] Ela disse que chegou a ter medo de as pessoas julgarem sua forma de falar inglês, mas “a viagem a ajudou muito”. Concluiu que, na verdade, as pessoas são curiosas para saber mais sobre sua cultura e, nessa troca, aprendeu que ela própria era a mais curiosa sobre a “cultura dos outros”. Percebeu que quando se perde a barreira do idioma, “*quando vira a chavinha*”, a forma como a pessoa fala não é um problema. E se não entenderem há sempre um jeito, com gestos ou desenhos.

Perguntada se em toda sua experiência se sentiu bem recebida, como mulher e brasileira, respondeu que sim, apesar de um problema:

Eu tenho um probleminha...que eu considero como um probleminha, eu tenho essa cara aqui de japonesa, não é? O meu pai é japonês e a minha mãe é brasileira, sou uma mestiça, que não parece brasileira! Eu passei por lugares na América do Norte onde as pessoas nunca tinham visto um brasileiro! Eu não sou exatamente a melhor brasileira, para ser a primeira brasileira que uma pessoa vê! E aconteceu muito das pessoas me confundirem com tailandesa. A mulher oriental, ela tem o estereótipo, principalmente na América do Norte, ligado à prostituição, ao tráfico de mulheres... Da Ásia

<sup>21</sup> Mercado Comum do Sul, acordo comercial criado em 1991, favorece a livre circulação de bens, pessoas e serviços. Entre os membros efetivos: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Já os membros associados são: Bolívia (1996), Chile (1996), Peru (2003), Colômbia (2004), Equador (2004), Guiana (2013) e Suriname (2013). Membros observadores: México (2006) e Nova Zelândia (2010). Porém, o Suriname e Guiana exigem passaportes. Disponível em < <http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercosul>>. Acesso 14 out de 2018.

para os Estados Unidos e vice e versa, é muito comum! Essa hipersexualização da mulher asiática ... é um negócio que é um problema, que eu acho que aqui no Brasil a gente vive com a mulata entre aspas, porque é um termo super pejorativo da mulher negra...uma mulher gostosona, boa de cama ... Eu só tive problema com isso !!! Fora isso ... eu tive algumas situações, logo que cruzei a fronteira do Canadá para os Estados Unidos...Eu estava sentada no posto de gasolina descansando e eu estava tomando água e aí um homem chegou para mim e falou: “- *Oi, Tudo bem?*”, eu respondi: “- *tudo bem!*” E ele pergunta: “- *Posso colocar a mão no teu peito?*” Eu falei: “- *QUÊ?*” Ele: “- *Posso colocar a mão no teu peito?*” ... Eu falei: “- *Meu, o que te faz pensar*” ... Aí quando ele vê que você tem um certo nível... que você tem posicionamento de um certo empoderamento do corpo, dos teus direitos ...Ele se afasta ...Ele: “- *Eu pensei que você era da Ásia*”. Eu respondi: “- *Mesmo se eu fosse da Ásia, não é?!?*” Então, o homem branco, principalmente o mais velho, nos Estados Unidos, espera da mulher asiática e com uma cara mais nova ... Eu pareço mais nova do que eu sou, aparentemente, eu tenho 38 anos agora! Então, é um problema... é bom, a gente acaba se gabando: “- *Ai que bom, obrigada!*” Mas eu não acho tão bom parecer mais nova, porque as pessoas confundem a imaturidade com uma permissão de abuso! As pessoas, não ... Os homens !!!

Outra pergunta feita foi sobre encontrar mais viajantes de bicicleta que fossem brasileiras:

Ainda não na América do Norte, mas das brasileiras que estão pedalando solo a gente tem: a Vivi, a Carol, a Ada, tem também uma outra moça, a Pam, tem um monte de latino-americanas, mas que chegam até o México e voltam ou pedalam pequenos trechos [...] Ouvi dizer que eu vou encontrar aqui na América do Sul e estou esperando encontrar.

Questionada se utilizou outros tipos de transporte e carona em algum momento da experiência, Juli disse que apenas pegou um *Ferry* [balsa], uma carona de barco de carga e avião, mas fez a maior parte da viagem pedalando:

Desde o extremo, eu estou pedalando o tempo todo... Eu peguei um Barco !!! Num longo trecho, eu peguei um *Ferry* [balsa] que foi ... por causa da Estrada das Lágrimas, que é uma estrada no Canadá onde o número de mulheres viajando sozinha que desaparecem, é muito grande. Elas são sequestradas e desaparecem ... Desde a década de sessenta, eu acho tem... desapareceram mais de trezentas meninas lá. Trezentas mulheres! Eu fiquei bem assustada com isso [riso] e peguei um *Ferry* em *Skagway*, mas foi o único também! [...] Eu cruzei o continente num barco de carga, eu era a única mulher [...] O capitão não queria me levar, disse que eu era a única mulher, não podia garantir a minha segurança [...], mas depois de muita conversa, eu fui [...] Foi uma carona de barco, e na verdade, eu viajei como carga [...]

Em relação à resposta anterior ao citar o avião, comentou brevemente sobre o acidente que sofreu e sua volta para o Brasil. Foi recebida no aeroporto pelos pais:

Depois disso... do Panamá para a Colômbia... eu sofri um acidente na Costa Rica! Eu caí da bicicleta, machuquei o ombro, machuquei o rosto.... E é por

isso que eu estou aqui !!! Porque eu sofri esse acidente... Na Costa Rica, eu fiquei um mês me recuperando, trabalhando no hostel para não ficar pagando a hospedagem! Eu pedalei até o Panamá, mas com muita dor, passando muito mal e perdendo o movimento do braço, o meu braço direito começou a perder movimento ... chegando lá, um médico me disse: “-Olha, você precisa fazer uma cirurgia!” ... Aí, eu falei: “Aí, meu, eu não vou fazer uma cirurgia no Panamá!”, onde não tenho onde ficar, super caro, dolarizado, o Panamá é bem dolarizado, super caro. Aí, ele falou: “- Oh, se você for para a Colômbia, talvez lá você consiga mais barato, tem hospital público” ... Eu fui para a Colômbia de avião! Então, eu terminei a América Central e a América do Norte. Agora só falta a América do Sul!!! Eu voei para a Colômbia e fiquei mais dois meses tentando me recuperar, voltei para o hospital e o médico disse: “-Daqui eu não posso fazer mais nada, a não ser uma cirurgia!” ... E aí eu ponderei muito e vim para o Brasil, onde aqui eu tenho assistência médica. Tenho família, a casa da família para me recuperar!

Em seguida, perguntou-se sobre o momento mais difícil da experiência de viagem. Juli citou dois deles e logo expressou os planos de retornar à estrada, pois afirmou já estar “noventa e nove por cento” recuperada. Ao final de tudo, não foi preciso passar por uma cirurgia, uma vez que teve um bom tratamento em São Paulo:

Começar foi muito difícil! Eu estava ali no gelo, vendo aquela imensidão branca .... paralisada mesmo! Parecia que eu estava congelada, eu fiquei uns cinco minutos olhando para o nada e pensei [riso]: “-Meu, e agora?” Agora é hora de ir e eu não conseguia subir na bicicleta ...foi bem difícil! ... Decidi voltar para o Brasil depois do acidente, foi bem difícil! Eu não queria! Eu não queria voltar !!! Porque é volta para o conforto! Na Costa Rica eu precisei ficar um mês num quarto, parte por conta da minha recuperação e parte por um processo que eu decidi fazer. De fazer um jejum de vinte e um dias, e aí a primeira vez que eu saí, depois desses vinte e um dias dentro do quarto, que eu percebi que, quando você está dentro de uma casa, quando você está num teto, dormindo, sem sentir as variações do dia, da noite, do frio e do calor ... lá de fora, você fica mais vulnerável quando você sai! Parece que a casa, aquele quarto se tornam um pouco parte da sua pele, de você! E quando você sai...Eu voltei a ficar com medo de coisas que eu não tinha mais medo, por exemplo, eu estou andando na rua e tem um homem atrás. E aí, eu fico com medo! Quando um pouco antes, por eu estar mais acostumada, eu conseguia ficar mais esperta, criar mais mecanismos: “- Ah, caso alguma coisa aconteça, eu corro ali ou eu analiso.... Ah! tem uma casa ali, aí bato ali!”. E quando se fica muito dentro de uma casa, quando você fica numa vida de muito conforto... Começa tudo de novo! Eu não queria voltar por isso! É começar tudo de novo... Eu vou agora começar a América do Sul, eu iria começar na Colômbia e ia descer pela costa oeste, pela cordilheira... Agora, vou fazer desde a Guiana... Vou fazer Guiana, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, eu não iria passar pela Venezuela, mas agora vou passar, que está numa situação meio complicada. Eu vou fazer toda a América do Sul, quase todos os países da América do Sul com a exceção do Brasil! [...] Em outubro, eu começo e volto! Eu não estou considerando que eu parei a minha viagem, eu estou considerando que isso é parte do processo! Porque eu estou quase ...visitando, eu continuo indo nos lugares, continuo sendo hospedada por pessoas, continuo dependendo das pessoas, da caridade das pessoas...Então, eu considero que eu estou continuando!

A Viajante explica que não pretende viajar pelo Brasil, em razão de já ter viajado a trabalho ou de outras formas por toda a costa do Nordeste e outras cidades, por exemplo, de Minas Gerais, de São Paulo, da região Sul, como o Paraná, e até do Uruguai. A diferença é que não estava só. Sozinha e com a bicicleta é a primeira vez que viaja.

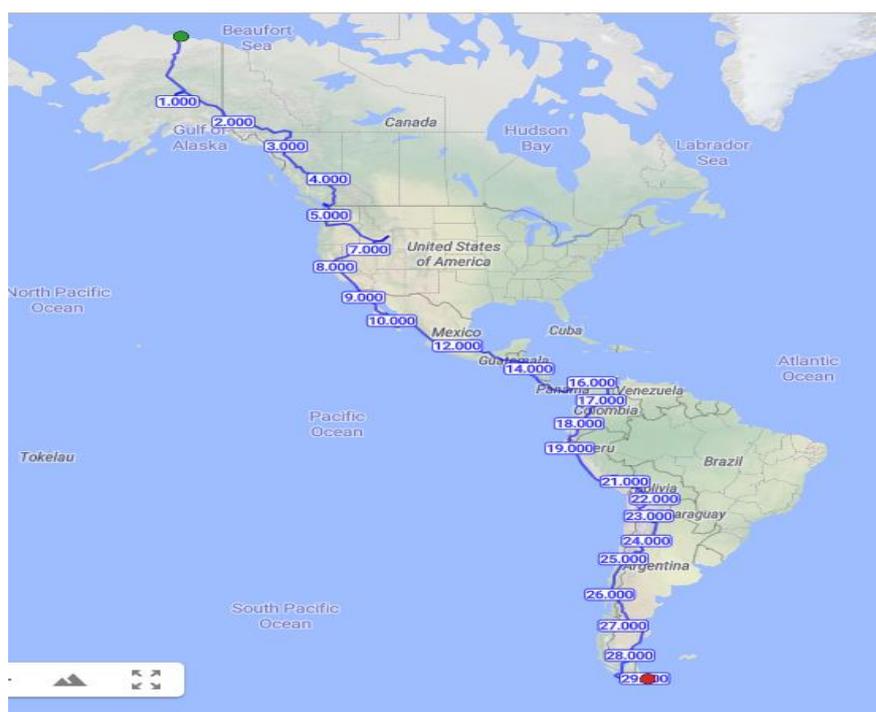
No encontro com a pesquisadora, Juli levou os seis diários de viagem e o mapa que usou no percurso, pois nem sempre havia sinal de internet e energia para fazer consulta no celular. Comentou ter uma placa solar para carregar os aparelhos eletrônicos, mas procurou economizar o quando pôde. Além do diário de papel, que prefere, tem registros *on-line* em redes sociais, como o *blog* “Extremos das Américas”<sup>22</sup>, que está parado atualmente, pois será usado para um livro de contos. Explicou que costuma, por segurança, tirar fotos das páginas do diário de viagem quando termina de escrever e também gravar pensamentos e vídeos quando pedala. Juli tem um *logbook*, um caderno, no qual escreve todos os dias detalhes como quantos quilômetros percorreu, clima etc. E um diário, no qual não escreve todos os dias, onde estão os registros de suas memórias e lembranças das representações como: passagens, moedas, entre outras, além de pensamentos, ideias e sentimentos. Juli disse que os registros são muito significativos. Com o mapa em mão, descreveu seu trajeto:

Saí de *Prudhoe Bay*, no norte do Alasca, desci pela *Dalton Highway* e fui até *Fairbanks*, cruzei para o Canadá, no estado do *Yukon*. Do *Yukon* fui para as Rochas Canadenses, Colúmbia Britânica para Montana nos Estados Unidos, onde fui no *Yellowstone* e cruzei pelo *Wyoming*, entrei um pouquinho em *Idaho*, desci em *Utah*, cruzei uma pontinha do Arizona, Nevada, Califórnia, onde fui para San Diego [...] San Diego é a fronteira com o México, cruzei para *Tijuana*, na Baixa Califórnia, já no México. Fui para Baixa Califórnia Sur, cruzei para o continente, aqui é Sonora, depois para *Durango*, Cidade do México, fui para o litoral, onde fui para a península de *Yucatán*, fiz toda a península de *Yucatán*. Depois fui para Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, onde eu sofri o acidente, Panamá, até a Cidade do Panamá, aqui eu iria cruzar de barco, mas por conta do acidente, eu não consegui mais pedalar, aí eu voei para a Colômbia e da Colômbia voltei para o Brasil [...] Agora, eu vou fazer Guiana, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, até chegar ao final do continente!

---

<sup>22</sup> Disponível em < <http://www.julihirata.com/>>. Acesso 30 de outubro de 2018.

FIGURA 2 - Mapa de todo o percurso



Fonte: autoria da viajante, 2018.

Por fim, questionou-se o que significa ser uma mulher que viaja sozinha e de bicicleta:

Significa resistência, só o fato da gente estar sozinha viajando, não precisa nem ser de bicicleta, uma mulher viajando, se autoconhecendo, sozinha [...] a gente raramente está sozinha. Mas essa ideia de mulher sozinha na estrada, se divertindo, fazendo o que sempre os homens fizeram! É resistência! Nossa presença na estrada é fundamental para ter mais mulheres na estrada e trazer mais segurança para nós mesmas. É fundamental a gente resistir!

Juli, na conclusão de seu relato, presenteou a pesquisadora com algo muito delicado e sensível, uma semente chamada *Dente de Leão*.

FIGURA 3- Presente “Dente de Leão”.



Fonte: autoria da pesquisadora, 2018

A semente chamada *Dente de Leão* é o símbolo do projeto de viagem na página virtual e tem um grande significado para Juli. Ela explica que é uma das sementes mais antigas e resistentes da natureza, que após passar anos “armazenada” ainda germina:

Eu acho que é um dos melhores e delicados símbolos de resistência, ele parece frágil, mas ele é mais resistente do que a gente imagina, vai muito mais longe do que a gente imagina, tanto no tempo como geograficamente [...] Eu espero que as sementes viajem para longe e perdurem pelo tempo!

FIGURA 4 – Imagem da Viajante Juli



Fonte: autoria da pesquisadora, 2018.

### 3.2 Relato de viagem: Pam

A segunda Viajante chama-se Pãmella Marangoni, natural de Bonito, Mato Grosso do Sul. Este ano completa trinta anos. Pam relatou que em sua primeira viagem de bicicleta o objetivo inicial era chegar até o México. Partiu para a aventura no dia 9 de março de 2016. Narrou sua história na cidade de São Paulo, sendo uma de suas passagens de viagem, após o retorno do México e da estrada.

Pam disse que está no mundo das viagens há quatorze anos. Começou viajando de carona para congressos, antes de trancar a faculdade de arquitetura em Dourados, Mato Grosso do Sul. Assim, conheceu alguns estados do Brasil, pois era a *“maneira mais barata de viajar”* antes de se entregar ao mundo das viagens. Em seguida, expandiu os horizontes e começou a conhecer outros destinos: Machu Picchu, no Peru, Bolívia, Argentina e Venezuela. Relatou que se *“enrolava toda”* para poder viajar, até trancar de vez a faculdade. Pam afirmou: *“com o passar do tempo, resolvi que era isso que eu iria fazer mesmo da minha vida!”* A bicicleta apareceu depois em seu caminho. Há quase três anos, depois de viajar pela Patagônia, na Argentina, de carona de sua casa até o destino, disse que já estava cansada de ter que contar a mesma história, pois era sempre a mesma “entrevista”. Comentou que sentiu necessidade de se mover com mais autonomia e, em uma das caronas, refletiu sobre outras possibilidades de continuar viagem:

Eu senti que precisava de algo meu! Uma viagem só minha, eu sozinha, eu e minha barraca, com as minhas coisas. Poder tomar minhas decisões, poder ter mais liberdade, mais mobilidade! Eu sentia essa necessidade de me mover, mesmo! De ser dona de mim! Chegar nos lugares com meu próprio esforço! E aí eu passei aquela viagem inteira de carona, eu estava na região chamada *Caleta Olivia*, lugar lindíssimo no sul da Patagônia, eu olhando a Lua nascendo no mar, toda aquela cena e o motorista era bem calmo, ele quase não conversava, eu fiquei HORAS pensando: *“-Meu Deus, o que é que eu vou fazer? Eu preciso, sei lá ...uma kombi, moto e uma bicicleta, alguma coisa!”* E aí fui eliminando! *Kombi*, eu não tenho habilitação, eu nunca tive interesse em tirar, aí pensei, vou ter de tirar habilitação, me programar, e tal! *Moto*, eu já tinha moto, mas também tem custo do combustível, dos pedágios, é um pouco perigoso!

Enquanto pensava, Pam chegou em uma região *hippie* de *Ushuaia*, chamada de *Carretera*, um lugar com muitas pedras e vento forte. O caminhão onde estava chacoalhava muito. Nessa oportunidade, observou dois rapazes em uma bicicleta bem carregada, mas com o semblante muito feliz para um percurso “bem sofrido”. Então, Pam indagou, com grande admiração: “*Se eles conseguem, eu também consigo [...] Acho que vai ser isso!*” Passou quarenta dias na Patagônia refletindo sobre a bicicleta. Lá se deparou com muitos europeus andando de bicicleta, até que retornou para casa decidida:

Eu voltei com a cabeça fixa! Vou trabalhar, vou comprar uma *bike* ... É isso que eu quero da minha vida! [Risos] E para mim não era só a questão da liberdade, de fazer o que eu quisesse! É um desafio físico, eu tenho vários problemas de saúde e eu NUNCA tive bicicleta na vida para andar! Nunca fui de andar e fazer esporte, NADA! Era assim: “- *Vou ver do que o meu corpo é capaz!* [risos]. Eu vou resolver o que eu consigo fazer! E se não der, tudo bem! Mas eu tentei... eu quero é tentar!” E aí quando voltei, contei para minha família, contei para minha mãe e ninguém me deu bola, o meu namorado deu risada de mim! E falou: “- *Você não faz nada de bicicleta* [risos] *como você vai viajar de bicicleta?*” [Risos] Mas aí... eu tinha certeza que era aquilo que eu queria, não tinha dúvidas! E comecei a fazer brigadeiro para vender e comprar a *bike*, comecei a estudar noites e noites, eu passei uns três meses, assim ...o tempo que eu tinha ou eu estava vendendo doce na rua ou lendo sobre viajar de bicicleta, que bicicleta eu tinha que ter, que material eu tinha que comprar, pesquisando tudo! E aí tem um *blog* de um casal, eles hoje são meus amigos, eu falo que são meus padrinhos, que é *Pedarinhos*, a Ana e o André. Eu adoro eles! Eu lia muito o *blog* deles e só no *blog* deles consegui as informações mais técnicas de como montar a bicicleta, como equipar. E a partir de lá, eu entendi que tinha que ter tanto de dinheiro para poder comprar tal bicicleta! ... Só que fazer cinco ou seis mil numa bicicleta ideal BÁSICA, eu não estava a fim! Eu pensei assim, vou juntar mil e quinhentos, esse é meu propósito! O que eu conseguir comprar com isso, está ótimo! Aí...consegui fazer um pouco do dinheiro, recebi doação na página, ... achei a bicicleta no aplicativo de compra [risos], aqui em São José dos Campos. E quando eu vim foi uma alegria! Eu vim de carona, consegui comprar a *bike*, passar um dia lá, conhecer um outro rapaz Eduardo que também já tinha viajado! Me ajudou escolher a bicicleta, falar se ela estava boa, se não estava...Porque eu não sabia Nada! Não sabia nem trocar marcha [risos] totalmente DÃH! [Risos] E ele me ajudou a montar a bicicleta inteira, me ajudou a entender de mecânica, me explicou como funcionava, comprei algumas peças com ele e o que eu iria precisar para organizar a bicicleta.

Pam disse que quando retornou para Mato Grosso com a Bicicleta, em uma das caronas que a tinha levado para São José, ficou muito feliz por ter conhecido o rapaz que lhe ajudou e ainda deu muitas dicas. Com a bicicleta na mão, se indagou: “- *Agora já tenho a bicicleta* [risos] *E que faço agora?* [Risos]”. Assim, aprendeu a fazer bolsas para a viagem de bicicleta, os alforjes, porque não tinha dinheiro para comprá-los. Fabricou os próprios alforjes, com potes de vinte litros de manteiga comprados em uma padaria, fez as alças. Ela explicou que foi ao torneiro, escolheu a chapa e montou a

bolsa, que decorou com adesivos de flores. Deixou a bicicleta, nas suas palavras, toda “*frufu*”. Pam disse que estava *enrolando* para começar a viagem, pois se sentia insegura e com muitos medos, como o medo do trânsito, medo de cair e de ser atropelada. Resolveu fazer o primeiro teste, que era o caminho da casa de sua mãe em Maracaju até a sua casa em Bonito, uma distância de cento e sessenta quilômetros. Ao alcançar trinta quilômetros, relembra: “*eu já não aguentei a pedalar! [...] Não rolou...eu pedi carona, eu cheguei em casa de carona*”. Porém, Pam não desistiu, fez o segundo teste indo de Bonito à Gruta do Lago Azul, quarenta quilômetros, ida e volta, com pouca bagagem. Pam comentou que foi um desastre e, ao retornar, pegou carona novamente e chegou a pensar: “– *Meu Deus, eu não estou aguentando chegar AQUI! Imagina chegar no México [risos]*”. Mas falou para si mesma e decidiu: “*o dia que tiver que ser, eu vou andar trinta, vou acampar, no dia seguinte faço mais dez, não importa. Eu vou!*”.

Logo após, dois rapazes viajantes de bicicleta passaram uns dias em sua casa e a convidaram para ir com eles a um churrasco em Nioaque, a uma distância de cento e trinta e cinco quilômetros. Ela chegou a comentar que se não aguentasse pegaria carona até o local ou voltaria para casa, pois não conseguia pedalar trinta quilômetros, mas relatou que no caminho os rapazes lhe deram muita força e empolgação e, assim, conseguiu fazer o percurso todo, pedalando em um único dia, sendo esse o incentivo que precisava:

Foi...assim, realizador para mim! Eu, imagina... “- NOSSA! EU SAÍ DE BONITO ATÉ NIOAQUE DE BICICLETA! CARAMBA!!! [RISOS]. Foi muito legal! Depois desse dia já... Eu me encorajei! Faltava isso, acreditar que eu era capaz! Botar fé no meu físico, porque assim eu tenho dois joelhos estourados [Risos]... Eu tenho uma lista infinita e meus músculos da coxa não aguentavam! E esse dia, foi que foi! Só minha bunda que ficou doendo, porque não tem jeito! Essa dói mesmo! [Risos]

Quando Pam retornou para casa teceu o plano inicial de viagem até a Amazônia:

E quando eu voltei para casa, eu marquei uma data! E falei: “- *Vou sair .... Vou até a Amazônia*” e de lá eu vou entrar pelo Peru e subir para o México, era meu plano inicial [...] Comecei a viagem assim .... Fui de Bonito a Bodoquena, o primeiro dia são setenta quilômetros, ainda em Mato Grosso do Sul, depois oitenta, depois cem, depois cento e vinte... Eu não queria pegar carona de jeito nenhum! Eu queria só [Risos] pedalar e pedalar ...tinha dias que eu não queria parar para conversar com as pessoas, [risos] só pedalar! Mas foi bem legal! Cheguei até Porto Velho, em Rondônia, visitei alguns parentes no caminho. Levei dois meses e meio de estrada. São mais ou menos dois mil quilômetros! Em Rondônia, eu deixei a *bike* um mês. E três amigas foram para lá de carona me encontrar.

Pam disse que foram para a Amazônia, ficaram cerca de trinta dias e convidaram três amigas para seguir com elas até o México. As amigas fizeram uma contraproposta: aceitariam o convite apenas se Pam concordasse em começar a viagem do México até o Brasil, pois estavam muito perto de casa e seria fácil desistir. No entanto, apenas duas a acompanharam, Michele e Gisele. Cada uma voltou para o estado onde morava, uma delas largou a faculdade e a outra o emprego federal, compraram bicicletas, Pam voltou a Porto Velho para buscar sua bicicleta, compraram passagens de avião e, em dez dias, ou menos, tudo já estava resolvido, então voaram para o México. Quando chegaram ao México, as amigas passaram pelo mesmo processo inicial, mas Pam teve quase oito meses de preparo psicológico e físico. Lá, ficaram hospedadas na Casa do Ciclista. Pam explicou que era como se fosse uma rede de apoio aos viajantes, existente em várias cidades grandes, como Foz do Iguaçu e Lima, no Peru, por exemplo. Trata-se de um espaço da casa aberto ao viajante que, geralmente, conta com uma oficina e um local para acampar, simples, mas que possibilita ao viajante se organizar sem pressa. Quem usa o espaço é livre para deixar alguma contribuição nas contas de água ou luz. Dois rapazes que fazem parte da organização as ajudaram a montar as bicicletas. Pam relatou que recebeu muitas doações para a bicicleta com seu *Blog* e que Ana, do *blog Pedarinhos*, doou seus alforjes, assim como Pam doou os dela, feitos de potes de manteiga, para Michele. Gisele também fabricou seus alforjes com potes. As três viajantes ficaram quinze dias na Cidade de México somente organizando a logística da viagem. Pam comentou que Michele estava com medo do trânsito, que é parecido com o de São Paulo, “caótico”. Os garotos com quem fizeram amizade resolveram acompanhá-las até a saída da cidade, mas acabaram viajando com elas por mais de vinte dias com a roupa do corpo e apenas os documentos. Chegaram a dividir suas roupas e barracas. Pam disse que era muito engraçado, porque os garotos ensaiavam ir embora, ficavam tristes e estendiam a viagem por mais uns dias, até que resolveram voltar e elas continuaram a seguir viagem:

Atravessamos boa parte do México, fomos para Cancun...a Michele resolveu voltar para o Brasil, pois a *bike* não estava dando mais para ela. Ela já não se sentia tão bem pedalando e ficamos eu e Gi. Nós alugamos um apartamentozinho lá e fomos trabalhar fazendo faxina, que também o dinheiro estava acabando. A gente tinha que levantar grana, tentamos vários tipos de serviço [risos] desde vender gelinho, sacolé na praia e fazer faxina no apartamento dos outros[...]

Ao ser indagada sobre a dificuldade para conseguir o serviço, Pam comentou que não foi tão difícil, mas como não falavam inglês, e havia muito trabalho para quem sabia o idioma e, também, por não terem visto de trabalho mexicano, trabalhavam ilegalmente. Ambas tiveram uma “sacada” e imprimiram cartões, escreveram em espanhol seus contatos para serviços de limpeza e distribuíram nos apartamentos. Com isso, conseguiram dinheiro e puderam fazer passeios. Pam relatou que estava em um local muito “badalado”, com praias lindas, chamado *Playa del Carmen*, quando conheceram o Tubarão Baleia. Os dois garotos retornaram e ficaram lá com elas, e também o namorado de Pam foi visitá-la. Com ele, viajou para Cuba. Em seguida, ele voltou para o Brasil, assim como Gi. Foram quase oito meses no México, até que chegou o momento de seguir viagem sozinha:

É aí que para mim a viagem parece que começou ... A verdadeira viagem que eu saí de casa procurando! Tipo o desafio pessoal [som com a mão], o desafio físico [som com a mão], o desafio mental de estar ali sozinha, ter que trabalhar, ter que se virar em outros países e eu ainda não falava muito bem o espanhol. Eu me senti ali de verdade, ESTOU vivendo o que eu queria! [...] Saí do México que eu já estava super em casa, já sabia bem os costumes, os sotaques, o dinheiro. Aí entrei na Guatemala que é bem mais cara, machista, trânsito caótico, sem acostamento, teve um dia que eu peguei carona porque eu não estava me sentindo segura, eu já estava com medo de alguém me atropelar, os ônibus tiravam fininhas [som com a mão]. Muita subida, muita montanha, chuva, FRIO, foi assim ... “- MEU DEUS, O QUE EU ESTOU FAZENDO? [Risos]”. O desafio parece que estava todo ali, naquela primeira semana, na Guatemala! E eu tinha uma data para chegar na Costa Rica, porque o meu namorado iria chegar de novo. Já tinham se passado meses ...e aí eu tinha tipo quarenta dias ou sessenta dias para atravessar a América Central para chegar na Costa Rica .... E eu fazia assim, pedalava e pedalava, parava e largava a *bike* em alguma casa dessas de apoio e iria de carona conhecer alguma coisa, lá do outro lado do país! Fazia uma cachoeira que eu queria. [...] a cascata de água azul, eu ia para lá fazia uma pirâmide, voltava fazia o vulcão, fazia trilha, pegava a bicicleta! [Batida da mão] Próximo País! [Risos]

Desde o início, Pam não tinha um planejamento fixo, mas por ter muita ligação com a natureza – a água e os animais – geralmente, era o que mais procurava conhecer, além das culturas maias e astecas, mas:

Desde o início, eu só sabia que eu queria sentir a viagem ao extremo! Poder ter essa liberdade de mudar de planos, de parar, de me mover, de acampar aqui, acampar lá ... Eu ia pedindo dica com as pessoas, conforme eu também iria publicando, alguém me marcava em alguma coisa, eu ia. Todos os dias era um novo dia. A não ser essa parte da viagem que eu tinha que estar na Costa Rica [...] Depois eu fui para *El Salvador*, um país super pequenininho, todo mundo falava que era perigoso, realmente, eu via as pessoas com arma na rua, nos comércios assim ...sabia que tinha algo, mas graças a Deus não aconteceu nada! Ali foi a primeira vez que eu parei para descansar, que eu paguei uma pousada! Era muito barato, mas eu estava com muita cólica nos dias pedalando ...Estava chovendo muito...aí fiquei oito dias em *El Salvador*, vendia brigadeiro lá ... mas o brigadeiro não saía tão bem! Aí eu vendi beijinho, eu fiz amizade com o cara que vendia coco ...[risos] comprei leite

condensado... As pessoas tomavam a água do coco, largavam o coco, eu pegava o coco ... ralava e fazia beijinho, vendi na praia [risos] fiquei muito bem... Fiz uma grana e fui ... Em Honduras [...] eu passei o maior susto da viagem!

Quando Pam cruzou a fronteira em Honduras, tentaram roubá-la. Dois homens em uma moto passaram três vezes por ela. Na terceira vez a cercaram, e Pam não tinha para onde correr. Eles falavam com ela em inglês pensando que era uma *gringa*. Apesar de não compreender o idioma, Pam entendeu o recado, descreveu sentir até arrepio quando eles pediram que descesse da bicicleta, mas, ao olhar para trás, Pam viu um caminhoneiro vindo e imediatamente levantou os braços fazendo sinal de pânico. O caminhoneiro jogou o caminhão sobre eles com força, e quase chegou a atropelá-la. Com isso, os assaltantes foram embora, fazendo ameaças. O caminhoneiro, com a ajuda de Pam, colocou a bicicleta no caminhão e a levou de carona, por segurança, até a Nicarágua, porque ela corria risco de vida se os assaltantes a encontrassem novamente em Honduras:

Eu fiquei tão em pânico, que eu estava cega, não estava nem raciocinando...Faltava, acho, duzentos e setenta quilômetros para terminar Honduras. Ele falou que só iriam me deixar na Nicarágua [...] e me deu assim ... uma lavada! Falou um monte [risos]: “- *Aqui não é lugar de mulher, aqui não é para ficar sozinha! Você tem que ter o teu marido! Onde é que já se viu uma mulher andar sozinha*” e eu já estava assim apavorada, eu não sabia nem o que eu falava .... Eu só concordava: “- *Desculpa, tá bom!*” [Risos] Ele pegou e me deixou na Nicarágua! [...] Lá eu entrei em contato com um rapaz da *Warmshowers*, que é também uma rede que hospeda viajantes e a família dele era a primeira vez que iriam receber alguém [...] Ele tinha acabado de fazer esse perfil. Eles foram me buscar em Manágua Capital. [...] Eu andei umas oito horas pedalando sem parar para chegar em Manágua, e aí ele foi me buscar no vilarejo lá perto. Jogou minha *bike* dentro do carro, eu não sabia nada! O perfil dele era vazio e foi a primeira pessoa que me aceitou, eu pensei: “- *Vamos embora [risos]!*” Eles foram me buscar, eu só queria chorar [risos]...eu só queria dar um abraço, como se fosse alguém da minha família!

Relatou estar muito frágil e apavorada, mas essa família a fez se sentir em casa. Com exceção da mãe, eram todos cubanos. A mãe e a irmã eram esportistas, deram roupas para Pam: “*eu não tinha roupa mais para nada, estavam todas rasgadas, me levaram no mercado e fizeram compras*”, que não sabia como iria carregar. Passou dois dias com eles antes de seguir viagem. Disse não saber o que fazer para agradecer, chegou a fazer brigadeiro e confessou estar surpresa com a recepção. Era uma “família total”. Ainda antes de ela partir, deixaram um recado para Pam, pois tinham saído cedo para o trabalho. Deixaram também dinheiro para que comprasse um *chip* de celular do país, e mais o dinheiro da recarga para que continuasse a dar notícias. Esse gesto a fez chorar, justo ela que se considerava “*a pessoa mais emotiva do mundo!*”

Pam disse que passou por lugares e estradas lindíssimas na Nicarágua, depois reencontrou na Costa Rica uma amiga que fez na Guatemala, cuja lembrança a deixou emocionada. Ficou cerca de trinta dias por lá, onde recebeu a visita do namorado. Viajou com ele para o Panamá, deixando a bicicleta na Costa Rica. Do Panamá, voou para uma ilha na Colômbia, onde seus sogros os visitaram e ficaram por dez dias. Pam, nesse período, tirou *“férias da bicicleta”*, mas, em seguida, voltou para a Costa Rica e retomou o pedal. Pedalou por todo o Panamá e, para atravessar o canal e chegar na Colômbia, as únicas opções eram barco ou avião. Foi para a Colômbia de avião. Disse que nesse país as pessoas *“são muito hospitaleiras com a bicicleta, te tratam super bem, um país lindo, uma comida barata”*. Tudo estava bom, porém já fazia um ano e meio que estava fora de casa. Na semana em que estava por lá, soube de duas notícias que a deixaram *“abalada”*, ao saber da morte por atropelamento de uma brasileira e de uma argentina viajantes. Parou na cidade de Guatapé *“desmanchada e sem chão”* com as notícias e pensou: *“- Meu Deus, será que já deu para mim? Será que a viagem acabou, o que eu estou fazendo aqui?! Eu já estava em pânico, sentimentalmente sem condições de estar lá”* e, nesse momento, teve a surpresa de um telefonema de sua mãe, algo que era raro, como um sinal para voltar para casa. Sua mãe disse emocionada que estava com muita saudade e queria que ela voltasse: *“aquilo lá entrou no peito como se fosse uma faca, não é?! Falei: “- Dez dias estou em casa!”*

Pam anunciou o celular na rede social, escreveu que precisava vendê-lo para comprar a passagem de volta para casa. Um dos seus amigos comprou e depositou o dinheiro, mas ela só entregaria o celular quando chegasse em Mato Grosso do Sul. Nessa, terminou a viagem pela Colômbia pedalando sem parar, entrou no Equador e achou um local que tinha linha de ônibus direta para Lima, no Peru. Em Lima, pegou outro ônibus: *“foram três dias assim, entrando em ônibus, saindo de ônibus, coloquei no ônibus a bicicleta de qualquer jeito!”* Chegou em *La Paz*, na Bolívia, e disse sentir necessidade de respirar, pois já estava mais calma e aproveitou para visitar uma amiga brasileira, Janaína, que estava morando lá e teve um filho. Ali permaneceu dois dias. O marido da amiga trabalhava em agência, e nesses dois dias elas fizeram passeios, como a trilha da estrada da morte da Bolívia. Encaixotou a bicicleta, descansou a cabeça, mas afirmou que estava com muitas saudades de casa:

Eu estava feliz pra caramba! De ter vivido tudo aquilo, de ter acampado sozinha, noventa por cento das noites, e ter ficado em praia, de ter vencido o meu desafio físico, psicológico e tudo. Eu falava: *“- preciso estar em casa, preciso contar para a minha família”* [risos]... Preciso contar para todo

mundo! ... E aí eu peguei outro ônibus até a fronteira com o Brasil e depois fui pedalando da fronteira até em casa...

Mas quando chegou em Bonito, ficou escondida por dois ou três dias para fazer uma surpresa para sua mãe. Acompanhada de uma repórter, combinaram de filmar sua chegada. E também combinaram com os amigos para que mantivessem sua mãe na casa em Maracaju. Pam relatou que foi uma linda chegada na casa de sua mãe. Antes de entrar, bateu palma e chamou: “– *Oh, mãe, tem pão velho?*” E minha mãe saiu chorando, foi muito lindo!”. Disse que retornava se sentindo uma outra pessoa:

Eu toda trabalhada na cicloturista [risos] com os pernão [...] estava toda linda, sorriso... Quando eu fui fazer a viagem, eu cortei todo meu cabelo, que era alisado, comprei uma tesoura, tirei tudo e quando eu voltei, meu cabelo estava cacheado e comprido, é ... outra pessoa, que a viagem transforma muito a gente... [...] Eu não sou a mesma pessoa que saiu, isso não tenho dúvidas, e continuo... lógico que todo mundo está em constante mudança, mas eu não sou mais aquela pessoa! Eu saí muito menina, não imatura, mas o fato de eu estar em outro país, com pouca grana, dependendo, querendo ou não, das pessoas, por mais que eu não pedisse dinheiro na rua, mas eu dependia de uma informação, eu dependia de um copo d’água, é ... eu dependia às vezes da bondade de alguém, de falar: “– *Pode dormir aqui, pode acampar no meu quintal?*”, isso mexe muito com a gente! A gente valoriza coisas que no dia a dia passam batido, não é?! [...] Hoje em dia eu sou muito mais confiante, eu pego estrada mesmo! Eu volto [risos], eu não tenho medo do que pode acontecer, porque eu sei que se vai acontecer, vai acontecer! Tem gente ruim em qualquer lugar do mundo! Eu não preciso estar longe para as coisas acontecerem [...] [Riso]

Pam conta que foi bem recebida pelas fronteiras por onde passou, principalmente se vissem que ela era brasileira, e procurava até colocar alguma roupa com o símbolo do Brasil. Explicou que tinha apenas de pagar uma taxa de saída e entrada. Porém, a zona de fronteira, segundo Pam, “*é terra de ninguém*”, é preciso estar sempre atento. Cruzou a fronteira de quatorze países, mas, a seu ver, estar em outro país é ser um forasteiro. Recebeu alguns “nãos” e aprendeu que “*ninguém está para te servir*”, percebeu alguns olhares tortos. Na Nicarágua, por exemplo, foi muito assediada, mesmo na presença do seu namorado, por ser um país muito machista, em sua opinião. Pam narrou procurar usar roupas que, aparentemente, não demonstravam se tratar de uma mulher viajando sozinha fora do país. No Brasil, explicou que já não tem esse receio, o machismo e o assédio também existem, mas não sente o país tão ameaçador quanto os países da América Central. E, por mais que já tenha sido chamada de “*louca*” por “*largar tudo para viajar*”, e ser indagada como fez para se manter na viagem, Pam alegou que nessa experiência se estabeleceu uma relação muito verdadeira com o outro, de troca, pois quando alguém a ajudava, sentia que não era uma relação de interesse, e sim bondade e o querer compartilhar: “*Mas em geral é uma admiração, é uma coisa muito bonita. A*

*bike abre as portas!*” No entanto, dos lugares que já conheceu, expressou ter dificuldade em dizer com quais deles mais se identificou: citou o México, por ser o país de que sente mais saudades, pelo tempo que vivenciou por lá e por ser a primeira viagem de avião.

Na viagem, procurou se manter com dez dólares por dia, apesar de chegar a passar momentos quase sem dinheiro algum. Chamava sua bicicleta de *Monalisa*, “sua musa pobre, Mona, a lisa”. Essa é também uma alusão à obra de Leonardo da Vinci, de quem é grande fã. O “trocadilho” acontecia, segundo Pam, quando “dialogava e ria” com a *Monalisa*. Para ela, além da bicicleta se tornar um vício, por causa das reações de prazer que provoca no corpo, “*é um exercício para pensar*”. Carregou em média cinquenta e cinco quilos e adquiriu muita coisa no caminho, como o fogareiro, pois cozinhou também a própria comida. Recebeu doações, como algumas roupas específicas de pedal. Além disso, costumava levar ferramentas, computador, roupas, alimentação e barraca. Sua bicicleta é uma *Mountain Bike (Aro 26 Shimano Deore)*. Segundo Pam, tudo que precisa está em sua bicicleta, é o encanto de viajar sozinha:

Eu falo que acontece uma magia todo dia pela manhã [sorrisos com emoção] quando eu sento na bicicleta e dou aquele primeiro giro, a hora que eu faço o primeiro giro no pedal, eu sinto o peso das minhas coisas, das minhas responsabilidades, dos meus sonhos, de tudo que eu preciso... da minha comida, da minha água, tudo está ali ... na minha bicicleta! Então, para mim é a melhor sensação do mundo! Eu sentir que sou dona de mim, dona do meu tempo e que eu posso fazer meu caminho! [...] Eu não tenho que dar satisfação de nada! Eu que resolvo! Então, essa sensação da liberdade e de usar o tempo a meu favor...é o que mais me encanta em estar sozinha!

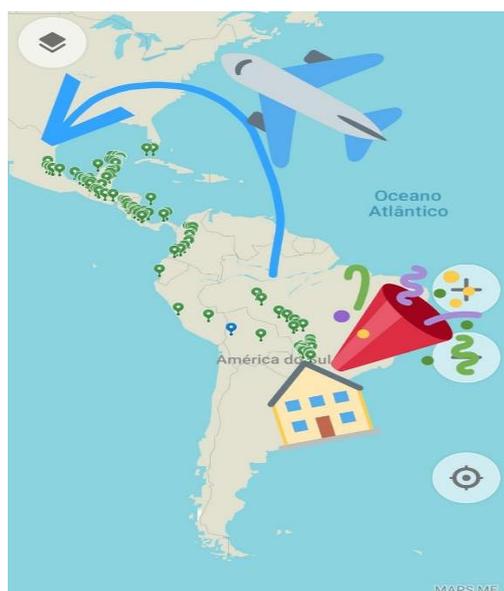
No momento atual, Pam se percebe como alguém que enfrentou suas “barreiras de medos”: “[...] eu via alguém cheia de barreira, eu tinha a barreira do idioma, a barreira financeira [...] o que me impedia de ir mais longe [...]”. Hoje em dia sei que eu consigo me virar em qualquer situação do mundo, eu não tenho medo mais do diferente ...eu tenho busca pelo diferente”. E o diferente que Pam retrata são “os desafios, pessoas [...] eu aprendo tanto com o desenvolvimento das outras pessoas também, e viajando isso é mais intenso, é mais forte, é mais rápido, do que eu estando parada [...]”

Por fim, disse que quando resolveu voltar para sua casa, estava muito decepcionada com ela mesma, pois o objetivo era viajar mais oito meses. Lembrava apenas dos momentos de desespero, mas refletiu também que aprendeu muitas coisas boas. Entre os aprendizados, a decisão de voltar, saber o momento de recuar, pois não precisava provar nada a ninguém, tanto que se sentiu livre para retornar quando teve muita saudade e,

assim, resolveu assumir a viagem como seu novo modo de vida “*Eu não considero mais que eu estou em viagem, eu acho que vivo agora na estrada*”. Pam disse que chegou no mês de julho do ano passado, mas retornou em maio para a estrada. Explicou que considera a cidade de Bonito o seu marco zero, pois ali, além da família, está o seu namorado. Pretende juntar dinheiro e ir para outro continente, como a Ásia ou a Europa, pois precisa de outros desafios. Atualmente, a ideia é viajar mais um pouco pelo Brasil e até dezembro partir para outro continente, quem sabe dar a volta ao mundo: “*como um ser humano em evolução, eu não quero estar fixa ainda, eu quero estar migrando!*”

Pam contabilizou que desde o México até este momento pedalou em torno de quinze mil quilômetros. E, descontadas as caronas, foram quatorze países de bicicleta. No total, com as caronas, dezenove países. Com a bicicleta, teve apenas um furo, depois de investir em um bom pneu alemão no México e da quebra do bagageiro dianteiro quando estava voltando para casa, mas que logo foi arrumado.

FIGURA 5– Percurso da viagem



Fonte: Aatoria da Viajante, 2018

Pam disse que não encontrou pessoalmente nenhuma outra viajante brasileira no caminho, mas conheceu oito mulheres, como Ada e Cris, que já concluíram a viagem. De estrangeiras, chegou a conhecer três.

Entre suas formas de registro da viagem, além das redes sociais, *blog*, páginas recentes “*100 frescura e 1000 destinos*”<sup>23</sup>, imagens, vídeos, tem no total sete diários

<sup>23</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/100Dinheiro100FrescuraE1000Destinos/> > . Acesso 14 out de 2018.

onde estão suas reflexões, sentimentos e memórias, que pensa em transformar em um livro. Segundo Pam, se sente muito útil nas suas redes sociais, porque incentiva as pessoas, “*como uma psicóloga*”. Essa foi a forma que encontrou para retribuir tudo que o “*universo lhe dá*”.

Conclui que sua experiência significa e representa a sua vida em “plenitude”:

Diria que beira o que se chama de plenitude, tem dias que eu estou pedalando, que está difícil, que está aquele vento, sol na cabeça, é inevitável, a gente ficar pensado no outro lado da vida, poxa, se eu estivesse num escritório, se eu terminar minha faculdade, se eu tivesse todo o conforto, como será que seria? .... Pedalar é um exercício para pensar. E aí tem momento que eu estou assim com todo esse questionamento, com todo esse balanço .... e me vem um conforto, um afago tão bom que fala assim: “- *Você está vivendo os melhores dias da sua vida, aproveita e pare de pensar tanto...[risos]*” [...] Acho que poder estar vivendo isso, além de ser um privilégio, é uma sensação de realização muito boa, o que sinto é isso, plenitude, a realização de não só os meus sonhos, mas os sonhos de muita gente, que gostaria de fazer. Mas eu como pessoa, se eu pudesse melhorar a minha vida, se ganhasse na loteria, eu não mudaria minha vida, eu iria ajudar outras pessoas a fazer o mesmo e não deixaria de viajar de bicicleta, no máximo iria comprar uns equipamentos melhores e comprar uma bota nova! [Risos]

FIGURA 6- Imagem da Viajante Pam



Fonte: foto de autoria da Viajante, 2018.

### 3.3 Relato de viagem: Ada

A terceira Viajante chama-se Ada Cordeiro, atualmente tem trinta e sete anos, é natural de Itabira, em Minas Gerais, mas reside e trabalha em Brasília. É graduada em Administração. O encontro ocorreu via *Skype*. Ada relatou sua experiência de quase dois anos de viagem: partiu no dia 19 de janeiro de 2015 e retornou em 11 de dezembro de 2016. Viajou sozinha e de bicicleta pela América do Sul, onde percorreu doze países, além de quinze estados brasileiros. Deixou de fazer apenas o Paraguai, porque não constava do caminho inicial que pretendia percorrer. Totalizou vinte e dois mil e setecentos e cinquenta e dois quilômetros pedalados.

FIGURA 7 – Mapa do percurso



Fonte: autoria da Viajante, 2018.

Ada informou que, praticamente, desde a infância, a bicicleta faz parte de sua vida. Lembrou-se de quando era adolescente. Enquanto suas amigas queriam uma festa ou um presente diferente de quinze anos, o presente diferente que Ada queria era uma bicicleta *Ceci* (modelo feminino). Por influência de seu irmão, com interesse de usá-la, Ada escolheu e pediu uma *Mountain Bike* a seu pai, que a presenteou. Essa bicicleta a acompanhou até o período da faculdade em Viçosa, se tornou seu meio de transporte e lazer. Quando resolveu morar em Brasília, continuou a assumir a bicicleta como meio

de transporte e atividade de esporte, já em uma nova *Mountain Bike (Specialized myka modelo 2011)*.

Dessa forma, disse ter uma relação muito próxima com a bicicleta, mas não tinha pensado ainda na possibilidade de viajar com ela. A ideia surgiu apenas em 2013, quando conheceu um mineiro que, na época, morava e trabalhava no Canadá para juntar dinheiro para sua viagem de volta ao mundo com a bicicleta e ficou surpresa ao saber e pensar “- *Nossa, como assim de bicicleta?*” *Eu sempre andava de bicicleta quase todos os dias e nunca tinha pensado em fazer nenhuma viagem!*” Ada disse que ele a convidou para fazer uma viagem curta, de três dias, de Belo Horizonte até a Serra do Cipó, também em Minas Gerais:

E aí eu tive mais contato com esse mundo, como era viajar de bicicleta [...] nessa viagem de três dias eu já me apaixonei por esse estilo de viagem[...] Ter conhecido ele foi uma janela de um mundo que se abriu para mim de possibilidades que não sabia que existia! Eu comecei a pesquisar tudo e resolvi então fazer uma outra viagem.

Essa outra viagem fez com amigos pela Estrada Real. Então, decidi fazer uma viagem de quase um mês pelo caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Realizou o percurso sozinha, por querer e também por não ter companhia. Antes de ir, pesquisou e concluiu que era um lugar seguro. E chegando lá, Ada percebeu que “*não era um monstro de sete cabeças, principalmente, o fato de estar sozinha*”. Tudo era novo para ela, pois era a primeira viagem de sua vida, fora do país, sozinha e de bicicleta: “o fato de estar sozinha, não fazia que realmente eu estivesse a viagem inteira sozinha”, porque encontrava com pessoas. Lá fez muitas amizades, principalmente com um grupo de colombianos que foram muito especiais e, segundo ela, eles a adotaram. Ada relatou que o caminho de Santiago foi muito significativo, fez com que ela percebesse que era algo possível, não precisava sentir medo e não havia tanto perigo: “*esse caminho de Santiago me mostrou [...] que eu daria conta de fazer outras viagens, inclusive sozinha*”. Explicou que o caminho é um percurso de peregrinação, as pessoas vão para lá em busca de um encontro, por respostas sobre si mesmas. Ela estava ali por nenhum desses motivos, mas “*acabou que a viagem se tornou um encontro mesmo comigo, dessa visão de que eu poderia fazer outras viagens também e que eu tinha capacidade para fazer aquilo. Inclusive sozinha! Lá tomei a decisão de que iria me planejar para fazer uma viagem mais longa [...]*”. Ao final dessa viagem, Ada disse para seu novo amigo José, do grupo de colombianos: “- *José, em dois mil e quinze vou te visitar na Colômbia e vou de bicicleta. [...] Claro que não sabia, mas de alguma*

*forma a viagem começou a acontecer! [...] Dentro de mim tomei a decisão que eu a faria! Então, voltei ao Brasil MUITO encantada com esse mundo, comecei a pesquisar [...]*”

Quando começou a pesquisar, percebeu que outras pessoas, inclusive mulheres, viajavam dessa maneira. À época, a viajante Carol estava na estrada e tinha quase a mesma idade que Ada. Assim, começou a acompanhá-la e concluiu que era possível! A partir daí, foi um ano e meio de preparação e planejamento, como pedir licença do trabalho, do qual não iria receber salário nesse período, e como iria se auto sustentar. Resolveu vender seus móveis e um carro antigo, além de entregar a casa onde morava de aluguel, mas, principalmente, realizou “*o planejamento psicológico comigo mesma, de me preparar para esse momento, que seria um momento de uma vida totalmente diferente, daquilo que eu havia vivido até ali [...]*” Ada disse que muitas pessoas perguntavam a razão de ela decidir fazer uma viagem sozinha:

Eu adoraria ter uma companhia, mas naquele momento, eu não tinha! Então, era assim, o momento que eu tinha para mim! [...] Eu consegui todas as condições, eu não podia ficar esperando encontrar uma companhia que pudesse me acompanhar por um ano! Não é todo mundo que está disposto e ainda mais de bicicleta [...] por isso que fui sozinha [...] mas acabou uma escolha boa, eu acho? Porque é muito bom fazer viagens acompanhadas, mas quando você está sozinha, você é dona do seu caminho, você é responsável por todas as escolhas e seu tempo, por tudo que você faz! Foi um encontro, mesmo, eu fui me descobrindo nesse caminhar, coisas nesse caminhar que até então eu não conhecia!

Inicialmente, partiu com a ideia de que viajaria um ano, saindo do sul do Brasil, Florianópolis (Santa Catarina), com o objetivo de ir até a Colômbia. Além de também “*querer conhecer as coisas como realmente elas são*” nesse percurso, relatou que partiu bem consigo própria, que eram esses os objetivos da viagem. Ada não tinha um roteiro fixo, no início queria apenas seguir viagem sem parar. Segundo ela, não aproveitou tanto porque partiu com cabeça de ciclista, achava que tinha de fazer cem quilômetros, por exemplo, em um dia. Saía com pensamento de que tinha de pedalar até chegar à próxima cidade, porque se preocupava muito com segurança e, assim, chegou “*às vezes a fazer loucuras*”, estava muito ansiosa e insegura. Procurou não chamar muita atenção, mas disse que era impossível. Também, no início, ainda tinha muitos medos, principalmente do outro, até que essa barreira que disse criar foi quebrada, pois a viagem de bicicleta foi uma das formas de viajar com as quais mais se identificou.

Segundo Ada, é uma *“maneira mais profunda, você não só passa nos lugares, você realmente vive os lugares, é diferente de ser um turista”*.

[...] Eu não tinha um roteiro fixo definido na minha cabeça, mas havia lugares que gostaria de conhecer. E então, no caminho eu iria resolvendo como eu iria chegar nesses lugares, na verdade esse plano mudou porque, uma viagem que seria de um ano se transformou numa viagem de quase dois anos [...] e o caminho que era só até a Colômbia chegou a ser quase toda a América do Sul [...] até chegar na casa dos meus pais em Minas Gerais [...] na verdade, o caminho vai se definindo na sua rota [...] numa viagem de um ano não tem como ser tão preciso [...] Eu saí com esse propósito que a viagem iria acontecer até o momento que seria bom para mim! [...] Eu não tinha compromisso com ninguém! [...]

Ada disse que nesse caminho aprendeu a confiar mais nas pessoas e encontrou outros viajantes, aprendeu muito com a experiência deles, a viajar de maneira mais lenta. Quando faltava pouco para chegar à Colômbia, queria seguir com calma, aproveitando os lugares e os amigos. Ao conseguir estender a licença de trabalho por mais um ano, pôde continuar mais tranquila e aproveitou para viajar mais do que tinha imaginado.

Ada disse que foi uma experiência *“que não tem palavras”*, que não consegue nem dizer o lugar que mais gostou, *“pois cada dia era uma experiência diferente, cada país tinha um lugar especial, então, assim, foi realmente tudo muito muito especial mesmo”*. De todos os países, afirmou que a Colômbia foi uma experiência muito especial, estava muito feliz, porque era seu destino inicial, chegou lá e reencontrou seu amigo, entre março ou abril de 2016, e tudo tinha dado certo. *“A Colômbia é um país muito parecido com o Brasil, principalmente as pessoas, eles são muito acolhedores [...] foi o país em que me senti mais em casa, tanto que foi o país onde mais fiquei, fiquei quase três meses”*.

À medida em que se relacionava com as pessoas no decorrer da viagem:

O mundo foi se abrindo, eu passei a não ter tanto medo das pessoas [...] era uma viagem mais econômica que eu fiz, mas também era uma maneira de eu me relacionar com as pessoas, porque as experiências que eu tive nesses momentos, a maioria, assim no momento de dormir, que como eu me preocupava com a segurança, eu sempre tentava buscar um lugar para dormir que fosse uma casa, algum lugar com pessoas por perto. Claro, se fosse no parque nacional, um deserto, uns lugares assim, ok! [...]Eu fui me relacionando com várias pessoas, eu tive muitas experiências muito boas, isso só aconteceu por causa disso, uma mudança que aconteceu no meio da viagem, assim, eu perdi um pouco do medo do outro. Eu confiava ... as pessoas estavam abrindo a porta da casa delas, deixando eu ficar ali ... Porque eu tinha que ter medo. Era uma questão de confiança dos dois lados [...] Isso aprendi do meio para o final! Aprendi a ir mais devagar, aproveitando os lugares, não passou a ser o objetivo mesmo um lugar específico, destinos, mas era o caminho mesmo, o caminhar, que era o principal.

Ada afirmou que a viagem econômica acabou se tornando seu estilo de viajar e, para a Colômbia, foi até mais econômica do que imaginava. Não se privou das coisas que gostaria de fazer, como fazer algum passeio, ir a um museu ou parque onde a entrada fosse um pouco cara, porque não sabia quando teria oportunidade de voltar: “*esse luxo eu me dava [risos]*”. Na viagem, “*eu me preocupei com os equipamentos que iria levar, barraca, fogareiro, que é uma viagem independente, não é ?!*”, além de aprender um pouco mais sobre manutenção de bicicleta. Costumava fazer mantras diários de agradecimento ao encontrar local seguro para ficar. Ao dormir, sempre buscava uma alternativa, pois ao conversar com pessoas descobria lugares para ficar que fossem seguros. Entre as alternativas estavam: escola, igreja, corpo de bombeiros e hospedagens solidárias de aplicativos como *Warmshowers* e *CouchSurfing*. Assim, começou a se relacionar com as pessoas.

[...] eu apenas carregava o que eu era capaz de carregar, tudo o que tinha ali, não era muito, mas era o suficiente. Então, assim, eu não preciso de ter muita coisa, eu posso ter o suficiente e aquilo ali pode ser o suficiente para me fazer muito feliz, sabe?! Acho que uma vida quanto mais simples, a gente vai se tornando mais feliz [...]. Eu sou uma pessoa feliz porque os meus sonhos e meus desejos são simples [...] a viagem me mostrou isso também, que não existem limites para o que a gente deseja, muitas vezes os limites estão dentro da gente, se eu não acreditasse que eu seria capaz ou se as limitações fossem maiores na minha cabeça do que as minhas vontades eu não teria nem saído de casa pra começar.

Nessa experiência, Ada disse que carregava na bicicleta, nomeada de “Branquinha”, em referência à cor do equipamento, em torno de cinquenta quilos e procurava se manter com dez dólares por dia, chegando a trocar trabalho em *hostel* por hospedagem. No decorrer da viagem, “*comecei a fazer algumas coisas para vender, eu vendia postais, tinha uma página na internet, aquele site da vaquinha virtual, e os amigos e as pessoas que queriam colaborar com a viagem depositavam qualquer valor e eu enviava um postal do local que eu estivesse*”. E, também, a partir do Equador, Ada começou a vender coisas com a amiga Cris, com quem viajou algumas vezes. Passou a vender comida, brigadeiro e artesanato, pois aprendeu a fazer correntes, chaveirinhos, bicicletinhas, que eram objetos com que também presenteava as pessoas que lhe ajudavam. Além de vender e presentear os objetos, também trocava por frutas e alimentos na estrada. Ada comentou que fazer essas trocas não era difícil, era mais fácil

do que as pessoas imaginavam. No caso dos *hostels*, por exemplo, podia ser feito contato pelo *site* ou conseguir algo facilmente por pedido direto no local, pois “a maioria aceita voluntários”.

Ao perguntar para Ada como as pessoas reagiam ao verem que era uma viajante sozinha e de bicicleta, respondeu:

As pessoas normalmente se assustavam, a primeira pergunta, por todos os lugares era “- *Nossa! Mas você está sozinha? E cadê seu namorado? Cadê seu marido?*” Então, assim as pessoas já não acreditavam muito que era possível uma mulher estar sozinha! Mas aí perguntavam o porquê de você estar sozinha. Já pensavam que era promessa ou coisa nesse sentido! Mas a pergunta era onde estava o meu companheiro, as pessoas nunca aceitavam essa ideia de ser mulher, de você estar sozinha e você estar sozinha porque você escolheu estar sozinha, foi assim...uma opção! [...] CLARO! que o machismo existe, está impregnado em todos os países e no Brasil também, em todos os lugares, não é?! [...] o que eu posso dizer é que foi uma experiência que para mim deu certo, a gente tem que ter pulso firme, vai ser assediada, vai! Mas você tem que deixar bem claro o porquê de você estar ali! [...] Eu fiquei muitas vezes hospedada em *Warmshowers* e *CouchSurfing*, que são um tipo de hospedagem solidária, muitas vezes em casa de homens que moravam sozinhos [...] deixei muito claro a minha postura, que o fato de eu estar viajando sozinha não dá o direito de alguém querer passar por cima das minhas vontades! [...] Foi a minha experiência, não posso garantir que para todo mundo vai ser a mesma coisa [...] Talvez não o país, mas a região, que as pessoas esperam que uma mulher da minha idade deveria estar casada e com filhos, não de bicicleta ou sozinha, talvez nas capitais de outros países essa mentalidade já tenha mudado um pouco, no interior é muito forte, no Chile e Argentina.

Ada comentou que viajou seis meses com um casal e quando recomeçou a viajar sozinha sentiu uma grande diferença, pois no Peru os homens a assediavam mais. Não soube dizer se era só uma coincidência, porém ficou muito incomodada. E comentou ainda que mesmo ao viajar em dupla com uma amiga, as pessoas as indagavam: “- *Mas vocês estão sozinhas?*”. Um número grande de pessoas via muito perigo por serem mulheres viajando sozinhas, no entanto Ada disse que “o fato de ser mulher acho que muitas vezes ajudava, porque as pessoas queriam ajudar, ficavam mais preocupadas”. Ada relatou não ter passado por nenhuma situação de perigo ou fato negativo por ser mulher, mas essa foi a experiência dela. Ressaltou que ser mulher não era um limitador, sempre procurou fazer as coisas que queria fazer e nunca sua família a restringiu por isso. A seu ver, o perigo está em todo o lugar. Comentou que cerca de seis meses antes de viajar tentaram roubá-la em Brasília.

Os maiores desafios, medos e momentos mais difíceis de Ada não estavam relacionados com pessoas pelo fato de ser mulher e, sim, em relação às forças da natureza, que não estavam sob seu controle e a conduziam, como os ventos fortes da Patagônia, na Argentina. Ada comentou que estava sozinha nessa região, era o início da

viagem, não gostava de pegar carona, mas nesse dia chegou a pedir, porém não conseguiu. *“Nesse dia foi uma sensação de impotência tão grande diante da natureza, era um vento tão forte que eu não conseguia ficar em cima da bicicleta [...] Falou também sobre as montanhas da Cordilheira dos Andes: “Foi um dos grandes desafios, físicos e psicológicos, muito mais psicológico [...] três dias pedalando [...] mas eu sabia que a viagem não era só coisa boa, tinha momentos que tinha que me esforçar para poder vencer, era parte do processo!”*

Porém, relatou uma experiência que fez com que se arrepiasse apenas por contar. Estava no Equador, acompanhada de uma amiga que fez pelo caminho e que também era viajante, Cris. Ada contou que tiveram uma experiência muito forte juntas, sem a bicicleta, e chegaram a correr risco de morte, pois estavam no mar e houve uma ressaca que as levou rapidamente. Ada disse que já estava ficando sem forças para *“lutar”* contra a natureza, por um momento quase desistiu:

Eu falei com Deus e com o Universo, que se tivesse que ser agora que me levasse, porque eu não tinha mais forças para lutar e me vi realmente assim, muito frágil e vi que eu não era nada ... diante do Universo, foi por um triz [...] o maior de todos, que me vi mais em perigo [...] Foi muito forte .... a primeira experiência que eu vi que foi por um triz e mais forte porque eu estava com essa minha amiga, que passou por tudo igual e foi assim um RENASCIMENTO ! [...] Eu vi que dali em diante, tem que aproveitar e tem que ser agora, porque realmente não se sabe o que pode acontecer daqui a dois segundos e tudo pode acabar, mas foi um renascimento muito forte! [...] eu vi que a gente renasceu ali naquele dia e a nossa relação de amizade se tornou muito forte, também! [...] Ela é uma pessoa que eu considero... uma das pessoas mais importantes que eu encontrei nessa minha viagem, que eu considero como uma irmã de vida, de um encontro de vida!

Depois, perguntada se chegou a pegar caronas no percurso, disse que sim, porém a maior parte da viagem fez pedalando, pegava carona apenas quando não estava se sentindo muito bem ou queria adiantar a viagem. Chegou até a fazer uns trechos de ônibus ou trem, na Argentina e no norte do Brasil, fez uma viagem de barco pela Amazônia e também na Guiana Francesa, local considerado perigoso e sobre o qual Ada não encontrou muitas informações. Na casa onde estava em Boa Vista (Acre), leu relatos de um artista chamado Rafael Lima Verde, que teve uma experiência por lá, há dez anos, e não foram experiências boas. Procurou se informar com pessoas próximas da região, que falavam em trechos perigosos, porque é uma região de floresta, mas ninguém tinha ido lá ainda, apenas escutavam que havia perigo.

No entanto, Guiana, Suriname e Guiana Francesa foram os países sobre os quais ficou muito ansiosa em fazer e com um pouco de medo, por causa da falta de

informações. Ada disse que apenas se virava com o inglês. Ficou em uma casa próxima à zona de fronteira com a Guiana. O morador, que já tinha sido motorista e conhecia a região, informou os pontos seguros para ela ir e aconselhou sobre os lugares da floresta com animais, e também regiões de garimpo, que seriam perigosos. Então, relatou que à medida em que avançava, se informava com as pessoas locais sobre os trechos mais perigosos. Fez alguns de carro, “*tipo van*”, porque nem mesmo ônibus passavam nesses trechos.

Logo em seguida, relatou que esses foram os únicos países onde teve problema nas fronteiras, principalmente, na Guiana Francesa, que exige visto, informações sobre passagens de ida e volta de avião e reserva de hotel, diferente da realidade da viagem que fazia. Além do problema com o idioma, Ada disse que havia muita burocracia para conseguir o visto de turista. E assim, tentou obter o visto de trânsito, pois havia menos exigências. No Suriname, disse que “*foi uma dor de cabeça*”, teve de explicar que era uma viagem de bicicleta e ainda pagar uma taxa para poder pedir o visto, fazer seguro de saúde para conseguir entrar na Guiana Francesa. Conseguiu visto para apenas dez dias, tempo quase insuficiente para atravessar o país todo. Por isso fez o trecho de carro, pois de outra forma não conseguiria conhecer o país. Foram quase duas semanas na capital do Suriname, onde não recebeu um bom atendimento para conseguir o visto. Ada explicou que se submeteu a essa insistência porque era a única forma de atravessar o país para chegar ao Brasil, senão teria que retornar ou pegar avião, mas eram passagens caras. Chegou a ir até o Consulado do Brasil tentar um carona com o avião do Exército, mas não conseguiu.

Ao responder se na experiência tinha encontrado outras mulheres viajantes, disse que encontrou Carol no Chile, que estava viajando pela América Latina à época, a amiga Cris, uma boliviana e uma outra mulher que seguia em sentido contrário em uma estrada da Colômbia. Com ajuda da internet, indicou a residência onde ficou acomodada. Afirmou que existem muitas mulheres viajando, além do que imaginamos. Já à época sabia de outras brasileiras viajando ao mesmo tempo, como Juli.

Ada deixou sempre claro que partiu para a experiência bem consigo própria, com o propósito de conhecer lugares e chegar à Colômbia. Em sua opinião, esse caminho foi como um encontro, de muitas descobertas e aprendizados que levou para sua vida, como confiar mais nas pessoas, ter uma vida simples, sem precisar de muito para ser feliz. Disse que aprendeu bem o idioma espanhol durante a viagem e não teve problemas sérios com a bicicleta, a não ser um furo de pneu na Colômbia, logo solucionado com a

troca. Geralmente, ela própria fazia a manutenção do equipamento. Para Ada, a bicicleta: *“te aproxima das pessoas, porque quando você chega pode ser o lugar mais rico ou o lugar mais simples”* e elas ficavam admiradas. Ada acredita que essa reação acontece porque todos, na vida ou na infância, já tiveram algum contato com a bicicleta. Ao comentar sobre a interação com a bicicleta, relatou que ela acompanha o ritmo do corpo, do ciclo da vida e os períodos mais dispostos da mulher, aprendeu a conhecer suas limitações e capacidades e que *“viajando de bicicleta é uma relação de que tudo está muito interligado. Tipo o seu corpo, a sua mente, a natureza, tudo é muito interligado”*.

Ada sempre soube que um dia teria de voltar e, quando esse dia aconteceu, já estava no Brasil indo a caminho da casa de seus pais em Minas Gerais. Disse que era realmente o momento certo, pois já estava com saudades da família, mas o retorno não foi fácil, principalmente voltar à rotina na cidade de Brasília, onde trabalha e reside. Para isso, teve de se adaptar novamente. E respondeu como se via antes de partir e após a experiência:

Quando saí, eu acho que eu era uma pessoa mais ... Insegura, com muitos medos que talvez nem existem .... Medos relacionados a perigos, que nem são tão reais, presa a conceitos e valores que não têm mais sentido, sabe!? Eu acho que eu voltei uma pessoa muito mais simples, muito mais conectada com o que eu acredito, com meus valores, com a natureza, com o meu ser e principalmente, enquanto pessoa! Sou uma pessoa que confia e acredita mais nas pessoas. A experiência que eu tive me mostrou que existem mais pessoas boas do que ruins. [...] me mostrou um outro ser humano ...de não ver ele como uma ameaça e sim visto como uma pessoa que é igual a mim [...] eu perdi um pouco desses medos e voltei uma pessoa mais confiante também, mais certa das coisas que eu quero e acredito! [...] O mundo pode melhorar, mas depende da gente, das nossas atitudes, da gente acreditar ... tento da melhor maneira que eu posso, onde vivo, na cidade que eu vivo. Voltei disposta ... [...] a decisão de voltar a trabalhar e voltar a ter uma rotina mais amigável e também tentando fazer com que a vida seja um pouco melhor [...] acabei me envolvendo com questões de ativismo [...] questões da cidade, mas que podem transformar a cidade de uma forma mais agradável, para todo mundo [...] eu sou agente de mudança no mundo [...].

Uma das coisas que a deixou mais chocada ao voltar é pensar que as pessoas pelos lugares por onde passou vão continuar as mesmas. Aconteceu uma relação muito verdadeira na experiência de Ada com as pessoas. Ela disse que se pega com saudade da estrada, e que no dia anterior à entrevista estava escrevendo e relendo seus sete diários de viagens, que contém suas memórias, sensações e sentimentos. Disse que tinha o hábito diário de escrever, além dos diários também nas redes sociais, como o *blog* de viagem *“Uma pedalada pela América”*<sup>24</sup>. Fez também registros de fotos e áudio. No

<sup>24</sup> Disponível em < <http://blogpedaladas.blogspot.com/> > Acesso 14 out. 2018.

*blog*, disse que procurou deixar informações, pois quando precisou de dicas antes de partir, foram as experiências registradas nos *blogs* que mais lhe ajudaram no seu preparo para as viagens. E foram essas experiências que procurou trazer na volta, pois a sua não era uma viagem de consumo. Ainda assim, trouxe penduradas na bicicleta as lembranças recebidas ao longo do caminho.

Por fim, afirmou que tem planos de fazer outra viagem longa, e que existem dois lados da vida: conheceu pessoas que vão viajar pelo resto da vida enquanto puderem e outras que não vão mais querer viajar depois de terem feito uma viagem longa. Ada observou que faz parte do primeiro grupo e concluiu que sua viagem significou e representou um “*processo de mudanças*” em sua vida:

Eu saí numa situação muito tranquila, eu estava muito bem resolvida comigo mesma, eu não tinha esse medo da Ada que eu iria encontrar no meio do caminho [...] isso é um processo ...são descobertas que você vai fazendo ao longo da vida, você passa talvez a ficar mais atenta aos detalhes, dar mais atenção para você mesmo, para os seus sentimentos e para sua vida! Foi uma descoberta durante a viagem e essa descoberta ainda não terminou [...] o ser humano está em constante transformação, que bom que não sou a Ada que saiu e eu espero também não ser a mesma Ada ...sei lá, a alguns anos [...] É um processo de mudanças, eu espero estar mudando sempre!

FIGURA 8 – Imagem da Viajante Ada



Fonte: autoria da Viajante Ada, 2018.

## CAPÍTULO IV- TRANSFORMAÇÃO HUMANA DAS VIAGENS

### 4.1 Análise e interpretação

De Botton (2012) já dizia que o ato de viajar se compara a uma arte. Arte que a humanidade há muito tempo vem experienciando de forma voluntária ou não, mas que representa movimento que contribui para a formação da história humana.

Segundo Serrano, S. (2017), as viagens, na história da representação de gênero, são fenômenos de uma prática cultural e social que visibiliza o direito à igualdade e, posteriormente, à diversidade de gêneros e à mobilidade da mulher. Esta foi alvo do controle patriarcal que atravessa o tempo e sobrevive até hoje na contemporaneidade, de forma simbólica ou ainda pelo próprio comportamento que ainda se espera dela.

Gazzola (2008), Moreira Leite (2000), Duarte e Muzart (2008), Serrano, S. (2017) expressam a polêmica relacionada às mulheres que resolveram transgredir a ordem social nos séculos XVIII e XIX, por se aventurarem em viagens ou por deixarem seus relatos de testemunho. A polêmica ainda permanece com a mulher do século XXI, principalmente quando realiza uma viagem fora dos padrões da normalidade para alguns, por querer ou fazer suas viagens ao seu próprio estilo, independente e mais econômico, fora da lógica do consumo “de massa”, do acúmulo material e até mesmo do mercado turístico convencional, ainda que de alguma forma possa se utilizar de serviços como passagens ou informações das redes que englobam o mundo das viagens na contemporaneidade (LABATE, 2000).

Nos relatos apresentados no capítulo anterior, presencia-se o quanto a experiência de viagem foi se tornando cada vez mais significativa para Juli, Pam e Ada, que procuraram assumir o próprio estilo da viagem, ou seja, a viagem como uma experiência de viver a liberdade e as aventuras como um novo modo ou estilo de vida.

Juli se considera em viagem, mesmo tendo que voltar temporariamente para São Paulo, cidade de origem, por causa da lesão no ombro. Ela partiu em abril de 2016. Pam, de Mato Grosso do Sul, também permanece em viagem. Já Ada, mineira que atualmente mora em Brasília, apesar de ter concretizado quase dois anos de viagem – início de 2015 a dezembro de 2016 – sua “fixação”, não se imobilizou. As três assumiram a bicicleta como meio de transporte, meio que pode proporcionar mais

autonomia ao seu estilo de viagem e/ou novo modo de vida, embora Pam só tenha adquirido a sua a partir de março de 2016.

As três criaram *blogs* (*sites* de diários virtuais) como forma de divulgação e registro dos relatos de viagem, a fim de trocarem incentivos, darem dicas e notícias à família, aos amigos, conhecidos ou não. Pam alega ser essa uma forma de incentivar pessoas que a procuram, trocar mensagens positivas, algo que a faz se sentir útil e poder retribuir os ganhos recebidos ao longo da viagem. Dentre os registros virtuais, há também os diários de viagens tradicionais no qual escrevem reflexões e depositam os sentimentos mais profundos para com si próprias.

Portanto, ao assumirem a bicicleta e o ato de viajar autônomo, perceberam que de forma direta ou indireta a partida está relacionada ao desafio que se colocaram, ao teste dos próprios limites, em se afirmarem como mulheres que viajam ao seu próprio modo, motivadas também para não apenas conhecer o universo do outro, mas pela busca de si mesmas, de maneira consciente ou não.

As três Viajantes têm em comum o objetivo de percorrer as Américas, porém apenas Juli partiu desde o Alasca com o intuito de viajar de extremo a extremo das Américas, e Pam desde o México, todas em viagem longa e desacompanhadas. Elas revelam o se “jogar” na experiência, apesar de passarem por um processo de preparação inicial: pessoal, financeira, emocional, física, a fim de a idealização e a imaginação desabrocharem e se materializarem na concretude do ato de viajar. Porém, esse desabrochar decorreu inicialmente com o nascer da confiança em si mesmas, que as impulsionou para realizarem um ato de coragem e concretizarem a partida, enfrentando uma das primeiras barreiras, o medo.

Assim, venderam pertences, juntaram dinheiro, pesquisaram e trocaram informações. Juli saiu do emprego e terminou o casamento. Pam trancou a faculdade e Ada conseguiu licença do trabalho e se desfez de alguns pertences. As Viajantes relataram as motivações iniciais que as levaram a tomar a decisão de viajarem sozinhas e de bicicleta.

JULI: [...] uma das grandes razões de eu bater o pé e fazer de extremo a extremo do continente, que nenhuma mulher tinha feito isso! [...] Antes de começar a viagem [...] fiz um levantamento das pessoas que viajam sozinhas e de bicicleta e o que eu vi é que pouquíssimas mulheres viajam sozinhas e não é porque elas não querem ou porque elas não podem! É porque existe ... eu chamo isso de [empolgação na fala] uma nuvem de medo que nos mantêm em casa domesticadas quase, não é?! [...] Se a gente visse que é possível fazer, isso daria mais coragem para mais mulheres fazerem! Por isso que eu faço sozinha! Porque ... primeiro, eu gosto de estar sozinha, eu tenho um prazer imenso na solidude, mas eu também gosto dessa ideia [...] dos homens

olharem e verem o quão é ameaçadora a presença deles quando uma mulher está sozinha! Só a minha presença, sozinha na bicicleta, pedalando, dá para o homem e para a mulher a dimensão do que é viver o medo, de uma mulher sozinha na estrada! Eu gosto muito desse choque que muitas pessoas sentem, principalmente aqui na América Latina [...] Boa parte dos conceitos de machismo são desenvolvidos em estudos latino-americanos! [...] Nossa história está muito permeada com o machismo [...] Eu sempre tive a curiosidade de conhecer os parques das Américas, as Américas como uma unidade, o continente como um só [...] Eu queria entender um pouco melhor como funciona esse mecanismo de preservação e o empoderamento feminino! [...] eu criei o projeto! Eu mapeei os parques que eu queria visitar! Eu vou conectando igual pontinho [tom alegre] entre os extremos das Américas. MAS antes disso [ressaltou empolgada] eu não podia ir, porque eu tinha uma casa para pagar, eu tinha um ótimo emprego, eu era professora numa ótima escola [...] Eu tinha uma vida muito boa! [...] Eu estava num lugar que eu queria estar, de um jeito SUPER confortável !!! E aí o que a gente percebe que a zona de conforto, ela é pouco desafiadora! Eu percebi que eu já estava patinando [riso]! [...] Eu estava naquela zona que tudo que vier está bom! [...] E eu decidi que era hora de terminar esse relacionamento mesmo gostando muito dele! Era hora de sair desse emprego mesmo gostando [...] Por uma coincidência, eu precisei ir para o *Oregon* em uma cidade chamada *Portland*, é nos Estados Unidos, cidade mais amigável para bicicleta dos Estados Unidos! Todo mundo usa bicicleta para tudo lá! A bicicleta é uma cultura! E ter respirado um pouco dessa cultura da bicicleta lá, foi fundamental para mim nesse processo todo! [...] Lá em *Portland*, eu resolvi me dar um desafio! Eu falei: “- *Meu, eu quero viver, eu quero passar os quinze dias que eu vou ficar aqui, eu quero viver com o mínimo possível de dinheiro!*” E foi uma das melhores experiências que eu passei, eu vivi... alguns dias com menos de dez dólares por dia, mas eu dormi na rua, eu dormi junto dos moradores de rua, mesmo! Eu dividi comida com eles, eu aprendi um pouco do que é viver na rua! Eu conheci gente maravilhosa !!! [Sorriso] ... Esse foi o primeiro gostinho que eu tive, que eu não preciso de tanto para viver ... Talvez eu não precise de um teto, talvez eu não precise de tantas roupas, talvez ... [sorriso] [...] Antes de vir para cá, voltar para o Brasil, eu estava no bar do teatro, bebendo cerveja e me veio uma situação que um moço passou por mim, ele olhou nos meus olhos, e eu desviei o olhar na hora! Aí, eu pensando um pouquinho mais, eu descobri mais do que eu tinha imaginado do meu dia a dia. Eu vivia com medo !!! Aí, fiz uma lista do que eu faria se eu não tivesse medo. Eu comecei a listar: eu me separaria; eu ficaria sozinha, não é !? Eu iria me desfazer das minhas coisas; me desfaria do meu carro; da minha casa; eu sairia do meu emprego; eu viajaria sem ter medo; eu visitaria todos os parques sem precisar planejar; porque não teria medo... “- *Ah, Meu...para visitar todos os parques que eu quero visitar, eu preciso ter dinheiro, eu preciso ter ... carro, eu preciso de avião! Eu preciso ter ...*” E na verdade, quando eu fiz essa lista, eu tirei todos esses medos. [...] Eu falei, vou considerar essa lista como uma coisa real [...] Em julho de dois mil e quinze [...] eu me separei. A gente compartilhava tudo!!! Quando você tem essa segurança de contar com o outro, muito do que você precisa, você não faz, não é?! [...] Eu percebi que uma parte GIGANTE da minha vida somos nós! [...] Eu pensei: “- *Acho que está na hora de eu reafirmar essa minha individualidade, essa minha personalidade. Quem eu sou? Quem sou eu?*” [Risos] [...] Aí, eu abri essa lista, eu pensei: “- *Meu, quer saber de uma coisa. Eu vou fazer isso!*” E comecei a planejar! Foram nove meses de planejamento, quais eram os parques que eu iria viajar e eu foquei nisso, como meu projeto, o primeiro projeto de vida sozinha! Foi a primeira vez que eu estava planejando uma vida para mim, só para mim, sem pensar em mais ninguém! Então, esse foi o projeto, o projeto nasceu assim, desse momento de extrema dor, extremo conforto, mas uma insatisfação imensa com esse conforto! Eu queria MESMO viver uma vida com medo! Foi a minha escolha...eu escolhi...eu fiz uma lista do que eu faria se eu não tivesse medo... Fazer as coisas que você faria se não tivesse medo é viver sob medo! Então, a primeira vez que saí sozinha, é um frio na barriga o tempo inteiro [riso] até agora [Risos com emoção] [...] só de eu escrever as coisas, às vezes parava, meio tremendo, meio suando...Porque “- *Meu Deus do Céu! Como eu vou conseguir fazer isso! Como é que vai ser, eu vou fazer sozinha. É sério mesmo!*” Por um bom tempo eu fiquei na fase do planejamento, quase que me apegando ao planejamento, mas do que fazer [Risos] ... Foram nove meses, exatamente, nove meses! Foi um parto! [Tom empolgado] E, nove meses depois, eu estava voando para o Alasca para começar a minha viagem dos extremos das Américas!

PAM: [...] Tô no mundo das viagens já tem mais de quatorze anos! [Risos]. Comecei viajando de carona, fiz um pouco do Brasil [...] ia nos congressos da faculdade em outros estados [...] sempre de carona, que era uma forma barata de viajar [...] depois

comecei a conhecer destinos, mesmo! [...] Cada vez expandindo mais os horizontes! [...] Com o passar do tempo, resolvi que era isso que eu iria fazer mesmo da minha vida! [Risos] A bike entrou depois de uma viagem para Patagônia, eu estava descendo de carona, são mais ou menos cinco mil quilômetros da minha casa até o destino final [...] Eu estava muito cansada de estar contando histórias [...] descia de uma carona e subia em outra carona e era a mesma entrevista! Eu senti que precisava de algo meu! Uma viagem só minha, eu sozinha, eu minha barraca com minhas coisas. Poder tomar minhas decisões, poder ter mais liberdade, mais mobilidade, eu sentia a necessidade de... me mover, mesmo! Ser dona de mim! Chegar nos lugares com meu próprio esforço [...] Passei aquela viagem inteira de carona [...] No sul da Patagônia, eu olhando a Lua nascendo no mar, toda aquela cena e o motorista era bem calmo, ele quase não conversava, eu fiquei HOORAS pensando: “- *Meu Deus, o que é que eu vou fazer?*” *Eu preciso, sei lá ...uma kombi, moto e uma bicicleta e preciso de alguma coisa!*” E aí fui eliminado [...] enquanto eu estava pensando, procurando extrair alguma coisa [...] já chegando em *Ushuaia* [...] passaram dois rapazes de bicicleta, totalmente carregados, eu vi que estava sofrido [som com a mão]. Mas eles estavam com as expressões muito felizes [risos] “- *Eu CARAMBA! Se eles conseguem, eu também consigo!*” Fiquei assim, “*NOSSA! [Risos] Acho que vai ser isso!*” [...] Passei quarenta dias na Patagônia pensando nisso. E cada vez mais que eu andava lá, eu via várias pessoas de bicicleta, muitos europeus! E quando voltei para casa, eu voltei com a cabeça fixa! Vou trabalhar, vou comprar uma bike, vou... É isso que eu quero da minha vida! [Risos] E para mim não era só a questão da liberdade, de fazer o que eu quisesse! Era um desafio físico, eu tenho vários problemas de saúde e eu NUNCA tive bicicleta! Nunca fui de andar e fazer esporte, NADA! Era assim: “-*Vou ver do que meu corpo é capaz!* [...] *Se não der, tudo bem! Mas que eu quero é tentar!*” [...] Comecei a fazer brigadeiro para vender para comprar a bike, comecei a estudar noites e noites, passei uns três meses [...] Ou vendendo doce na rua ou lendo sobre viajar de bicicleta e que bicicleta eu tinha que ter [...] Pesquisando tudo ... Tem um *Blog* [...] *Pedarilhos* [...] e só no *blog deles* consegui as informações, como montar a bicicleta e como equipar [...] Fazer cinco ou seis mil numa bicicleta básica, eu não estava a fim [...] vou juntar mil e quinhentos, o que conseguir comprar com isso, está ótimo! [...] Consegui fazer um pouco do dinheiro, recebi doação na página, achei a bicicleta [...] pelo aplicativo de compra [ risos ] [...] eu não tinha dinheiro para comprar os alforjes [...] fabriquei de pote de margarina [...] montei [...] Só não tinha viajado ainda [risos], estava enrolando, um pouco insegura, estava com medo do trânsito, de eu cair no asfalto [...] [risos] tinha medo dessas coisas [...] resolvi fazer um teste da casa da minha mãe para a minha casa são cento e sessenta quilômetros [...] trinta quilômetros e já não aguentei pedalar [...] peguei carona [...] Pensei: “- *Meu Deus, eu não estou aguentando chegar aqui! Imagina chegar no México!*” [Risos] [...] Falei: “- *o dia que tiver que ser, eu vou andar trinta, vou acampar, no dia seguinte ando mais dez, não importa... Eu vou!*” Chegaram dois rapazes em casa, também viajando de bicicleta [...] fizeram uma proposta [...] são cento e trinta e cinco quilômetros [...] esses meninos me deram tanta força, que na empolgação, eu fiz! [...] Foi realizador para mim! [...] Depois desse dia ... Eu me encorajei! Faltava isso, acreditar que eu era capaz! Botar fé no meu físico [...] Marquei uma data [...] vou até a Amazônia, entrar pelo Peru e subir para o México, era meu plano inicial [...]

ADA: A minha relação com a bicicleta, ela surgiu desde sempre, eu acho [...] eu lembro de quando eu tive uma bicicleta, quando era criança ... mas eu lembro da fase quando tinha quize anos, que quando todas as minhas amigas queriam uma festa, um presente diferente, o presente que eu queria ganhar era uma bicicleta [...] Meu pai me deu essa bicicleta e ela me acompanhou [...] Todo o meu período acadêmico essa bicicleta foi a minha companhia, foi o meu meio de transporte, o meu momento de lazer. Então, eu sempre tive essa relação muito próxima com a bicicleta e viajar não! Não tinha esse contato com a bicicleta para viagem. E isso aconteceu a partir de dois mil e treze, quando eu tive meu primeiro contato com a ciclovagem [...] Conheci um mineiro que morava no Canadá, ele falou naquela época que estava trabalhando no Canadá, porque juntava dinheiro para fazer uma viagem de volta ao mundo e no caso ele iria fazer essa viagem de bicicleta! Eu pensei: “- *Nossa, como assim de bicicleta?*” Eu sempre andava de bicicleta, quase todos os dias e nunca tinha pensado em fazer nenhuma viagem! E aí ele me convidou para fazer uma viagem com ele. Foi uma viagem curta de três dias, só, em Minas. Saímos de Belo Horizonte fomos até a Serra do Cipó [...] nessa viagem de três dias eu já me apaixonei por esse estilo de viagem. Comecei a pensar em outras possibilidades de viagem [...] Ter conhecido ele foi como uma janela de um mundo que se abriu para mim de possibilidades que antes não sabia que existia! Eu comecei a pesquisar tudo e resolvi então fazer uma outra

viagem. Uma viagem com amigos para a Estrada Real. [...] E decidi fazer uma viagem um pouco maior. Foi a viagem a Santiago de Compostela. Porque eu queria fazer uma viagem sozinha, porque na época, não tinha companhia. Seria uma viagem de mais ou menos um mês. Eu comecei a pesquisar. Vi que o caminho é um lugar seguro e muitas pessoas faziam de bicicleta e resolvi tentar fazer! E aí nesse caminho de Santiago, eu vi que não era um bicho de sete cabeças! Principalmente, o fato de estar sozinha. Foi a primeira vez que fiz uma viagem sozinha, de bicicleta e para outro país. Então, tudo era muito novo! Mas eu vi que tudo era possível ao mesmo tempo. O fato de estar sozinha, não fazia diferença que realmente eu estivesse sozinha a viagem inteira. Eu estava sozinha porque queria, porque encontrava pessoas [...] Eu vi que era possível, que não precisava ter medo e não tinha tanto perigo [...] Esse caminho de Santiago me mostrou [...] que eu daria conta de fazer outras viagens, inclusive sozinha. E aí lá tinha sido a viagem mais longa, que tinha feito até então na minha vida, que foi um mês. E dizem que o caminho de Santiago é uma viagem que você não escolhe fazer o caminho. Ele que te escolhe, no momento certo da sua vida. E naquele momento, normalmente é um percurso de peregrinação, então as pessoas buscam um encontro de alguma maneira, respostas para questões que elas têm, querem se encontrar, estão ali buscando estar com elas mesmas, não é?! Resolvendo questões e eu não fui por nenhum desses motivos. Mas acabou que a viagem se tornou um encontro mesmo comigo, dessa minha visão de acreditar que eu poderia fazer outras viagens também e que eu tinha capacidade para fazer aquilo. Inclusive sozinha! Lá  tomei a decisão que iria me planejar para fazer uma viagem mais longa [...] Durante o caminho de Santiago, eu conheci muitas pessoas, mas um grupo de colombianos foram muito especiais, porque eu estava sozinha, mas eles praticamente me adotaram e eu fiquei muito amiga de um deles [...] E ao final da viagem eu falei para ele: “-*José, em dois mil e quinze eu vou te visitar na Colômbia e vou de bicicleta.*” [...] Claro que não sabia, mas de alguma forma a viagem começou a acontecer! [...] Dentro de mim tomei a decisão, que eu a faria, entendeu? Então, voltei ao Brasil MUITO encantada com esse mundo, comecei a pesquisar, vi que várias outras pessoas viajam da mesma maneira, inclusive mulheres. Na época, a Carol [...] Ela viajou sozinha [...] comecei a acompanhar e pensei: “- *Nossa, ela tem quase a mesma idade [...] é possível!*” Comecei a pesquisar e planejar, não é ?! [...] No caso do meu trabalho, a ideia era pedir licença, o planejamento financeiro, também [...] de eu me auto sustentar nesse período que iria estar fora e, principalmente, o planejamento psicológico comigo mesmo, de me preparar para esse momento, que seria um momento de uma vida totalmente diferente, daquilo que eu havia vivido até ali [...] Um ano e meio de preparação! Mas todo mundo me pergunta: “- *Mas porque você foi sozinha?*” Bom, eu adoraria ter uma companhia, mas naquele momento, eu não tinha! Então, era assim, o momento que eu tinha para mim! [...] Eu consegui todas as condições, eu não podia ficar esperando encontrar uma companhia, que pudesse me acompanhar por um ano! Não é todo mundo que está disposto e ainda mais de bicicleta [...] por isso que fui sozinha [...] mas acabou uma escolha boa, eu acho? Porque é muito bom fazer viagens acompanhadas, mas quando você está sozinha, você é  dona do seu caminho, você é responsável por todas as  escolhas e seu tempo, por tudo que você faz!

Percebe-se que nas narrativas os termos *medo, desafio, decisões e escolhas* são muito citados. Juli disse sentir necessidade interior de “autoafirmação”, de seu empoderamento e de mostrar que a mulher é capaz de viajar sozinha. Pam, ao citar a experiência com as caronas, frisou a necessidade de mais mobilidade. E Ada, ao descobrir com a bicicleta outras formas de mobilidade, testou sua capacidade ao fazer uma viagem longa, sozinha, apenas pelo fato de não ter quem estivesse disposto a vivenciar esse estilo de viagem com ela, mas descobriu que estar sozinha lhe dá mais autoridade em fazer e escolher o próprio caminho.

De Botton (2012) afirma que, apesar de ser muito bom ter companhia nas viagens, estar sozinho permite ao sujeito ser ele mesmo, se responsabilizar pelas próprias escolhas, se aventurar conforme os seus limites.

As três Viajantes veem a bicicleta como o meio de transporte que lhes dá mais autonomia de mobilidade e de vivenciar as viagens, porém não negam outras possibilidades de transporte nesse processo. Pam pegou algumas caronas, de ônibus e de avião, para atravessar o canal do Panamá (não tem acesso por terra), Juli um *Ferry* (balsa) para não ter de atravessar a Estrada das Lágrimas no Norte do Canadá, ponto perigoso para mulheres e em barco de carga para atravessar o oceano, sendo a única mulher no navio! E Ada usou ônibus e trens para adiantar caminhos na Argentina, um barco na Amazônia, além de carona de carro para conhecer a Guiana Francesa. Todas elas em algum momento pegaram carona, porém a maior parte da experiência, literalmente, foi feita graças ao próprio esforço físico que, de certa forma, significou muito mais um processo emocional. Quando passaram a acreditar na própria capacidade, ou seja, a partir do momento em que tomaram mais consciência de si, arcaram com a decisão de partir. Nas palavras de Ada:

“[...] Seria um momento de uma vida totalmente diferente, daquilo que eu havia vivido até ali. [...] a gente é criado para não ser nômade, ter um lugar fixo e tudo certinho, tem que crescer, estudar, depois trabalhar, a minha vida quase estava seguindo esse rumo certinho, sabe?”

Giddens (2002, 2003) ressalta que nessa modernidade tardia, com os avanços da tecnologia e as facilidades de consumo, o ser humano mais sensível necessita viver experiências mais vitais que deem outro sentido à existência, pois sente necessidade de transgredir, mesmo que seja uma suspensão temporária com a obrigatoriedade dos compromissos cotidianos, com a ordem da vida social estabelecida: casa, carro, família, casamento, faculdade, emprego etc. O tempo “das obrigatoriedades” é suspenso, e essa “suspensão” também é reconhecida pelas três Viajantes, principalmente por Ada, que havia tirado licença do trabalho. Porém, todas assumiram ter adquirido um novo modo ou estilo de vida.

Juli expressou que essa vida cotidiana constitui uma “**zona de conforto**”, “**pouco desafiadora**”, que às vezes pode “imobilizar” a evolução do ser humano, das culturas, das identidades, ou seja, uma regressão do ser em relação aos aprendizados, práticas criativas que dialogam e (re) significam e produzem identidades e culturas. Tanto que, antes da viagem objetivada, ao fazer um “teste”, chegou a compartilhar comida com moradores de rua, refletindo que: “**Talvez eu não precise de um teto, talvez eu não precise de tantas roupas, talvez ...[...]**”

O desafio passou a ser uma característica “elementar” de um mundo e um tempo que a todo momento parece que escorrem dos dedos, ou seja, apresentam uma liquidez (BAUMAN, 1998, 2007), herança da sociedade pós-moderna ou hipermoderna. Enfrentar os medos é aceitar o desafio. O medo se torna sinônimo de ousadia, levando alguns sujeitos a romperem com o passado, o “eu moral”, o mascaramento da liberdade posto pelo sistema capitalista e o mundo das aparências, a fim de buscarem e vivenciarem o “eu ideal”, serem protagonistas da própria história, reescreverem ou até despertarem para a constituição de um novo modo ou estilo de vida, podendo resultar no “eu” reflexivo, na reelaboração da “auto identidade”. Assim, o projeto de viagem torna-se um projeto de vida, delineado pelas próprias escolhas (GIDDENS, 2002, 2003; LIPOVETSKY, 1983, 2007; MAFFESOLI, 2001, 2003).

Trigo (2013) frisa que o medo leva à aventura, à busca, às descobertas pelo mistério da vida. É um dos fios condutores que colocam o ser humano a desafiar suas limitações internas e externas ao lidar com o outro diferente de si e o *Outro* que cada ser humano possui em si mesmo. No entanto, apesar da noção dos perigos globais, expressos não apenas por Pam, mas por todas, elas evidenciam que o risco e o perigo também estão na vida social cotidiana. Ou seja, violência e acidentes são fatos, mas não limitantes. Ada lembrou que quase foi roubada duas semanas antes de viajar.

Na atualidade, o universo das mobilidades apresenta mais segurança e conforto do que nos séculos passados (SERRANO, S. 2017). Há, conforme Bauman (1998), Cohen, S. *et al* (2013), Giddens (1991, 2002, 2003), Ianni (2003), Ortiz (1996), Sheller e Urry (2006), Urry (2009) uma maior familiarização dos espaços pelas facilidades das novas mobilidades proporcionadas pelos meios de comunicação virtuais e novos meios de transporte, com o estreitamento das distâncias, com o advento do avião, por exemplo, que revolucionou o Turismo.

Tais facilidades por meio das tecnologias digitais são citadas pelas viajantes, desde a idealização à efetivação da partida da viagem. Pesquisaram experiências similares, como nos *Blogs*, adquiriram mais informações e conhecimentos necessários sobre a bicicleta, pois, com exceção de Ada e Juli, Pam entendia menos sobre mecânica ou como lidar com a bicicleta “[...] **eu não Sabia, Nada! Não sabia nem trocar marcha [risos]**” e comprou sua primeira bicicleta por meio de um aplicativo de compras. As páginas criadas por elas também as beneficiaram com convites para se hospedarem nos lugares onde iriam passar, com a doação de alguns equipamentos e até com ajuda em dinheiro. Pam, por exemplo, recebeu doações como a bagagem da bicicleta (alforje) e

Ada criou uma “vaquinha virtual” (*site* de ajuda coletiva virtual). As facilidades tecnológicas ajudaram também por meio dos aplicativos de apoio de redes solidárias ao viajante, como as hospedagens *Warmshowers* e *Couchsurfing*.

Para Ortiz (1996), essas facilidades do mundo contemporâneo deixam o mundo mais “domesticado”, em suas palavras, isto é, familiarizado, pois se pode simular passeios, ver fotos dos destinos antes de conhecê-los, fazer contato com “o estranho”, padronizar serviços. Para o autor, acabam até banalizando as ações dos viajantes atuais ao lidarem com o “desconhecido” e o “novo”, pois tudo caminha para se sentirem em casa, cabendo apenas uma leve tensão pela diferença de idiomas. No entanto, as novas mobilidades criam redes de capitais sociais e novos sentidos de circulação de objetos, ideias, pessoas, contatos com o lugar e com as pessoas. Criam e “forçam” uma maior atmosfera de “intimidades”.

Nesse cenário que vivenciamos, surge um novo perfil de viajante, figura representativa da pós-modernidade – a viajante independente – conjugada ao novo paradigma das novas mobilidades, que se permite viajar para realizar sonhos e desejos mais profundos e libertadores, que transgride com a insatisfação sofrida pela pressão e pela vida social das obrigatoriedades estabelecidas para vivenciar, na expressão de Ada, “*um sonho possível*”, experiências significativas à vida, como o ato de viajar autônomo. Sendo também não somente uma forma de viver a liberdade, como aponta Pam, mas um desafio com ela mesma.

As viagens autônomas podem, assim, privilegiar um modal, como a bicicleta, veículo do século XIX que, hoje em dia no Brasil, principalmente nas grandes cidades, é mais visado tanto na pauta das políticas ambientais, públicas e das mobilidades urbanas e turísticas, como dos movimentos sociais e culturais na (re) significação e valorização do uso, por mais medidas de segurança e infraestrutura (COUTO, 2014; SILVA, MELLO; 2014). Algumas pessoas, em razão de postura política ou não, assumem a bicicleta no dia a dia pela rapidez, por benefícios humanos, ambientais e econômicos. Juli evidencia o crescimento da cultura da bicicleta, porém na realidade “norte-americana”, especificamente na cidade de *Portland*, **“todo mundo usa bicicleta para tudo lá! A bicicleta é uma cultura! E ter respirado um pouco dessa cultura da bicicleta lá, foi fundamental para mim nesse processo todo! [...]**.

A cultura da bicicleta passou a inspirar outros viajantes, como ocorreu com Ada e Pam ao conhecerem pessoas por meio de redes sociais ou em encontros casuais ou combinados, que as “despertaram” para o uso da bicicleta na experiência das viagens,

de acordo com o que está descrito no começo dos relatos. Pode-se dizer que a escolha desse veículo se deu – além da economia e de se adequar ao ritmo humano – por ser um dos que permite mais autonomia. Ideia sintetizada por Pam ao optar pela bicicleta:

Eu preciso, sei lá ...uma *kombi*, moto e uma bicicleta, alguma coisa! E aí fui eliminando! *Kombi*, eu não tenho habilitação e nunca tive interesse em tirar [...] Moto, eu já tinha moto, mas também tem custo do combustível, dos pedágios, é um pouco perigoso [...].

Em relação a outros veículos próprios, o acesso à bicicleta apresenta menos barreiras, como refletido por Pam, mas não quer dizer que elas não existam também. No entanto, o que importa no viajar autônomo, independentemente de se ter veículo próprio ou não, é construir o próprio caminho. É o que as viajantes procuram! E tanto Pam como Ada pontuam isso ao usarem a expressão “**ser dona do caminho**”.

Busca-se (re) vivenciar o imaginário épico das viagens, que faz parte da memória coletiva em relação às aventuras e à própria atuação da figura do viajante, que não são apenas realizadas por homens. Remete-se à nostalgia da cultura nômade (AVIGHI, 2000; COHEN, E. 1973, 2004; COHEN, S. 2011; LABATE, 2000; GASTAL, 2005; SERRANO, C., 2000), identificada como a figura errante ou neonômade (ECO, 1984; MAFFESOLI, 2001). Augé (2010) salienta que o sentido do nomadismo no mundo globalizado, frente ao paradigma das novas mobilidades, adquire novos sentidos.

A própria relação com o ato de viajar é (re) significada, o Turismo passa a ser repensado, conceitos se tornam cada vez mais arbitrários, pois fica difícil fazer distinções entre as formas e as motivações das mobilidades, estas se misturam, como o ato de viajar autônomo e o migrar, por exemplo (COLES *at al* 2005; COHEN, S. *at al* 2013). Além do mais, a atuação do movimento voluntário transforma e (re) significa espaços, objetos, meios de transporte e de comunicação, que antes eram percebidos como não-lugares (AUGÉ, 1994, 2010). Mas, apesar de existir uma “busca pelo novo”, com a efetivação do movimento esse “novo” é ansiado por experiências mais humanas e significativas entre as pessoas e a natureza, o mundo e a própria pessoa, tal como se observa nos relatos das três Viajantes. A palavra “simples” é bastante evidenciada, tanto na vivência com o outro, como em relação aos seus pertences e ao novo modo de vida, como a própria bicicleta.

JULI: [...] quando você está viajando, quanto mais simples, melhor! Literalmente, eu encontrei cabo de transmissão do freio da minha bicicleta no açougue! E é assim que tem que ser, porque na América Latina, principalmente na América Central, você passa por muitos lugares onde as bicicletas são muito simples! ... Não adianta você ter um puta equipamento tecnológico e ele não ter conserto!

ADA: [...] eu apenas carregava o que eu era capaz de carregar, tudo o que tinha ali, não era muito, mas era o suficiente. Então, assim, eu não preciso de ter muitas coisas, eu posso ter o suficiente e aquilo ali pode ser o suficiente para me fazer muito feliz, sabe?! Acho que uma vida quanto mais simples, a gente vai se tornando mais feliz [...]. Eu sou uma pessoa feliz porque os meus sonhos e meus desejos são simples.

O *ethos* da figura da viajante independente se dispõe a vivências errantes, singulares, singelas, solidárias, informais e econômicas, pois almeja ao seu ritmo e estilo, a experiências significativas pessoais, naturais, culturais e sociais. A sua partida ao mundo das viagens é vista como uma “fuga”, pois há sempre uma negação, mesmo que inconsciente, da vida anterior. A negação é refletida no início dos relatos das Viajantes, pelas insatisfações quanto à “zona de conforto”, incômodo citado pelas três. Para Genep, (1978) a vida estabelecida com o contrato social é considerada uma experiência profana ao sujeito, enquanto o ato de viajar é uma experiência sagrada. No entanto, nem todos os seres humanos são dados às viagens (CARDOSO, 2003), principalmente a uma viagem pouco convencional, que dribla riscos e é aberta ao acaso e às aventuras.

Nesse sentido, as experiências significativas das viagens vão construindo a figura da viajante independente e se aproximam do processo dos ritos de passagem (ritos mágicos, religiosos), que fazem parte das dimensões simbólicas da vida humana e acompanham uma ordem: estágio de separação, estágio da margem e estágio de agregação. Assim se dá o processo de separação da vida anterior – o da passagem – que perpassa períodos de compreensões, conflitos com si mesma e com o desconhecido, nos quais as características da figura da viajante independente vão cada vez mais se moldando, com a errância e o processo de autonomia, mais intenso com as experiências vivenciadas (GENNEP, 1978; IANNI, 2003; TURNER, 2008; ORTIZ, 1996). Nessa direção, Pam, Juli e Ada relataram um preparo inicial, porém o planejamento se diluiu nesse estágio. Os roteiros foram abandonados, as viagens seguiram conforme o ritmo das vontades, dos acasos, dos encontros, convites, interesses, curiosidades e da própria energia corporal.

Pam disse que no início de sua viagem queria saber apenas de pedalar, parava pouco nos lugares para efetivar o plano inicial, mas, ao chegar na Amazônia, onde combinou se encontrar com três amigas, mudou o plano inicial de ir até o México pedalando e resolveu ir de avião até lá com duas dessas amigas, com a ideia de começar a viagem de bicicleta com elas a partir do México. Porém, Pam considerou que sua viagem realmente começou quando saiu do México sozinha até a América do Sul, sem a companhia de uma das amigas, que permaneceu com ela por alguns meses, ou a presença de dois rapazes que também as acompanharam, com quem constituíram amizade desde a chegada ao México na Casa do Ciclista, rede de apoio aos viajantes, que se configura em um espaço aberto da casa, com oficina de manutenção e abrigo para os viajantes.

[...] a Gi voltou para o Brasil e eu segui viagem! Aí é que para mim a viagem parece que começou! A verdadeira viagem que eu saí de casa procurando! Tipo o desafio pessoal [som com a mão] o desafio físico [som com a mão] o desafio mental de estar ali sozinha, ter que trabalhar, ter que me virar em outros países e eu ainda não falava muito bem o espanhol. Eu me senti ali de verdade: “- ESTOU vivendo o que eu queria!” Comecei a Guatemala [...] Saí do México que eu já estava super em casa, já sabia bem os costumes, os sotaques, o dinheiro. Aí entrei na Guatemala que é bem mais cara, machista, trânsito caótico, sem acostamento. Teve um dia que eu peguei carona, porque eu não estava me sentindo segura, eu já estava com medo de alguém me atropelar, os ônibus tiravam fininhas [som com a mão]. Muita subida, muita montanha, chuva, frio, foi assim: “- *MEU DEUS, O QUE EU ESTOU FAZENDO?*” [Risos] O desafio parece que estava todo ali, naquela primeira semana, na Guatemala [...].

Percebe-se que no decorrer do relato há um total despreendimento do planejamento fixo da viagem, a não ser quanto ao encontro combinado na Costa Rica com seu namorado e os pais dele. O preparo se deu apenas em relação aos pertences da bicicleta, como algumas ferramentas e equipamentos de viagem, sem roupa específica de ciclista, que apenas mais tarde adquiriu por meio de doações. Pam disse que procurava estar bem livre na viagem para conhecer o que conseguisse nos lugares por onde passava, mas teve curiosidade quanto à cultura das civilizações antigas “*incas*” e “*maias*”. Pode-se dizer que seu caminho foi desenhado conforme sua forte relação e interesse pela água e pelo contato com a natureza, por cachoeiras e animais. Por essa forte ligação com a natureza, Pam destacou que cada vez mais aprende que somos “**nada**” diante da imensidão do mundo.

[...] Eu não fui com NADA planejado! [...] Desde o início, eu só sabia que eu queria sentir a viagem ao extremo! Poder ter essa liberdade de mudar de planos, de parar, de me mover, de acampar aqui, acampar lá ... aí eu ia pedindo dica com as pessoas, conforme eu também iria publicando, alguém me marcava em alguma coisa, eu ia. Todos os dias era um novo dia. A não ser essa parte da viagem que eu tinha lugar para estar, o lugar... Costa Rica. Então, eu tracei do lugar que eu estava do México até a Costa Rica [risos] [...] o que desse para conhecer no meio do caminho estava ótimo! [...] Eu falo que acontece uma magia todos os dias pela manhã [Sorrisos com emoção] quando eu sento na bicicleta e dou aquele primeiro giro no pedal, eu sinto o peso das minhas coisas, das minhas responsabilidades, dos meus sonhos, de tudo que eu preciso... da minha comida, da minha água, tudo está ali ... na minha bicicleta! Então, para mim é a melhor sensação do mundo! Eu sentir que sou dona de mim, dona do meu tempo e que eu posso fazer meu caminho! Se eu escolho andar vinte quilômetros ou duzentos, eu não tenho que perguntar nada para ninguém! Eu não tenho que dar satisfação de nada! Eu que resolvo! Então, essa sensação da liberdade e de usar o tempo a meu favor...é o que mais me encanta em estar sozinha! Não que não seja bom estar com alguém. Eu já tive a companhia das meninas, foi muito divertido, já tive com outros viajantes quando eu estava viajando, de cruzar um dia ou dois, é legal também! Mas o fato de poder usar o tempo da maneira que EU quero! Acho que é o mais legal! [Risos]

Juli, por sua vez, relatou que apenas no Alasca seguiu à risca o planejamento, por uma questão de vida, porque era difícil a comunicação, as estradas se fechavam, os desafios ambientais existiam – gelo, ursos. Além disso, teve de vencer o desafio psicológico, assombrada pelo medo e as dificuldades do caminho, totalmente solitária e cercada de uma imensidão branca, depois de passar por um processo quase hipotérmico por falta de água e fraqueza pela má alimentação. Nesse momento se ergueu, pois, estar no Alasca era sua decisão: “- **Você que decidiu estar aqui! [Riso] Isso, eu falando comigo mesma!**” Porém, Juli não estava ainda totalmente aberta à experiência, até que resolveu seguir viagem, alegando que essa começaria nesse momento para ela, que vivia ali um grande sofrimento físico e psicológico: “**comecei a entender que eu estava viajando, que ali agora, era a minha vida! [...] Viver na estrada, pedalando, porque foi essa vida que eu escolhi ter!**” Mas a “ficha” apenas caiu realmente, segundo ela, um mês depois:

São oitocentos quilômetros sem nenhuma comunicação, num lugar totalmente isolado, e se alguma coisa acontece, eu precisava dar para a minha família uma área de busca. Então, eles tinham lá mais ou menos um planejamento de quando e onde eu iria estar [...] Eu segui o planejamento. Depois disso, eu mudei os planos, quase que todos os dias, porque eu chegava num lugar e as pessoas falavam ...mas você precisa ver esse tal lugar. Eu sou uma ótima viajante, mas sou uma péssima turista! [risos] Eu chego em cidade onde tem museus e pontos turísticos famosíssimos, e eu não vou . Mas eu gosto de falar com as pessoas, eu gosto de estar tomando café com as pessoas, eu gosto de perguntar que fruta é aquela, eu gosto de

comer o que todo mundo está comendo, eu gosto de sentar no café que todo mundo gosta de tomar mesmo sendo horrível! Sou uma péssima turista, mas sou uma boa viajante, eu acho? [...] Eu tinha planejado a viagem para dois anos e meio... Mas viajar, o que eu descobri na minha viagem, que nada me pertence! Inclusive o planejamento ... É uma baita besteira, eu ter me planejado do jeito que eu me planejei ... No início, eu cheguei a perder... momentos que seriam maravilhosos, porque eu queria chegar em tal lugar aquele dia, para cumprir o planejamento, sabe! Hoje a minha viagem, tem dias que eu faço vinte quilômetros! E vinte quilômetros não é nada para um cicloviajante, não é? [...] Quando eu chego nas cidades, eu gosto de viver as cidades da forma mais preguiçosa possível [...] Se eu tenho alguém me esperando, como aconteceu com um grupo de amigos que foram me visitar na Costa Rica, eu até faço umas puxadas maiores [...] Mas eu não estou mais preocupada de chegar no extremo Sul da América do Sul [...] Eu percebi que dá para viajar mais tempo, porque eu consigo viver com quase nada! Eu consigo viver da generosidade das pessoas! Então, eu consigo parar e trabalhar um pouquinho! [...] Eu recebi muita doação no meio da estrada! Muita gente me deu dinheiro [...] me dá comida ... [...] eu durmo sem gastar nada [...] eu acampo no meio da estrada, eu peço para acampar nos lugares! Eu escondo a bicicleta no meio da mata ou escondo a bicicleta e barraca em algum lugar! Eu uso muito Warmshowers [...] uma comunidade de pessoas que hospeda cicloturistas [...] É ... Um topa tudo, mesmo! Eu cozinho a maior parte das minhas refeições! Eu lavo a minha roupa no rio!

Ada, assim como Juli e Pam, inicialmente, quando partiu de Florianópolis, frisou que agia mais como “*uma ciclista do que uma viajante*” para alcançar um dos seus propósitos, chegar à Colômbia. Preparou a viagem durante um ano e meio para não ter uma experiência muito sofrida, mas, no decorrer da experiência, descobriu que não precisava bater metas ou seguir um planejamento, e sim, respeitando o ritmo do seu corpo, deixar a viagem fluir, principalmente, por ter conseguido estender por mais um ano a licença de trabalho. A experiência se revelou significativa por “*ser uma descoberta de possibilidades*”, pois além de chegar à Colômbia, a maior vontade era de “**conhecer as coisas como elas realmente são!**”

[...] Eu não tinha um roteiro fixo definido na minha cabeça, mas havia lugares que gostaria de conhecer. E então, no caminho eu iria me resolvendo, como eu iria chegar nesses lugares, na verdade esse plano mudou porque, uma viagem que seria de um ano se transformou numa viagem de quase dois anos [...] E o caminho que era só até a Colômbia chegou a ser quase toda a América do Sul [...] até chegar na casa dos meus pais em Minas Gerais [...] o caminho vai definindo a sua rota [...] Numa viagem de um ano não tem como ser tão preciso [...] Eu saí com esse propósito que a viagem iria acontecer até o momento que seria bom para mim! [...] Eu não tinha compromisso com ninguém! [...] Eu sempre gostei muito de viajar. Depois que eu descobri essa maneira de viajar com a bicicleta e foi uma maneira que mais me identificou, que acho que assim ... Realmente uma maneira mais profunda, você não só passa nos lugares, você realmente vive os lugares, é diferente de ser um turista, entendeu? [...] Quando eu comecei, eu estava muito ansiosa para começar e insegura também, porque o meu mundo ainda tinha muitos medos! [...] Quando eu comecei, não sei se era uma vontade de sair logo. Então, eu tinha muita vontade de pedalar e não aproveitava tanto os lugares. Às vezes, eu chegava no lugar e alguém falava “- *Fica!*” [...] E

*eu: “- Não, não, eu tenho que seguir” [...] Talvez era porque era o início, eu tinha ansiedade de pedalar, me distanciar, seguir viagem [...] eu tinha esses medos das pessoas, também! Eu acho que criei uma barreira inicial, por causa desse medo[...] No decorrer da viagem, eu aprendi que eu poderia confiar mais nas pessoas, viajei com outras pessoas e aprendi muito com elas também....* aí fui viajando de uma maneira mais lenta, aproveitando mais os lugares e mais as pessoas, e por exemplo, sempre que eu tentava chegar no lugar eu buscava primeiro uma alternativa, assim ... eu sempre me preocupe com a minha segurança, mas eu buscava às vezes escola, às vezes igreja, bombeiro ou conversando com as pessoas eu descobria lugares que eu podia ficar e nesse lugares acabava que eu me relacionava com as pessoas , o mundo foi se abrindo porque eu passei a não ter tanto medo das pessoas. Mas muita gente vai falar “- *É só para economizar, para ficar uma viagem barata*” ... Acabou sendo o meu estilo de viagem, [...] porque era uma viagem mais econômica que eu fiz, mas também era uma maneira de eu me relacionar com as pessoas, porque as experiências que eu tive nesses momentos, a maioria, assim, no momento de dormir, que como eu me preocupava com a segurança, eu sempre tentava buscar um lugar para dormir que fosse uma casa, algum lugar com pessoas por perto. Claro, se fosse no parque nacional, um deserto, uns lugares assim, ok! Eu dormia no lugar que não tinha ninguém, mas se era próximo à cidade, eu preferia buscar um lugar com pessoas [...] Isso foi criando encontros. Eu fui me relacionando com várias pessoas, eu tive muitas experiências muito boas, isso só aconteceu por causa disso, uma mudança que aconteceu no meio da viagem, assim, eu perdi um pouco do medo do outro. Eu confiava ...as pessoas estavam abrindo a porta da casa delas, deixando eu ficar ali .... Porque eu tinha que ter medo. Era uma questão de confiança dos dois lados [...] Isso aprendi do meio para o final! Aprendi a ir mais devagar aproveitando os lugares, não passou a ser o objetivo mesmo um lugar específico, destinos, mas era o caminho mesmo, o caminhar, que era o principal. [...] Eu me preocupei com a questão da manutenção, de aprender um pouco daquele instrumento que iria ser meu meio de transporte [...] com os equipamentos que iria levar, barraca, fogareiro, que é uma viagem independente, não é?![...] Quando eu saí ... eu estava com a cabeça mais de ciclista, saí com roupa de pedal [...] Mas depois eu me transformei numa pessoa normal pedalando [...] Objetivo era ser menos notada na estrada [...] não tem como não ser notado [...] usava as coisas normais não específicas de bicicleta [...] eu saí mais como uma ciclista do que uma viajante!

Verifica-se que quando as Viajantes se permitiram errar, viver o processo de travessia, ocorreu um maior desprendimento das ideias, ações, objetos e sentimentos ao enfrentar “barreiras” com o outro, o diferente, por exemplo, os costumes e os idiomas, as formas de ser, que foram modificadas, negadas (de maneira consciente ou inconsciente) na procura pelo anonimato. Tudo se refletiu no ritmo do pedal, com o caminhar mais lento, com a evolução *do self*, com atos de coragem e abertura para vivências mais simples, verdadeiras e desafiadoras, gerando novas percepções de viver, desprendidas do “conforto do lar”.

A errância demonstra os processos de estranhamento, há sempre perdas, busca pela distância e por experiências significativas que se revelam mais profundas com o outro, como disse Ada, mas a busca pela distância é mais do que uma aproximação com

lugares, a natureza e o outro, é um (re) encontro de si mesma, de descobertas e aprendizagens com o seu *Outro* interior. Ianni (2003) já dizia que é um caminho onde se perdem vícios, certezas, costumes, formas de ser e agir. O ser humano precisa de muito pouco, posto que para as Viajantes os pertences se resumiam ao que podiam carregar na bicicleta. As três carregavam de cinquenta a cinquenta e cinco quilos, em geral, em quatro alforjes: dois dianteiros e dois traseiros.

Na errância, o movimento é o elemento antropológico que faz parte do processo de pares de opostos (ligar e desligar, enraizar e desenraizar) na formação e na construção do ser, das identidades culturais (HALL, 2005; DURKHEIM; MAUSS, 1984; LÉVI-STRAUSS, 2009; MAFFESOLI, 2001; MAUSS, 2003). Na experiência das viagens autônomas concebe-se uma nova relação com o tempo e o espaço, cada vez mais as viajantes tomam autoconsciência de si, adquirem mais autonomia e se liberam, se deixam guiar pela experiência, sendo a constituição dos roteiros desenhada pela bicicleta.

Trechos dos relatos das Viajantes demonstram marcas da experiência errante ao revelar a capacidade das facetas do “eu”, que são aspectos da cultura nômade, desde o desapego aos planejamentos, o modo de se manterem na estrada, pegarem carona em algumas situações, se aproximarem do outro, até às transformações de comportamento e de corpo provocadas pela forma de se aventurarem com a bicicleta (AUGÉ, 2009; BRUHNS, 1997). Por meio da errância, contaram com a generosidade das pessoas e trabalharam, trocaram serviços por refeições e acomodação, aprenderam literalmente “a se virar”, a desenvolver habilidades e adquirir novos conhecimentos. Por meio das vivências, por exemplo, entre os trabalhos realizados, Pam fez faxina no começo da viagem, pois em virtude da falta do visto de trabalho e da pouca fluência na língua, “*sacou*” o serviço de limpeza como uma forma de conseguir dinheiro, mas também vendeu doces, como brigadeiro e beijinho, gelinho ou *sacolé*<sup>25</sup>. Ada comentou também que fez doces e comidas, além de uma *vaquinha* virtual: quem a ajudasse recebia em troca um cartão postal do lugar onde Ada estivesse. Aprendeu a fazer chaveirinhos artesanais em formato de bicicleta, que trocava por comida na estrada, vendia ou dava de presente, e trabalhou em alguns momentos em *hostels*, em troca de refeições ou acomodação. E, Juli, além de também trocar serviços em *hostels*, realizou trabalhos em

---

<sup>25</sup> Sorvete caseiro feito de gelo e suco de fruta.

restaurantes, às vezes conseguindo vender conteúdos escritos que produziu durante a viagem.

As Viajantes procuraram se manter com aproximadamente dez dólares por dia, mas houve momentos nos quais precisaram obter mais dinheiro, pois em algumas situações não tinham quase nada. Pam disse que chegou ao ponto de pedir comida, mas ofereceu ajuda em algum serviço como forma de pagamento. Juli também comentou a falta de dinheiro, ainda mais no momento que vive atualmente em São Paulo.

Além das formas de ser e se manter na viagem, ao se relacionar com o “diferente” há uma predisposição ao agrupamento “temporário” que pode se constituir no caminho, mas que é fácil de ser desfeito, principalmente quando os propósitos são diferentes ou há necessidade de se tomar outros rumos. Esse processo que ocorre na errância é chamado de *tribalismo* por Maffesoli (2000; 2001), mas Magnani (2005) procura chamar de grupo cultural, pessoas que se juntam por identificação ideológica, criando novas regras, compartilhando experiências, aprendizados, como observou Ada, que viajou com algumas pessoas e aprendeu muito com elas. Não diferente de Juli e Pam que, na maioria das vezes, citaram encontros com pessoas de relacionamentos mais próximos, mas também amizades constituídas na estrada.

Todavia, conforme Ada, a atuação independente na viagem podia promover e provocar encontros, porém esse encontro não estava apenas na descoberta do outro, eram encontros de identidades, revelavam um processo de busca “iniciática” na descoberta de si, que se mostrava mais intensificada pelos desafios aguçados pela companhia da bicicleta na relação tempo e espaço. Principalmente, na intensa relação com a natureza que, segundo De Botton (2012), pode provocar e revelar os sentimentos mais profundos do ser humano.

Nos depoimentos, verifica-se que as palavras “tempo” e “caminho”, citadas de forma direta ou não, trazem a ideia do próprio controle, que também é delineado pelo ritmo da pedalada, das próprias escolhas e vontades de sentir e existir.

As vontades de sentir e de existir nos remetem à figura da *flanêurie*, porém “reeditada”, pois o arquétipo francês, o *flâneur*, “o preguiçoso ou o passante” buscava observar e poetizar por onde passava, conforme seu tempo e curiosidade. Procurava olhar o outro, tal qual o olhar ingênuo de uma criança, que não se preocupa com as regras, tem atitudes espontâneas, cria uma relação de confiança e amor ao outro. Sendo o sentimento de “**confiança**” a palavra-chave resultante na relação com o outro, muito ressaltada por Ada, mas que também permeia os relatos das demais viajantes. Elas

frisaram que entre as maiores motivações estão a de sentir o lugar, a do contato com a natureza e a do encontro com pessoas, com o “desconhecido”.

Nesse processo, Ada alegou buscar, *a priori*, o “**anonimato**”, por ser uma mulher que viajava sozinha, ainda mais com bicicleta, alforjes e equipamentos de viagem. Assim, acabou por chamar atenção. No início da viagem, Ada se percebeu como uma ciclista, mas após a entrega à experiência, afirmou: “**depois eu me transformei numa pessoa normal pedalando**”, pois procurou vivenciar lugares, se envolver com pessoas, e não somente passar, como faz “**um turista**”.

Juli, em relação à sua atuação errante, disse: “**sou uma ótima viajante, mas sou uma péssima turista!**”, por associar aos turistas passeios padrões, como entradas em museus, entre outros, referindo-se à disposição deles em enfrentar filas apenas para visitar um ponto turístico famoso no consumo do lugar e não por vivenciá-lo com mais calma e interagindo com as pessoas locais. Também, ao dizer que pedalou conforme seu ritmo, “**tem dias que eu faço vinte quilômetros! E vinte quilômetros não é nada para um cicloviajante**”, deu a impressão de fazer distinção entre seu ritmo de viagem e o da categoria “cicloviajante”. Assim como Ada, que se referiu ao “ciclista e ao turista”.

Conforme as Viajantes se entregavam à experiência, faziam referências aos “ciclistas”, “viajantes”, “turistas”, “cicloviajantes ou cicloturistas”, diferenciando o viajante dos outros termos, associando alguns a modalidades mais esportivas ou outros ao consumo turístico, ou seja, termos como “cicloviajantes ou cicloturistas”, que fazem parte do segmento de turismo com bicicleta, organizado ou cujo maior objetivo é a meta percorrida no destino (FAULKS *et al* (2008); SHIPWAY *et al*; LUMSDON, 2000). De acordo com esses termos, perguntou-se como se definiam nas viagens. Ada explicou que se sentiu como uma viajante, em vista da “*cabeça de ciclista*” no começo da viagem:

Quando saí, igual eu te falei, eu me preocupava...eu tenho que pedalar até tantos quilômetros por dia [...] A minha preocupação era muito assim...eu tinha na minha cabeça uma preocupação com a segurança [...] eu pensava que estava segura se eu chegasse em uma cidade. Então, eu tentava planejar os meus caminhos e se eu sáísse e a próxima cidade fosse a cem quilômetros, eu tinha que pedalar cem quilômetros no dia [...] Então, quando saí eu tinha esse pensamento e às vezes fiz loucura [...] E depois, não! Eu não tinha mais esse foco, o foco era o caminho mesmo! [...] Passei a deixar o universo me guiar, [...] deixei as coisas acontecerem, por isso que eu me senti mais como uma viajante [...].

Pam disse que teve uma vivência de viajar sozinha antes de descobrir a bicicleta, mas atualmente se define: “**eu sou alguém que gosta de viajar**”.

*Eu já fui caroneira [Risos] a mochileira que anda de carona por aí e ... hoje em dia o nome que dão para o que eu faço é cicloviajeira, não é? Que é alguém que viaja de bicicleta! ...Eu costumo dizer o que não sou .... Eu não sou ciclista, aquela pessoa que vai fazer tudo de bicicleta. Até quando eu estiver parada aqui uns dias eu não vou sair por aí para ir andar de bicicleta! Eu gosto de bicicleta para viajar, eu gosto de levar minhas coisas nela. Então, não sei ... [...] Eu sou alguém que gosta de viajar levando tudo que precisa e ainda usa a bicicleta [...]*

Juli, por sua vez, apesar de frisar duas vezes que se considera uma “boa ou ótima” viajante, em alguns momentos afirmou pensar como uma pessoa que não se considera nada diante do outro, algo que aprendeu na experiência de viagem, de não se definir, porém também disse que às vezes se refere a si própria apenas como “**uma mulher que está viajando**”. Mas, se percebe como uma “**cidadã do mundo**”.

Verifica-se que as Viajantes têm dificuldade para se definirem, mas têm noção de que realizam um ato autônomo e econômico, o qual Ada sempre aponta, quando usa termos como “**viagem independente**”, “**econômica**” e “**barata**”. Percebe-se que se faz distinção entre turista, viajante, mochileira, ciclista, cicloviajante e cicloturista. Também se verificam as ações e a construção da figura de viajante independente, desenvolvida no processo da experiência pelos lugares, pelas diferentes identidades culturais que presenciam no caminho. Sabe-se que na literatura, o Turismo é marcado por algumas visões estereotipadas e polêmicas sobre as “diferenças” na classificação de turista e de viajante, por exemplo. Segundo Figueiredo (2010), a atuação do turista se liga à viagem de consumo, associada àquele que apenas “está”; já o viajante é aquele que busca ser e fazer parte, e não somente estar.

Salazar (2014) alega que essa visão sobre o turista é herança do pensamento eurocêntrico da massificação do turismo, cujo impacto, de forma negativa, gerou segregação e espetacularização de identidades culturais. O autor usa o termo “turista peregrino”, que traz a ideia da viagem como uma jornada interior e aborda novas motivações e visões da prática do fenômeno do turismo nos estudos antropológicos.

De acordo com Trigo (1998), a diferença pode estar mais relacionada ao estilo de viajar e à entrega às experiências, algumas cronometradas, superficiais e planejadas e outras totalmente desprendidas e mais profundas, isto é, significativas à vida, almejadas e vivenciadas pelas Viajantes. Mas, apesar da polêmica entre turista e viajante, Trigo

(1998) afirma que essa é uma classificação subjetiva e difícil, visto que há várias formas de viajar para Krippendorf (2009). Labate (2000), pela indefinição, defende a intermediação viajante-turista. Oliveira (2005), Cohen, E. (1973,2004), Cohen, S. (2011), os mochileiros *backpackers* associados à viagem autônoma e econômica que se destinam a experiências mais culturais e naturais, com a própria natureza e com os nativos. Gastal e Moesch (2007) expandem a definição para “turista cidadão”, pois o ato de viagem também pode se realizar na própria cidade, se apropriando dela, a fim de reavivar o olhar, humanizar os espaços públicos, promover mais amor e ativismo, mais envolvimento aos direitos sociais. E o termo “o novo errante” é associado à figura do cosmopolita de Maffesoli (2001).

No entanto, a pesquisa procura se referir à figura da viajante independente como aquela que se desassocia das instituições do segmento do turismo. Como as próprias Viajantes se definem ou não, reconhecida apenas como sendo “aquela que viaja desacompanhada e ao seu próprio modo”, sujeito do movimento e do paradigma das novas mobilidades.

A figura do viajante independente representa o movimento pós-moderno, suscita a cultura de estrada, que pode se aproximar da figura do caroneiro, do *flâneur*, do migrante, do mochileiro. Sua experiência também se aproxima da essência do errante, do vagante ou do vagabundo (o viajante sem rumo), pelo fato de estar aberto ao outro e ao imprevisível, pegar carona, trocar serviços, fazer a própria comida ou se permitir ao convite de se alimentar ou estar com o outro, o desconhecido. Direcionando ao gênero, é uma figura que é dona de seu tempo e destino, sem se prender a planejamentos inflexíveis, procura o desapego material, o desprendimento, o desenraizamento, a fluidez, busca por autonomia, liberdade, aventuras e experiências significativas ao ponto de transformar a própria visão de si e do mundo.

Quando assumiu a bicicleta como meio de transporte, nas palavras de Juli, “**ela acaba virando [...] uma ferramenta**”, porém “**uma ferramenta ideal**”, pois nesse processo de construção e (re) significação da construção da figura da viajante, a bicicleta se personalizou, se tornou uma grande companheira, até recebeu nome: Branquinha, a de Ada (por causa da cor); *Monalisa*, de Pam (referente a Da Vinci, mas quer dizer Mona, a lisa, sem dinheiro); e Borboletinha, de Juli. Segundo ela, (re) significa o sentido do nome, ao associar sua experiência de viagem com a metamorfose das borboletas:

É engraçado porque nos momentos de mais transformação uma borboleta cruza meu caminho [...] nos momentos de mais transformação interna assim ...Às vezes não é nada muito significativo externamente, mas internamente rolou um *insight*, eu sinto que quebra um pouquinho do meu casulo e quem sabe no final dessa viagem eu não viro mesmo.... a borboleta [risos] que está para surgir aí !

Concebe-se a bicicleta como uma das possibilidades mais autônomas de viajar, quando a Viajante Independente a assume. O estudo percebe a bicicleta como uma interface com as viagens e a desassocia do mercado do cicloturismo ou da cicloviação, que é compreendido como um segmento mais organizado e mais realizado em rotas turísticas, apesar de algumas vezes citado nos relatos, mas essa é apenas uma classificação, como frisou Pam: **“hoje em dia o nome que dão para o que eu faço é *cicloviação*”**. No entanto, em relação ao paradigma das novas mobilidades, observa-se que os conceitos e as classificações soam arbitrários, pois os movimentos se misturam pelo cotidiano (ALLIS, 2016; COHEN, S. *et al* 2013; COLES *et al*, 2005).

A bicicleta conjugada à experiência de viagem potencializa a integração das faculdades totais daquela que pedala. A viajante é percebida na sua totalidade humana com os ambientes, por meio da relação que desenvolve com a bicicleta, é responsável por criar e estimular novas significações e identificações com os lugares, comportamentos memórias e objetos. A bicicleta deixa de ser “um não-lugar”, é vetor que intensifica “autodescoberta” e “autoconhecimento”, acompanha o ritmo corporal e, ao mesmo tempo, se personaliza na relação viajante e bicicleta, que se fortalece no desenvolver desse processo de travessia independente (AUGÉ, 1994, 2009, 2010; BRUHNS,1997; COUTO, 2014; MAUSS, 2003; SAFFIOTI, 2015; SCOTT,1999).

Juli: Ela é a minha companheira, para o bem e para o mal! Então, às vezes eu agradeço dela ser tão incrível [tom empolgado e olhos vivos], mas às vezes eu a xingo por ela existir, por estar fazendo isso de bicicleta! Parece que está tudo dentro de mim! ... Viajar sozinho...São duas viagens em uma! Só o fato de você estar sozinho... é uma viagem em si, mesmo !!! Eu tenho bastante tempo para pensar, não é !? E a cadência da bicicleta ...é uma cadência muito humana! Ela te permite que você respeite o teu tempo! Se você está cansado ...você pedala devagar, se você está com energia, você pedala forte...e se você está com energia...você está com energia para pensar e pedalar! Se você está cansado, a gente está sem energia para pedalar e pensa! Então, esse ritmo da bicicleta acompanha ...muito o ritmo humano!

Ada: Passei a me conhecer mais, as minhas limitações também, o meu tempo como pessoa, como no ciclo da vida a gente como mulher tem períodos mais abertos para alguma coisa, mais dispostos, quando você está viajando de bicicleta é uma relação que tudo está muito interligado. Tipo o seu corpo, a sua mente, a natureza, tudo é muito interligado. Eu aprendi a respeitar esses

limites do meu corpo, se um dia eu sentia que eu não estava bem, não estava fisicamente disposta a seguir, eu ficava ... Fui me adaptando ao que meu corpo me dizia e não uma rotina que eu tinha que seguir, que na verdade isso não existia!

Pam: Monalisa, a minha musa pobre! [Risos] ... eu sou muito fã de Da Vinci, eu gostava da obra dele *Monalisa* [...] A gente conversa muito sozinho! Eu rindo com ela ...chamei ela de Mona...a ... lisa, por causa disso, a Mona me ensinou muito isso... e também fisicamente ...Pedalar é tipo um vício, é químico mesmo, você faz esporte e o seu corpo entente as endorfinas, a serotonina, tudo trabalhando ali no seu corpo, se no dia seguinte você não pedala, ele sente falta, ele te cobra, ele te pede ...e você associa aquilo com o prazer. Fala: “– *Poxa! Estava tão gostoso, ontem ...vamos fazer de novo hoje?*” [Risos].

Observa-se a experiência potencializada com a bicicleta, que tanto pode se revelar prazerosa como, às vezes, se mostrar angustiante, porém não deixa de ser significativa. Verifica-se que o desenvolvimento da construção da figura da viajante independente expande as subjetividades que são produzidas, (re) avivadas quando a viajante deixa se guiar pela experiência de viagem. O percurso delineado com a bicicleta revela que a estrada e o mundo são o verdadeiro lar da viajante, remete à ideia de “cidadão global”, porém põe em evidência que a cada partida na busca por um lugar novo está a procura pelas próprias identidades, conforme Cohen, S. *et al* (2013), Peixoto (1987) e Figueiredo (2010).

A experiência propicia um mergulho interior que passa a dialogar e tencionar com o mundo externo. A figura da viajante independente traz também à tona dificuldades de identificação ou sentimentos de pertencimento a um único lugar. Porém, “os dilemas do pertencimento”, nos estudos das teorias sociais, colocam em debate o significado do pertencimento atual, em relação ao paradigma das novas mobilidades na atuação das Viajantes. Sendo assim, postas as dificuldades ao responderem à indagação sobre o lugar com o qual mais se identificaram, Ada citou a Colômbia, pela maior convivência e permanência, pelos encontros com o amigo e pessoas que tornaram sua “**experiência muito especial**”, e por ser um país que lembra o Brasil, seu país de origem, em razão da hospitalidade e simpatia das pessoas: “[...] *foi o país que me senti mais em casa, tanto que foi o país que mais fiquei, fiquei quase três meses*”. Pensamento similar ao de Pam ao se referir ao México. Juli se identificou novamente como **Cidadã do Mundo**.

JULI: [...]Eu sou uma cidadã do mundo [...] eu sou uma pessoa que não sou mais paulistana, eu não sou mais brasileira ... eu acho que sou agora [...] com muito orgulho, eu sou latino-americana, mas com muita admiração, eu sou

parte desse continente ... acho que sou daqui, mas sou de lá também ... eu sou de qualquer lugar [risos] [...] Todo lugar eu me sinto um pouquinho em casa, sabe!? É tão simples para mim agora estar confortável em algum lugar [...] Eu não preciso de muito para ficar confortável nos lugares. Eu passei por lugares bem sujos e com muitos problemas, mas era ali que eu precisava descansar ...então, de alguma forma, você tem que aceitar o lugar como ele é! E aceitar... tem um pouco de se identificar, também! ... Eu não sei se consigo falar... Eu adoro o Caribe! Sem dúvida nenhuma, eu moraria.... [RISOS] no norte do Panamá... A Costa Rica é maravilhosa! [Tom empolgado] Eu moraria em qualquer um daqueles lugares, mas falando: “– *Ah, você se sente parte do lugar?* Eu não me sinto parte de nenhum lugar ainda... Não sei se vou me sentir um dia!

PAM: Difícil! Porque cada lugar a gente está de um jeito, eu não sou dois mais dois, tipo...eu não sou aquela pessoa... Então, cada lugar que eu passei ... Era porque eu tinha que passar ... O México, foi a primeira vez que eu peguei um avião, que fui para fora do país, que eu estava muito longe, que eu não conseguiria voltar em dois dias ou três dias de carona, eu tive muitas experiências lá ...era um país que estava barato, eu pude ter um poder de compra de assim, chegar no mercado e comprar várias coisas de comer, ir aos restaurantes, às vezes, e fazer passeios... O México para mim tem um significado muito grande! Eu diria que eu voltaria lá, pois os outros lugares eu gostei, mas acho que é o único que eu sinto saudade mesmo! Por enquanto, é o México [risos].

Para Maffesoli (2001), as respostas das viajantes em relação ao pertencimento e à identificação com o local são características típicas da errância no processo de formação das identidades. O viajante é reconhecido como o arquétipo da “ave de passagem”, que revela sua dubiedade e efemeridade, aspectos da natureza humana. Sendo assim, o viajante é aquele que passa nos lugares, como disse a Viajante Pam, porém essa passagem dialoga com o lugar, tenciona, é percebida, e exala liberdade, produz e inova símbolos e novos códigos sociais e culturais de hospitalidade, que são representados pelas trocas de presentes e gentilezas com o outro, compreendidas pelo antropólogo Mauss (2003) como trocas simbólicas advindas do processo de ritualização recíproca para se aceitar e se recusar ou se agregar e se separar do outro em uma experiência coletiva, produzindo sentimentos nessa passagem.

Viabiliza-se nas vivências das Viajantes identificadas como “aves de passagem” que ocorre um enraizamento-dinâmico, um processo que deriva da errância, com o lugar e as pessoas com quem se identificam, se partilham, se envolvem e que enraízam somente aquilo que interessa, como aprendizagem, habilidades e sentimentos. Para Ortiz (1996, p.32) “o viajante é um intermediário; ele coloca em comunicação lugares que se encontram separados pelas distâncias e pelos hábitos culturais. Nada os interliga,

a não ser o movimento da viagem, realizado por uma motivação alheia à sua própria lógica”.

O enraizar dinâmico expõe que o acaso e a distância são intencionais na experiência de viagem, mas se predispõe às aventuras e aos encontros. Constitui e desconstitui os laços afetivos e as identidades culturais, por meio dos pares de opostos (elementos antropológicos) ao se atrair e se repulsar, enraizar e desenraizar, ao encarar os estranhamentos, comparar culturas, gostos, comportamentos até poder criar e estabelecer mais familiaridades, como acontece com Ada na identificação por meio da comparação reportada ao lugar de origem, a aceitação com o lugar por Juli e sentimentos de *topofilia* de Tuan (1980) (do grego *topos* – lugar e *philos* – amigo), de amor ao lugar pelas três Viajantes. O pertencimento segue a lógica dos sentimentos com o lugar, mas não a territorialidade, como demonstram as Viajantes.

O enraizamento-dinâmico se revela transformador, necessário na estruturação social e na (re) significação das identidades culturais, que são impactadas por um processo de hibridação cultural (a negociação das identidades) (CANCLINI, 2008; HALL, 2005), posto que a viajante como ave de passagem é aquela que vem de fora, introduz a novidade e estabelece vínculo de amor, ao se abrir com o outro diferente de si, porém nem sempre a troca é acordada, pois pode ser encarada como um risco moral. Na reflexão de Pam:

[...] Tem lugares que as pessoas são muito fechadas. Eles te olham...é um forasteiro...você pode ser boa pessoa, como não ser. Então, nem sempre te tratam muito bem, ser bem tratada em qualquer lugar, eu acho que é aqui no Brasil! O México não posso reclamar! Mas tinha muitos lugares.... A Guatemala, por exemplo, eu ia pedir um copo d’água e as pessoas faziam que não entendiam ou pedia para acampar em algum lugar, eu já levei não! Já fui em igreja e já levei não, esperei acabar missa e pedir se podia acampar no fundo da Igreja, assim ... só na lateral, só para não ficar na rua ... e as pessoas falaram que não dava! O mundo não é um mar de rosas! Mas a partir do momento que você entende que está viajando, que põe sua conta em risco e que aquilo é para você! Você vai aprender a lidar com o não, também! Ninguém está ali para te servir. E isto, eu aprendi!

Portanto, ser uma viajante independente nesse processo de construção não é tarefa fácil, inclusive de bicicleta, pois é, *a priori*, duplamente considerada “a estranha”, “a estrangeira”, a “forasteira” na realidade do outro. Principalmente, entre as Américas, com tantas diversidades e identidades culturais mais tradicionais, mas independentemente disso, a liberdade da mulher sempre foi alvo de juízo moral.

A mulher sempre lutou para ser reconhecida como autora social, ecológica, política e cultural e lutou pela liberdade em produzir suas subjetividades. A imagem da mulher sempre esteve associada à “inferioridade, à fragilidade, ao casulo do domésticos”, tanto que o protagonismo da mulher-viajante sempre foi abafado, disfarçado na história do ato de viajar (OKIN, 2008; SAFFIOTI, 2009; SERRANO, S., 2017; SCOTT, 1995).

Em razão desses estigmas que a figura da mulher carrega na história das viagens, que, de certa forma, ainda são refletidos na atuação delas, Juli disse desde o princípio de seu relato que uma de suas motivações se deu ao perceber que há poucas mulheres na estrada, viajando sozinha e de bicicleta, principalmente, desde o Alasca. Mas, elas existem, como evidenciam as três Viajantes. Pam contabilizou oito brasileiras, porém Juli e Pam alegam não ter visto nenhuma brasileira na estrada, a não ser três estrangeiras, fato comentado por Pam.

As Viajantes citaram umas às outras nos relatos. Percebe-se que nesse mundo das viagens, o Brasil ainda apresenta um número muito pequeno de mulheres que viajam de bicicleta, porém significativo. No entanto, essa realidade também é refletida pela falta de dados recentes, pesquisas e dados por gênero que usam a bicicleta para viagens<sup>26</sup>. De modo geral, no Brasil, o uso da bicicleta tanto como lazer e meio de transporte no cotidiano urbano<sup>27</sup> expressa uma atuação pequena em vista dos homens que a usam no dia a dia ou que assumem a bicicleta na viagem, porém o número pequeno na cidade é reflexo também do medo e da falta de infraestruturas para promover mais segurança (LEMOS *et al.*, 2017). No entanto, a limitação da mobilidade da mulher é parte da construção cultural da representação do gênero, que tece as desigualdades refletidas na formação e nos papéis sociais (MELO *et al.*, 2001).

---

<sup>26</sup> Pesquisa do perfil do cicloturista brasileiro de 2008, realizada por Paupitz, revela que dos 302 participantes 87% são homens e 15% são mulheres. Mais informações: PAUPITZ, Andressa. Perfil do cicloturista brasileiro. Disponível em <<http://www.clubedecicloturismo.com.br/artigos/080301pesquisa/pesquisa.html>>. Acesso em 12 setembro 2018.

<sup>27</sup>Dados de pesquisas de ciclistas nacionais: *Ciclocidade, Transporte Ativo, Mountain Bike BH, Ciclo Urbano, Ameciclo e Mobilidade Niterói*, entre 2008 e 2015 nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Niterói, Aracaju e Recife, com quase 40 contagens de ciclistas, apontam um número menor de mulheres em relação aos homens: “apenas 7% de mulheres ciclistas trafegando nas grandes cidades. A média cai em São Paulo para 6%.”. Disponível em: <https://www.ciclocidade.org.br/genero>. Apesar dos dados não incluírem todas as cidades do Brasil, refletem a realidade do número reduzido de mulheres ciclistas e também a insuficiência de dados direcionados ao gênero. Apesar da recente pesquisa, entre os coordenadores está o Transporte Ativo (2018), publica o perfil do ciclista nacional, mas não apresenta dados divididos por gênero. Disponível em <<http://ta.org.br/perfil/ciclista18.pdf>>. Acesso 12 de setembro de 2018.

A mulher como protagonista é alvo de admiração, polêmica e desconfiança. As mulheres que procuraram transgredir o controle patriarcal, eram consideradas rebeldes ao quebrarem estereótipos, eram mulheres que “ridicularizavam” a conduta moral, principalmente se assumissem a bicicleta como meio de transporte (AUGÉ, 2009; CONNOLLY, 2015; HANSON, 2010; PERROT, 1988; MELO, SCHETINO, 2009; ROLDAN, 2000). Apesar das conquistas feministas, ainda se presencia em ideias, objetos e condutas um machismo resistente, que não é apenas local, mas global, como verificam as Viajantes. Pam ressaltou essa realidade na forma de se vestir desde a América Central até o Brasil, que simbolizou seus “receios” em relação ao machismo e à violência de gênero:

No Brasil, acontece o seguinte, o assédio é grande! Mas não é um assédio que acho que alguém vai lá e põe a mão em mim como acontecia em outros países. [...] Na Nicarágua... os caras... eu andando na rua com o meu namorado e mesmo de mãos dadas, eles passaram a mão na minha bunda! E mexem, falam palavrões! Era assim fortíssimo! Eu tive boas impressões lá, mas também tive esse lado negativo! [...] Eu me sinto em perigo! Não vou dizer que não! Se você for olhar as minhas roupas da viagem do México para o Brasil, era totalmente para não dizer que sou mulher, usava camisa de manga comprida, chapéu de palha, roupa folgada, tentava estar sempre, assim.... meio ogra mesmo! [Risos] até a bicicleta com panela para fora, eu parecia um mendigo! Quem me olhava podia não olhar com bons olhos! Eu estava realmente mal vestida! Eu tinha medo de ser roubada, medo de ser assaltada, de alguém fazer uma coisa pior, violação que a gente sabe que pode acontecer! [...] Tirando toda essa parte do medo externo! Quando eu penso em mim como mulher, viajando de bicicleta é ...a melhor sensação de liberdade! ... É o melhor que eu posso fazer por mim, com meu tempo, com a minha saúde, com a minha vida, pois tudo está ali na bicicleta... é o ápice da conquista! [...].

Apesar das três Viajantes terem sentido e percebido a questão de gênero na experiência de viagem, alegam não ter sido isso um motivo de obstáculo para as atuações nos espaços pedalados. Juli e Ada acreditam que o fato de serem mulheres foi um aspecto positivo em relação à recepção das pessoas, em comparação a se fossem homens, pois a presença masculina é mais ameaçadora na visão das Viajantes.

JULI: Ser uma mulher sozinha na estrada tem um MONTÃO de vantagem... um montão! Acho que essa nossa posição de vulnerabilidade desperta nas pessoas; homem, mulher, criança, idoso, QUALQUER pessoa! Desperta...uma compaixão maior! Eu cruzo com muita gente, muito homem na estrada, que não consegue [pausa rápida] tão facilmente as coisas que eu consigo, por exemplo, comida, abrigo!

ADA: Muitas pessoas pensam que é muito perigoso o fato de ser mulher, mas eu acho que o fato de ser mulher ajudava, as pessoas ficavam mais

preocupadas “-*Nossa, você está sozinha? E queriam me ajudar, não vi nenhum fato negativo pelo fato de ser mulher [...]*”

No entanto, Juli disse que ser viajante é um “choque” para alguns, que até pensavam em provocar ao verem uma mulher na estrada. Nesse sentido, as Viajantes relataram entre percepções, opiniões, algumas poucas situações constrangedoras, porém sempre procurando deixar claro sua postura por onde passavam, dormiam e a qualquer outra pessoa.

JULI: [...] eu tenho um probleminha ... eu considero...como um probleminha. [...] sou uma mestiça, que não parece brasileira! Eu passei por lugares...na América do Norte, onde as pessoas nunca tinham visto um brasileiro! Eu não sou exatamente a melhor brasileira...para ser a primeira brasileira que a pessoa vê! Então, aconteceu muito das pessoas me confundirem com tailandesa ...a mulher oriental ela tem ...um estereótipo ...é, principalmente, na América do Norte, ligado à prostituição, ao tráfico de mulheres... Da Ásia para os Estados Unidos e vice-versa, é muito comum! Então, essa hipersexualização da mulher asiática ... é um negócio que é um problema, que acho que aqui no Brasil, [...] da mulher negra [...] Fora isso [...] eu tive algumas situações, logo que cruzei a fronteira do Canadá para os Estados Unidos. Eu estava sentada no posto de gasolina descansado e estava tomado uma água e aí um homem chegou para mim e falou: “- *Oi, Tudo bem?*”, eu respondi: “- *tudo bem!?*” E ele perguntou: “- *Posso colocar a mão no teu peito?*” Eu falei: “- *QuÊ?*” Ele repete: “- *Posso colocar a mão no teu peito?*” ... Eu falei: “- *Meu, O QUE te faz pensar que...*”. Quando ele vê que you tem um certo nível, que você tem posicionamento de um certo empoderamento do corpo, dos teus direitos ...Ele se afasta ...Ele: “- *Eu pensei que você era da Ásia*”. Eu falei: “- *Mesmo se eu fosse da Ásia, não é ?!*” Então, o homem branco, principalmente o mais velho nos Estados Unidos [...] espera da mulher asiática e com uma cara mais nova! ... Eu pareço mais nova do que eu sou, aparentemente [...] as pessoas confundem a imaturidade com uma permissão de abuso! As pessoas, não! ... Os homens !!!

PAM: [...] “- *MENINA, sua louca! [Risos] Você está sozinha? Mas porque sozinha?*” [...] As pessoas primeiro se assustam. Não entendem o porquê vão largar as coisas da sua vida para viajar de bicicleta. Outra, que sou mulher e estou sozinha. Então, na cabeça de todo mundo uma mulher não pode fazer as coisas sozinha, porque ela vai correr perigo. Ela está correndo [risos], mas também não vai deixar de viver por causa disso e também pelo fato de não ter dinheiro, não ter uma renda! “- *Então, e como você se vira? Como faz para se manter? Ah, por aqui eu gasto só pra viver três mil reais de conta fixa em casa, como você faz para estar morando na estrada?*” E aí eu explico que dá para trabalhar viajando, que o fato de eu estar sozinha, eu só preciso de duas pernas para pedalar [risos], que risco a gente corre em qualquer lugar! Mas no geral é uma admiração, é uma coisa muito bonita. A bike abre as portas!

ADA: As pessoas normalmente se assustavam, a primeira pergunta, em quase todos os lugares por onde eu chegava era “- *Nossa! Mas você está sozinha? E cadê seu namorado? Cadê seu marido?*” Então, assim as pessoas já não acreditavam muito que era possível uma mulher estar sozinha!

[...] Mas aí perguntavam: “- *Mas porque você está sozinha?*” Já pensavam que era promessa ou coisa nesse sentido! Mas a pergunta era onde estava o meu companheiro, as pessoas nunca aceitavam essa ideia de ser mulher, de você estar sozinha e você estar sozinha porque você escolheu estar sozinha, foi assim...uma opção! [...] CLARO! que o machismo existe e está impregnado em todas as sociedades, em todos os países e no Brasil também, em todos os lugares, não é?! [...] O que eu posso dizer que foi uma experiência que para mim deu certo, a gente tem que ter pulso firme, vai ser assediada, vai! Mas você tem que deixar bem claro porquê você está ali! [...] Eu fiquei muitas vezes hospedada em *Warmshowers e CouchSurfing*, que são um tipo de hospedagem solidária, muitas vezes em casa de homens que moravam sozinhos [...] Deixei muito clara a minha postura, que o fato de eu estar viajando sozinha não dá o direito de alguém querer passar por cima das minhas vontades! [...] Foi a minha experiência, não posso garantir que para todo mundo vai ser a mesma coisa [...] Talvez não o país, mas a região, que as pessoas esperam que uma mulher da minha idade deveria estar casada e com filhos, não de bicicleta ou sozinha, talvez nas capitais de outros países essa mentalidade já tenha mudado um pouco, no interior é muito forte, no Chile e Argentina. Uma coisa que senti muita diferença que eu viajei sozinha os seis primeiros meses e depois quando já estava no Chile, eu encontrei um casal que estava viajando para o mesmo lugar que eu. Eu viajei com eles muito tempo [...] talvez uns quatro meses do Chile até o Peru com companhia e depois desse tempo eu voltei a viajar sozinha e eu não sei se foi o fato de ser no Peru, mas no primeiro dia que eu voltei para a estrada sozinha eu senti uma diferença muito grande! Eu não sei se foi uma coincidência ou se foi porque eu estava no Peru e o Peru é onde os homens assediam mais, mais eu me recordo que... pedalandando, eu me senti muito incomodada, porque muitas pessoas passavam, assim eles usavam muito moto e passavam muitos homens e falando coisas e mexendo, eu me senti realmente incomodada [...] Quando entrei no Equador eu já estava sozinha e já havia uma mudança de comportamento muito grande, já não sofri esse assédio tão forte assim! Outra coisa [...] Eu tive uma amiga que iria me encontrar [...] viajamos juntas, duas mulheres e mesmo sendo duas mulheres juntas, as pessoas faziam a mesma pergunta: ‘- Mas vocês estão sozinhas?’[...] Acho que isso do assédio é geral [...] acontece e isso não pode ser um limitador.

Observa-se nesses trechos que há uma relação ou sensação de poder e, ao mesmo tempo, de falta de poder no deslocamento das Viajantes na realidade, mas a atuação nas viagens não deixa de ser uma forma de resistência ao “domínio” simbólico masculino, pois até o fato de duas mulheres estarem viajarem juntas faz com que sejam consideradas como sozinhas por algumas pessoas. Piscitelli (2017) e Yang *et al* (2018) abordam a questão de Juli quanto à hipersexualização em estudo sobre a relação entre violência e mulheres viajantes (ANTONIOLI, 2015; BOURDIEU, 2012; GAZZOLA, 2008; PERROT, 1988; SERRANO, S., 2017; SCOTT 1995).

No entanto, essa relação de falta de poder também pode ser percebida em relação às fronteiras geográficas e políticas, ao acesso às mobilidades no percurso entre os países. À medida em que se pergunta às Viajantes sobre as fronteiras dos países viajados, em um primeiro momento todas respondem que foram bem recebidas, principalmente quando viam que eram brasileiras, como alegou Pam. Às vezes, porém, tinham de pagar

apenas uma pequena taxa. Juli comentou sobre a diferença percebida ao entrar no México quando cruzou de San Diego para Tijuana, na passagem do muro após a travessia dos Estados Unidos e concluiu que a América Latina é mais que um nome, a barreira é real e que “*a gente é diferente... sem dúvida nenhuma!*”. Mas, em relação aos acessos, explicou que já tinha o visto americano e o único problema aconteceu quando precisou entrar na Costa Rica, onde se exigia a data de permanência no país, tempo difícil de estimar pelo modo como viajava, mas logo conseguiu resolver essa questão. Diferentemente de Ada, que teve exigências maiores para obter o visto de acesso para poder atravessar a Guiana Francesa e entrar no Brasil – possível apenas por terra ou por avião – uma vez que a Guiana Francesa é considerada território europeu e não faz parte dos acordos comerciais proporcionados pelos países do Mercosul (Mercado Comum do Sul<sup>28</sup>), e exige visto e passaporte de acesso, por isso Ada teve problemas lá. Dentre as exigências para o acesso estavam informações de reserva de hospedagem e data de ida e volta de avião, entre outras solicitações que divergiam de sua realidade de viajar, sem contar os problemas com o idioma. Ada até pediu carona de avião no Consulado Brasileiro, mas não conseguiu. Comentou que todo o processo para obter o visto de turista era muito burocrático. Tentou o visto de trânsito, pois as exigências eram menores pelo Suriname e conseguiu o direito de permanecer apenas quinze dias na Guiana Francesa, após quase duas semanas insistindo e explicando sua situação. Contou que o atendimento era péssimo. Foi o único lugar onde conferiram todo seu cartão de vacinas e teve de fazer um seguro de vida, além de pagar uma taxa. Apenas após cumprir essas exigências pôde conhecer e atravessar o país para adentrar o Brasil novamente (ELLIOT, URRY, 2010; KAUFMAN *et al*, 2004; SALAZAR, 2017, 2018; URRY, 2009).

Por outro lado, todas as Viajantes revelaram no decorrer dos relatos que os medos, os momentos mais difíceis e os maiores desafios se davam menos por serem mulheres sozinhas na estrada e de bicicleta, mas em função de aspectos físicos, ambientais, e mais que isso eram aspectos interiores, pois a viagem é um processo de ensino-aprendizagem com o mundo, com o que passa a ser vivido e pode refletir uma conquista pessoal.

---

<sup>28</sup> Membros efetivos do Mercosul: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela. Membros associados do Mercosul: Bolívia (1996), Chile (1996), Peru (2003), Colômbia (2004), Equador (2004), Guiana (2013) e Suriname (2013). Membros observadores: México (2006) e Nova Zelândia (2010). Porém, Suriname, Guiana e Guiana Francesa exigem passaportes e a Guiana Francesa exige visto. Disponível em < <http://www.aeroporto guarulhos.net/dicas-de-viagem/paises-que-nao-exigem-visto-de-brasileiros-para-turismo>> Acesso em 14 de out. de 2018.

Para Ada, os maiores desafios foram os ambientais, pois ao se deparar com um momento muito difícil da viagem, quando sequer estava na estrada, e sim no mar, chegou a correr perigo de vida, sendo essa uma lembrança que toca muito sua emoção e foi vivenciada em dupla, com uma amiga de estrada:

[...] os maiores desafios para mim não foram esses desafios relacionados à pessoa.... O que eu sabia que iria ter de enfrentar mesmo.... Era da natureza [...] quando você está viajando de bicicleta, não tem o controle total de tudo, porque tem a natureza, que às vezes é muito mais forte, que vai te conduzir. Então assim, os maiores medos e desafios que eu tive foi com fatores relacionados com a natureza, a questão dos ventos que ... na Argentina e na Patagônia são muito fortes! E foi uma região que eu estava sozinha e ainda um pouco insegura por ser início da viagem [...] nesse dia foi uma sensação de impotência tão grande diante da natureza, era um vento tão forte que eu não conseguia ficar em cima da bicicleta [...] E também, com relação às montanhas, a Cordilheira dos Andes foi um dos grandes desafios, físicos e psicológicos, muito mais psicológico [...] três dias pedalando ... era um desafio que eu me propus a fazer, porque eu sabia que eu podia pegar uma carona e fazer aquilo de outra maneira, mas eu sabia que a viagem não era só coisa boa, tinha momentos que tinha que me esforçar para poder vencer, *era parte do processo!* E ter conseguido [...] e superar, isso aí foi ao mesmo tempo desafiador [...] me mostrou que era realmente capaz! [...] E também, a experiência que eu tive que eu estava sem a bicicleta, foi quando eu estava no Equador com uma amiga e nós tivemos uma experiência muito forte, foi no mar e que realmente eu quase morri ... Foi o momento da minha vida até hoje, que até arrepia quando vou contar isso, porque foi o momento que eu vi que a morte estava ali, que não adiantava eu lutar contra a natureza e contra o mar, que foi uma ressaca que teve, que levou a gente bem rápido [...] E nesse momento eu falei com Deus e com o Universo, que se tivesse que ser agora ,que me leve, porque eu não tinha mais forças para lutar e me vi realmente assim, muito frágil e vi que eu não era nada ... diante do Universo, foi por um triz [...] O maior de todos, que me vi mais em perigo [...] Foi muito forte ... a primeira experiência que eu vi que foi por um triz e mais forte porque eu estava com essa minha amiga, que passou por tudo igual e foi assim um RENASCIMENTO! [...] Eu vi que dali em diante, tem que aproveitar e tem que ser agora, porque realmente não se sabe o que pode acontecer daqui a dois segundos e tudo pode acabar, mas foi um renascimento muito forte! [...] eu vi que a gente renasceu ali naquele dia e a nossa relação de amizade se tornou muito forte, também! [...] Ela é uma pessoa que eu considero... uma das pessoas mais importantes que eu encontrei, nessa minha viagem, que eu considero como uma irmã de vida, de um encontro de vida!

Juli salientou que o maior desafio e os momentos mais difíceis foram o começo no Alasca e também quando sofreu o acidente no ombro, na Costa Rica, onde teve de lidar novamente com a zona de conforto, a rotina, pois teve de ficar lá por quase um mês se recuperando. E, para os melhores tratamentos no ombro, teve de lidar também com a volta ao país de origem, o Brasil.

[...] Começar foi muito difícil! Eu estava ali no gelo, vendo aquela imensidão branca ... paralisada mesmo! Parecia que eu estava congelada, eu fiquei uns cinco minutos olhando para o nada e falei [riso]: “*Meu, e agora?*” Agora é

hora de ir e eu não conseguia subir na bicicleta ...foi bem difícil! [Tom lento] ... Decidir voltar para o Brasil, depois do acidente, foi também bem difícil! Eu não queria voltar !!! ... Porque é volta para o conforto! Na Costa Rica eu precisei ficar um mês... três semanas [pausa pensativa] num quarto, parte por conta da minha recuperação e parte por um processo que eu decidi fazer. De fazer um jejum de vinte e um dias e a primeira vez que eu saí, depois desses vinte e um dias dentro do quarto.... Eu percebi que quando você está dentro de uma casa, num teto, dormindo, sem sentir as variações do dia, da noite, do frio e do calor ...Lá de fora, you fica mais vulnerável! ... Quando você sai... Parece que a casa, aquele quarto se torna um pouco parte da sua pele, de você! Então, quando você sai ... eu voltei a ficar com medo de coisas que não tinha mais medo, por exemplo: eu estou andando na rua e tem um homem atrás. E aí, eu fico com medo! Quando, um pouco antes, por eu estar mais acostumada, eu conseguia ficar mais esperta, criar mais mecanismos, “- Ah, caso alguma coisa aconteça”, eu corro ali ou eu analiso: “ah, tem uma casa ali” [...] quando você fica numa vida de muito conforto ... Voltar... é tudo de novo! Começa tudo de novo! Eu não queria voltar por isso! É começar tudo de novo!

Pam, por sua vez, comentou sobre um momento de grande medo na viagem, quando quase foi roubada em Honduras e também correu risco de vida, mas após refletir concluiu que os maiores desafios e os momentos mais difíceis são lidar com o dia a dia.

[...] o desafio é bem o do dia a dia, porque todo dia é um dia diferente, teve dias assim... de estar em um lugar ...eu chegar numa cidade um pouco tarde, o dia que eu pedi na Igreja e me disseram não ... já era tipo nove horas da noite... eu assisti a missa inteira [ risos] eu fiquei sabendo que eu não teria lugar para ficar [risos], aí eu pedalei até o último pico de luz da cidade [ risos] achei um barracão e fiquei lá ...era tipo uma olaria aberta, eu não estava muito confiante [...] não armei barraca, coloquei a rede e fiquei assim: *um olho no peixe e outro no gato*. Já teve outras situações de eu não ter certeza de estar dormindo num lugar bom [...] Eu estar deitada, está tudo bem e me dar um alerta na cabeça como se fosse um sexto sentido ...tipo... *Sai daí AGORA!* [Risos] [...] Em Honduras [...] eu passei o maior susto da viagem! Depois que eu cruzei a fronteira, trinta quilômetros, mais ou menos, tentaram me roubar. Dois caras de moto, eles passaram por mim, voltaram, passaram ...na terceira vez .... Só não tinha para onde correr...[...] na terceira vez que eles passaram, já senti... o pelo arrepiando ... ai pensei: - *“ih, chegou o meu dia!”* A gente sabe que um dia isso iria acontecer! Nem tudo são só flores, o mundo inteiro tem perigo, tem essas coisas infelizmente! [...] Me enquadraram, entrou com a moto na frente da bicicleta e outro atrás, aí falaram comigo em inglês... pensavam que eu era uma *gringa* e o meu inglês é péssimo, mas eu entendi o recado, [risos] que era: “- *Desce ou você morre!*” [Risos] E o cara que estava na frente segurou o guidão da Monalisa ...eu pensei: “- *Putz! Perdi! não tem o que fazer!*”. E no momento que eu estou descendo da *bike* ...eu olho para trás e vem um caminhão! Eu faço assim ... com os braços para cima, que é sinal de pânico [Mostra o Sinal] Ele joga o caminhão com tudo no cantinho, que não tinha acostamento, quase me atropela e quase atropela os ladrões [risos] .... No que ele joga o caminhão, os caras vão embora ....eles falam um monte de coisa, como ameaça para mim e saíram [...] Eu fiquei tão em pânico, que eu estava cega, não estava nem raciocinando ... Eles foram embora... o cara do caminhão desceu, pegou a minha bicicleta, jogou em cima do caminhão, eu ajudei ele a colocar e me levou [...] Ele falou que só iria me deixar na Nicarágua, que lá eu estaria segura, porque se eles me encontrassem ali...ele falou bem assim: “- *Esses caras não estão aqui para te roubar, eles estão aqui para te matar! Levar para eles um celular, eles não vão deixar você viva. Eles vão matar você! Por causa de um celular. Então, fica aqui!*” Me deu assim ...uma lavada! Falou um monte [risos] “- *Aqui não é lugar de mulher, aqui não é para ficar sozinha! Você tem que ter o teu marido! Onde é que já se viu uma mulher andar sozinha*” e eu já estava assim apavorada, eu não sabia nem o que eu falava .... Eu só concordava: “-*Táh, bom ...desculpa!*” [Risos] Aí, ele pegou e me deixou na Nicarágua! [...] Eu entrei em contato com um rapaz de Warmshowers [...] a família

dele era a primeira vez que iria receber alguém [...] Ele tinha acabado de fazer esse perfil. Aí, eles foram me buscar, em Managua Capital. [...] Eu não sabia nada! O perfil dele era vazio e foi a primeira pessoa que me aceitou, eu falei: “- *Vamos embora!*” [Risos]. Eles foram me buscar, eu só queria chorar [Risos]...eu só queria dar um abraço, como se fosse alguém da minha família! [Encena a emoção da lembrança] “- *OBRIGADAAA!* [Simulação do som de choro]”. E eu toda frágil, toda apavorada. [...] Eles moravam na parte de cima e deram a parte de baixo para mim ...Nossa, eu fiquei assim ... Em casa! Família, família, família total! Adorei! Me deram roupa, eu não tinha roupa mais para nada, estava tudo rasgado, me levaram no mercado, fizeram compras ...Eu falava: “- *Gente, eu não consigo carregar isso na bicicleta! Eu não tenho nem espaço!*” E o pai dele: “- *Não, você vai precisar!*” [...] Eu fiquei dois dias com eles. Eu fiz brigadeiro para eles. Eu não sabia o que fazia, eu estava toda boba lá! Me levaram para passear ...e no dia de ir embora. Eles iriam sair cedo para trabalhar e largaram para mim um recadinho e dentro tinha dinheiro, dizia que era para eu comprar um chip da Nicarágua e o dinheiro da recarga, que era para eu dar notícias para eles e não deixar de dar sempre notícias [risos]. Eu saí de lá chorando [Som de fôlego], a mais emotiva... do mundo!

Visualiza-se que das experiências relatadas – tanto em situações constrangedoras ou que soam ter uma certa vantagem por serem mulheres, refletida no cuidado e no acolhimento – como as situações de impotência do ser humano diante da natureza, o quase roubo, o lidar com o dia a dia das viagens e, novamente, com a zona de conforto, refletida pela “vida comum social”, fazem parte do ensino e aprendizagem na travessia das “fronteiras simbólicas”, que se associam às passagens nas quais as viajantes vivenciam esse deslocar errante (FREIRE, 2002; ORTIZ, 1996 ). Conforme Trigo (2010, p. 27), o deslocar errante, conjugado à liberdade e à aventura no ato de viajar, também pode expor uma contrariedade, pois ora as “experiências revelam-se como experiências significativas e ora decepcionantes”. Quando as viajantes se predispõem às aventuras, podem se deparar com riscos e sofrimentos. Desde o inglês arcaico, um dos significados para a palavra viagem é *travail*, com o significado de “dores do parto”, denotando uma conexão com o sentido de sofrimento. Porém, o sofrimento pode se transfigurar em aprendizagens humanas.

De acordo com Magris (2008), é como se houvesse a metáfora da ressurreição da alma, promovida por uma morte simbólica na perda de uma parte de si mesmo. As experiências de sofrimento podem ocasionar a renovação do ser como se fosse um novo encontro de si mesmo.

Verifica-se que o ato de viajar autônomo demarca um processo de desenvolvimento educativo e de “evolução” do ser, pois a “mesmice”, a “segurança e o conforto do lar” podem se refletir na regressão do conhecimento e do próprio “eu” (DE BOTTON, 2012). Juli mencionou isso em sua narrativa. Por outro lado, o ser humano, enquanto viajante, sua presença de viajante “situada como estrangeira e estranha” pode

“romper” com “a mesmice” dos lugares, no sentido de se permitir se misturar com o outro, diferente de si. Pode reavivar e fazer “circular” culturas, identidades, pessoas e provocar diferenças, pois é uma presença que “introduz a novidade” e pode renovar e criar outros códigos de hospitalidade, como já salientado.

Portanto, o *estar-junto* com outro possibilita tecer construções intersubjetivas com o lugar e com as pessoas, e pode resultar na aproximação do *Outro interior* da viajante ao atribuir mais essência, sentido, conhecimento à vida, adquirindo mais autoconsciência, como os limites e as capacidades, refletidos em maior autoconhecimento. E também, no desenvolvimento de mais astúcia e esperteza, como disse Pam quando não rejeitou “**o sexto sentido**”. De forma geral, essa é uma reflexão relatada também por Ada e Juli. No caso de Juli, se remeteu mais ao sentido de “**epifania**” no decorrer da narrativa, mas que evidenciam esse processo de autoconhecimento, ao aprenderem e respeitarem o que sentiam e ao escutarem a si mesmas (BUTTNER, 1982; CARDOSO, 2003; IANNI, 2003; MAFFESOLI, 2001).

Nesse processo de travessias, a figura da viajante independente, ao mesmo tempo em que causa repulsa e inveja por exalar e representar a liberdade, a mobilidade feminina, suscitar nostalgia coletiva pela aventura original e ser considerada ainda uma ameaça moral, pode também ser uma figura que atrai e causa admiração, percebida para além da questão de gênero, pois pode ser comparada por alguns como uma “heroína”. Porém, deve-se tomar cuidado para não haver “sacralização à sua imagem e suas ações no universo do outro” (MATOS, 1997). A figura da viajante pode ser um convite ao devir, por despertar sonhos, vontades, criatividade, sentimentos, reavivar lugares e suscitar ideias de novas possibilidades de viagem e de modos de vida.

Mas, quando há essa admiração pela viajante, percebe-se que se estabelece alguma identificação e sensibilidade com o outro, os vínculos são estreitados e, antes, o que era estranho, torna-se mais familiar ao aceitar e ao receber a viajante, selando essa abertura com atos de gentileza e socialização, refletindo na acolhida, no compartilhar, gestos que são relatados pelas Viajantes ao longo do percurso em diferentes países, que têm costumes, idiomas e hábitos diversos, até culturas mais tradicionais, onde a recusa da partilha e da acolhida foram raras em comparação a tantas recepções, “doações” e presentes, partilhas, como as refeições e o acesso às suas residências como gesto de cuidado e “amorosidade” com o próximo. Para Juli, é puro sentimento de “**compaixão**”. Ada acredita que a forma como vivencia as viagens com a bicicleta permite uma reciprocidade de abertura à realidade do outro, ao transpassar alguma relação de

igualdade. Pam complementa que se estabelece uma relação muito verdadeira, cujo único interesse está no compartilhar, sem querer nada em troca.

Ada: [...] a bicicleta te aproxima das pessoas, porque quando você chega pode ser o lugar mais rico ou o lugar mais simples, você está de igual para as pessoas, sabe? Não existe nenhuma barreira entre você e a pessoa. Então, as pessoas se aproximam mais, elas são mais acolhedoras... querem saber... Acho que todo mundo na vida já teve algum momento de relação com a bicicleta, então eles ficam admirados: “-Ah, eu gostaria muito de fazer isso um dia”, então se identificam com a causa [...]

Pam: [...] viajando é como se estivesse nu...como se você estivesse sem nada, a pessoa não sabe se você é um médico, se você é um piloto de uma espaçonave, se você é um mendigo, o que você é?! ... Porque se ela vai te ajudar, ela vai te ajudar porque ela é boa e ela quer te ajudar, não pelo fato de você ser alguém ou que você está oferecendo alguma coisa para ela. Então, todo mundo que me ajuda no caminho, para mim é muito especial, porque eles não sabem nada da minha vida, eles só querem passar um tempo juntos, querem só compartilhar ...isso é o lindo do dia a dia! [...]

Percebe-se, como já foi explicitado, que ao se permitir conectar-se ao desconhecido, uma relação social e de afeto é gerada, promovendo um sentimento de “encantamento” e confiança recíproca. O *estar-junto* também é uma forma de fazer parte da experiência de viagem das viajantes, metaforicamente, por meio do imaginário, na sensação de estar, “viajar” junto por meio das lembranças e dos vínculos de amizade, sejam eles ocasionais, temporários ou facilitados pelos meios virtuais. Essas relações são parte dos ritos de contrato e integração social, estabelecidos pelas trocas com o outro, permeados pela circulação dos bens, sentimentos e pela comunicação, que faz parte da dimensão simbólica cultural na abertura ou recusa com o diferente. Quando as trocas são constituídas se refletem nessa bondade, em atos de solidariedade, na mistura com o outro, no desenvolvimento e na promoção de conhecimentos, habilidades, identidades culturais, aprendizagens que tornam cada vez mais significativa essa experiência de viagem, pois são aprendizados e descobertas de vida que colocam a viajante em tensão e em diálogo com seu *Outro*, podendo causar transformações profundas no modo de pensar, agir e ser, mesmo que inconscientes. Essas transformações e diálogos com seu *Outro* são percebidos nos relatos das Viajantes, que às vezes se mesclam e divergem, conforme respondem ou relatam as indagações postas sobre o significado da experiência, desafios e dificuldades, momentos mais marcantes, maiores aprendizados e impactos, que são parte do processo de ensino-aprendizagem e decorrem do desenvolvimento gradativo da autonomia das Viajantes, resultando no ato de decidir, se escutar, sentir e de confiar em si mesmas ( AVENA, 2008;

FIGUEIREDO, 2010; FREIRE, 2011; IANNI, 2003; MAFFESOLI, 2000, 2001; MAUSS, 2003).

Pam, assim como Ada e Juli, discorrem em todo o seu relato sobre as descobertas, os aprendizados e o sentido da experiência, de forma direta ou não. Mas, ao falar dos maiores aprendizados e significados, respondem:

Pam: [...] Pode ser várias coisas .... Mas acho que o mais difícil para mim era lida com o amanhã, era “- *Meu Deus, eu larguei tudo, eu vendi tudo, as minhas coisas, estou viajando, tranquei minha faculdade, o que vai ser de mim amanhã?*” Lidar não só com a cobrança externa, que todo mundo queria saber e eu não tinha resposta, mas com a interna, eu me preocupava um pouco; e o futuro e se eu ficar velha, se eu não tiver como pagar o plano de saúde, alguma coisa ... isso que eu aprendi com a viagem de bicicleta que é viver um dia de cada vez, eu não consigo fazer um planejamento para o mês inteiro de *bike*, todo os dias eu posso planejar cem quilômetros, mas se o meu pneu furar, se tiver chuva, se eu parar para conhecer alguém na estrada, eu atrasar ...eu não vou conseguir fazer os cem, mas vou fazer o que der! Aprendi a viver um dia de cada vez, hoje ... eu estou viva, hoje eu tenho dinheiro para comer, mas amanhã, eu não sei! [Risos] [...] A viagem transforma muito a gente [...] Eu não sou a mesma pessoa que saíu, isso não tenho dúvidas, e continuo... lógico que todo mundo está em constante mudança, mas eu não sou mais aquela pessoa! Eu saí muito menina, não imatura, mas o fato de eu estar em outro país, com pouca grana, dependendo, querendo ou não, das pessoas, por mais que eu não pedisse dinheiro na rua, mas eu dependia de uma informação, eu dependia de um copo d’água, é ...eu dependia às vezes da bondade de alguém, de falar: “- *Você pode dormir aqui ... pode acampar no meu quintal!*”, isso mexe muito com a gente! A gente valoriza coisas que no dia a dia passam batido, não é?! [...] Chegar em casa de famílias, que você vê a condição financeira das famílias e todo mundo fala: “- *não, você vai lá ficar com a gente*”. E aí você fica preocupada se está dando uma despesa, porque você sabe quanto custam as coisas. E ficam assim: “- *não, não precisa e é um prato de comida, não é?*” E você vê que tem quinze pessoas morando num apartamento.... Numa Favela, num barraco de quatro por quatro, que tem pai, mãe, filha e neto e eles vão te receber com todo amor e carinho do mundo! ... Nossa! [Tom de emoção] É difícil assim você não se emocionar e não parar para pensar na vida por pior que seja! Eu venho de família pobre ... eu também já passei... não por dificuldades ... tivemos a vida muito difícil e você vê famílias que têm muito menos que você, te dando tudo que eles têm! Isso é a viagem, mexeu muito! Hoje em dia eu sou muito mais confiante, eu pego estrada mesmo! Eu volto [risos], eu não tenho medo do que pode acontecer, porque eu sei que se vai acontecer, vai acontecer! Tem gente ruim em qualquer lugar do mundo! Eu não preciso estar longe para as coisas passarem...roubo pode acontecer saindo do trabalho ou pode acontecer lá em Honduras, não sei ...É tanta coisa, que eu não sei nem o que te contar [Risos].

Ada, desde o começo do relato, disse que a princípio sua viagem não era uma busca por si mesma, pois se sentia bem consigo própria, mas foi uma experiência que acabou provocando encontros, descobertas, aprendizagens e mudanças, principalmente, na abertura, no contato com as pessoas e a natureza, e na visão sobre a vida:

Ada: Foi um encontro, mesmo, eu fui me descobrindo, descobrindo coisas nesse caminhar, coisas que até então eu não conhecia! [...] Um dos maiores aprendizados é confiar mesmo nas pessoas e ver a vida de uma maneira muito mais simples e dar valor às coisas que realmente importam [...] Outra coisa... muitas pessoas saem para uma viagem que talvez não tenha fim, que transformam na vida delas, a minha viagem não .... Eu saí com o propósito de voltar, quando eu saí .... eu sabia que eu voltaria. Então, esse retorno, eu sabia que ele iria acontecer um dia, e não foi um momento fácil voltar, depois de viver tantas coisas. Mas o que eu me propus mesmo era de trazer esses aprendizados para a minha vida! De fazer que a minha vida se tornasse uma vida melhor, da maneira que eu pudesse, mesmo tendo a rotina e essa vida na cidade, o que eu aprendi na estrada não podia me abandonar! Essas coisas são primordiais, mesmo da confiança no outro, de tentar levar uma vida mais simples, do contato com a natureza, da confiança nas pessoas, confiar em mim mesma. Em tudo, isso o maior aprendizado. Aprendizado de vida mesmo, que eu pretendo levar para sempre!

Para Juli, suas experiências de viagem desde o Alasca se refletem em vários aprendizados, como as diferenças e desigualdades na gestão dos parques de reservas ambientais de países visitados que gostaria de compreender e conhecer. Juli não terminou as visitas, pois ainda vai percorrer a América do Sul, exceto o Brasil, pelo fato de já ter viajado por algumas cidades, assim como o Uruguai. Porém, nas outras viagens estava acompanhada, a trabalho, algumas vezes de bicicleta ou de outras formas, diferentemente da viagem que faz na atualidade, que realiza sozinha pela primeira vez e escolheu como seu modo de vida. Foram muitos aprendizados com o outro e a natureza. Segundo Juli, são aprendizados que a colocam em seu lugar e resultam de descobertas que a fazem refletir sobre o sentido dessa escolha de vida, a exemplo de quando fica isolada por quatro dias na floresta das sequoias gigantes, lugar milenar que, nas contas de Juli, tem aproximadamente dezesseis mil anos, e a faz se sentir minúscula, afirmando novamente para si: **“eu estou fazendo o que eu gosto. É desse jeito que eu quero me descobrir”**. Dessa forma, a aprendizagem serve para ela aceitar mais a si mesma e desperta a “Juli” que apenas estava adormecida, que faz reportar de forma consciente ou não, e até contraditória, um encontro de si mesma e as transformações dos seus “eus”:

Juli: Essa é uma pergunta SUPER difícil!!! Eu certamente não sou mais a pessoa que comecei! .... MAS, tem uma coisa interessante [...] eu não sou tão diferente assim! Parece que de algum jeito, essa pessoa que sou hoje, ela já existia [sorrindo] só que ela estava meio que dormindo! ... Era só uma falta de uso, mesmo! Ela já existia [pequeno silêncio], eu não me desconheço completamente! As pessoas dizem “- Ah, eu sou pessoa completamente diferente!” Eu não sou uma pessoa totalmente diferente !!! Se eu fosse uma pessoa totalmente diferente, eu iria falar: “- Meu, Quem é você?” [Tom mais ressaltado]. Eu não estranho as minhas ações! [...] Mas uma coisa que eu aprendi muito que você não aprende na escola e nem ninguém ensina é a gente ser um pouco mais carinhosa com a gente mesma! ... Eu era muito mais

dura comigo! Eu era muito mais carasca: “- *Você não fez isso? .... “Ah, como você é fraca!”* ou coisas assim: “- *Porque você está chorando?* Agora, eu sou um pouquinho mais carinhosa comigo...Eu aceito muito mais quem eu sou e respeito muito mais [...] Então, eu sou mais carinhosa comigo! Isso foi uma mudança drástica, eu aceito muito mais quem eu sou. E mas...eu continuo não sendo conivente com meus problemas, mas eu aceito muito mais que eles existem em mim! ...Isso facilita muito... estar na estrada! [Riso].

Os relatos acima expressam o quanto são complexos o sentimento e a existência humana, pois, segundo Ianni (2003), Cardoso (2003), De Botton (2012), Peixoto (2003) e Trigo (2010, 2013), todo aquele que se entrega à viagem “traz implícita uma busca”, “que pode implicar em um encontro”, pois aquele que parte nem sempre é o mesmo que retorna.

Todavia, quando se aproximam as experiências significativas das viagens com os processos dos ritos de passagem, esse retorno refere-se ao estágio de agregação, no qual as barreiras são transpassadas, integradas, dissolvidas, conflitadas e dialogam com a viajante, provocando transformações internas e com o exterior, um transe educativo, que pode resultar na autoconsciência, por meio de um grau maior de amadurecimento, identificado nos relatos das viagens ao longo da narrativa ou quando se pergunta o sentido das experiências, como elas se viam antes e depois de tudo. Juli e Pam, diferentemente de Ada, ainda seguem viagem, mas Pam considera que sua experiência de viajar com a bicicleta já está concluída, pois atualmente encara a viagem como seu novo modo de vida, assim como Juli.

Ada responde a essa indagação refletindo novamente sobre o quanto os aprendizados da viagem de quase dois anos transformaram sua visão de como viver o dia a dia após a volta.

Quando saí, eu acho que eu era uma pessoa mais ... Insegura, com muitos medos que talvez nem existem .... Medos relacionados a perigos, que nem são tão reais, presa a conceitos e valores que não têm mais sentido, sabe!? Eu acho que eu voltei uma pessoa muito mais simples, muito mais conectada com as coisas que eu acredito, com os meus valores, com a natureza, com o meu ser e principalmente, enquanto pessoa! Sou uma pessoa que confia e acredita mais nas pessoas. A experiência que eu tive me mostrou que existem mais pessoas boas do que ruins. [...] Me mostrou um outro ser humano ...de não ver ele como uma ameaça e sim visto como uma pessoa que é igual a mim [...] Eu perdi um pouco desses medos e voltei uma pessoa mais confiante também, mais certa das coisas que eu quero e acredito! [...] O mundo pode melhorar, mas depende da gente, das nossas atitudes, da gente acreditar ... Tento da melhor maneira que eu posso, onde vivo, na cidade que eu vivo. Voltei disposta .... [...] a decisão de voltar a trabalhar e tentar ter uma rotina mais amigável e também tento fazer que a minha vida seja um pouco melhor. Acabei me envolvendo com questões de ativismo por busca de segurança e ciclovias, nessas questões da cidade, mas que podem transformar a cidade em um ambiente mais agradável para todo mundo [...] eu sou um

agente de mudança no mundo [...] Eu acho que eu voltei mais consciente do meu lugar na sociedade, não ser só um agente passivo, mas também um agente ativo no lugar que eu escolhi para viver [...] Muita gente não viaja ou não sai sozinha, não pelo medo de estar só, mas do encontro que ela vai ter com ela mesma, às vezes a pessoa não está preparada para esse encontro com ela. Eu saí numa situação muito tranquila, eu estava muito bem resolvida comigo mesma, eu não tinha esse medo da Ada que eu iria encontrar no meio do caminho [...] Isso é um processo ...são descobertas que você vai fazendo ao longo da vida, você passa talvez a ficar mais atenta aos detalhes, dar mais atenção para você mesmo, para os seus sentimentos e para sua vida! Foi uma descoberta durante a viagem e essa descoberta ainda não terminou! [...] O ser humano está em constante transformação, que bom que não sou a Ada que saiu e eu espero também não ser a mesma Ada ...sei lá, a alguns anos [...] É um processo de mudanças, eu espero estar mudando sempre!

Juli expressa o sentido de sua experiência por meio da lembrança do diálogo com uma senhora que vive e mora na floresta, sendo um encontro significativo para ela, pois influenciou na forma como se percebe atualmente, além de se sentir um “*Outro adulto*”, uma outra forma de ser no mundo.

[...] É um divisor de águas [...] É uma nova fase adulta ... é quase como se eu estivesse saindo da adolescência e entrando na fase adulta ...parece que ...alguma coisa aconteceu ... quando você sai da fase adulta , entra na adolescência a gente tem até uns rituais, você entrou na faculdade ... então agora você é um adulto, aos dezoito anos [...] coisas assim ...Essa viagem definiu um novo estado da minha maturidade ...definiu uma nova forma de eu ser nesse mundo ...nessa sociedade , eu acho que sou uma pessoa ...sou um Outro adulto ...sou um outro indivíduo! [...] Antes ... eu me via como uma bióloga, eu me via como uma profissional [...] É engraçado quando alguém vai num lugar e pergunta: “- *Quem é você?*”. A primeira coisa que você fala é sobre sua profissão ou o que você faz profissionalmente para ganhar dinheiro ou o que está estudando [...] Agora eu sou NADA! ... Agora eu sou uma pessoa que usa menos os meus títulos, eles têm cada vez menos valor [...] Aconteceu uma coisa muito engraçada [risos de emoção] de eu estar conversando com uma senhora na fronteira com Honduras [...] ela estava me servindo e ela falou: “- *De onde você está vindo?*”. Eu falei: “- *Eu estou vindo do Alasca*”. Eu percebi que ela não se ligou no que era o Alasca [...] nós ficamos quase uma hora conversando. No final ela preparou uma marmitinha para mim e falou: “- *Para você ...para tua viagem ... eu não sei quão longe você vai e não sei de quão longe você veio, mas me pareceu que o que você está fazendo é difícil, se for fácil você pode dar para alguém ...se for difícil você come!*” O que eu percebi, que eu posso até achar o que eu estou fazendo é uma coisa grande[risos]! Mas nem é .... tão grande assim ... ela não fazia ideia de onde era o Alasca, ela não fazia ideia de onde era a Argentina e o que eu estava fazendo era só estar ali [...] Quando ela me perguntou o que eu era, eu falei: “- *bióloga*”, ela me olhou ...aquilo não quis dizer nada para ela, quando eu falei que eu era professora alguma coisa fez sentido para ela ...ela falou assim: “- *Ah, Professora !*”, aí ela se impressionou um pouquinho. Eu comecei a perceber que esses títulos, essa coisa que você faz tem pouco valor, quando você está na frente de outra pessoa ... eu já não falo mais...[...] eu me via antes como bióloga ...uma profissional, professora... a esposa ou a consultora ... alguma coisa assim ...hoje eu não me apresento mais assim .... Eu às vezes falo que eu sou ... uma mulher que está viajando!

Na visão de Pam, ao refletir e responder à pergunta, relata ser uma pessoa que está sempre em busca do diferente, mas, na verdade, afirma que são os seus próprios desafios pessoais:

[...] eu via alguém cheia de barreiras, eu tinha a barreira do idioma, a barreira financeira ... o que me impedia de ir mais longe [...] Eu queria viajar para a Europa ... eu pensava: “- *nunca que eu vou conseguir, porque para ir para Europa tem que ter dinheiro e tem que falar pelo menos inglês*” ... eu pensava assim ... Hoje em dia sei que eu consigo me virar em qualquer situação do mundo, eu não tenho medo mais do diferente ...eu tenho busca pelo diferente ...isso me deixa assim: *Uau!* [Som com a mão] ... “-*Vou ali passar um perrengue no novo [risos]*” ... Eu acho que para mim ... essas foram umas das grandes mudanças! Antes, eu tinha medo, como quando eu fui para o México, eu tinha medo de errar a plataforma de embarque no aeroporto, de descer e acontecer alguma coisa...Hoje em dia, eu sei que as coisas podem acontecer [...] Eu não saberia voltar a ser a pessoa que eu era antes, não tenho mais aquele desejo, de ter um lar, de ter uma família, de estar fixa...de morar em algum lugar só! Eu consigo pensar em Bonito, meu marco zero, que é lá que o Dan está [refere-se ao namorado na cidade de origem] [...] Mas, nesse momento pensando como pessoa, como um ser humano em evolução, eu não quero estar fixa ainda, eu quero estar migrando! [...] Eu aprendo muito nos erros, tantos os meus, como das outras pessoas, a partir do momento que eu saio daqui ...que eu vou parar na casa de alguém [...] eu vejo outra forma de viver, outra cultura, outro tipo de comida, outro tipo de levar a vida, eu aprendo tanto com o desenvolvimento das outras pessoas também e viajando isso é mais intenso, é mais forte, é mais rápido, do que eu estando parada [...]

As Viajantes deixam bem explícito que sentem uma mudança, que de certa forma a viagem provoca um “encontro” e remete também a uma “busca”. Ada frisa que é um transformar ao longo da vida, mas Pam salienta que na viagem essa “evolução”, “transformação” é mais intensa. Percebe-se que o processo de transformação das Viajantes se reflete na constituição do autoconhecimento, proporcionando nesse encontro, de certa forma, uma harmonia interna e mais sentido à vida. Juli percebe que seus títulos não são sua verdadeira identidade e cita ser um novo adulto. Já Ada chega a se referir a uma outra Ada, que se torna uma agente de mudança por onde ela estiver.

O desabrochar nas viagens revela a constante construção da figura da viajante independente, assim como a construção de suas identidades que, novamente por Ortiz (1996, p.32), é simbólica e tece referências à dimensão da vida. Tais construções são de múltiplas naturezas, como os modos de vidas, hábitos, etnias, gêneros, entre outros, mas a “viajante se nutre desse contraste [...] permitindo-lhe interpretar sua posição originária, à luz da diversidade com a qual entra em contato”.

Para Ianni (2003, p. 13-14), o ato de viajar transpassa a história de todos os povos e a própria história daquela que viaja. Para o autor “toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo como recriando-as [...] Nessa travessia, pode reafirmar-se a identidade [...] simultaneamente à pluralidade”, além de recriar identidades e promover diversidades. Por outro lado, o autor também afirma que, por mais que o viajante se libere e esteja aberto ao novo, pode se “reafirmar o seu modo de ser, imaginar, sentir, observar e agir”. No entanto, também pode haver uma perda, como provocar um encontro e modificações nessa procura com o diferente, pois nas viagens a maioria dos viajantes “buscam e rebuscam” o seu eu.

Segundo Hall (2005), Ortiz (1996), May (2012), Matos (1997) e Woodward (2007), as identidades são passíveis de mudanças. Está claro que não é um processo que acontece de uma hora para outra, mas pode acontecer quando há trocas sociais ou afetivas com aqueles que são diferentes de si. Mas, também essas mudanças são desenvolvidas por meio da autonomia e das experiências significativas de viagens que, além de resultar em conhecimento, resultam em autoconhecimento.

No entanto, por mais que Ada seja a única das viajantes independentes que concluiu sua experiência de viagem e voltou de vez à rotina das obrigatoriedades sociais, como o trabalho, revelando que apesar de sentir que era o momento certo de voltar, pois já estava com saudades da família, com quem apenas mantinha contato virtualmente quando havia bom sinal de *internet*, ela ressaltou que voltar foi um momento difícil. O que não foi diferente de Juli e Pam, que também passaram por um momento similar, por mais que ainda continuem viajando.

Juli, como já explícito, teve de retornar ao Brasil para tratamento do ombro e Pam explicou que pretendia viajar por mais de oito meses, porém apesar de estar na Colômbia e ser um país muito hospitaleiro, sentiu uma grande aflição quando soube de duas viajantes que foram mortas na estrada. Com essas notícias e mais as saudades de sua mãe e família, aguçada pelo telefonema da mãe, que era raro, resolveu retornar o mais rapidamente que podia, pedalando sem parar e pegando ônibus, com um anseio muito grande de chegar logo em sua casa, mas comentou que a decisão e a concretude da volta lhe causaram uma decepção consigo própria, um certo trauma inicial, depois entendido como parte do processo, no qual reconhece que teve muitas experiências boas.

Pam relata que quando voltou para casa de sua mãe em Mato Grosso do Sul, na cidade de Maracaju, sua mudança, *a priori*, era refletida visualmente pelo corpo, pelo

físico que adquiriu, pelos cabelos cacheados que resolveu assumir, pois antes estavam alisados. Na partida, chegou a cortá-los a fim de não chamar muita atenção, por se tratar de uma mulher sozinha na estrada, mas, como já expressou, suas transformações foram mais que visuais. Passado um ano, Pam caiu novamente na estrada, acompanhada de sua *Monalisa* pelas cidades do Brasil. O trecho abaixo reflete a “sua volta” e os planos futuros:

[...] Primeiro, eu estava me sentindo muito decepcionada, tinha feito uma proposta de mais oito meses de viagem [...] mas eu estava me sentindo fraca “- *Pô, você vai desistir agora !?*” [Risos] [...] Só que depois eu entendi que eu não precisava mostrar nada para ninguém, eu tinha que estar bem comigo mesma, tinha que estar me sentindo bem, se não estava me sentindo bem ...eu iria para casa, eu queria ver a minha mãe, não importava estar viajando naquele momento. Mas quando eu voltei, que estava tudo bem ... eu contava as coisas da viagem, eu só primeiro conseguia lembrar dos momentos ruins, muito triste, esses momentos de desespero e aí eu parei para pensar ... “- *Nossa, passei tanto tempo fora...não foi isso que eu aprendi ...teve tanta coisa boa [risos]*” depois eu entendi que faz parte o momento de recuar, de estar em casa, de curtir outras coisas [...] Cheguei em julho do ano passado, quando foi dezembro ... eu já pronta para viajar de novo [risos] já estava maluca para sair [risos] mas só consegui sair no final de maio, mas tudo bem , tem que trabalhar, também! [Risos] Eu não considero mais que eu estou em viagem, eu acho que vivo agora na estrada ...não fechei o ciclo! [...] Tudo o que eu preciso está na bicicleta, a ideia é assim fazer um pouco de Brasil agora, juntar um dinheiro para comprar passagem para a Ásia ou para a Europa [...] Eu quero outro continente, eu tenho essa necessidade de outros desafios, já está muito fácil aqui ...já está muito cômodo. Já conheço tudo, já domino o idioma ... Já não é desafiador, eu estou querendo um desafio, eu acho que fico no máximo até dezembro aqui no Brasil, no máximo!

Juli, até o momento da entrevista, estava em São Paulo e com o ombro em melhor estado. Ela comentou ao longo do relato que também sofreu com a decisão de ter de voltar, pois precisou desviar o caminho ao extremo sul da América do Sul. Apesar de já haver tido que voltar seria lidar com “a zona de conforto”, disse que ainda se considera em viagem, visita lugares em São Paulo e se mantém hospedada, pois não tem mais sua própria casa e seus pais moram no Nordeste, onde os visitou na volta, matando também a saudade. Em relação à sua volta e à sua experiência de viagem, Juli relatou:

[...] Eu sofri um acidente na Costa Rica! [...] Eu caí da bicicleta, machuquei o ombro, machuquei o rosto... E é por isso que eu estou aqui !!! [...] Então, eu terminei a América Central, a América do Norte e agora só falta a América do Sul!!! E aí eu ponderei muito e vim para o Brasil, onde aqui eu tenho assistência médica, não é ?! Tenho família, casa da família para me recuperar! Então, agora... em outubro, eu já devo voltar para a estrada, porque já estou noventa e nove por cento! [...] Eu iria começar na Colômbia e iria descer pela Costa Oeste, pela Cordilheira... Agora, vou fazer desde a Guiana... Vou fazer Guiana, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia... eu

não iria passar pela Venezuela, agora vou passar [...] Então, agora eu vou fazer quase todos os países da América do Sul, com exceção do Brasil! [...] Eu não estou considerando que eu parei a minha viagem, eu estou considerando isso parte do processo! Porque eu estou quase ...visitando, eu continuo indo nos lugares, continuo sendo hospedada por pessoas, continuo dependendo das pessoas, da caridade das pessoas...[...] Eu considero que eu estou continuando! [...] Viajar hoje é minha vida! Então, o viajar é... parte do que eu sou ...eu acho que mesmo que um dia eu termine a minha viagem ou eu fique só em um lugar ainda assim essa viagem vai ficar reverberando em mim por um tempo, como agora ... Eu estou quase um ano parada [...] ainda não deu um ano que eu parei de pedalar, mas eu continuo pensando como viajante que é essa ... condição de viajar, de ir, é uma condição difícil de sair da gente ...é difícil ficar num lugar só ...eu tenho sofrido um pouco aqui!

Ada, por sua vez, comentou que às vezes se pega com saudade da estrada, de tudo que viveu, principalmente quando olha seus diários de viagem, mas, como já explicitou em vários trechos do relato, sempre soube que retornaria, que voltaria uma nova pessoa, porém chocada, por acreditar que foi apenas uma mudança. No entanto, adotou uma forma de viver mais feliz com a nova realidade. Sua bicicleta, a Branquinha, continua a fazer parte do seu dia a dia. Passou a se envolver em movimentos ativistas vinculados às questões sobre ciclovias, segurança e formas de transformar a cidade em um lugar melhor. Disse que continua a fazer parte do grupo de pessoas que, quando puder, voltará novamente à estrada. Percebe-se, também, que a condição de viajante faz parte de Ada.

Como eu disse, eu já tinha certeza que iria voltar um dia [...] Mas realmente é um período assim difícil de readaptação, na verdade ...eu saí e vivi muitas coisas e voltei uma nova pessoa, mas as pessoas que ficaram praticamente ficaram as mesmas [...] O choque maior foi isso com as pessoas mesmo e com às vezes ter que aprender ali de novo com essas diferenças de coisas que as pessoas acreditam, que eu acredito [...] o difícil foi ter que me acostumar com a rotina, porque eu estava vivendo uma vida, que nem um dia era igual ao outro [...] cada dia tinha certeza que algo novo iria acontecer e todo dia era imprevisível e eu gostava dessa sensação, sabe ?! ... De não saber o que iria acontecer no dia seguinte e quando você volta para a rotina, ela é exatamente o oposto [...] Então, isso tudo é um pouco difícil ...até hoje [...] Mas eu tentei transformar a minha vida com coisas que me deixam mais feliz...para não resumir a minha vida ao retorno ao trabalho. Eu faço outras coisas que dão sentido para minha vida e que tornam uma vida feliz também, não estando viajando. Eu recebo viajantes na minha casa e isso faz que de uma certa maneira, eu esteja viajando com as outras pessoas [...] Eu adotei uma vida que não dependo de carro, também. A minha rotina diária é feita com a bicicleta...fui fazendo essas pequenas coisas para transformar essa rotina em uma vida mais agradável [...] Às vezes, dá até uma saudade da estrada, ontem mesmo eu estava escrevendo e relendo os diários de viagens ... E às vezes eu me pego com saudade da viagem, dos sentimentos que eu tinha quando eu estava na estrada, das experiências, de ser cada dia novo e o mais bonito que eu acho é que quando você está viajando tudo é muito verdadeiro! Principalmente assim ...de bicicleta, você não tem muitas coisas, o que você

tem é você, não tem roupa bonita... não tem nada além de você! Toda relação que constrói nesse caminhar são relações muito verdadeiras[...] Tudo é muito sincero. Eu tenho muita vontade de viajar de novo .... Agora, eu sempre viajo nas férias ... quando eu posso, mas eu quero fazer outras viagens de mais um ano ...dois ... eu tenho vontade e ainda vou fazer essas viagens! Eu acho que tem dois lados das vidas, eu conheci pessoas assim .... Pessoas que viajaram um longo período e vão querer fazer o resto da vida, quando puderem ou vão ter pessoas que não vão querer fazer isso mais, tem os dois lados, mas eu estou no primeiro grupo!

Segundo Maffesoli (2001), a volta transparece um limite ao lidar com o desconhecido, como relatado por Ada e, em certa medida, por Pam. O “largar tudo para viver a viagem” demonstra uma suspensão das obrigatoriedades sociais. O ser humano é livre para escrever sua própria história, mas, voltar para a cidade de origem vive em um estado conflituoso, pois promove o (re) encontro com seus “eus”, o reencontro de memórias e sentimentos. Porém, segundo De Botton (2012), esse processo ensina que estar nos lugares é um estado de espírito, traz a ideia de que se pode ser viajante na própria cidade.

De certa forma, o ser humano é de fácil adaptação (CASSIRER,1994), tanto que Ada disse que ao se deparar novamente com sua rotina, aprendeu a olhar e ter uma outra relação com a cidade onde vive. Como fez Juli, de certa maneira, que considera estar apenas visitando São Paulo. Mas, aqueles que têm o “privilegio” de viver as viagens, como observou Pam, percebem que não é em casa que encontram sua verdadeira essência, ou seja, o ser humano traz consigo a necessidade de novos desafios ou de buscar viver da melhor forma possível para atingir a tal felicidade, tem necessidade de “se refugiar” para revigorar a alma, encontrar harmonia, sendo uma forma de estar consigo mesmo.

Conforme De Botton (2012), Figueiredo (2010), Matos (1997) e Peixoto (2003), a figura do viajante é aquela que viaja por motivos subjetivos e nobres, que busca romper com as certezas estabelecidas, querendo sair das amarras cotidianas para descobrir a verdadeira essência das coisas, pois as viagens também demonstram nossa capacidade de amar ao lidarmos com o “desconhecido”. Este pode revelar as carências que temos em nossa própria cultura e identidades, pois a transformação do ser é advinda dos sentimentos mais subjetivos e sublimes que estão compreendidos na natureza humana.

Dessa forma, os relatos das experiências significativas de viagem são fundamentais, pois é por meio das memórias e das lembranças que se elaboram as identidades e as personalidades, os ‘eus’ (CANDAUI, 2012). Assim, indiferentemente

da forma de registro, os relatos pontuam o quanto essas experiências se revelam significativas, pois demonstram o processo de desconstrução, desenvolvimento e construção da figura da viajante independente. À medida em que se entrega à errância, à liberdade e à aventura, despoja-se, mergulha em si, constrói o próprio caminho, se transfigura, se sensibiliza, se educa, amadurece e isso pode resultar em mais conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades, no autoconhecimento, pois, de acordo com Figueiredo (2010, p. 272), a experiência significativa de viagem “se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade”.

Nos relatos apresentados, além de ser possível visibilizar o estágio de agregação do rito de passagem e a construção da figura de viajante independente nas viagens, esse percurso é desenhado, de acordo com o tempo e motivações, sentimentos, visões e pensamentos que são moldados pelas próprias Viajantes Independentes – Juli, Pam e Ada – a respeito de si mesmas e dos outros que cruzam esse percurso, reafirmando e (re) significando suas identidades, modos de vida, de ser, agir, imaginar e de pensar. E (re) elaborando a história de viagens que também trazem o protagonismo das mulheres.

Por fim, nas palavras das Viajantes, a experiência da viagem autônoma se mostra significativa por representar: a “resistência da mulher”, para Juli; “um momento de realização beirando a plenitude”, para Pam; e o que se define como um “processo de aprendizado e de mudança”, para Ada. Essas evidências retratam o estágio do amadurecimento das Viajantes, nesse encontro de si, provido do desenvolvimento da autonomia que, para Freire (2011), é um processo, a busca de vir a ser e estar no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, realizada com o método de história oral por meio de relatos de viagens, procurou (re) escrever, interpretar e evidenciar o ato de viajar autônomo exercido por mulheres no cenário contemporâneo e como as viagens se mostram experiências significativas à existência humana. Essas experiências são expressões culturais e sociais que permitem às mulheres produzirem suas subjetividades e reafirmarem seu protagonismo na atuação como viajantes independentes, ao seu próprio modo e tempo, e viabilizam, com o ato autônomo de viajar, a possibilidade de vivenciar um novo estilo de vida e mobilidades.

A pesquisa buscou, com os três relatos de viagens, analisar a construção da figura da viajante independente com base nas principais características: errância, liberdade e aventura. O ato de viajar sozinha e de bicicleta se configurou como um dos principais critérios deste estudo, a fim de compreender de que forma o viajar autônomo pode se revelar uma experiência significativa para as viajantes independentes, ou seja, se essa experiência, de forma consciente ou não, resulta em uma busca ou no encontro de si mesmas, não sendo apenas pelo universo cultural daquele que é diferente de si, o outro, mas podendo ser revelar em uma experiência de autoconhecimento. A intenção é que o resultado esteja coerente com o objetivo da pesquisa, no que concerne à errância, à liberdade e à aventura.

Nos relatos, observa-se que a construção da figura da viajante independente se molda tal como o caminho que cada viajante desenha, acompanhada de sua bicicleta, que potencializa sua integração com a natureza, os lugares, com as pessoas e, principalmente, consigo mesmas. O ato com a bicicleta torna-se uma experiência significativa, pois, segundo as viajantes, é um “exercício para pensar”, que se adequa ao ritmo humano e, ao mesmo tempo, as lança em desafios que não são apenas geográficos ou simbólicos em relação ao gênero, são físicos, linguísticos, políticos, culturais ou sociais, mas principalmente emocionais, visto que a distância aproxima e tensiona as viajantes, além de provocar um diálogo com seus “eus”, o encontro de si.

À medida em que as participantes selecionadas para o estudo – Juli, Pam e Ada – se abriam, mesmo que essa errância não fosse absoluta, se desprendiam de certezas, valores, ideias e de planejamentos rígidos. A figura da viajante independente se desenvolveu nesse novo caminho, ao ponto de todas se sentirem “donas” do próprio tempo e destino, independentemente da situação financeira. Todas procuraram se manter com até dez dólares por dia, mas também relataram que houve momentos nos quais ficaram quase sem dinheiro. No caso de Pam, viveu com menos de oito dólares ou até sem renda alguma. Vivenciaram a viagem fora da lógica do acúmulo, viajando com apenas o que podiam carregar. As três procuraram carregar até cerca de cinquenta e cinco quilos e também sair da lógica dos moldes convencionais do mercado turístico, mas sem negar esses moldes. Das viajantes, apenas Pam já vivenciava as viagens autônomas como um modo de vida, porém se identificava como “mochileira caroneira”, que buscava na bicicleta um novo desafio e uma forma mais autônoma de viajar. No entanto, Ada era a viajante mais familiarizada com a bicicleta desde a infância. Todas realizaram uma longa viagem com modelos simples de bicicleta, mas, entre elas, Pam foi quem esteve mais tempo na estrada com a bicicleta, três anos.

Elas se percebem na condição de viajantes que exercem uma viagem econômica, longa e autônoma, desprendida de formalidades, por meio de acomodações informais ou solidárias, pegando carona, trabalhando ou trocando serviços ou objetos por refeições e acomodação quando preciso, mas se definem apenas como “*uma mulher que viaja sozinha*”, não se percebendo como turistas. Juli e Ada apontam que os turistas estão preocupados com os destinos ou no “consumo do lugar”, já elas se deixam guiar pela viagem, pelos sentidos e acasos, assim como um *flâneur*, com foco no caminho e nos encontros que ali acontecem, sem pressa e a seu modo. As viajantes procuraram viajar pelas Américas, contudo, apenas Juli se lançou desde o Alasca e Pam desde o México. Dessa forma, vivenciaram diversas experiências no percurso, sentindo dificuldade em responder com quais lugares mais se identificaram. Juli sintetizou respondendo: “*acho que sou daqui, mas sou de lá também ... eu sou de qualquer lugar*”, disse ser “*uma cidadã do Mundo*”. Ada se identificou com a Colômbia por comparar a hospitalidade de lá com a do Brasil, e Pam com o México, pelo tempo de permanência e por ser apenas um lugar do qual sente saudades, embora ambas tenham encontrado dificuldades em suas vivências.

Analisa-se e verifica-se que todos esses aspectos apresentados nas experiências das viajantes, apesar das vivências diferentes, trazem à tona a construção da figura da viajante independente, que retoma a cultura de estrada com aspectos nômades, os jovens errantes americanos da década de 1950, os *Beatnik*, e os viajantes sem rumo, que transgridem convenções tradicionais da ordem social estabelecida, mascarada pelo conservadorismo e seguidora das regras do sistema que prioriza o capital. Essa ordem sempre encarou a liberdade e a errância como aspectos ameaçadores ao controle social, principalmente quando se trata da mobilidade das mulheres. Representa-se, dessa forma, a figura pós-moderna que dialoga com o paradigma das novas mobilidades, circunscrita em um mundo cada vez mais global, que beira ao “descontrole” e tende à homogeneização das identidades culturais.

Entretanto, o movimento faz parte da essência humana, das formações sociais e das identidades culturais. O ato de viajar autônomo e econômico “evidencia” “uma nova errante”, que traz à tona uma nova relação com as viagens, pois ser viajante atualmente pressupõe mais “facilidades” em consequência da evolução tecnológica dos meios de transporte e de comunicação, que cada vez mais estreitam e comprimem o espaço e o tempo.

A evolução tecnológica facilita acesso aos locais, às informações, aos encontros e constrói redes de capitais sociais, como comunidades de hospedagem solidária que são citadas pelas três viajantes – *Warmshowers* e *Couchsurfing*. No geral, essas facilidades possibilitam que mantenham contato à distância com suas famílias, além de divulgarem, por meio de páginas virtuais, como os *blogs*, suas experiências de viagens, a fim de informar, motivar e serem, também, um meio de recorrerem à ajuda, quando necessário.

As novas mobilidades são pauta da nova virada na discussão das teorias sociais em diálogo com as mobilidades turísticas, e questionam, também, o retrato dessa realidade sobre as formas de encontros e de pertencimento, pois, atualmente, se pode estar ao mesmo tempo em qualquer lugar, por meio de aparelhos móveis. Porém, quando se trata de viajantes, para elas o mundo é o seu verdadeiro lar, por mais que na experiência de viagem também esteja implícita uma busca por identidades e a construção de uma nova história de si próprias.

As viajantes, desde o início da viagem, deixaram claro que viajar sozinhas foi uma escolha que possibilitou a elas lidarem com suas decisões, medos, respeitarem o que

sentem, o ritmo do corpo, aprenderem a se escutar e se aceitar, assim como aceitar as outras pessoas que cruzaram e cruzam seus caminhos. Tal escolha permitiu viverem a experiência respeitando seus limites ou aprendendo com eles. Pam e Ada frisaram que tentaram viajar sem chamar atenção, mas isso era difícil por conta dos equipamentos de viagem, como panelas, barracas, entre outros. Pam disse que no começo chegou a cortar o cabelo e procurava usar roupas que, de imediato, não mostrassem que era mulher. Essa forma de não chamar atenção remete à história das mulheres viajantes de épocas passadas, que se disfarçavam para vivenciar as viagens e em razão da própria segurança.

No entanto, para as viajantes, ser uma mulher sozinha na estrada nunca foi um obstáculo. Segundo Ada e Juli, o fato de ser mulher facilitava, pois as pessoas se comoviam mais, tinham menos receios de acolhê-las. Para Juli, a presença da mulher é menos ameaçadora do que a presença masculina, mas isso também não quer dizer que elas fossem bem vistas ou aceitas. Porém, foram raras as situações de recusa. Ada concluiu que no mundo *“existem mais pessoas boas do que ruins”*, ainda que o machismo seja mundial. Em relação ao machismo, Juli disse que desejava que sua presença na estrada motivasse outras mulheres e, ao mesmo tempo, chocasse as pessoas, principalmente os homens, bem como trouxesse a discussão sobre *“o quanto a presença masculina é ameaçadora para uma mulher que viaja sozinha e independente”*. Porém, para as viajantes, mais do que os desafios de gênero, se sobressaíram os desafios físicos e ambientais que as testaram emocionalmente, uma vez que tanto Juli, como Ada, observaram que correram risco de morte. No entanto, essa experiência mais intensa com a natureza pode provocar e desvelar os sentimentos mais profundos do ser.

Antes de resolverem partir nessas viagens profundas, as viajantes disseram que estavam bem consigo mesmas em suas *“vidas sociais anteriores”*. No caso de Juli, apesar de estar em um bom emprego e ter uma vida confortável, queria desafiar os medos e se encontrava em um estado emocional mais sensível. Todas sentiam necessidade de mais autonomia, de viver sonhos, de mostrarem a si mesmas do que eram capazes. Dessa forma, necessitavam de mais *“movimento”*, de quebrar a *“zona de conforto”* da vida cotidiana, como frisado por Juli e denominado por Ada de *“vida certinha”*.

As três levaram em torno de um ano para fazer a preparação inicial, exceto Ada, que levou um ano e meio. A preparação se deu com a venda de bens. Apenas Ada tirou licença do trabalho (sem receber nenhuma remuneração durante o afastamento de dois

anos); Juli, por sua vez, saiu do emprego e Pam trancou a faculdade para viver as viagens, fez trabalhos informais para conseguir levantar dinheiro e comprar a bicicleta. Das três viajantes, apenas Ada saiu com algumas roupas específicas para bicicleta, pois, segundo ela, partiu no início da viagem com “a cabeça de ciclista”.

Ada afirmou, desde o início, que não partiu em viagem com intuito de buscar a si mesma, pois se sentia bem consigo e a decisão de ir sozinha foi uma opção. Na verdade, não se privou de ir acompanhada, porém não encontrou ninguém disposto e disponível a fazer a viagem que idealizava. No entanto, ao longo da experiência, a viagem provocou “esse encontro com ela mesma”, ao afirmar que chegou a “encontrar outra Ada no meio do caminho”. Ao seu ver, como o ser humano está sempre em mudanças, provavelmente encontraria com outras Adas ao longo da vida, mas a viagem a transformou como pessoa, promoveu transformações e aprendizados que vão acompanhá-la para sempre. O viajar autônomo de bicicleta, essa maneira de viajar que diz ter descoberto, a ensinou a lidar com seus medos, principalmente o medo do outro, do “desconhecido” e a ensinou a ver e viver a vida de forma mais simples. Quando se abriu na experiência, se liberou para o outro diferente de si, disse aprender a confiar mais nas pessoas e em si mesma, sendo essa uma das grandes mudanças para ela. Além, também, do contato e dos desafios ambientais que testaram seus limites e promoveram um “renascimento” de alma.

Juli comentou indiretamente que em sua partida estavam implícitos uma busca e um encontro de si, assim como conhecer os parques de reservas ambientais durante a viagem, pois, desde o início, as experiências no Alasca não foram fáceis. A todo tempo era uma tensão e um diálogo com ela mesma, nos quais percebeu que a viagem se tornou sua vida e, assim, queria se descobrir, de certa forma se encontrar. Afirmou que cem por cento de sua experiência foi uma “descoberta de si e dos outros” e, nesse processo, encontrou “uma Juli” que estava apenas adormecida, aprendeu a se respeitar mais. Aprendeu também que ela é nada em relação a tudo que vem vivenciando desde o Alasca, pois nesse viajar autônomo entendeu que seus títulos não significam nada, que não era mais a bióloga e a professora, que essa identificação não faz mais sentido ao modo como se vê hoje em dia, principalmente a se comparar a uma mulher que vive e mora na floresta há sessenta anos. Juli frisou: “[...] hoje ... eu sei muito menos mesmo sabendo muito mais do que eu sabia ...meio que isso me coloca no meu lugar”. No entanto, sua forma de viajar a ensinou que atualmente se sente confortável em qualquer

lugar e consegue viver com muito pouco, assim como viver da generosidade das pessoas que cruzam seu caminho nesse tipo de experiência.

Pam comentou que sua partida de bicicleta foi um desafio pessoal. Atualmente, as viagens fazem parte do seu modo ou estilo de vida, não conseguindo se ver “fixa” a lugar algum. Apenas mantém Mato Grosso do Sul como seu “marco zero”, pois tem casa em Bonito, sua cidade natal, onde está próxima dos familiares e do namorado, mas estes não a prendem. Ela confessou que os maiores desafios e aprendizados da viagem foram lidar com o dia a dia e com alguns pensamentos em relação às incertezas sobre seu futuro, porém a viagem com a bicicleta ajudou a perceber e reafirmar que vivenciou os melhores momentos de sua vida, sendo a vida que escolheu seguir. Além disso, Pam alegou não ter mais medo do diferente, pois agora “*busca pelo diferente*”. Ao comentar mais sobre essa busca, afirmou que são os seus desafios pessoais que, de certa forma, indicam uma “busca ou encontro de si mesma” por se perceber como um ser humano em evolução que aprende vendo o desenvolver dos outros, outras culturas e formas de pensar e de ser. Nesse processo, disse que venceu muitas barreiras, pois foi a primeira vez que pegou avião para fora do país, indo até o México, onde não tinha domínio da língua e tudo era novidade, além de não contar com uma renda fixa.

Observa-se que os três relatos expõem palavras, expressões e sentimentos comuns, tais como: medos, desafios, minha escolha, minha decisão, sozinha, bicicleta, dona do caminho e do tempo, estrada, simples, poucos pertences, movimento, meio de transporte, *internet*, transformação, trocas, compartilhar, solidárias, *Warmshowers*, barreiras, mudança, busca, encontros, doações, bondade, acolhimento, generosidade, universo, sentidos de defesa e aceitação, machismo, sonho, limites, capacidades, diferente, outro, páginas virtuais, sentir as pessoas e os lugares, natureza, próprio ritmo, modo de vida, experiência, descoberta, autonomia, amadurecimento e processo.

Buscou-se, por meio dos relatos das viajantes, aproximar as experiências significativas das viagens autônomas com os ritos de passagem, que são dimensões simbólicas integrantes dos ritos mágicos e religiosos, mas que demarcam todas as fases ou estágios da vida humana. No universo dos ritos há sempre uma ordem – estágios de separação, margem, de agregação – que são associados às viagens com a partida das viajantes.

O estágio de separação estabelece a ruptura ou suspensão das obrigatoriedades sociais, ou seja, está implícita uma negação e fuga da vida anterior. Essa fuga pode demarcar uma busca iniciática, que pode também ser uma *busca espiritual ou de alma*.

Nesse estágio se procura o anonimato e, cada vez mais, as distâncias, que acabam aproximando as *estranhezas* de si no contato com o outro.

O estágio da margem demarca as travessias das barreiras simbólicas, pois à medida em que soltam, se permitem, se liberam, se encorajam, se desprendem, se conflitam, se aventuram, no processo de aprendizagem com o lugar e as pessoas. A figura da viajante independente e o caminho passam a se construir e se desenhar pela bicicleta, perpassando por fases de estranhamentos, comparações e tecendo familiarizações com o universo cultural do outro. A margem é onde as trocas são seladas ou desfeitas nas constituições de laços sociais e de afeto. Quando acertadas, resultam em acolhidas, atos de solidariedade, admiração e amizade que são vivenciados pelas viajantes. Juli comentou que recebeu muitas doações de frutas na estrada. Igualmente Ada, contudo promoveu também troca de objetos; Pam ganhou roupas comuns e até especializadas para pedal, além de alimentos. No geral, receberam desde dinheiro até acomodações, tanto por meio das páginas virtuais, como no percurso das viagens.

A abertura ou a recusa nessa fase das trocas se deram pelo sentido de ameaça moral ou admiração que a figura e a liberdade da viajante independente provocam. As trocas se conjugam aos códigos de hospitalidade, são simbólicas e culturais e fazem parte da formação das identidades culturais e da estrutura social. Quando as trocas são estabelecidas com o outro diferente de si, podem promover a (re) significação e transformação das identidades culturais nas viajantes. Sabe-se que não é um processo que acontece de uma hora para outra, mas as identidades são passíveis de mudanças quando há trocas sociais e de afeto. As trocas são estabelecidas na circulação dos sentimentos, bens e comunicação com o outro.

Nesse processo, as viajantes dissolveram as fronteiras dos medos e encararam desafios, adquiriram mais conhecimentos e habilidades manuais e linguísticas, aprenderam a se escutar, a respeitar suas vontades e a se responsabilizarem por atitudes e decisões, aceitaram limites emocionais e corporais, aprenderam a lidar com sentimentos e conhecer mais de perto o outro, estabeleceram algumas identificações e adquiriram mais confiança. Segundo Pam e Ada, tudo isso compõe uma relação bem mais sincera que se constitui com essa forma de viajar, algo que possibilita maior aproximação das viajantes com os residentes locais. Ada acredita que essa aproximação acontece graças à identificação de igualdade que a bicicleta transmite. Cria-se, de certa forma, um encantamento mútuo, resultando em uma experiência mais sensível e

significativa, na vontade de *estar-junto* sem pedir nada em troca, apenas querendo se sentir parte da viagem.

Na errância, também se promove a experiência coletiva com a formação de agrupamentos temporários, referidos como “*tribalismo*”, grupos culturais que se formam, pertencentes ao mesmo círculo cultural e ideológico, ou seja, agrupamentos que as viajantes constituem no processo de experiência com outros viajantes na estrada, vivenciado por todas em algum momento. Ada relatou ter aprendido a viajar com as trocas de experiências entre os amigos feitos na estrada.

Na errância, ocorre o enraizamento-dinâmico, quando as viajantes apenas enraízam o que as interessam no processo de ensino-aprendizagem em contato com o universo cultural do outro. Os enraizamentos dinâmicos expõem que a figura da viajante age como “uma ave de passagem” que se permite misturar, pode reavivar as culturas, as identidades, as pessoas, sentimentos e provocar diferenças. No entanto, é uma figura que está de passagem, ou seja, se demonstra efêmera, insatisfeita e anseia cada vez mais buscar outros lugares. A errância demonstra que a efemeridade faz parte da natureza humana, porém é uma efemeridade que diverge do legado do pós-moderno e hipermoderno, que resulta em relações sociais de aparência e artificiais, em uma vida que se liquidifica e está cercada pela pressão das obrigações sociais, conflitantes com o sentido da vida e uma possível zona de conforto.

À medida em que as três Viajantes mais se entregam à experiência, desenvolvem mais autonomia, refletindo-se em maior autoconsciência e no amadurecimento do ser, que revela a constituição do autoconhecimento, possibilitando (re) criar, (re) afirmar e (re) significar memórias, valores, identidades culturais, modos de ser, agir e pensar. Esse processo de autoconsciência e estado de maior amadurecimento foi destacado pelas Viajantes.

O estágio de agregação evidenciou esse processo de autoconhecimento por meio de uma maior autoconsciência física, emocional e corporal com o espaço e o tempo, ou seja, o sujeito integrado e consciente de todas as suas faculdades. Efetivou-se o transe educativo proporcionado pelo ato de viajar autônomo, com a errância. Nesse transe, as viajantes puderam se perceber mais renovadas, mais amadurecidas e modificadas, buscando ser elas mesmas e aceitando suas diferenças. De acordo com Juli, se perceberam outras, uma vez que o estágio de agregação provocou o encontro dos “*eus*”,

isto é, do *eu* que ficou quando partiram e do *eu* com que se deparam no momento ou na conclusão da experiência, como no caso de Ada. Porém, por mais que Ada frise que sabia que um dia retornaria, por causa do prazo da licença de trabalho, ela disse sentir que realmente era o momento certo de voltar e ver sua família na cidade de origem, em Minas Gerais. Entendemos que, quando o ser humano atinge o seu limite com o “desconhecido”, retorna à “sociedade”, à vida social, que apenas tinha suspenso.

A volta, de certa forma, ocorreu com Juli e Pam, mesmo que acidental ou temporária, respectivamente. Foi vivenciada por Juli com a necessidade de retornar a São Paulo, para se recuperar, tratar o ombro acidentado na Costa Rica e depois seguir viagem, mas ela não considera ter “interrompido a viagem” e ser uma “visitante”. Para Pam, foi uma volta temporária, em um momento de aflição, limite e por saudades de casa. Ficou um ano depois da viagem ao México lidando com os ensinamentos de sua experiência e se organizando para retomar ao Brasil de bicicleta e outros meios de transportes, como carona, considerando, assim como Juli, que as viagens são o seu modo ou estilo de vida. Ada, por sua vez, deseja retornar às viagens longas. A condição de viajante independente faz parte da “busca de ser” e da alma de Juli, Pam e Ada.

Portanto, o ato de viajar autônomo se revela como uma experiência significativa por meio dos relatos das Viajantes, ao estabelecer encontros que *mexem* com os sentimentos, com a capacidade de amar e confiar, o sentido da vida e o modo de vivê-la. Promovem uma maior sensibilidade e integração com as pessoas, a natureza e os lugares, e também são potencializados com o caminho que é construído e moldado sem pressa, ao ritmo da disposição corporal ou pela “dependência”, como cita Pam, pelo prazer e benefícios que a bicicleta conjuga e produz na experiência mais autônoma. Revela-se, na experiência, a construção das figuras das viajantes independentes e de um maior estado de amadurecimento, que se evidenciam com o desenvolvimento da autonomia delas.

O estado de amadurecimento também é reflexo do processo de autoconsciência, de autoconhecimento, por meio das aprendizagens, vivências e superações. As viajantes independentes Juli, Ada e Pam afirmam que não se sentem mais aquelas que partiram, percebem uma transformação interna que dialoga com as experiências externas vivenciadas. Sabe-se que das Viajantes, Ada foi a única que retornou, a partir do início de 2017, à cidade onde trabalha e mora atualmente, Brasília. Ela afirma que as experiências das viagens foram significativas para sua vida, pois atualmente se vê como

um agente ativo de mudanças, que tenta lidar com a volta à rotina da melhor forma possível, estabelecendo novos sentidos na cidade onde vive, à sua vida, às ações e forma de ser, recebendo viajantes e participando mais de ações políticas de mobilidade e da cidade. Adotou de vez a bicicleta como meio de transporte e lazer. Ada demonstra que se sentir bem e feliz nos lugares é um estado de espírito e o encontro da harmonia consigo mesma. Juli e Pam sentem o mesmo em movimentos tecidos pelas viagens autônomas.

O estudo atingiu os objetivos gerais e específicos e procurou dar voz às mulheres que buscam se tornar viajantes independentes. Cada viajante produz suas próprias subjetividades, reconstruindo a história do gênero no ato das viagens e representando o paradigma das novas mobilidades ao privilegiar um modal, a bicicleta, a fim de obter mais autonomia. Apesar de se tratar do mesmo estilo de viagem, são experiências únicas vivenciadas por cada uma, mas que viabilizam elos comuns como a figura de viajantes independentes que se constroem e se desenvolvem juntamente com o trajeto que percorrem, por meio da errância, da liberdade e das aventuras.

Contudo, para viabilizar a voz dessas mulheres, utilizou-se o método de história oral temática, que sempre procurou evidenciar o protagonismo daqueles seres que há muito tempo são considerados inferiores na história, as mulheres. Além do mais, é um método que procura responder ou apresentar questões ou elementos que muitas vezes soam muito subjetivos no mundo do conhecimento científico, por construírem e analisarem experiências de vidas e por englobarem o universo dos sentimentos e da complexidade do sentido da existência humana. E, em razão desse universo subjetivo, não há uma conclusão fechada, mas dinâmica, assim como as relações sociais. Não é um universo simples, mas o estudo pretendeu contribuir com testemunhos de como o ato de viajar autônomo se revela uma experiência significativa para as Viajantes Independentes, com base em seus relatos orais. Todas têm nacionalidade brasileira e afirmam que as experiências representam para suas vidas: resistência, realização plena e um processo de mudança e aprendizagem. Essas viajantes retratam um pequeno grupo de mulheres que viajam sozinhas nesse estilo pouco convencional das mobilidades turísticas, porém salientamos que os relatos de viagens de autoria feminina têm sido constantes nas análises da academia científica em décadas recentes.

O estudo procurou trazer contribuições para o campo do conhecimento do Turismo, no entendimento desse fenômeno social e cultural do ato de viajar autônomo realizado

por mulheres sozinhas e de bicicleta. No entanto, constatou que há dificuldade na obtenção de pesquisas qualitativas e dados estatísticos sobre o tema e a atuação de viajantes brasileiras, pela inexistência, insuficiência e desatualização, visto que a maioria desses dados se direciona ao perfil do ciclista da realidade urbana. Porém, de certa forma, algumas pesquisas retratam a realidade do número de mulheres que usam a bicicleta como lazer ou meio de transporte cotidiano, que é bem menor em relação aos homens, em consequência da história de repressão à mobilidade feminina, da insegurança e da falta de infraestrutura. Dessa forma, espera-se valorizar a experiência das viajantes independentes e contribuir para a visibilidade da mobilidade das mulheres no desenvolvimento de mais propostas, medidas de políticas públicas direcionadas ao direito, à qualidade de vida e à segurança da mobilidade das mulheres e de projetos e organizações de redes de hospedagens solidárias e pontos de caronas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALLIS, Thiago. Sobre cidades, bicicletas e turismo: evidências na propaganda imobiliária em São Paulo. **Caderno Virtual do Turismo**, p. 390 - 406, 2015.

\_\_\_\_\_. Em busca das mobilidades turísticas. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 23, n.2, p. 96- 117, 2016.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.vii-xxv

ANTONIOLI, Fernanda L. A. Viagens no Feminino: gênero, turismo e transnacionalidade. 2015. 131f. **Dissertação** (Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

ARAÚJO, Nara. **Verdad, poder y saber: escritura de viajes feminina**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.16, n. 3, p. 1009-1029, set/dez. 2008a.

ARAÚJO, Neuza Farias de. **Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade: ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa**. Edições do Autor, 2010b.

AVIGHI, Carlos Marcos. “Turismo, globalização e cultura”. IN: Beatriz Helena Gelas Lage e Paulo César Milone (orgs.), **Turismo: teoria e prática**. São Paulo, Altas, 2000, p.102-106.

AVENA, Biagio. M. Por uma Pedagogia da Viagem, do Turismo e do Acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si. 2008. 516 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, São Paulo: Papirus,1994.

\_\_\_\_\_. **Elogio de la bicicleta**. Barcelona: Gedisa, 2009.

\_\_\_\_\_. **Por uma antropologia da modernidade**. Lameiras, Maceió: EDUFAL/ UNESP, 2010.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **A vida fragmentada ensaios sobre a moral pós-moderna**. Lisboa: Relógio D'Água Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaio sobre a literatura e história das culturas. Obras escolhidas. V. I. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194.
- BUNING, Richard, GIBSON, Heather. J. The role of travel conditions in cycling tourism: implications for destination. **Journal of Sport & Tourism**, p. 1- 39, 2016.
- and event management. *Journal of Sport & Tourism*, 0(0), 1–19.
- BRUHNS, Heloisa T. O corpo visitado a natureza: possibilidades de diálogos crítico. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, H.T (Org.). **Viagens à natureza: Turismo, cultura e ambiente**. São Paulo: Papyrus, 1997, p.125-140.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Universidade de São Paulo 2008.
- CANAU, Joel. **Memórias e identidades**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARDOSO, Sérgio. “O olhar dos viajantes [do etnólogo]” In: Aducci Novaes (Org.). **O olhar**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p.347-360.
- CARPANEZZIA, Mariana. **O mundo sem anéis: 100 dias em bicicleta**, Brasília: DF: Do autor, 2015.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: análise e organização**. Porto Alegre: Sulina, 1975, p. 09-20.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.18, n. 37, p. 103-131, jan./jun., 2012.
- CERTEAU, Michael de. **A invenção do cotidiano I**: arte de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed Vozes, 1990.
- CRESWELL, Tim. Towards a Politics of Mobility”, *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 28, 2010, p. 17-31
- CHARLES, Sébastien. O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. In: LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- COHEN, Erik. Nomads from affluence: notes on the phenomenon of drifter- tourism. **International Journal of Comparative Sociology**, n.14, p.89-103, 1973.
- \_\_\_\_\_. Backpacking: diversity and change. In: Richards, Greeg; Wilson, Julie (Eds). *The global nomad: backpacker travel in theory and practice* edited, Clevedon, England, Buffalo, Nova York: Channel View Publications, 2004, p. 43-59.
- COHEN, Scott A. Lifestyle travellers: Backpacking as a way of life. **Annals of Tourism Research**, v.38, n. 4, p. 1535-1555, 2011.
- \_\_\_\_\_; DUNCAN, Tara; THULEMARK, Maria. Lifestyle mobilities: The crossroads of travel, leisure and migration. **Mobilities**, p. 1-31, ago. 2013.

- COLES, Tim; HALL, Colin M.; DUVAL, David T. Mobilizing tourism: a post-disciplinary critique. **Tourism Recreation Research**, v. 30, n. 2, p. 31-41, 2005.
- CONNOLLY, Christopher. A Mulher e a Bicicleta: Nem sempre foi assim. **Revista Bicicleta**. Abr. 2015. Disponível em <[http://www.revistabicicleta.com.br/bicicleta.php?a\\_mulher\\_e\\_a\\_bicicleta&id=631](http://www.revistabicicleta.com.br/bicicleta.php?a_mulher_e_a_bicicleta&id=631)> Acesso 07 out. 2018.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esporte de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Ed. Manole Ltda, 2000.
- COUTO, David. O *flâuner* que pedala. In: Belotto, J.C A. (Org.). **A cidade em equilíbrio: contribuições teóricas ao 3. Fórum Mundial da Bicicleta**. Curitiba: Proec/UFPR, 2014, p. 68-72.
- DE BOTTON, Allan. **A arte de viajar**, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2012.
- DELGADO, Lucilia de A. N. **História oral: memória, tempo, diversidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DUARTE, Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, p. 1047-1060, set./dez.2008.
- \_\_\_\_\_; MUZART, Zahidé Lupinacci. “Pensar o outro ou quando as mulheres viajam”, **Revista Estudos Feministas**, v.16, n. 3, 2008. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300018>> Acesso em 21 jul.2018.
- DURKHEIM, Émile; MAUSS, Mauss. Algumas formas primitivas de classificação. In: DURKHEIM, E. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1984. p. 183-203.
- ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- ELLIOTT, Anthony; URRY, John. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.
- FAULKES, Pam; RITCHIE, Brent W.; DODD, John. Bicycle tourism as an opportunity for recreation and restoration? Investigating the motivations of bike ride participants, Paper presented at the New Zealand Tourism, **Hospitality Research Conference**, p.1-27, 2008.
- FRANÇA, Marcel Carvalho (Org.). **Mulheres viajantes no Brasil (1764- 1820): antologia de textos – Jemima kindersley, Elizabeth Henrietta Macquarie e Rose Freycinet**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. **Cadernos Pagu**, v.50, p.1-39, 2017.
- FIGUEIREDO, Sílvia Lima. **Viagens e viajantes**. São Paulo, Annablume, 2010.
- FREITAS, Sônia. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2.ed. São Pulo: Associação Editorial Humanistas, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- FREIRE-MEDEIROS, Bianca; PINHO, Patrícia de Santana. O Turismo Num Mundo de Mobilidades. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v. 23, n. 2, p. 5-16, 2016.
- FULLAGAR, S; MARKWELL, K e WILSON, E. **Slow Tourism: Experiences and Mobilities**, Bristol: Channel View Publications. p. 99-112, 2012. Disponível em <[https://research-repository.griffith.edu.au/bitstream/handle/10072/49043/78492\\_1.pdf;sequence=1](https://research-repository.griffith.edu.au/bitstream/handle/10072/49043/78492_1.pdf;sequence=1)> . Acesso em 8 out 2018.
- GAZZOLA, Ana Lúcia Almeida. “O Brasil de Marianne North: lembranças de uma viajante inglesa”, **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.3, 2008 em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300020>> Acesso em 25 jul. 2018.

- GASTAL, Susana. Nomadismo e Turismo: viagem como vida no espaço. In: TRIGO, L. G. G (Org.). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.
- \_\_\_\_\_; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.
- GEERTZ, Clifford. Nova luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- \_\_\_\_\_, **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1978.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Paris: Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005
- \_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HANSON, Susan. Gender and mobility: new approaches for informing sustainability. **Gender, Place & Culture**, v.17, n. 1, p.5-23, 2010.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.
- HEIBORN, Maria Luisa. Gênero e condição feminina: uma abordagem antropológica. In: Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Rio de Janeiro. Escola Nacional de Serviços Urbanos. Núcleo de Estudos Mulheres e Políticas Públicas. **Mulher e políticas públicas**. Rio de Janeiro, 1991.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JENSEN, Ole B. Flows of Meaning, Cultures of Movements – Urban Mobility as Meaningful Everyday Life Practice. **Mobilities**, v.4, n.1, p.139-158, mar. 2009.
- KAUFMAN, Vincent; BERGMAN, Manfred; JOYE, Dominique. Motility: Mobility as Capital. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 28, n. 4, p. 745-756, dec. 2004.
- KEROUAC, Jack. **On the road: o manuscrito original**. Porto Alegre- RS: L&PM, 2012.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2009.
- LABATE, Beatriz Caiuby. A experiência do “Viajante- Turista” na contemporaneidade. In: SERRANO, C.; BRUNS, H. T e LUCHIRIA, M. T. D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000, p.55-80.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- LE MOS, Letícia L.; HARKOT, Mariana. K.; SANTORO, Paula F. Mulheres, por que não pedalam? Por que há menos mulheres do que homens usando bicicleta em São Paulo, Brasil? **Revista Transporte y Territorio**, v. 16, p. 68–92, 2017.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 39-122.

- LINTON, Ralph. **Cultura e personalidades**. 3.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1979.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Ed. Gallimard, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo: conceitos, modelos e sistemas**. São Paulo: Aleph, 2008.
- LUMSDON, Les. Transport and Tourism: Cycle Tourism – A Model for Sustainable Development? **Journal of Sustainable Tourism**. v. 8, n. 5, p. 361-377, 2000.
- MACCANNELL, Dean. **El Turista: una nueva teoria de la clase ociosa**. Barcelona: Melusina, 2003.
- MALDONADO, Mauro. **Raízes errantes**. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3.ed Rio Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.
- MAGNANI, J. G.C. **Os circuitos dos jovens urbanos**. São Paulo: Tempo soc. v.17. n. 02 , p. 173-205, nov. 2005. Disponível em: < <http://www.n-a-u.org/artigos.html>. > Acesso em 14 de jul. 2018.
- \_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.
- MAGRIS, C. **El infinito**. Barcelona: Anagrama, 2008.
- MALINOWSKI, B.K. **Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984
- MATOS, Olgária Chain Féres. **História viajante: notações filosóficas**. São Paulo, Studio Nobel, 1997.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.
- MAY, Rollo. **O homem a procura de si mesmo**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Voz, 2012.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.5, série 2, 1994.

MELO, Ellen; FREITAS, Joseania M.; FERREIRA, Vânia. M. Representações de gênero: abordagem histórica. In: FAGUNDES, Tereza C. P. C; TORRES, Cláudia R. V. (Org.). **Ensaio sobre gênero e educação**. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão - UFBA, 2001, p. 19-50.

MELO, Victor Andrade de; SCHETINO, André. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.1, p. 111-134, jan. abr.2009.

MERRIMAN, Peter. Rethinking mobile methods. **Mobilities**, v. 9, n. 2. p. 167- 187, 2014.

MOESCH, Maruschka. A produção do saber turístico. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. O lugar da experiência e da razão na origem do conhecimento do turismo. **Revista Cenário**. Brasília, v.1, n.1, p.08 – 28, dez. 2013.

MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. Mulheres viajantes no século XIX. **Cadernos pagu**, v.15, p.129-143, 2000.

NEVES, Joana Maria de Oliveira; ESPERANÇA, José Paulo. Bike usage and cycle tourism: the pattern of portuguese associated bike riders. In: Book of proceedings. V I. **International Conference on tourism e managements studies**, Algarve, p. 191-200, 2011

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.2, p.440, mai-ago. 2008.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho D'Água, 1996.

OLIVEIRA, Rui José de. Turismo Backpacker/ Mochileiro. In: TRIGO, G.G. (Org.) Análises regionais e globais de turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre. Experiência e turismo: uma união possível. In: PANOSSO NETTO, A.; GAETA, C. (Org.). **Turismo de experiência** – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010. p.43-55

PATAI, D. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, A. *et al.* (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

\_\_\_\_\_. **Cenários em ruínas**: A realidade imaginária contemporânea. Editora: Brasiliense. 1987. p.81-163.

PERROT, Michelle. **Os excluídos**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PINE II, B. Joseph; GILMORE, James H. Welcome to the Experience Economy. **Harvard Business Review**, v. 76, n.6, p.97-105, jul-ago.1998.

- PISCITELLI, Adriana. “#queroviajarsozinhasemmedo”: novos registros das articulações entre gênero, sexualidade e violência no Brasil. **Cadernos pagu**, v. 50, p. 1-37, 2017.
- PLOG, Stanley C. Por que a preservação do destino tem sentido econômico. In: THEOBALD, W. F. (Org.). **Turismo Global**. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2002. p.267-282.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-13.
- \_\_\_\_\_. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.
- REJOWSKI, Mirian (Org). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2005.
- RICHARDSON, Roberto J. *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RITCHIE, Brent. W. Bicycle tourism in the South Island of New Zealand: planning and management issues. **Tourism Management**, v. 19, n. 6, p. 567-582, 1998.
- ROLAND, THIERRY ROLDAN ROLDAN. Cicloturismo: planejamento e treinamento. 74f. 2000. **Monografia** (Treinamento em Esportes) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental - Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989. Disponível em: < <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf> > Acesso em 21 de jul. de 2018.
- \_\_\_\_\_; KLINTOWITZ, D. (I)Mobilidade na Cidade de São Paulo. **Estudos Avançados**, v. 25, n. 71, p. 89–108, 2011.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Ontogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaios/ Ciências Sociais, **FLACSO-Brasil**, p.1- 44, jun. 2009.
- \_\_\_\_\_. **A ontogênese do gênero**. Série Estudos e Ensaios, 2015.
- SALDANHA, Luiz Emerson da Cruz. Políticas Cicloinclusivas e cicloturismo: o caso do Rio De janeiro/ RJ, 2017. 100f. **Dissertação** (Engenharia de Transportes) - Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia- COPPE – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- SALAZAR, Noel. B. To Be or Not to Be a Tourist: The Role of Concept-Metaphors in Tourism Studies. **Tourism Recreation Research**, v. 39, n. 2, p. 259-265, 2014.
- \_\_\_\_\_. Key figures of mobility: an introduction. **Social Anthropology**, v. 25, n. 1, p. 5-12, 2017.
- \_\_\_\_\_. Theorizing mobility through concepts and figures. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 30, n. 2, p. 153-168, may-ago, 2018.
- SALGUEIRO, Valéria, “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”, **Revista Brasileira de História**, v.22, n.4, 2002. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003> > Acesso em 03 jul. 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. V 1. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SIMMEL, Georg. Filosofia do amor. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, Rio de Janeiro, v.11. n. 2, 577-597, 2005.

SIMPSON, Clare S. Respectable identities: New Zealand nineteenth-century "new women" - on bicycles! **Int J Hist Sport**, v.18, n.2, 2001, p.54-77.

SILVA, Cédrik Cunha Gomes da; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. Vá de bike: a produção cotidiana de espaços nas cidades brasileiras. In: BELOTTO, J.C A. (org.). **A cidade em equilíbrio: contribuições teóricas ao 3. Fórum Mundial da Bicicleta**. Curitiba: Proec/UFPR, 2014, p.150- 154.

SOUZA, Yuri. V. Quando as rodas conquistam a cidade: cultura, tensões, conflitos e ações na prática do ciclismo em São Paulo, 2016. 149 f. **Dissertação** (Mestrado em História Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SCOTT, Joan. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p .71- 99, 1995.

\_\_\_\_\_. "Experiência". Tornando-se visível. In: SILVA, Alcione Leite Da Silva; LAGO, Mara Coelho de Souza e RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org.). **Falas de gênero: teorias, análises e leituras**. Florianópolis: Editora Mulher, 1999. p.21-55.

SERRANO, Célia. Poéticas e Políticas das viagens. In: SERRANO, C.; BRUNS, H. T e LUCHIRIA, M. T. D. P. (Org.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papyrus, 2000, p.37-53.

SERRANO, Sónia. **Mulheres viajantes**. Lisboa: Tinta da China, 2017.

SINGH, Dhan Zunino. Cultural history of urban mobilities. Cities, practices and representations in motion. **Palestra in SP Mobilities2017**, Universidade de São Paulo, 2017.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigma. **Environment and Planning A**, v 38, p.207 -226, 2006.

SHELLER, Mimi. Mobility, Justice and Power. **Palestra in SP Mobilities2017**, Universidade de São Paulo, 2017.

SHIPWAY, Richard; KING, Katherine; LEE, Insun S.; BROWN, Granam. Understanding cycle tourism experiences at the Tour Down Under, **Journal of sport & tourism**, v.20, p. 21-39, mar. 2016.

TOURAINE. Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

TOSTA, Eline; KUNZ, Gustavo J. Mobilidade e Turismo: construindo um mapa conceitual. Encontro Semintur Jr., V, 2014, Rio Grande do Sul. **Anais**. Rio Grande do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2014, p. 1-11.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: Ferreira, M. de M; FERNANDES, T. M. e ALBEETI, V. (Org.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000. p. 47-65.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1992.

TRIGO, Luiz. Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: Tendências contemporâneas**. Campinas, SP: Papiros, 1993. p. 17 -76.

\_\_\_\_\_. **Sociedade pós- industrial em turismo**. Campinas, São Paulo: Papiros, 1998.

\_\_\_\_\_. A viagem como experiência significativa. In: NETTO PANOSSO, A.; GAETA, C. (Org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010. p.21-41.

\_\_\_\_\_. **A viagem: caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

TURNER, Victor Witter. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói, RJ: EDUFF, 2008.

TUAN, Y-F. **Topofilia: Estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

URBAIN, J. -D. **El idiota que viaja**. Madri: Endymion. 1993

URRY, Jonh. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: SESC Studio Nobel, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mobilities**. Cambridge, Malden: Polity, 2007.

VEAL, A.J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2001

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**. São Paulo, v. 21, p.207-238, 2005. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012> >. Acesso em: 12 mar. 2018.

WASTSON, Alice. **O Guia do Mochileiro: um Roteiro Pela Bolívia e Peru**. 2ed. Brasília, DF: Senac, 2012.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T.d.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 07 -72.

YANG, Elaine Chiao Ling; *et al.* Power and empowerment: How Asian solo female travellers perceive and negotiate risks. **Tourism Management. Austrália**, v. 68, p. 32-45, fev. 2018.

## WEBSITES CONSULTADOS

CICLOCIDADE. Disponível em < <https://www.ciclocidade.org.br/genero>>. Acesso em 12 de set. 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Notícias.** Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2017/03/pesquisa-aponta-que-17-8-das-mulheres-brasileiras-preferem-viajar-sozinhas> > Acesso em 14 mar. 2018.

PAUPITZ, Andressa. **Perfil do cicloturista brasileiro.** Disponível em <<http://www.clubedecicloturismo.com.br/artigos/080301pesquisa/pesquisa.html>>. Acesso em 12 set. 2018.

TRANSPORTE ATIVO. **Perfil do ciclista nacional.** Disponível em <<http://ta.org.br/perfil/ciclista18.pdf>>. Acesso 12 de set. de 2018.

## **ENTREVISTAS**

CORDEIRO, Ada [set. 2018]. Entrevistadora: Camila Aparecida Leves Maneze. São Paulo, SP, 14 set. 2018.

HIRATA, Juliana [ago. 2018]. Entrevistadora: Camila Aparecida Leves Maneze. São Paulo, SP, 01 ago. 2018.

MARANGONI, Pâmella [ago. 2018]. Entrevistadora: Camila Aparecida Leves Maneze. São Paulo, SP, 16 ago. 2018.

## APÊNDICE A- Roteiro

Esclarecimento sobre critérios, procedimento da pesquisa, entrevista e agradecimento.  
 Autorização oral da Viajante na doação do material para a pesquisa e futuros trabalhos  
 Apresentação da participante: Nome e idade [a critério do entrevistado]

### Tópicos Gerais

Maior motivação/ objetivos/ influência  
 Relatar o percurso percorrido/ tempo / ano  
 Relatar os momentos marcantes  
 Se houve preparo anterior a viagem e quais foram?  
 Meios de transporte e hospedagem utilizados  
 Por que a bicicleta ou o que significa viajar de bicicleta  
 O que procurou conhecer / visitar.  
 Diferenças culturais percebidas  
 A maior aprendizagem / o que aprendeu?  
 Momentos ou lugares mais difíceis. O maior desafio?  
 Qual lugar mais se identificou?  
 O maior impacto da experiência em sua vida?  
 Como se via antes e após a experiência?  
 Por que optar em viajar sozinha?  
 Como é ser uma mulher que viaja sozinha? E como se define na sua experiência?  
 O que essa experiência de viagem representa ou representou na sua vida?  
 Formas de registros na viagem

### Tópicos no decorrer da entrevista

O que procurou levar/ roupas específicas.  
 Estimativa de gastos?  
 Como se manteve?  
 Trabalhos/ Foi difícil de conseguir?  
 Chegou algum momento ficar sem dinheiro?  
 Peso da bagagem e quilômetros percorridos  
 Nome da bicicleta e o significado  
 Maiores problemas com a bicicleta  
 Já tinha realizado outras viagens  
 Recepção nas fronteiras/ Idiomas  
 Como as pessoas te viam?  
 O que sentiu?  
 O que procurou escrever?  
 Encontrou outras viajantes  
 Como é viajar sozinha?  
 A volta  
 Planos futuros

### Perguntas específicas

- [JULI] - O que é o viajar para você?  
 - A viagem foi uma descoberta?  
 - O Brasil em si, você viajou?
- [PAM] - Como é viajar no Brasil?  
 - Como um modo de vida?  
 - Apenas a busca do diferente?
- [ADA]- O que procurou trazer?  
 - Sentiu que era uma viajante?  
 - Foi difícil fazer essas trocas?  
 - Manteve contato com a família?  
 - Encontrou a Ada no caminho?

## APÊNDICE- B- Transcrição I

Transcrição da primeira viajante

Dia 01 / 08/ 2018 às 15 horas

Início: Protocolo inicial de pesquisa

Entrevistadora [E]: Obrigada por aceitar participar! Eu vou começar o protocolo de pesquisa. Inicialmente, eu agradeço em nome da Universidade de Brasília por você aceitar participar da pesquisa: Transformação humana nas viagens: encontro de si e busca de ser.... é ... pra fins do...da dissertação de mestrado em turismo. E agradeço por doar essa entrevista pra futuras pesquisas...não é.... acadêmicas. Hamm... O objetivo dessa pesquisa ééé ... um relato de uma experiência significativa de viagem, em que os critérios são viajar sozinha e de bicicleta.

E: Eu gostaria que você se apresentasse .... você vontade!

Viajante Juliana [VJ]: Você quer que eu segure? [Eu aproximo o gravador da Viajante, pois tinham interferências de sons perto ao local].

E: Posso colo? Te atrapalho?

VJ: Não. Tá ótimo!.. Então, tá! Então, eu sou Juliana Hirata, não é?!.. o meu nome inteiro é Juliana Kiomi [pausa pequena] Rodrigues Hirata, esse é o meu nome completo. Maiiiss, ééé.. Minha família, principalmente meu pai, me chamam de Juli. E foi aí que nasceu aaaa,, o meu nome..aah meu apelido nas redes sociais que é Juli Hirata ! Não é, então, todo... toda a comunicação...éh na internet ...é feito com o nome Juli Hirata, pouca gente sabe que eu sou Juliana, apesar de não parecer, acham que é Júlia, mas meu nome é Juliana Hirata!

E: E foi assim que você se manteve em viagem?

VJ: Isso! Primeiro, porque quando eu comecei a viagem eu tinha a ideia de fazer isso bilíngue, ou...o português e o espanhol...iiih conversando com o pessoal no Caribe, eu trabalhei um tempo com o pessoal...com pesquisadores do Caribe. E eles falavam que era muito mais fácil Juli e ficou Juli, não é?! Pra quem fala inglês Juli também é mais fácil de falar do que Juliana! Então, foi assim que eu me mantive! E por isso que ficou Juli Hirata. Todas as redes sociais [há uma troca de palavras] Juli Hirata é o meu nome! Meu projeto chama ‘Extremos das Américas’, porque eu estou fazendo de um extremo ao outro, do extremo norte ao extremo sul do continente americano. Éééh, é ao mais ao norte que você pode chegar, eu comecei ao mais ao norte que você pode chegar na estrada, que é no Ártico... Éééh, no círculo polar Ártico, numa baía chamada *Prudhoe Bay*, iiih...ali no Alasca, e vou até o extremo sul da América do Sul, ali na Argentina. Hamm, pelo que eu sei ....éh, nenhuma mulher ou se alguma mulher fez eu não tenho conhecimento, apesar de eu conversar, conversava com bastante gente ...éh esse trecho todo solo. De extremo a extremo!... Tem umas viagens que começam, não é?! Ali no Canadá e vão até a Argentina, esse trecho de extremo à extremo de continente é conhecido como a Panamericana, mas ela começa no Canadá muita gente fala que faz não conhece o Ártico, que é o extremo do continente, mas eu sabia que vários homens já avisam feito isso, vários grupos já tinham feito isso ![ Pausa pequena] Homens solo, mas nenhuma MULHER tinha feito isso ainda ! E isso foi um ...um... uma das grandes razões de eu bater o pé e fazer de extremo à extremo do continente, que nenhuma mulher tinha feito isso! [Pequeno silêncio, ar pensativa] ...Aaah! Uma coisa que me inquieta bastante, é que...a primeira viagem de extremo à extremo do continente, foi feito por dois casais. Eles saíram do sul do Alasca e foram até, ...não chegaram ir até o fim do continente, mas fora até a Argentina, e eles fizeram isso em mil novecentos ee...trianta e NOvee, quarenta e dois, mais ou menos [gestos com a cabeça] quando eles fizeram ...iiih ...desde então, estamos em dois mil e dezoito e nenhuma mulher tinha feito isso... sozinha! Eu tinha feito antes de começar a viagem.. ééh.. eu fiz um levantamento das pessoas que viajam sozinhas e de bicicleta e o que eu vi , é que...pouquíssimas mulheres viajam sozinhas e não é

*porque elas não querem ou porque elas não podem!* É porque existe um.. uma, umaa coberta de ... eu chamo isso de [ empolgação na fala] uma nuvens de medo que nos mantem em casa domesticada quase, não é ?!

E: Hum hum

VJ: Iiiih, eu achei que si, a gente tivesse alguém fazendo, se a gente visse que é possível fazer, isso daria mais coragem para mais mulheres fazerem! Por isso que eu faço sozinha! Porque ... Porquee, primeiro eu gosto de estar sozinha, eu...eu tenho prazer imenso na solidude, mas eu também gosto de ... gosto dessa ideia...de que ... Dos homens olhares e verem que... o quão é ameaçador, ameaçadora a presença deles quando uma mulher está sozinha! SÓ a minha presença, sozinha na bicicleta, pedalando .... dá pro homem e pra mulher a dimensão do que é viver o medo, de uma mulher sozinha na estrada. Então, eu...eu gosto muito disso... dessa, desse choque que muitas pessoas sentem, principalmente, aqui na américa latina, na nossa américa latina, que é boas partes dos conceitos de machismo são desenvolvidos em estudos latinos americanos! Então, nós somos extremamente machistas! não é ?! nossa história tem... tá muito permeada com machismos .... iéh o.... eu tenho conversado bastante sobre o machismo, com machistas, que não fazer a ideia que são machistas !... *EntÃO, esse é o contexto da história !!!* [Ressalta na fala] Então, é porque eu viajo sozinha... [voz corrida, mas pausa] É por isso !!!

E: Você percebeu isso... desde o Alasca? Éh...como foi ser uma mulher que viaja sozinha desde o Alasca até aqui?

VJ: Bom, no Alasca eu fiquei praticamente sozinha a maior parte do tempo .... Ser uma mulher sozinha na estrada tem um montÃO de vantagem... um montão! Acho que essa nossa no posição de vulnerabilidade, desperta nas pessoas; homem, mulher, criança, idoso, QUALQUER pessoa! Desperta na...uma compaixão maior! Eu cruzo com muita gente, muito homem na estrada, que não conseguem [pausa rápida] tal facilmente as coisas que eu consigo, por exemplo, comida, abrigo! Quando eu bato na porta de alguém: “- *Posso acampar na sua*”... Eu peço, né?! – “*Posso acampam na sua...no seu quintal?*” Eu tive um recusa! O resto todo muito deixa entrar e acompanhar! Não é o que acontece com um homem! Um homem normalmente, a primeira coisa que se faz é negar ABrir o portão pra ele! *Porque é uma ameaça!!!* [Tom de voz ressaltado] É uma potência de ameaça, não é ?! Então, eu tenho muita facilidade, as pessoas me abortam muito mais, eu acho que ... com muito mais facilidade, por ver que estou sozinha, aí ... a pergunta: “- *Você está precisando de alguma coisa?*”. Eu ouço com muito mais frequência do que homens!

E: Éh...você comentou uma das suas inquietudes foi querer viajar sozinha, para ver como é para uma mulher viaja sozinha, mas você também podia me contar, além dessa inquietude que você já tinha em você ...é...teve algum momento ou como que foi esse momento que você decidiu que você tinha que partir e que veio todas essas questões ?

VJ: Tá!... [sorrindo] Eu fui casada há dois anos, eu tinha um relacionamento de dezesseis anos, iih eu tinha um ótimo emprego, eu sou bióloga...iiih meu mestrado é com ecologia ambiental conservação em áreas protegidas em parques. Meu mestrado foi no parque, eu sempre tive a curiosidade de conhecer os parques das américas, as américas como uma unidade, o continente como um só. Não sei se você ... “- *Você já leu Veias Abertas da América-latina, das américas?*”

E: Ainda não [sorriso e giro de cabeça]

VJ: Ele é um livro que desperta exatamente essa..essa...esse entendimento de latinidade !!! [Tom empolgado] Da gente ser um só!!! Da gente ser esse povo que é produto, que é nascido desse contexto de opressão, de violência e de colonialismo fortíssimo! Eu queria entender éé.. um pouco porque que ... parques, morar perto de um parque nos Estados Unidos, por exemplo, supervaloriza a sua casa e morar aqui perto do parque do Estado , aqui em São Paulo, deprecia o preço... o valor da sua casa ?! Porque é tão bom morar perto de parque lá? E é tão ruim morar perto de um parque aqui? Eu nunca achei que preservação e conservação da natureza se faz distante das pessoas! ... Essa ideia que o homem é muito distante da natureza, é ... é equivocada!!! È do passado! A gente sabe que a gente tem que fazer parte desse processo de

conservação, a gente é parte disso tudo, e as acho que as mulheres tem um papel fundamental nisso! Comunidades no México, tem umas comunidades matriarcais, que os índices de conservação e perda de biodiversidade são baixíssimos !!! Na Amazônia acontece a mesma coisa, então eu queria entender um pouco melhor como funciona esse mecanismo de preservação e o empoderamento feminino! Então, como eu criei o projeto! Eu mapeei os parques que eu queria visitar, eu vou conectando igual pontinho [tom alegre] entre os extremos das américas. MAS antes disso [ressalto empolgada] eu não podia ir, porque eu tinha uma casa para pagar, eu tinha um ótimo emprego, eu era professora numa ótima escola, que eu ADORAVA dar aula! Eu tinha uma vida muuito boa!

E: Tudo em São Paulo?

VJ: Tudo em São Paulo, tudo aqui! Eu dava aula numa escola que eu acreditava e sempre acreditei na filosofia da escola iih ...dava aula de alfabetização científica para professores. Então , seu tava num lugar que eu queria estar, de um jeito SUPER confortável !!! [Tom crítico] E aí o que a gente percebe que a zona de conforto, ela pouco desafiadora, eu percebi que eu já estava patinando [riso curto] ! Eu Não era SUPERfeliz, mas também também não estava triste. Eu não estava SUper bem, eu não estava super mal! [Tom alto e baixo de ressaltado]. Eu estava naquela zona que tudo que vier está bom! Ééh, nesse período, meu ex-marido, que é um amigão. Ele não estava querendo mais viajar. Viajar começou ser um estorvo para ele, porque ... Eu já estava entendendo que a gente tinha que está mais lá fora e menos... menos nas nossas rodinhas dos ratos, assim! E aí, eu ...decidi que era hora de terminar esse relacionamento mesmo gostando muito dele! Era hora de sair desse emprego mesmo gostando muito de estar nesse emprego! ... Eu ... Por uma coincidência eu precisei ir para Oregon em uma cidade chamada Portland, é nos Estados Unidos, cidade mais amigável para bicicleta dos Estados Unidos! Todo mundo usa bicicleta para tudo lá! A bicicleta é uma cultura! E ter respirado um pouco dessa cultura da bicicleta LÁ, foi fundamental pra mim nesse processo todo! Eu já estava pensando em separar, isso [Tosse], desculpa! ... Isso foi em dois mil e quatorze [Pausa rápida] eu fiz uma parada no Panamá, e lá eu conheci um grupo de mulheres que faziam ollas, e elas falavam o quão era importante o pão centrado nelas, o gerenciamento do dinheiro... Então, eu fiz uma parada no Panamá e depois eu fui para Portland e aí lá em Portland, eu resolvi me dá um desafio! Eu falei: “- Meu”, eu quero viver, eu quero passar os quinze dias que eu vou ficar aqui, eu quero viver com o mínimo possível.... de dinheiro! E foi uma das melhores experiências que eu passei, eu vivi... alguns dias eu vivi com menos de dez dólares por dia, mas eu dormi na rua, eu dormir junto com pessoas que ... moradores de ruas, mesmo! Eu dividi comida com eles, eu aprendi um pouco do que é viver na rua! Eu conheci gente maravilhosa !!! [Sorriso] ... Esse foi o primeiro gostinho que eu tive que eu não precise de tanto para viver ... Talvez eu não precise de um teto, talvez eu não precise de tantas roupas, talvez ... [sorriso] eu esteja mais confortável na rua do que eu imaginava... do que tinha imaginado que eu estaria [interferência de som e pausa curta] esse foi o primeiro gostinho! .... Um dia comemorando, indo..., antes de vim pra cá, voltar para o Brasil, eu tava no Bar... eu tava num teatro, bebendo cerveja íi me veio uma situação que um moço passou por mim, ele vou nos meus olhos, e eu desviei o olho numa... na hora, assim! Aí, eu falei porque eu tenho tanto medo assim de olhar nos olhos das pessoas... aí ...ele me falou...aí eu pensado um pouquinho mais, eu descobri que mais do que eu tinha imaginado do meu dia- a- dia. Eu vivia com medo !!! Aí fiz uma lista o que eu faria se eu não tivesse medo, aí eu comecei a listar: eu me separaria; eu ficaria sozinha, né !?; eu ia me desfazer das minhas coisas; me desfaria do meu carro; da minha casa; ééh eu sairia do meu emprego; eu viajaria, sem ter medo; ééh eu visitaria todos os parques sem precisar planejar; porque aí não ter medo... Ah, Meu...pra visitar todos os parques que eu quero visitar, eu preciso ter dinheiro, eu preciso ter .... carro, eu preciso de avião! Eu preciso ter ... E na verdade, quando eu fiz essa lista, eu tirei todos esses medos. E falei “- Meu, o que eu faria?” Bom, a lista está em um dos cadernos que te mostrei e ela é ... ela fala exatamente disso ... ela tem ali... aí falei [pausa rápida] vou considerar , essa lista como uma coisa real e guardei essa lista!

Em julho de dois mil dezesseis, isso mais, um ano meio, dois anos depois, eu me separei! Eee essa separação foi importantíssima, porque quando a gente está num relacionamento, a gente na

outra pessoa, não só uma outra pessoa, e ainda mais o tipo de casamento que eu tive, tinha um relacionamento super legal, não tem filhos, mas eu tinha com meu parceiro, tudo, né !? A gente compartilhava Tudo!!! íii...quando você tem essa segurança de contar com o outro, muito do que você precisa, você não faz ! Néh ! ...Então, tem um pouco dessa... de viver com uma outra pessoa, de viajar com uma outra pessoa, um pouco de você não ser muito você, da outra pessoa ser um pouquinho você também, tem esse meio de campo que é ... que você fala “ – Meu! , não sou eu e nem é ele”, somos nós ! Eu percebe que uma parte Gigante da minha vida, somos nós! Ele era menos ele, eu era menos eu e o NÓS entre a gente era gigante !Eu falei : “ acho que está na hora de eu me reafirmar essa minha individualidade , essa minha personalidade. “*Quem eu sou? Quem sou eu?*” [risos] ... Eai eu tava nessa de se separar e muito mal, porque os amigos falava assim : “- como assim? vocês são o casal perfeito”... Minha prima falou uma vez para, vocês eram para mim o casal Doriana, de margarina, de propagada de margarina . Como vocês vão se separar! Tinha gente que falava que nunca imaginou que nos dois fossemos se separar! Como vai ser agora olharem para mim sem ter o Fabio. Olhar par o Fabio e não ter mais, sabe! Nossa vida era tão nossos dois, que as pessoas não conseguiam distinguir e nem nos dois! Então, eu estava nesse desespero. Porque é isso, a separação para mim foi quase morte ! Quase morri! Porque foram muitos meses de sofrimento, que eu achei que não fosse aguentar! [Silêncio pouco] iiiih...Um dia eu estava me desvaindo de chorar, eu estava quase morrendo [riso] eu não tinha forças pra nada ! Eu estava sentada no chão e uma gaveta estava aberta e eu bati na gaveta e a gaveta caiu, quebrou e o que cai no meu colo? ...A Lista !.... aí eu abrir essa lista, eu falei: “- Meu, quer saber de uma coisa”. Eu vou fazer.. vou fazer isso ! E comecei a planejar! Foram nove meses de planejamento....éhquais eram os parques que eu iria viajar e eu foquei nisso, como..como meu projeto , o primeiro projeto de vida sozinha ! Foi a primeira vez que eu estava planejando uma vida para mim só para mim, sem pensar em mais ninguém! Então, esse foi o projeto, o projeto nasceu assim, desse momento de estrema dor, extremo conforto, mas uma insatisfação imensa com esse conforto! Eu queria MESMO viver uma vida com medo! É minha escolha, foi a minha escolha...eu escolhi...eu fiz uma lista do que eu faria se eu não tivesse medo... Fazer as coisas que você faria se não tivesse medo, é viver sobre o medo! Então, a primeira vez que saí sozinha, é um frio na barriga o tempo inteiro [ tom de riso] até agora [ Risos com emoção ] agora eu falando com você, eu tô sentido um pouquinho de frio na barriga que eu senti, porque só de escrever as coisas , as vezes parava, meio tremendo, meio suando...Porque meu Deus do Céu ! como eu vou conseguir fazer isso ! como é que vai ser , eu vou fazer sozinha. É sério mesmo, não é ?! Por um bom tempo eu fiquei na fase do planejamento, quase que me apegado ao planejamento, mas do que fazer [Risos] Então, foram nove meses, exatamente , nove meses, foi um parto [ tom empolgado] e nove meses depois, eu estava voando para o Alasca para começar minha viagem dos extremos das américas!

E: E você procurou seguir à risca esse planejamento? como foi?

VJ: Eu até tentei! Eu tenho o planejamento, mas o planejamento é o seguinte, ééh...o único lugar ... Não! não teve lugar.... acho que só o início do Alasca, por que não tem outra alternativa, eu seguir exatamente à risca o planejamento, porque lá eu fiquei... São oitocentos quilômetros sem nenhuma comunicação, num lugar totalmente isolado, e se alguma coisa acontece, eu precisa dar para a minha família uma área de busca. Então, eles tinham lá mais ou menos um planejamento de quanto... onde eu iria estar, mais ou menos, em cada dia e sempre falando pra eles, onde buscar sobre ...porque as estradas fecham, tem urso polar, tem um...é uma estrada que não tem nenhuma cidade. Eu sai no início da primavera e ainda é muito frio! A minha primeira noite, minha segunda noite era menos vinte quatro graus! Então, ainda é muito frio, ninguém está lá ainda! É uma cidadezinha que vive para a plataforma de petróleo, então as pessoas vivem no contêiner, vão trabalhar e voltam pro contêiner! É muito frio ! Então, minha família precisava saber mais ou menos, onde eu estava, por questão de segurança e eu falei hora, se até dia tal eu não chegar ainda em Fairbanks, que é a maior cidade, era primeira cidade que eu estava chegando, vocês é ...ligam para tal tefefone, se eu não tiver dado notícias nesse telefone, aí vocês podem considerar de vir para cá ou mandar uma equipe de busca! Foi a única vez que fiz...que eu segui o planejamento, depois disso eu mudei os planos, quase que todos os dias, porque eu chegava num lugar e as pessoas falam ...*mas você precisa ver esse tal lugar*. Eu

sou uma ótima viajante, mas sou uma péssima turista! [risos] Eu chego em cidade, onde tem museus e pontos turísticos famosíssimos, e eu não vou . Mas eu gosto de falar com as pessoas, eu gosto de estar tomando café com as pessoas, eu gosto de perguntar que fruta é aquela, eu gosto de comer o que todo mundo está comendo, eu gosto de sentar no café que todo mundo gostam de tomar mesmo sendo horrível! Sou uma péssima turista, mas sou uma boa viajante, eu acho !

E: Como foi a relação com a bicicleta? Chegou lá e começou a partir?

VJ: Não, não [RISOS], o início da viagem foi super problemático, porque eu estava carregando.... A bicicleta toda estava pesando sessenta e cinco quilos. Sessenta e cinco quilos no gelo é praticamente insustentável! [Pausa pequena] eu...eu...Nos primeiros minutos de pedal, eu caia...mas eu acho que mais do que isso, a bicicleta, ela acaba virado...ela é uma ferramenta, eu não sou aquelas pessoas super fanáticas por bicicleta , tipos de bicicleta, as melhores peças...Minha bike...minha bike que é uma bike de dois mil oito....éé eu fiz muitas viagens com ela, conheço muito bem a mecânica da minha bicicleta, não é uma bike top ! Não é aquela bike, bicicletas no topo da linha, NÃO! É uma bicicleta simples! É uma boa bicicleta, funciona, mas não é uma bicicleta que...porque quando você está viajado, quanto mais simples, melhor! Literalmente, eu encontrei cabo de transmissão da minha bicicleta, do freio da minha bicicleta, no açougue! E é assim que tem que ser, porque na américa latina, principalmente na américa central, você passo por muitos lugares, onde a bicicleta, são muito simples! ... Não adianta você ter um...um puta equipamento tecnológico e ele não ter concerto! Você fica na mão ele não serve! Então, eu simplifiquei minha bicicleta, mas simples do que quando eu comprei! Então, ela uma bicicleta éé bem...Bem...de uso! ... [silencio pequeno] Mas as vezes eu tenho um pouco de raiva dela [risos], porque ela é uma ferramenta, mas é uma ferramenta que ao mesmo tempo, está ali comigo! Porque às vezes eu estou cansada .. eu ..é duro quando está sozinha, que você não pode culpar ninguém ! [Risos] Então, que você culpa é o equipamento! O que eu falo: - “Eu não quero mais pedalar!!!” Encosta a bicicleta e não quero mais saber da bicicleta! Deixa ela no canto e me afasto! Eu preciso ficar longe dela! Então, ela minha companheira, pro bem e pro mal! Então, às vezes eu agradeço dela ser tão incrível tom empolgado e olhos vivos], mas as vezes eu xingo por ela por ela existir, por estar fazendo isso de bicicleta! Parece que está tudo dentro de mim ! ... Viajar sozinho...É viajar ...São duas viagem em uma! Só o fato de você estar sozinho... é uma viagem em si, mesmo !!! Eu tenho bastante tempo para pensar, né !? E a cadencia da bicicleta ...é uma cadencia muito humana! Ela te permite que você...você respeite o teu tempo! Se você está cansado ...você pedala de vagar, se você está com energia, você pedala forte...e se você está com energia...você está com energia para pensar e pedalar! Se você está cansado, a gente está sem energia para pedalar e pensa! Então, esse ritmo da bicicleta acompanha ...muito o ritmo humano! Então, é a ferramenta ideal para pedalar! Eu falo: “– Cansa...CANSÁ !!!” É difícil, muitas vezes é difícil, mas também não é impossível! Se você não quer pedalar rápido, não precisa! Se você quer pedalar rápido .... tem gente que gosta da velocidade ! Pode pedalar rápido! Vai depender de você! A bicicleta é o meio de transporte perfeito!

E: Então, você tentou seguir o seu ritmo... É ...Você não tinha um plano fixo assim: chegar nesse lugar e pronto ou deixou a viagem guiar ?!

VJ: “Eu tinha ...eu tinha! Eu tinha planejado a viagem para dois anos e meio... Mas viajar, o que eu descobri na minha viagem, que nada me pertence! Incluso o planejamento .. É uma baita besteira, eu ter me planejado do jeito que eu me planejei ... No início, eu cheguei a perder...momentos que seriam maravilhosos, porque eu queria chegar em tal lugar aquele dia, para compri o planejamento, sabe! Hoje a minha viagem, tem dias que eu faço vinte quilômetros e vinte quilômetros não é nada! Pra um cicloviajante, né? Mas tem dias que fiz cento e oitenta quilômetros ... éé, além da quilometragem tem essas horas do dia... Percebi que no frio do Alasca exige que você tenha uma certa ... ummm certo ...uma certa disciplina! Mas também pedalar no calor do Caribe, também exigem que isso tem uma certa disciplina! No Caribe é impossível pedalar depois das nove da manhã! É Muito Quente, è muito Quente !!! É muito exaustivo! Então, alí na américa central tem que começar a pedalar umas quatro da manhã e

parar as nove e voltava a pedalar, lá pra sente e meia da noite, quando já estava escuro! Só assim eu conseguia evoluir um pouco !..ahh , eu quero chegar em tal lugar...esquece, pra mim não funciona! Normalmente, eu tenho alguém me esperando, como aconteceu com um grupo de amigos que foram me visitar na Costa Rica , eu até faço umas puxadas maiores, assim... e consigo pedalar .. Maiiis ...eu não tô... eu não tô mas preocupada de chegar na América do Sul, no extremo Sul da América do Sul... o tempo já não é mais ... eu consigo viver com muito pouco! Eu percebi que dá para viajar mais tempo ..é..porque eu consigo viver com quase nada! Eu consigo viver da generosidade das pessoas ! Então, eu consigo parar e trabalhar um pouquinho ! Eu consigo ir... Porque eu topo fazer qualquer coisa !

E: Você chegou a tralhar?

VJ: Onde.. Principalmente em hostel e restaurante.... “- Ah! Meu, eu posso trocar duas refeições por tantas horas de trabalho?”

E: Era assim que você se mantinha a maior parte da viagem?

VJ: Meu objetivo era para dez dólares por dia para dois anos e meio, mas eu recebi muita doação no meio da estrada! Muita gente me deu dinheiro ...éééh Muita gente me dá comida ... MUITA! Muita gente ...eu durmo...eu durmo sem gastar nada , né ?! Então, eu acampo no meu da estrada, eu peço para acampar nos lugares! Eu escondo a bicicleta no meu da mata ou escondo a bicicleta e barraca em algum lugar! Eu uso muito Woman shower ... Você já ouviu falar do Women Shower?

E: Balanço a cabeça como resposta

VJ: É uma comunidade de pessoas que hospeda cicloturistas. O Tim por exemplo, né ?! [ Refere a um amigo] eu conheci...ele é um Womenr Shower, ele me hospedou na casa dele e eu fiquei lá... Normalmente, tem o women Shower que te dá comida, que te ajuda com a manutenção da bicicleta e tem o WomenShower que fala: - “ Olha, você vai precisar dormir aqui, no chão !”...Beleza! ... Tem que estar preparado para tudo ... Então, É ...Um topa tudo, mesmo?! Então, nas cidades... eu tenho casa assim ... escrevo: “- Olha, gente tô chegando em tal lugar, tal lugar, quem pode hospedar?” Aí, as pessoas falam: “- Você pode ficar aqui, você pode ficar aqui!” É bem legal !!! É quase um CouchSurfing, mas só para cicloturista! Então, eu sempre tenho um lugar para dormir” éé..e sempre tenho lugar ou tento arranjar um lugar para comer. Eu cozinho, a maior parte das minhas refeições, eu cozinho! Quase nunca eu compro comida! Então, se as pessoas me oferecem um saquinho de arroz. Eu aceito! [Sorrindo] Fruta na estrada é o que eu mais como [risos]. Então, eu quase consigo...eu quase não tenho, gastos! Eu lavo a minha roupa, no rio! Eu uso...eu faço... a minha própria máquina de lavar roupa... com meus.... Então, eu não preciso de muita coisa!!!

E: Éééh...o que você chegou levar para viagem? desde equipamentos ...

VJ: Eu estou hoje com cinquenta quilos na bicicleta, entre quarenta e cinco e cinquenta quilos, é o que varia. Eu levo toda a minha cozinha. Então, eu cozinho, eu tenho duas panelas, tenho o fogareiro. Um dos... Minha bicicleta tem quatro alforjes e um mala. Os alforjes da frente são minhas cozinhas ...um é a cozinha e outro a dispensa [sorrindo] onde tenho comida. Nós alforjes de trás, eu tenho minhas roupas e no outro alforjes, eu tenho o meu escritório, que é computador, porque as vezes eu escrevo e porque também, eu consigo ganhar dinheiro escrevendo, produzindo conteúdo. Eu também sou bem ativa nas redes sociais. Então, eu estou sempre postando! É como eu consigo muita ajuda também !!! A minha presença nas redes sociais estão associadas com essa reciprocidade de ajuda. Então, todo mundo que quer me ajudar ou conhece alguém de alguma cidade e que pode me ajudar! A gente cria essa rede e eu sempre tenho alguém me esperando nas cidades que eu estou chegando ou sempre tenho uma dica, de algum lugar que pode me ajudar com alguma coisa ou só vem aqui que te mostro a minha cidade! Ou “- Vem aqui que eu conheço um grupo de pesquisa.” Eu sou muito interessada por grupos feministas! Grupo de pesquisas...Eu sempre tenho alguém disponível. Graças as redes sociais !!!

E: Você chegou a pegar outros meios de transporte ou foi pedalando desde o extremo...?

VJ: Não...

E: ...desde o extremo ....

VJ: Desde o extremo, até...eu tô pedalando o tempo todo... Eu peguei um Barco !!! Eu peguei um Ferry ... num longo... longo trecho, eu peguei um foi Ferry que foi ...por conta da estrada das lágrimas, que foi...é uma estrada no Canadá, onde número muito grande de mulheres viajando sozinha desaparecem , elas são sequestradas e desaparecem ...é uma área com bastante ... então, desde a década de sessenta, eu acho tem... desapareceram mais de trezentas meninas lá. Trezentas mulheres! Então, eu fiquei bem ... assustada com isso [riso] e peguei um Ferry... em Skagway ... peguei um Ferry, .mas foi o único também! Depois disso... eu ...Do Panamá pra Colômbia... eu sofri um acidente da Costa Rica! E aí na Costa Ricas ... éééh eu caí da bicicleta, machuquei o ombro, machuquei o rosto.... E é por isso que eu estou aqui !!! Porque eu sofri esse acidente... na Colômbia... Na Costa Rica eu tentei... fiquei um mês me recuperando, trabalhando no hostel, também pra ficar pagando a hospedagem! Íííí eu pedalei até o Panamá, mas com muita dor, passando muito mal e perdendo o movimento dos braços, o meu braço direito começou a perder movimento ... chegando lá ...um médico me falou: “Olha, você precisa fazer uma cirurgia!” ... Aí, eu fale: “Aí, meu, eu não vou fazer uma cirurgia no Panamá?” Onde não tenho onde ficar, super caro, dolarizado, o Panamá é bem dolarizado, super caro. Aí, ele falou: “- oh, se você for para a Colômbia, talvez lá, você consiga mais barato, tem hospital público” ... Então, eu fui para a Colômbia de avião! Então, eu terminei a América Central, América do sul e central... agora só falta América do Norte e Central, agora só falta a América do Sul !!! Aí, eu voei para Colômbia e fiquei mais dois meses tentando me recuperar, voltei para o hospital e o médico disse: “Daqui, eu não posso fazer mais nada, que a não ser uma cirurgia” ... E aí eu me ponderei muito e vim para o Brasil, onde aqui eu tenho assistência médica, néh ?! Tenho faMILIA, casa da família pra me recuperar! Então, agora... agora em Outubro eu já devo voltar para a estrada, porque tô noventa e nove por cento já!

E: Que bom! Então, podemos dizer que isso foi um dos momentos mais difíceis da sua viagem? Você poderia comentar do momento mais difícil da sua experiência ou lugar, que foi o seu maior desafio?

VJ: Começar foi muito difícil! Eu estava ali no gelo, vendo aquela imensidão branca eii ... paralisada mesmo! Parecia que eu estava congelada, eu fiquei uns cinco minutos olhando pro nada e falei [riso]: “Meu, e agora?” Agora é hora de ir e eu não conseguia subir na bicicleta ...foi bem difícil! [Tom lento] ... Decidir voltar pro Brasil depois do acidente, foi bem difícil! Eu não queria! Eu não queria voltáh !!! PorquÊ é volta para o conforto! É voltar .... Na Costa Rica eu precisei ficar um mêsss, um mêsss, três semanas [pausa pensativa] num quarto, parte por conta da minha recuperação e parte por um processo que eu decidi fazer. De fazer um jejum de vinte um dia, e aí a primeira vez que eu saí, depois desse vinte um dia dentro do quarto, que eu percebi que, quando você está dentro de uma casa, quando você está num tento, dormindo, sem sentir as variações do dia, da noite, do frio e do calor ... lá de fora, você fica mais vulnerável, quando você saí! Parece que a casa, aquele quarto se torna um pouco parte da sua.... sua pele, de você! Então, quando você saí, eu voltei a ficar com medo de coisas que não tinha mais medo, por exemplo, ah! Eu estou andando na rua e tem um homem atrás. E aí, eu fico com medo, né?! Quando, um pouco antes, por eu estar mais acostumada, eu consegui a ficar mais, mais esperta, criar mais mecanismos, “- ah, caso alguma coisa aconteça”, eu corro ali ou eu analiso, “ ah, tem uma casa ali ”, aí bato ali! Não!... quando se fica muito dentro de uma casa, quando você fica numa vida de muito conforto! Você... pra voltar... é tudo de novo! Começa tudo de novo! Eu não queria voltar por isso! É começar tudo de novo... Eu vou começar a América do Sul agora, eu iria começar na Colômbia e ia descer pela costa oeste, pela cordilheira... Agora, vou fazer desde a Guiana... Vou fazer Guiana, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, eu não iria passar pela Venezuela, agora vou passar, que está numa situação meio complicada. Então, agora eu vou fazer toda a América do Sul, quase todos os países da América do Sul com exceto do Brasil!

E: Esse é... vamos dizer assim o seu plano futuro ?

VJ: Começando em Outubro, em Outubro eu começo, eu volto! Eu não estou considerado que não parei a minha viagem, eu tô considerando isso parte do processo! Porque eu sou quase ...visitando, eu continuo indo nos lugares, continuo é...continuo sendo hospedada por pessoas,

continuo dependendo da pessoas, da caridade das pessoas...Então, eu continuo ...continuo, o que eu considero que eu tô continuando !

E: Qual que foi a sua maior aprendizagem nesse processo?

VJ: Essa é uma pergunta SUPER difícil!!! Eu certamente não sou mais a pessoa que começou! ... MAIS, tem uma coisa interessante Camila, que eu acho que .... de alguma forma, eu não sou tão diferente assim! Parece que de algum jeito, essa pessoa que sou hoje, ela já existia [sorrindo] só que ela estava meio dormindo! ...Eaí era só uma falta de uso, mesmo! Ela já existia [pequeno Silêncio] porque ela, eu não sou uma pessoa que me desconheço completamente! As pessoas ...ela ... “- Ah, eu sou pessoa completamente diferente!” NÃO.... Eu não SOU uma pessoa totalmente diferente !!! Se eu fosse uma pessoa totalmente diferente, eu iria falar: “- Meus, Quem é você?” [Tom mais ressaltado] É não é? Eu não estranho as minhas ações! Parecia que já existia ...eu só não estava em uso [risos] ...Mas uma coisa que eu aprendi muito que você não aprende na escola e nem ninguém ensina é a gente ser um pouco mais carinho com a gente mesma! ... Eu era...era muito mais dura comigo! Eu era muito mais carasca! Você não fez isso?... “- aaah, como você é fraca! Ou como... Coisas assim, sabe? Ou mais, porque você está chorando? Não !... Agora eu sou um pouquinho mais carinhosa comigo...eu aceito muito mais quem eu sou e respeito muito mais ...- Ah, eu tô cansada! ...ééh eu tô com sede... eu tô com fome! Or ou quero dormir...Nossa, que sombra gostosa...vamos dormir? Bora, dormir ...eai ... Então, eu sou mais carinhosa comigo! Isso foi uma mudança drástica, eu me aceito muito mais quem eu sou. E eu...mas ... [silêncio pequeno] eu não sou ...eu continuo não sendo conivente, com meus os problemas, mas eu aceito muito mais que eles existem, em mim ! ... Então, isso facilitam muito... tá na estrada! [RISO].

E: E que lugar você mais se identificou?

VJ: aaah [Risos] o lugar que eu mais me identifiquei? Puth !!! [Risos com expressões gestuais] Eu acho que agora eu sou uma cidadão do mundo, agora, Camila! ... Todo lugar eu...eu me sinto um pouquinho em casa, sabe! Então, ... é, tão simples agora pra mim tá confortável no lugar... A gente começou com você subindo e falando assim: “- Não, eu só quero que você esteja confortável!” ... Mas... de verdade! Eu fico confortável com muito pouco, hoje! ... Eu fico ... A gente está num banheiro, agora! [Risos]

E: Risos

VJ: Tá certo, estou numa poltrona [gestos com a mão] superconfortável! Mas... Éééh, eu não preciso de muito pra ficar confortável nós lugares, é ...eu passei por lugares bem sujos e bem ...com muitos problemas, mas era ali que eu precisava descansar ...então, de alguma forma, você tem que aceitar o lugar como ele é, e aí... e aceitar...que tem um pouco de se identificar também! ... eu acho que...eu não sei me consigo falar...Eu adoro o Caribe! Sem dúvida nenhuma, eu moraria no Panamá, [RISOS] no norte do Panamá, a Costa Rica é maravilhosa! [Tom empolgado] Eu moraria em qualquer um daqueles lugares, mas falando: “- ah você se ou? É de siii sentir parte do lugar ... Não, eu não me sinto parte de nenhum lugar ainda ... Não sei se vou me sentir um dia !

E: Você comentou que seus maiores objetivos era também conhecer os parques , neh ? ! É .. o que você procurou assim também, mas conhecer ? As diferenças culturais que você mais percebeu?

VJ: Eu percebi que a América Latina é mais que um nome. É real, existe ali uma barreira ...quando eu cruzei de San Diego para Tijuana, aquele muro quando a gente atravessa, da...aquela passagem quando a gente atravessa dos Estados Unidos. E entra no México, ali... você está na América Latina! E a gente é diferente... sem dúvida nenhuma! ... Íi de alguma forma, eles a gente está fazendo muito melhor, do que muita gente imagina! [risos] Então, eu estava esperando ver na América Latina [silêncio pequeno] ...um.. a devastação completa dos parques! Nosso estado não é o melhor! Mais o Estados Unidos e o Canadá não tão, Tão bem assim! Então, que eu percebe é que a conservação de uma forma geral, ela está ameaçada! Em

diferentes níveis, mas ela está devastada! Os Parques ainda são as melhores formas de conversar e isso, eu percebi também ... e que é... muito importante das pessoas saberem o que é um parque! A gente se comunica muito mal. A gente como biólogo, pessoas da conversação comunicam muito mal, sobre conservação! Então, eu acho que comunicação é a chave da boa ... boa conser...boa parte da boa conversação, passa por uma comunicação melhor! Acho que é essa as diferenças dos parques do hemisfério norte pros hemisfério, pros parques latino-americanos!

E: Você comentou das fronteiras, né ?! Você teve muito problema? Como você foi recebida? Teve que tirar os vistos ...como que foi, assim?

VJ: Essa é uma parte boa! Dos Estados Unidos eu já tinha... era visto de Turista, né ?! Eu já tinha esse visto. Pra tirar do Canadá, se você já tem dos Estados Unidos é noventa e nove por cento do processo. Então, isso foi fácil! Eu tirei do próprio... Estados Unidos quando estava ao mês de cruzar o Canadá..eu..eu ..mandei ..tirei dos Estados Unidos , o do , o do Canadá. Do resto a gente não precisa de visto! Agora, aqui na América do Sul, eu vou precisar pra Guiana. É na Guiana Francesa, eu preciso fazer todos os procedimentos e esse é um pouquinho chato. Precisa saber ... Uma das perguntas, as primeiras coisas do formulário é ... eles pedem sua passagem de avião de ida e a de volta! Como que eu aviso que vou sair, tando de bicicleta? né ?! Eu não tenho uma passagem de avião e eles pedem também que você tenha o hotel pago das diárias que você vai ficar ! Eu não durmo em hotel! Como eu vou ficar? [Tom indignado] como que eu faço? Então, eu ainda estou estudando, Ada vai me ajudar bastante com isso porque ela andou por lá, mas é dos outros países, nenhum eu tive problema! O único probleminha que eu tive foi na Costa Rica, que eles me perguntaram quando você vai sair! Aí, eles pedem uma data... uma data certinha, pra você sair ... eu não tinha! ... mas aí o cara foi super flexível! Isso é uma coisa muito legal que atravessar por terra, você está conversando com uma pessoa ali! A gente como brasileiro, pode circular por toda América Latina! Desde o México, até a América Central e boa parte dos países da América do Sul, porque fazem parte do Mercosul! A gente pode ... a gente pode circular tranquilo sem nenhum visto! O que eles querem é que você fale quando que vai sair e de bicicleta fica muito difícil de estimar, mas a gente tem sempre uma ideia ...um mês, dois meses e ... eles deixam tranquilo!

E: Você sempre foi fluente na língua? No inglês...

VJ: Nãoo. [Risos ] Nunca fui fluente em nada na verdade ! Eu enrolo num portonhol e eu enrolo num portoingles! [risos], né?! No inglês ...mas a viagem me ajudou muito ! Esse era outro medo que eu tinha! Era das pessoas olharem para mim e “ –Nossaa, meu, como ela fala mal !” Falo Meu ... a Verdade é que as pessoas são super curiosas e querem saber da sua cultura! Eu aprendi que eu sou mais curiosa da cultura dos outros, do que eu tinha imaginado! Então, não tem problema quando você fala .. ei quando você perde essa barreira do não tem problema como você fala e você começa a falar ...aí você vira a chavinha e você começa a falar [ sorrindo] ... E se não se entende faz *gesto* , *desenho* , *brincam de imagem em ação*...Sempre dá um jeito ...dii dee Funcionar ..Então , nunca fui fluente, não !

E: Como que foi ...Você sentiu que foi bem recebida?

VJ: Muito bem!

E: Em toda a sua experiência...

VJ: Muito bem! Eu acho que...

E:... Como mulher, Brasileira !?

VJ: E aí...eu tenho um probleminha...que é, eu que considero...como um probleminha, é, Meu, eu tenho essa cara aqui de ... de japonesa, néh? Meu pai é japonês e minha mãe é brasileira, então sou uma mestiça, que não parece brasileira! Eu passei por lugares...éé.. na América do Norte, onde as pessoas nunca tinham vistos um brasileiro! Eu não sou exatamente a melhor brasileira, pra uma pessoa ... pra ser a primeira brasileira que a pessoa vê! Então, aconteceu muito de as pessoas me confundirem com Tailandês ...éééh I a mulher oriental ela tem uma.. um

estereótipo ...é, principalmente na América do Norte ligado a prostituição , o tráfico de mulheres... é .. Da Ásia pro Estados Unidos e vice e versa, é muito comum! Então , essa hipersexualização da mulher asiática ..é um negócio que é um problema , que acho que aqui no Brasil, eu acho que a gente vive com a “mulata” entre aspas, né ?! porque é termo super pejorativo da mulher negra, é uma mulher gostosona , boa de cama , então , eu tive problema com isso, só !!! Fora isso ... depois de dado a primeira... eles me olhavam... eu tive algumas situações, logo que cruzei a fronteira do Canadá para o Estado Unidos , um homem...eu estava sentada no posto de... gasolina descansado e estava tomado uma água e aí ele chegou pra mim e falou : “Oi, Tudo bem ?”, eu falei tudo bem ! E ele falou: “Posso colocar a mão no teu peito?” Eu falei Quê? Ele: éh, “posso colocar a mão no teu peito?” ... Eu falei: “ Meu, O QUE te faz pensar que ”...aí quando ele vê que você tem um certo nível... que você tem posicionamento de um certo empoderamento do corpo, da tua... dos teus direitos ...Ele se afasta ...Ele: “- Eu pensei que você era da Ásia” . Eu falei mesmo se eu fosse da Ásia, néh ? ! Então, ele espera ... o homem Branco ...ééh, principalmente o mais velho nos Estados Unidos ! Foi onde eu senti , um homem queee... espera da mulher asiática e com uma cara mais nova ! Eu pareço mais nova do que eu sou , aparentemente , eu tenho trinta e oito anos agora ! Então, é um problema, néh ... É bom, a gente acaba se gabando: “- ai que bom, brigada !” Mas eu não acho TÃO bom parecer mais nova , porque as pessoas confundem , a imaturidade, com uma permissão de abuso ! As pessoas, não! ... Os homens !!!

E: Sim, Você podia relatar um momento mais marcante ?

VJ: Humm..Só UM momento ? [ Risos] mais marcante?

E: Os momentos mais marcantes da sua viagem ...

VJ: Bom, como eu te falei, neh?!...O início... o primeiro...o Alasca foi incrível! Foi o início mais duro e mais ...o Melhor início que EU poderia ter ! Acho se eu fizesse o Alasca no final ...Eu não teria terminado! [Silêncio ] ....Então, o início foi ali no Alasca que teve um ...um...No sexto dia, eu estava no meio do gelo, no meio da estrada e eu não via uma pessoa há mais de um dia já ! Nenhum um carro passava por mim, a mais de um dia ...e eu morria de medo! eu estava com medo de comer porque os ursos polares conseguem sentir o cheiro, moléculas de odor a vinte e cinco quilômetros de distância, naquela neve branca , a vinte e cinco quilômetros, eu não enxergo ! Eu estava parada ..comendo...tomado uma sopa... fria, porque eu estava com medo de esquentar e ela cheirar e atrair mais urso ...eu estava tomando uma sopa e aí eu vi dois pontinhos pretos se movendo na neve .. era uma raposa branca! Que só vi ...quando ela abriu o olho e se mexeu e ela estava super perto de mim e eu não tinha visto o bicho! ....Eu estava desesperada ! Os primeiros cinco dias de viagens, eu estava desesperada! Quase histérica! Eu morria de medo de tudo! Eu quase não dormia, eu quase não comia, eu não estava bebendo água , porque você tem que tirar todo equipamento, esquentar a água de gelo e bebe água... morna, e pra dali, se você sentir sede, dali três quilômetros. Você tem que fazer tudo de novo ! Para, abre, esse negócio de pedalar bebendo água Não rola no Alasca ! [ Pausa] Eu estava desesperada!... Eu estava com medo de tudo! Eu estava com medo...eu ouvia barulho , eu acha que era urso.. ouvia barulho achava que era gente , éé...era foi...horrível!!!...os cinco primeiros dias foram terríveis , e aí eu percebi que eu estava começado a ficar muito fraca, eu , provavelmente, estava começado a ficar desidratada, porque uma hora, eu fui fazer xixi .. eu baixei as calças e .minha perna...a cor...minha coxa estava roxa!...Roxeada e vermelha ! Eu falei : “Meu, eu estou..muito...” Eu colocava o dedo, assim [gesto] ...e não sentia minha perna..Então, eu estava começado a ficar hipotérmica..ííí..ííí desidratada. Eí foi o dia que eu me parei !... Eu falei: - “Escuta !..Eu quase me peguei, me me sacudi, me dei uns tapas e falei: “Olha, se você, se alguma coisa acontecer aqui ...você... o risco de morte é... Real! Você que decidiu estar aqui! [Riso] Isso, eu falando comigo mesma !...É você que decidiu estar aqui ! Você que decidiu ...e aí eu parei, meu ..aí eu olhei aquele ..aquela imensidão branca ...Éh hora de você entrar na viagem ..e foi aí que eu entrei na viagem ! .. Eu falei meu eu tenho conhecimento, eu estudei, eu entendi, eu panejei para está ali ! E foi aí que começou a viagem! Cinco dias depois ! [ emoção] Fui aí que comecei entender que eu estava viajando , que ali agora, aquela era a minha vida ! A ficha de verdade só caiu em um mês depois ,só ! Que aí.depois de um mês viajando ...eu comeci a perceber que,

Meu não era mais uma turista ! Não era uma viagem que iria voltar para algum lugar ! Estava indo , mas já ... aquilo lá era minha vida, durante alguns alguns é assim que eu vou viver na estrada , pedalando ! Então, eu tenho que curtir, é essa vida que eu escolhi ter! Esse foi um momento importante ....

E: Você acha que foi o maior impacto na sua vida ou qual foi o maior impacto da sua experiência?

VJ: Esse foi...esse foi...um momento crucial , assim crucial , foi logo no início... eu acho que não aconteceria se não fosse no Alasca ...é eu acho que não aconteceria se não fosse exatamente daquele jeito , eu estava no lugar certo , na hora certa , do jeito que eu queria , é do jeito que eu precisa estar , então , eu acho que.... depois disso , eu me dei conta que esse momentos de.. de epifania assim... “- Meu , é esse lugar que você precisa estar”... se fosse uma hora antes ou uma hora depois você estaria nesse acidente, aconteceram algumas coisas assim ... você teria estado naquele acidente, se fosse uma hora depois você não teria encontrado aquele cara ou ... coisas desse tipo ..... Mas também ter dormido na floresta das sequoias gigantes no Sul do Canadá ... no Norte do Canadá pra mim foi uma das coisas mais importantes que aconteceram ...que ...ai eu estava completamente isolada , eu tava a quadro dias isoladas ....assim...sem conversar sem vem ninguém , eu estava dormindo num lugar ....milênar ....aquelas arvores tem ...eu fiz as conta [ sorrindo com emoção] tinha pelo menos dezesseis mil anos de organismos me cercando ali [ sorrindo] e olhando para aquelas árvores gigantes e eu minúscula [risos] daquele jeito ...me sentido uma bactéria ...ééé ai eu percebi que era isso que eu quero pra mim ...era isso que eu queria para mim mesmo , estou fazendo o que eu quero ...eu estou fazendo o que eu gosto , né ? É desse jeito que eu quero ... que eu quero me descobrir ....

E: Eee...pra você a viagem então foi uma descoberta ?

VJ: CEM por cento ! Eu acho que [ risos] uma descoberta de mim ...e ....dos outros , né ?! Eu sou muito mais ....eu percebe que hoje ....eu sou muito mais ....muito MENOS ...eu sei muito menos mesmo sabendo muito mais do que eu sabia ...meio que coloca no meu lugar assim ...sabe ?! É eu posso ter o mestrado, mais quando eu estou caminhando na floresta com uma mulher que vive daquilo a sessenta anos , eu sou uma analfabeta !Ela é a mestre , ela é a doutora ...então, essa impermanência das coisas , essa coisa que ... tudo tá mumu mutando o tempo todo e que você não é absoluto em nada , foi para mim ....acho que foi a grande descoberta de ter viajado assim...em mim !

E :É como você se via antes e como você se vê agora após essa experiência ?

VJ: Essa experiência ainda está acontecendo[ Sorrindo] ...essa experiência ! .. Então, como me via antes , eu acha que eu ....eu me via como uma bióloga , eu me via como uma profissional , acho que ..que ...eu sempre me ensinaram de que ...quando me perguntavam ...é engraçado quando alguém vai num lugar e pergunta: “-Quem é você?”. A primeira coisa que você fala é sobre sua profissão ou o que você faz profissionalmente para ganhar dinheiro ou o que está estudando ...Então, você não é Camila ...você é estudante ...ou você é mestranda ...ou você é a turismóloga ...e agora eu sou NADA! ... Agora eu sou uma pessoa então ...eu uso menos os meu títulos , eles tem cada vez menos valor , porque ... aconteceu uma coisa muito engraçada [risos de emoção] de eu estar conversado com uma senhora na fronteira com Honduras e ela ...eu parei pra ...pra....ela estava terminado de fazer uns tamarés , uma pamonha rechiada ....da até água na boca [ gestos] ...íih eai ela tava me servindo , e ela falou assim : “ *De onde você está vindo ?* ” . Eu falei : “- *Eu estou vindo do Alasca*” . Eu percebi que ela se li gou, não se ligou o que que era o Alasca ...ai ela saiu, ai ela voltava e fazia outra pergunta e assim nós ficamos quase uma hora conversado ... No final ela preparou uma uma uma marmitinha pra mim e falou : “ - *Pra você ...para tua viagem ...é eu não sei quão longe você vai e não sei de quão longe você veio , mas pareceu o que você está fazendo é difícil se for fácil você pode dar para alguém ....se for difícil você come!*” O que eu percebi é que ...eu ...eu posso até achar qe eu estou fazendo uma coisa grande[risos] ! ....maiiis... nem é .... tão grande assim ... ela não fazia ideia de onde era o Alasca , ela não fazia ideia de onde era a Argentina e o que eu estava

fazendo só estar ali... naquele momento Tão [ emoção ] ...quando eu falei para ela ...perguntou o que ..o que que era ...eu falei bióloga , ela me olhou ...aquilo não quis dizer nada para ela , quando eu falei que eu era professora que alguma coisa fez sentido pra ela ...ela falou assim “ Aah, Professora !” que ai ela se impressionou um pouquinho , eu comecei a perceber que esses títulos , essa coisa que você faz tem tao pouco valor quando você está na frente de outra pessoa ...que ai eu já não falo mais.... eu sou não sou mais bióloga ...então , eu me via antes como bióloga ...uma profissional, professora... a esposa ou a consultora ... alguma coisa assim ...hoje eu não me apresento mais assim .... eu as vezes falo que eu sou.....uma mulher que está viajando ...normalmente é o que eu falo ....

E: É então, como você se defini nessa experiência ...

VJ: Eu não me defino! [risos] Eu sou uma cidadã do mundo ...eu acho que talvez essa seja....é um mais próximo de uma definição que eu posso chegar ... eu sou uma pessoa , que não sou mais paulistana, eu não sou mais brasileira ... eu acho que sou agora ..eu sou ....latinoamericana... eu acho que sou hoje como Muito orgulho eu sou latinaamericana mais com muita admiração ,eu sou parte desse continente ..acho que sou daqui , mas sou de lá também ... eu sou de qualquer lugar [ risos]

E: È ...e como você defini essa experiência ...é ...esse seu viajar ...como é o viajar para você ?

VJ: Viajar hoje é minha vida! .. Então, o viajar é éé...é parte do que eu sou ...eu acho que mesmo que um dia eu termine a minha viagem ou eu fique só em um lugar ainda sim essa viagem vai ficar reverberando em mim por um tempo , como agora ... eu tô quase um ano parada , faz um ano do meu acidente , então ainda não deu um ano que eu parei de pedalar , mas eu continuo ...continuo pensado como viajante que é essa essa ....condição de viajar , de ir é uma condição difícil de sair da gente ...é difícil ficar num lugar só ....eu tenho sofrido um pouco aqui !

E: O que essa experiência representa na sua vida ?

VJ : É ...quando você fala de definir ...não sei se você espera ...que ...eu não sei se você espera que eu [ interferência de som] eu não sei se você espera que eu conte ou fale : “- Olha...é

E: Eu quero entender o que foi essa experiência pra você assim ...

VJ: É um divisor de águas ....é como se [ silêncio ] ...é uma nova fase adulta ..é quase como se eu estive saindo da adolescência e entrado na fase adulta ...parece que ...alguma coisa aconteceu ... quando você sai da fase adulta , entra na adolescência a gente tem ate um rituais, você entrou na faculdade ...então agora você é um adulto , ao dezoito anos , agora você pode ser preso , coisas assim ...essa viagem definiu um novo estado da minha maturidade ...definiu uma nova forma de eu ser nesse mundo ...nesse nesse nessa sociedade , eu acho que sou uma pessoa ...sou um Outro adulto ...sou um outro indivíduo!

E: É assim que você se sente hoje?

VJ: È assim que eu me sinto! é assim que eu me sinto....

E: Eu queria que você me contasse o trajeto ...Alasca, depois Canadá ...

VJ: Isso ...o trajeto que eu fiz.... Então, eu fui sai de Prudhoe Bay, no norte Alasca deixa, eu só pegar o mapa que assim não pulo nenhum lugar, eu tenho um mapinha de onde eu... então esse é nosso continente, né? ... Então, eu fui sai de Prudhoe Bay,.no norte do Alasca, desci pela Dalton rayi, fui até ferbays, cruzei para o canada, no estado do uicon. Do uico, fui para as rochas Canadenses, Colômbia Alberta, Colômbia britânica, para Montana nos Estados dos Unidos, onde fui no yeslonton, cruzei pelo aiome, entrei um poquinho em ydaiaro, desci em iyta, depois eu entrei ... em neva...cruzei uma pontinha do arizona, nevada, califonia, onde fui para San Diego, que está mais ou nenos aqui!... são San Diego é a fronteira com o México já... cruzei para Tijuana, na baixa califonia, já no México. Fui para baixa Califórnia Sul... ai....fui para o México cruzei para o baixo continente, aqui é sonora, depois para durango, cidade do México, fui para o litoral, onde fui para a península de uncatan, fim toda a penisula de yucatan , depois

fui para Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, onde eu sofri o acidente, Panamá, até a cidade do Panamá , aqui eu ia pedalar um pouquinho mais e cruzar de barco , mas por conta acidente eu já não conseguia mais pedalar, ai eu voei para a Colômbia e da Colômbia eu voltei para o Brasil ...agora... esse foi o trecho que eu pedalei ...até a Cidade do Panamá . Agora eu vou fazer Guiana, Suriname, Guiana, Venezuela, Colômbia, Colômbia e Equador, Peru, Bolívia, Chile e Argentina, Chile, Argentina, Chile, Argentina até Chegar no final do Continente.

E: O Brasil em si você viajou?

VJ: Eu viajei um pouquinho do Brasil ....

E: De bicicleta?

VJ: já, eu fiz toda costa do litoral, toda costa do Nordeste, eu fiz algumas coisas no centro, fiz bastante minas e São Paulo, Sul, Paraná, já pedalei o Uruguai também, a Costa do Uruguai, então eu não vou pedalar agora esse trecho ...

E: E você foi sozinha no Brasil?

VJ: Não, aqui não viajei sozinha, essa é a minha primeira viagem sozinha! ...Então, de bicicleta, né? Eu sempre viajei com outras pessoas, sempre com grupo de amigos, sempre com com ex-marido, agora eu tô viajando sozinha pela primeira vez e de bicicleta! [Sorrisos]

E: Você me apresentou aqui seu caderno de bordo?

VJ: Eu tenho dois tipos de registros, eu tenho esse registro do diário que vem mais ideias, éééh não escrevo todo dia, eu escrevo sempre associado com com memórias e com ideias, tenho um registro de áudio também, porque as vezes eu estou pedalando, eu penso em alguma coisa, então eu gravo e se é alguma coisa que interessa, ai sim eu coloco no papel eu tenho um LogBook que é .... Ele está por aí em algum lugar... que esse sim é diário... pera ... deve estar por aí em algum lugar [procurando o diário] Ahh, está aqui! Que um diário de todo dia...aí eu anoto, é quantas horas, eu pedalei ....é que hora eu comecei ....quantos quilometro eu pedalei por dia, quantas horas eu pedalei por dia, de onde a onde, algumas anotações de muita chuva, pra eu entender um pouquinho...é então, eu tenho esse registro diário e um registro de ideias, pensamentos que ...tudo isso e um mapa de papel, eu trouxe um mapa de papel , vou te mostrar ....que é onde eu planejo mesmo ! Ai eu coloco esse daqui é do México, oooh....

E: Você sempre usou eles ...

VJ: É porque eu tenho problema com telefone, com aparelho eletrônico, eu tenho um painel ...uma placa solar...mas ela não carrega tudo, então eu sempre economizo, e o papel nunca falha, oooh ... esse aqui foi o trajeto que eu fiz ...oh! Baixa Califórnia, ai a baixa Califórnia Sul, aí cruzei o continente, eu cruzei no continente num barco de carga, eu era a única mulher o barco...

E: E o que você sentiu nesse momento?

VJ: O capital ele falou ôh eu não posso te levar, “-  *você é a única mulher e não posso fazer sua segurança... Então, eu não posso te levar!*” E aí depois de muita conversar eu fui...

E: Foi uma carona de barco?

VJ: Foi uma carona de barco...Viajei como carga na verdade! É um barco de carga ...viajei como carga, então eelele ... eu marco cada dia ...exatamente o ponto ...o que está tudo no papel

E: E de carona ...Foi só a carona do barco? ...

VJ: A carona que fiz... foi essa de barco, num barco... e isso aqui que foi uma cruzada que eu precisa fazer no oceano, carona eu não peguei ...

E: tudo de bike ....

VJ: tudo de barco ...

E: E são bem significativos esses diários para você?

VJ: MUITO MUITO... tanto quando eu termino eu fotografo todas as páginas, porque quando vai embora corre o risco depois de perder no caminho, mas chegaram todos, estão todos aqui ... já são seis e tem bastante registro aí ...vai ser para o livro, ou lá pra que sei mais vai ser ...

E: E além do *Blog*?

VJ: O *blog* ... eu parei agora vai ser, né? ...porque boa parte que já é do *blog* vai ser agora ...vai ser parte do livro do primeiro livro de contos, mas eu tenho o registro de vídeos, que é uma *web* série, que está no *youtube* e no *instagram* com muita foto muita...

E: Você o procurou mais escrever? São os seus sentimentos

VJ: Éh! É o que eu penso e que eu...então, eu percebo...como por exemplo, eu vi o dinheiro, neh? O dinheiro é uma coisa, que tem mais símbolos do que a gente imagina, o fato da gente nunca ter tido uma mulher estampada no dinheiro ... o que isso significa? O que significa ter professores, cientistas, na nota de dinheiro ... o que as pessoas comem, pra onde elas vão, o que elas consideram ... tudo isso ...ah! eu dou sangue ... tento doar ..sempre que dá ...

E: Aqui são seus planejamento de gastos? [Registro do diário]

VJ: É ... o que tem eu vou .... Eu acho que isso aqui [parada para olhar o diário] isso aí foi agora ... fui ...volte pro Estados Unidos e ganhei uma passagem... aí eu estava fazendo...

E: Ah! Você ganhou?

VJ: Ganhei ...ganhei [sorrindo]

E: Você tem uma estimativa de gasto? O quanto já gastou?

VJ: Uma média de doze dólares por dia, da viagem toda, então imagina que tenho uma planilha com tudo detalhado, mas doze dólares por dia por que Alasca e Canadá ...foi muito muito muito caros...muito mais caros do que eu tinha imaginado...E a passagem de avião também...de volta para cá praticamente acabou com meu dinheiro ...Então, foram ...forammm...dezzz...onze mil reais ...

E: Você chegou e foi direito para casa

VJ: Fuii...porque meus pais foram me buscar no aeroporto e já fui para casa e eu estava muito...eu estava com meu braço direito estava praticamente paralisado, então não podia fazer muita coisa ... já fui direto pro tratamento ...ganhei o tratamento aqui também, numa clínica de fisioterapia esportiva, super chique que atende esportistas e ai eles viram minha situação e ofereceram o tratamento e nem precisei fazer a cirurgia, no final das contas...

E: Que bom, né?

VJ: Foi... foram super competentes, assim ...

E: Ééé, você já tinha algum preparo antes, como disse que estava preparando o planejamento, fez um preparo físico?

VJ: Eu comecei a fazer um preparo físico, aí em fevereiro, eu estava fazendo, final de novembro, eu estava fazendo a mudança da minha casa, eu estava saindo de casa, eu dei a casa para meu marido, então aí, eu estava saindo de casa e carregando um baú bem pesado da minha vô, eu errei o degrau e cai, e quebrei os dois tornozelos, eu rompi o ligamento dos dois tornozelos, e por dois meses, fiquei de cama, então eu sai de viagem , dezessete quilos mais acima do meu peso ideal, então , meu preparo foi na própria viagem! Eu não considero, que eu tenho saído do meu ótimo de ...como tem gente o Ladoanel [indecifrável], que é um cara que fez uma viagem grande de bicicleta, ele fez treinamento de super atleta, ele corria, tinha uma massa corporal super *jump de* gordura super baixa, ... aquela coisa... eu sai ...não era peso ideal mas foi tudo ótimo, deu tudo certo, fui ganhando condicionamento, resistência, eu como muito na viagem, normalmente eu como com as famílias, no México, por exemplo, eles comem muito! Eu falei meu: “- eu comi, nos Estado Unidos ...eu comi, onde tem comida eu como mesmo! Eu adoro comer! Então, eu como e não tenho, nenhum preparo físico, eu não tenho nenhum!

E: Chegou algum momento fica sem dinheiro?

VJ: Eu não tenho mais dinheiro, agora acabou o dinheiro mesmo, então eu não tenho mais dinheiro, o que que isso quer dizer? ...ééé [riso] quer dizer nada! Porque... sempre tem um pouquinho de arroz pra alguém dar, ovo é uma coisa que as pessoas dão, tranquilo, ...mas já chegou ...de eu não ter dinheiro, sim... agora, por exemplo... [risos] O que não é um problema ... tá funcionando ... tá rolando ...aqui eu tenho todas as roupas, tenho mais roupa, está tudo tranquilo!

E: Eu tinha visto no seu blog, que você saiu cheia de perguntas, neh? Você pode dizer que já deve a maioria respondida?

VJ: Nenhuma, na verdade eu tenho um montão de pergunta, mas eu não tenho o principal, eu sai ...princi...eu sai nessa viagem atrás da minha pergunta , eu não sei si , eu tenho um professor que chama Valdir ele é um botânico , ecológico, eu queria que ele fosse meu professor no doutorado, num momento da minha vida e pensei que ele fosse meu orientador , fui convida-lo pra ser meu professor de doutorado meu orientador e ele me falou assim: “ – Qual a sua pergunta ? Porque se você tem uma baa pergunta, você quase não vai precisar de mim, eu sou um cara muito ocupado, se você tem uma boa pergunta, uma boa pergunta vai te guiar pro resto da sua vida, eai muito tempo depois passou e agora na verdade, a minha saída nessa viagem eu estou atrás da minha pergunta, eu tenho um montão de dúvidas, mas nenhuma é a minha pergunta da vida!

E: Eu quero agradecer, muito obrigada e só para finalização do relato, o que significa ser uma mulher que viaja sozinha de bicicleta? O significa essa experiência?

VJ: Resistência! Só o fato de estar sozinha viajando nem precisa de bicicleta, uma mulher viajando, se autoconhecendo, sozinha, né? ... a gente nunca está sozinha, quer dizer, a gente raramente está sozinha, mas essa ideia que mulher sozinha, na estrada, se divertindo, fazendo o que homem sempre fizeram, é resistência! Quanto mais nossa presença na estrada, é fundamental para ter mais mulheres na estrada e trazer mais segurança para nós mesmas, então é fundamental a gente resistir, resistir, que falem que é perigoso, vai viajar mesmo assim, que falem que não pode, que viagem mesmo assim, que falem a uma mulher gasta mais dinheiro, precisa de precisa de, mais conforto, por que menstrua, porque precisa de um secador de cabelo. Eu ouvi isso, mais mulher viajando é muito mais complicado, do que um homem viajando, porque vocês menstruam, porque vocês precisam de secar o cabelo, porque vocês, precisam usar maquiagem... Não tem ... É resistência! É derrubar essas babaquices!!! Sim, às vezes usa maquiagem, a gente as vezes ... sim, eu menstruo todos os meses com copinho, eu uso copinho, eu não gero um grama de lixo! Mas isso não é um empecilho, isso não é uma dificuldade, aliás eu adoro menstruar, adoro, é um alívio todo mês, é o meu dia de férias, quando menstruo eu paro, não importa onde esteja! Então, é a gente precisa derrubar essas barreiras e resistir! Essas besteiras e muros que vão construindo entorno da gente, que a gente não pode, a gente pode! [Sorrindo]

E: Muito Obrigada!

VJ: Obrigada, você, Camila, por fazer esse projeto acho que ter um projeto como esse...é importantíssimo, ter pesquisa, ter essa informação sistematizada é importantíssima para que ...para empoderar mais mulheres! [Tom empolgado], né! Deixa te dar ...oh... O símbolo do meu projeto, é semente do Dente de Leão ...

E: Que lindo! [Emoção]

VJ: ...é a bicicletinha, com as sementes do Dente do Leão, não sei se você sabe mais é a semente do Dente do Leão é uma das sementes mais antigas e uma das mais resistentes da natureza! A gente algumas sementes de Dente de Leão de milhares de anos em gelo e inhamba, quando tira elas de lá elas germinam, acho que um dos melhores e delicados símbolos de resistência! Ele parece frágil, mas ele é mais resistente do que a gente imagina vai muito mais longe do que a gente imagina, tanto no tempo como geograficamente, então... queria dar para você!

E: Muito Obrigada! Você se vê?

VJ: Muito Muito, eu acho que eu não poderia.... Quem me deu o logo... o desenho do logo do projeto, que é a bicicleta, foi a minha cuinhada, eu acho q eu foi o melhor presente que ela

poderia ter me dado, por ter associado o meu projeto com o Dente de Leão, eu espero mesmo que as sementes viagem para longe e que elas pendure pelo tempo!

E: Muito obrigada!

VJ: Obrigada, você!

[PERGUNTA REALIZADA POR CELULAR 05/08]

E: Você chegou a nomear a bicicleta e qual significado?

VJ: A minha bicicleta tem nome sim... é Borboletinha, a princípio era um nome prático porque eu tinha mais de uma bicicleta em casa e.... Quando as pessoas me perguntava: “- Ah!, com que bike você vai? Eu falava com a borboletinha”. E sabiam que bike que eu estava falando eee... “- Dá pra gente fazer uma trilha! Era um dia pra gente fazer não sei o que .... de acordo com a bicicleta era legal de identificar qual era! ... Não um nome como sei lá as pessoas... a Carol tem a Sarali [riso] a Ada a Branquinha, no meu caso esse nome é bem prático, tem uma razão bem .... Mas depois de algum tempo vai ganhando vários significados, você vai ver na minhas fotos e *instragam*, as minhas fotos do meu blog e os meus relatos, borboletas cruzam o meu caminho ou eu cruzo o caminho delas o tempo todo. Então eu tenho éééh ...várias fotos com borboletas, eu fui visitar o santuário das borboletas Monarcas lá no México , porque eu queria ver antes delas subirem pra migrar de novo para o norte eee...aí depois ...É engraçado porque nos momentos de mais transformação, uma borboleta cruza meu caminho. Então, sempre aparece na cena uma borboleta nos momentos de mais... de maior transformaçã interna assim ...às vezes não é nada muito significante...significativo externamente, mas internamente rolou um *insight* , eu sinto que eu quebra um pouquinho do meu casulo e quem sabe no final dessa viagem eu não viro mesmo.... a borboleta [risos] que está para surgir aí!

[AUTORIZAÇÃO EM ÁUDIO]

VJ: Eu Juliana Hirata né... Juliana Kiomi Rodrigues Hirata também conhecida posso ser identificada ou posso ser identificada, ou prefiro ou gostaria de ser identificada como Juli Hirata do projeto “Extremo das Américas” uma pedala do extremo norte da América ao extremo sul da América do Sul. Autorizo o uso do áudio, imagem pra fins de pesquisa ou fins de divulgação e caso você precise de alguma outra autorização por favor me contata, eu autorizo que esse material seja depositado em biblioteca ou áudio biblioteca pra pesquisas futuras, com a devida autorização e créditos, menção dos créditos e eu gostaria de acesso ao material ou final, editado que for produzir pra apresentar para sua banca e se quiser me convidar para sua banca, eu vou adorar ser convidada para participar a sua defesa , eu vou adora assistir na sua defesa !

## APÊNDICE C – Transcrição II

### Transcrição da segunda Viajante

Dia 16 / 08/ 2018 às 14: 30 horas

Início: Protocolo inicial de pesquisa

E: Obrigada por aceitar participar! Eu vou começar o protocolo de pesquisa. Inicialmente, eu agradeço em nome da Universidade de Brasília por você aceitar participar da pesquisa: Transformação humana nas viagens: encontro de si e busca de ser.... é ... pra fins da dissertação de mestrado em turismo. E agradeço por doar essa entrevista pra futuras pesquisas...não é.... acadêmicas. Hamm... O objetivo dessa pesquisa ééé ... um relato de uma experiência significativa de viagem, em que os critérios são viajar sozinha e de bicicleta.

E: Gostaria que você se apresentasse e contasse como tudo começou, quando você toma essa decisão, né?! Pela Viagem.

VP: OK! Pode deixar! Oi, Camila, Obrigada, eu. Meu nome é Pamella Marangone viajo de bicicleta já tem mais ou menos três anos, ééé... tenho vinte nove anos agora e faço trinta esse ano. Sou de Bonito Mato Grosso do Sul. Tô no mundo de viagem já tem mais de quatorze anos [risos]. Comecei viajando de carona, fiz um pouco do Brasil [...] eu fazia faculdade de arquitetura em Dourado e aí ia nos congresso da faculdade em outros Estados: Tocantins, Mato Grosso...sempre de carona que era a maneira mais barata de viajar, éé pra ti nos congressos da faculdade. E depois conheci a conhecer destinos, mesmo! Fui para Machu Picchu, fui pro Peru, pra Bolívia, pra Argentina, pra Venezuela [sorrindo] Cada vez expandindo mais os horizontes! Eu viajava assim fim de semana, feriado, férias da universidade, as vezes pegava uns dias atestado [Risos]. Me enrolado pra poder viajar. E com passar do tempo resolvi que era isso que eu iria fazer mesmo da minha vida! [Risos] Éé a bike entrou depois de uma viagem para Patagônia, eu estava descendo de carona, são mais ou menos, cinco mil quilometro da minha casa até o destino final. Eu estava muito cansada de estar contanto história, de estar respondendo pergunta, sempre, assim ... descia de uma carona e subia em outra carona e era a mesma entrevista! E eu senti que precisava de algo meu! Uma viagem só minha, eu sozinha, eu minha barraca, com as minhas coisas. Poder tomar minha decisões, poder ficar...ter mais liberdade, mais mobilidade! Eu sentia essa necessidade de... me mover, mesmo! De ser dona de

mim! Chegar nos lugares com meu próprio esforço! E aí eu passei aquela viagem inteira de carona, eu estava na região chamada Caleta Olivia, lugar lindíssimos no sul da Patagônia, eu olhando a Lua nascendo no mar, toda aquela cena e o motorista era bem calmo, ele quase não conversava, eu fiquei HOORAS pensando “Meu Deus, o que é que eu vou fazer?” Eu preciso, sei lá ...uma kombi, moto e uma bicicleta, alguma coisa! E aí fui eliminado! Kombi, eu não tenho habilitação nunca...nunca tive interesse em tirar, aí pensei vou ter tirar habilitação, me programar, e tal! Moto, eu já tinha moto, mas também tem custo do combustível, dos pedágios, é um pouco perigoso. Aí, enquanto eu vinha pensando, assim ...tentando extrair alguma coisa, passaram dois rapazes, já... já chegando na...na em Ushuaia, que é uma região Carreiteira...é muito hippie! ... Muita pedra, vento fortíssimo, até o caminhão chacalhava, um lugar assim difícil! E passaram dois rapazes de bicicleta, totalmente carregados, e assim, eu vi assim que estava [som com a mão] sofrido. Mas eles estavam com uma expressão muito feliz, assim [risos] Eu CARAMBA! Se eles conseguem, eu também consigo! [Risos] Fiquei assim, NOSSA! [Risos] Acho que vai ser isso! E cheguei [som de mão] passei quarenta dias na Patagônia, pensado nisso. E cada vez mais que eu andava lá, eu via várias pessoas de bicicleta, principalmente europeus! E quando voltei para casa, eu voltei com a cabeça fixa! Vou trabalhar, vou comprar um bike, vou... É isso que eu quero da minha vida! [Risos] E pra mim não era só a questão da liberdade, de fazer o que eu quisesse! É um... um desafio físico, í eu tenho vários problemas de saúde e eu NUNCA tive bicicleta na vida para andar! Nunca fui de andar e fazer esporte, NADA! Era assim vou verrrr do que meu corpo é capaz! [risos] Eu vou resolver o que eu consigo fazer! E se não der, tudo bem! Mas eu tentei... eu quero é tentar! E aí quando voltei, mostrei para minha família, contei para minha mãe, ninguém me deu bola, us deu risada, meu namorado deu risada de mim! E falou “- Você não faz nada de bicicleta [risos] como você vai viajar de bicicleta?” [Risos] Mas aí... Já fui...eu tinha certeza que era aquilo que eu queria não tinha dúvidas! E aí comecei fazer brigadeiro para vender, pra comprar bike, comecei a estudar noites e noites, eu passei uns três meses, assim ...o tempo que eu tinha ou eu estava vendendo doce na rua ou lendo sobre viajar de bicicleta, que bicicleta eu tinha que ter, que material eu tinha que comprar pesquisado tudo! E aí tem um Blog de um casal, que hoje são os meus amigos, eu falo que são meus padrinhos, que é *Pedarilhos*, que um casal a Ana e o André. Eu adoro eles! Eu lia muito o blog deles e só no blog deles consegui as informações de como montar a bicicleta, como equipar i mais mais técnico! E aí partir de lá eu entendi que tinha que ter tanto de dinheiro para poder comprar tal bicicleta! ... Só quí fazer cinco ou seis mil numa bicicleta ideal BÁÁSICA, eu não estava afins! Eu falei assim, eu vou juntar mil e quinhentos, esse é meu propósito! O que eu conseguir comprar com isso, está ótimo! Aí éié...consegui fazer um pouco do dinheiro, recebi doação na página, vim pra ....achei a bicicleta pelo ulx, pelo aplicativo de compra [ risos ], aqui em São José dos Campos. E aí quando eu vim foi uma

alegria! Eu vim de carona, consegui comprar a bike , passar um dia lá, conhecer um outro rapaz Eduardo Lemos que também já tinha viajado ! Me ajudou escolher a bicicleta, falar se ela estava boa, se não tava...**Porque eu não Sabia, Nada!** Não sabia nem trocar marcha [ risos] totalmente DÃH ! [ risos] E aí ele me ajudou montar a bicicleta inteira, me ajudou a entender de mecânica, me explicou como funcionava, compre algumas peças com ele , que eu iria precisar para organizar a bicicleta e o mesmo cara que me levou... foram ..se não me engano oito caronas. E aí quando eu estava passando do Mato Grosso do Sul para São Paulo, o cara me deixou em São José dos Campos, foi para o Rio de Janeiro e na volta ele me buscou. Então, eu tive carona pra ir e pra voltar, ele me largou no Mato Grosso com bicicleta e tudo! E aí foi muito legal! Nossa, eu pude conhecer sei lá outra pessoa que também já tinha viajado, pegar um monte de dica e quando eu voltei pra casa aí foi tipo ...ÉÉÉ Agora já tenho a bicicleta [risos] E que faz agora? [Risos] Eu comecei ...fabriquei potes de margarina, eu não tinha dinheiro pra comprar os alforjes, que era as bolsas que carregam, são as mochila que carrega a bagagem. Fabriquei de potes de margarina, são potes de vinte litros que vende...que tem em padaria, aí fiz um...umas alças assim ... fui lá no torneiro escolhi a chapa e tal, montei toda bonitinha, passei adesivo de florzinha [risos] Fiz toda frufu ! Só que aí eu não tinha viajado ainda [risos], eu estava enrolando, eu estava um pouco insegura, tava com medo do transito, de eu cair no afasto, de passar um caminhão em cima [risos] eu tinha medo dessas coisas. E aí resolvi... falei assim: “- vou fazer um teste!” Eu vou tentar fazer da casa da minha mãe para a minha casa, são cento e sessenta quilômetros. Aí com trinta quilometro, eu já não aguentei a pedalar! [risos]

E: E era tudo em Mato Grosso?

VP: Mato Grosso do Sul ... Éé... minha mãe mora em Maracaju, eu moro em Bonito. Então, e aí eu saí da casa dela para chegar na minha casa! Não rolou...eu pedi carona eu cheguei em casa de carona. Aí, a segunda vez eu tentei ...aí eu fui fazer Bonito a Gruta do Lago Azul, ida e volta são quarenta quilômetros, que é ali em Bonito mesmo! É um passeio, que eu fui com pouca bagagem, na volta também já peguei carona! [risos ] Aí foi assim um desastre . Pensei – Meu Deus, eu tô aguentando chegar AQUIII !, Imagina chegar no México [risos] [...] Falei: Não ,o dia que tiver que ser , eu sou andar trinta, vou acampar, no dia seguinte ano mais dez , não importa. Eu vou! I chegaram dois rapazes em casa, também viajando de bike, passaram uns dias com a gente. E fizeram uma proposta: “- Olha! Se você quiser ir com a gente num churrasco que vai ter Nioaque que são cento e trinta e cinco quilômetros. Aí eu falei: “- GENTE! Eu não estou dando conta de fazer TRINTA! Como é que eu vou fazer CENTO e TRINTA? [Risos] Ih foi... aí levei pouca coisa! Fui com eles pedalando, e falei: “- O momento que eu achar que não dá, eu pegou uma carona e termino de chegar ou volto para casa!” Eles: “- Não, você vai conseguir, e tal”. E esses meninos me deram TANTA força! Tanto assim empolgação !, Que eu fiz centro e trinta quilômetros num dia ! Foi...assim, realizador para mim! Eu imagina... “- NOSSAA! EU

SAÍ DE BONITO ATÉ NIOAQUE DE BICICLHETA! CARAMBA!!! [RISO]. Foi muito lega! Depois desse dia já... Eu me encorajei! faltava isso, acreditar que eu era capaz! Assim, de ... Botar fé no meu físico, porque assim eu tenho dois joelhos ESTOURAADO [Risos]... eu tenho uma lista infinita e meus músculos da coxa não aguentavam! E esse dia, foi que foi! Só minha bunda que ficou doendo, porque não tem jeito! Essa dói mesmo! [Risos]

E: [Risos]

VP: [Risos] E quando, eu voltei para casa, eu marquei uma data ! E falei: “- Vou sair .... vou até Amazônia” , e de lá eu vou entra pelo Peru e subir para o México, era meu plano inicial [...] Aí comecei a viagem assim .... Fui de Bonito a Bodoquena, o primeiro dia são setenta quilômetros, ainda no Mato Grosso do Sul, depois oitenta, depois cem, depois cento e vinte, aí eu não queria pegar carona de jeito nenhum! Eu queria só [Risos] pedalar, pedala, pedala, pedala ...tinha dias que eu não nem queria parar para conversar com as pessoas [risos] só pedalar! Maiis foi bem legal! Aí cheguei até Porto Velho, em Rondônia, visei alguns parentes no caminho. Levei dois meses e meio de estrada. São mais ou menos dois mil quilômetros! Em Rondônia eu deixei a bike um mês. E três amigas foram para lá de carona me encontrar. E nós fomos para Amazônia, passamos uns trinta dias na Amazônia, ih sem bicicleta! E eu convidei elas se elas não queriam ir comigo para a viagem do México! Só que elas fizeram uma contraproposta, “- olha, a gente vai...”, duas, porque uma não tinha como! “Olha, a gente vai só se você fizer o contrário, for primeiro para o México e descer com a gente! Porque tando aqui corre o risco de alguém desistir porque estamos muito perto de casa [risos]! E aí fizemos um acordo, eu vou pra Porto Velho, eu peguei a bike. Elas foram praaa...uma morava no Recife, morava em Salvador ,na verdade, mas ela ia para a casa da mãe dela, em Recife. Ela pediu demissão no emprego federal! A outra largou a Faculdade Federal [risos] do Rio de Janeiro [risos] Compraram a bicicleta, compra o vôo e foram comigo assim OH [estralo de dedos] questão de uma semana, dez dias tudo resolvido, todo mundo no avião [risos] [estrelas de dedos] E Vamos EMBORAA [RISOS] ... e fomos para o México. Aí lá começou outra novela, que foi ... as meninas passando por todo o processo que eu já tinha passado, elas não tinham preparo, elas não tinham... eu tive um tempo, eu tive mais ou menos oito meses, o dia que ... que eu resolvi... até o dia que eu, saí! Então, eu tive um tempo psicológico para me preparar, o físico já tinha tentado, eu sabia tudo o que elas estavam passado. Nós fomos montar a bicicleta para elas, colocar esses alforjes, eu levei ... Ah! Nessa história eu ganhei várias coisas nessa história de bicicleta por causa do *blog*. A Ana do site *Pedarinhos* me deram os alforjes que ela usou na viagem dela, ela também já fez toda América do Sul! E aí eu levei todos meus potes que usava para uma das meninas, para a Michele e a Gisele fabricou os dela lá. Então, nós ficamos uns quinze dias na Cidade do México só... organizado a logística, ajeitando as bikes para elas. Ai a Michele com medo de pedalar no transito, lá transito é bem caótico...hum, tipo São Paulo, íh as coisas forma acontecendo! Dois

meninos que estavam .... A gente estava hospedada num lugar que chama Casa do Ciclista, que é ...como se fosse uma rede que apoia viajantes. Tem em Foz do Iguaçu, tem em Lima, no Peru, tem...várias cidades grandes, que o pessoal monta, só deixar um espaço da sua casa aberto pra viajante, geralmente vai ter uma oficina e um lugar para você acampar. Não tem luxo, mas é para você se organiza, você não precisa ter pressa de ir embora, se você quiser deixar uma contribuição para a água e luz, você deixa e passa gente do mundo inteiro! E aí dois meninos que estava lá, que faziam parte da organização da Casa do Ciclista de lá, resolveram nos acompanhar até a saída da cidade e acabaram se estendendo a viagem [risos] por mais vinte dias com a gente [risos] os meninos saíram só com a roupa do corpo e só tipo ...[risos] documentos [...] aí eles dormiam [risos] não tinham barraca... eles dormiam com a gente, usava a nossa roupa [risos] Muito engraçado !!! Porque todo dia na hora de “- Ah, hoje a gente vai embora!” Aí, eles ficavam tristes, aí... “- Ah! Tá bom! Vamos mais um dia! [risos] E ficaram mais uns dias com a gente... [ fala com risadas] e chegou um momento que eles voltaram, nos seguimos viagem .. ih atravessamos boa parte do México , fomos pra Cancun...ela a Michele resolveu voltar pra... pro Brasil! Bike não estava dando mais para ela. Ela já... ela já não se sentia tão bem pedalando e ficou eu e GI. Nos alugamos um apartamentozinho lá, fomos trabalhar fazendo faxina, que também o dinheiro estava acabando. A gente é ... tinha que levantar grana, tentamos vários tipos de serviço [risos] desde vender gelinho, sacolé na praia, fazer faxina no apartamento dos outros....

E: Foi difícil de conseguir?

VP: Foi assim ...é humm...tanto ...nem eu e nem ela falávamos inglês e tinha muito trabalho para quem fala inglês e também com o visto de trabalho mexicano, que a gente não tinha, a gente estava trabalhando ilegal! Masss, tivemos uma sacada! A gente imprimiu cartãozinho numa gráfica, tipo cartão de visita com o nome e telefone e escrevemos lá: Limpeza e [indecifrável] e distribuimos nos condomínios, e aí ligavam para gente e a gente ia lá, tipo assim as duas juntas assim limpava rapidinho [ estralo de dedos ] as vezes fazia dois por dia e ganhava uma grana . E esse dinheiro foi ótimo! A gente estava morando num lugar chamado Praia do Carmem, um lugar super badalado, tem praias lindas, tem é ... nós fomos conhecer o Tubarão Baleia com esse dinheiro! Foi ...Nossa! A gente fez muito passeio com esse dinheiro e nesse meio termo um dos mexicanos ficou apaixonadinho dela, voltou lá, eles ficaram lá ...depois o meu namorado foi me visitar, a gente foi para Cuba, voltou. Então, só de México... foram mais ou menos oito meses. Depois andamos um pouco em Belize e voltamos pro México. E aí a Gi voltou para o Brasil e eu segui viagem! Aí que pra mim a viagem parece que começou a..ah verdadeira viagem que eu sai de casa procurando! A ...Ah... Tipo o desafio pessoal [som com a mão] o desafio físico [som com a mão] o desafio metal de estar ali sozinha, ter que trabalhar, ter que virar, e outros países eu não falava muito bem o espanhol ainda , ai ali que eu me senti ali

de verdade . ESTOU vivendo o que eu queria! Aí comecei Guatemala, a Guatemala é super machista! Sai do México que eu já estava super em casa, já bem dizia bem os costumes, os sotaques, o dinheiro. Aí entrei na Guatemala que é bem mais cara, machista, transito caótico, sem encostamento, teve um dia que eu peguei carona porque eu não estava me sentindo segura, eu já estava com medo de alguém me atropelar, os ônibus tirava fininha [som com a mão]. Muita subida, muita montanha, chuva, FRIO, foi assim:“- MEU DEUSSSSS, O QUE EU ESTOU FAZENDO? [Risos] O desafio parece que estava todo ali, naquela primeira semana, na Guatemala! E aí ...ééh, eu tinha uma data para chegar na Costa Rica, porque o meu namorado iria chegar de novo. Já tinham se passado meses ...e aí eu tinha tipo quarenta dias, sessenta dias para atravessar a América Central para chegar na Costa Rica....e aí eu fazia assim pedalava, pedalava , pedalava...aí parava largava a bike em alguma casa dessas de apoio e ia de carona conhecer alguma coisa, lá do outro lado do país ! Fazia uma cachoeira que eu queria. Eu sabia que tinha feito uma cascata de água azul , eu ia para lá fazia uma pirâmide, voltava fazia o Vulcão , fazia trilha , pegava a bicicleta ! [batida da mão ] Próximo País [Risos]

E: Você então é ....não tinha assim , um planejamento?

VP: NADA ! Eu não fui com NADA planejado ...

E: Desde o início ?

VP: Desde o início, eu só sabia que eu queria sentir a viagem ao extremo! Poder ter essa liberdade de mudar de planos, de parar, de me mover , de acampar aqui, acampar lá ..aí eu ia pedindo dica com as pessoas, conforme eu também iria publicando alguém me marcava em alguma coisa, eu ia , todos os dias era um novo dia . A não ser essa parte da viagem que eu tinha lugar pra tá, o lugar Costa Rica. Então, eu tracei do lugar qu eu estava do México até a Costa Rica [ risos ] eu fui o que desse para conhecer no meio do caminho estava ótimo! Depois eu fui para *El Salvador* que é um país super pequenininho, todo mundo falava que era perigoso, realmente, eu via as pessoas com arma na rua, nos comércios assim ...sabia que tinha algo, mas graças a Deus não aconteceu nada! Ali foi a primeira vez que eu parei pra descansar, que eu PAGUEI uma pousada! Era muito.. barato, mas eu estava com muita cólica nos dias pedalando, pedalando ...tava muito chuva...aí fiquei oito dias em *El Salvador*, vendia brigadeiro lá ...o brigadeiro na saia tão bem ! Aí eu vendi beijinho, eu fiz amizade com o cara que vendia coco ...[risos] comprei leite condensado... As pessoas tomavam a água do coco, largava o coco, eu pegava o coco ...ralava e fazia beijinho, vendi na praia [risos] fiquei muito bem ...aí fiz uma grana e fui ... Honduras ...Em Honduras aconteceu....quer dizer...NÃO aconteceu, mas eu passei o maior susto da viagem ! Ééh, depois de.....que eu cruzei a fronteira trina quilômetros mais ou menos , tentaram me roubar . Dois cara de moto , eles passaram por mim , voltaram, passaram ...na terceira vez eu ... só não tinha pra onde correr...

E: Você estava sozinha?

VP: Sozinha e eu percebi que eles tavam realmente me cuidando pra ver se estava com alguém, eles foram pra frente pra trás , na terceira vez que eles passaram já sentir assim...o pêlo arrepiando ... ai falei : - “ iiii , chegou meu dia ! Que a gente sabe que um dia isso iria acontecer! Não é nada ...só tudo são flores, o mundo inteiro tem perigo, tem essas coisas infelizmente!... Eaí esse caras passaram, pararam, me enquadraram, entrou com a moto na frente da bicicleta e outro atrás , aí falaram comigo em inglês...eu acho que pensavam que eu gringa e o meu inglês é péssimo , mas eu entendi o recado, [risos] que era: “ - Desce ou você morre!” [risos] E o cara que estava na frente segurou o guidão da Monalisa , segurou ela, eaí ...eu falei: - Putz! Perdi! não tem o que fazer !” E no momento que eu estou descendo da bike ...eu olho para trás e vem vindo um caminhão ! Eu faço assim..com os braços para cima assim, que é sinal de pânico pro cara [ Mostra o Sinal] . Ele joga o caminhão assim com tudo no cantinho, que não tinha acostamento , joga num...na beira assim onde eu estava e quase me atropela , quase atropela os ladrão tudo [risos] ....o que ele joga o caminhão , os caras vão embora ....eles falam um monte de coisa , como ameaça assim pra mim e saí ....eu estava tão nervosa que eu não lembro exatamente que eles falaram , eu não lembro o rosto , eu não lembro a moto, eu ...eu fiquei tãoum em pânico, que eu estava cega , não estava nem raciocinado e o cara do caminhão desceu ...eles foram embora... aí o cara do caminhão desceu , pegou a minha bicicleta , jogou em cima do caminhão , eu ajudei ele a colocar e me levou ...eu atravessei ....faltava duzentos setenta ...acho que...quilômetros para terminar Honduras . Ele falou que só iriam me deixar na Nicarágua, que lá eu ..eu estaria segura, porque se eles me encontrasse ali...ele falou bem assim – “ Esses caras não estão aqui para te roubar , eles estão aqui pra te matar ! Levar para eles um celular , eles não vão deixar você viva . Eles vão matar você ! Por causa de um celular, então fica.. fica aqui. Me.. deu assim ...uma lavada ! Falou um monte [risos] “- Aqui não é lugar mulher, aqui não é para ficar sozinha! Você tem que ter o teu marido! Onde é que já se viu uma mulher andar sozinha e eu já estava assim apavorada, eu não sabia nem o que eu falava .... eu só concordava ! Tabom, tah bom ...desculpa, ta bom .... [risos] Aí ele pegou e me deixou na Nicarágua! .... Eu fui pra ....Eu entrei em contato com um rapaz de *Warmshowers* , que é também uma rede que hospeda viajantes e a família dele era primeira vez que eles iriam receber alguém . Eles também nunca tinham recebido, ele tinha acabado de fazer esse perfil. Aí, eles foram me buscar. Na onde estava em Managua Capital. Sei lá ... andei .... eu andei umas oitos horas pedalando sem parar [ som de engasgo ] para chegar em Managua , eai ele foi me buscar no vilarejo lá perto. Jogou minha bike dentro do carro, eu não sabia, nada! O perfil dele era vazio, e foi a primeira pessoa que me aceitou, eu falei vamos embora [risos] . Eles foram me buscar, eu só queria chorar [Risos ]...eu só queria dar um abraço , como se fosse alguém da minha família! [Encena a emoção da lembrança] OBRIGADAAA RHAM RHAM ! E eu toda frágil, toda apavorada. E quando eu cheguei na casa dele ... Aí eles.... Nossa, a família ...eles

eram todos Cubanos, a mãe lá da Nicarágua... a Nica e a irmã maratonista e a mãe toda esportista, a família nota MIL ... aquele povo que te abraça, mi dá... a casa gigante ! Eles morava na parte de cima e me deram a parte de baixo para mim ...Nossa, eu fique assim ... Em casa! Família, família, família total! Adorei, me deram roupa, eu não tinha roupa mais para nada, estava tudo rasgada, me levaram no mercado, fizeram compras ...Eu fala: - Gente, eu não consigo carregar isso na bicicleta ! Eu não tenho nem espaço!” E o pai dele: “– Não vou vai precisar!” Aí, três, , quatro pacote de leite ninho, granola , bolacha ...não sei o que ... me deu um monte de coisa ...deixou ..ééh no dia que eu iria sair, eu fiquei dois dias com eles . Eu fiz brigadeiro para eles. Eu não sabia o que fazia, eu estava toda boba lá! Me levaram para passear ...e aí no dia de ir embora. Aaah, O pai dele .... eles iriam sair cedo para trabalhar, e largaram para mim um recadinho e dentro tinha dinheiro diz que era para eu comprar um *chip* da Nicarágua, que era o chip, o dinheiro da recarga, que era para eu dar notícias par eles, não deixar de dar sempre notícias [ risos] aí eu saí de lá chorando, né!? .... [Som de folego] a mais emotiva... do mundo! E peguei estradas, lindas, mas bem difíceis ali na...na Nicarágua também. Fui para uma ilha ... passei uns tempo numa ilha lindíssima .... Depois fui para Costa Rica, eu reencontrei uma amiga [som de engasgo] passei uns dias com Dan .... Reencontrei uma amiga que eu tinha feito na Guatemala e até esse ano comecei o ano chorando, que recebi a notícia que ela morreu. Foi assim acabou com meu coração! [Emoção] maiiis foi lindo! ... Foi lindo... o tempo que estivemos lá e depois ...deixei uma bike na... Costa Rica outra vez, acho que uns trinta dias ... Fui viajar com o Dãn pelo Panamá, a gente até voltou na Costa Rica, fizemos várias coisas juntos. Tipo férias da bicicleta ! [Risos] Estou de Lua de Mel!

E: Costa Rica funcionou como se fosse uma volta?

VP: É, eu parei ... parei e deixei lá ... Voltamos para o Panamá ... Não! Primeiro Costa Rica, depois a Nicarágua, fui para o Panamá e de lá pegamos um voo para San Andres, aquela Ilha da Colômbia, linda! Minha sogra foi com o meu sogro, foram passar dez dias juntos e depois eu voltei para Costa Rica de novo para retoma o pedal, todo Panamá pedalando, outro voo para Colômbia, não dá para sair do Panamá sem ser por barco ou por avião, não dá para ir por terra. E aí na Colômbia as pessoas são muito hospitaleiras com a bicicleta, te tratam super bem o país é lindo, a comida é barata, tudo é bom, só que já estava fora já fazia um ano e três meses, mais o menos que eu estava fora de casa, e aí naquela semana tive duas notícias, durante a Colômbia que me deixaram muito abalada, Alexia uma Brasileira, viajando de bike morreu no nordeste atropelada, teve uma outra argentina que morreu no cruzamento o caminhão, passou em cima pegou ela lá, na curva. Eu estava desmanchada com essas notícias. Eu estava sem chão. Parei numa cidade chamada Guatapé e fiquei pensando meu Deus. Será que já deu para mim. Será que a viagem acabou, o que eu estou fazendo aqui! Eu já estava em pânico, sentimentalmente sem condições de estar lá e aí aconteceu uma coisa que a minha mãe nunca me liga para nada e

se ela me liga é algo muito ruim [risos] ou ela realmente está precisando, ela não é aquela mãe que fica no pé, manda: - “ eaí está tudo bem ?” Tá beleza e está bom! E aquela semana minha mãe me ligou e falou chorando [tom melancólico]: “- Aí nega, a mãe nunca fala para você nada, porque sabe que você está vivendo seu sonho, acha muito lindo, mãe gosta de ver você aí, mas aah mãe está com muita saudade. Volta para casa?” E aquilo lá entrou no peito como se fosse uma faca, né ?! Falei dez dias estou em casa, aí ela: “- Cooomo? Você está longe ainda, não?” ... no máximo em dez dias eu estou aí em casa! Desliguei o telefone e fiz um anuncio num face para os amigos se alguém podia comprar o meu telefone, que era um smartfonezinho assim simples ...falei o preço, quanto é que dava e um amigo comprou e falou assim:“- eu vou depositar” Eu falei: “- Então, tah” . Quando eu chego no Brasil, daqui uma semana eu estou aí e te entrego o celular,eu vou usar esse dinheiro para pegar passagem de ônibus, aí eu pedalei ... Terminei a Colômbia , fiz um pedaço, assim ... quatro ou cinco dias que pedalava cento cinquenta quilômetros por dia eu não parava para nada! [risos] Eu terminei a Colômbia , eu entrei no equador, e assim que eu achei um lugar que tinha um ônibus direto pra Lima , eu peguei o ônibus para Lima, outro pra Lima, Cuba... Foram três dias assim, entrando em ônibus, saindo de ônibus, coloquei no ônibus a bicicleta de qualquer jeito ! Cheguei em La Paz, eu falei assim “- Aí, Meu Deus! Eu preciso Respirar [Imita o tom de sem folego] ... Tudo bem que eu quero estar em casa ! Já estou perto calma! Aí, tinha a Jana uma amiga minha, Janaína Itá estava morando lá e teve um bebezinho. Eu parei para visitar ela, aproveitei para encaixotar a bike direitinho no papel, arrumar e tal, passei dois dias com a Jana, fui fazer aquela Trilha da Morte da Bolívia, Estrada da Morte, o marido ela trabalhava numa agencia de viagem e arrumo passeio, aí descansei a cabeça, conversei muito com a Jana. Mas já estava com saudade de casa! Eu estava feliz pra caramba! De ter vivido tudo aquilo, de ter acampado sozinha, noventa por cento das noites, e ter ficado em praia, de ter vencido o meu desafio físico, psicológico tudo. Eu falava: “- eu falava preciso estar em casa, preciso contar para a minha família” [risos]... Preciso contar para todo mundo! ... E aí eu peguei outro ônibus até a fronteira com o Brasil e depois fui pedalando da fronteira até em casa... tipo cheguei em Bonito, que fica acho três ou dois dias. Eu fiquei lá escondida, porque a minha mãe ... porque não queria que minha mae soubesse, porque eu já tinha chegado e queria fazer uma surpresa para ela, que na cidade é um pouquinho...cento e setenta quilômetros depois, mas eu iria fazer uma surpresa com a TV Morena, com a Globo lá! Então, eu fiquei esses dias esperando eles me darem a resposta se iria ser na quinta, na sexta ...Aí, marcaram a sexta-feira às nove da manhã a gente vai filmar, eu marquei com outros amigos de Maracaju para segurarem minha mãe em casa, toda aquela cena, e fui para lá ... foi muito lindo a gente chegando na casa dela, eu toda trabalhada na cicloturista [risos] com os pernãos da Sheila do Tchan [risos] estava toda linda , sorriso...o meu cabelo, quando eu fui fazer a viagem eu cortei todo meu cabelo , que era alisado, comprei uma tesoura , tirei tudo e

quando eu voltei , meu cabelo encachados, comprido , é .. outra pessoa , que a viagem transforma muito a gente ... bati palma na casa da minha mãe [ Som de palma] “ – Oh , mãe tem pão velho ?” E a minha mãe saindo chorando, foi muito lindo!

E: Éh, você pode comentar um pouquinho a mais essa parte que você disse que a viagem transformou você? O que significou isso para você?

VP: Aí! Eu não sou a mesma pessoa que saiu isso não tenho dúvidas, e continuo... lógico que todo mundo está em constante mudanças, mas eu não sou mais aquela pessoa! Éh..eu saí muito menina, não imatura, mas o fato de eu estar em outro país , com pouca grana, dependo querendo ou não das pessoas , por mais que eu não pedia dinheiro na rua, mas eu dependia de uma informação , eu dependia de um copo ‘d agua , é ...eu dependia as vezes da bondade de alguém, de falar não ...pode dormir aqui , pode acampar no meu quintal , isso mexe muito com a gente! A gente valoriza coisas que no dia- a- dia, passa batido, né?! Alimentação , quando eu entrei em Belize. Eu estava quase sem dinheiro, e estava eu a Gi , e nós tínhamos ...tipo um real e cinquenta de dólar , uma coisa assim... Não era nada ! E aí eu “ – Gi, como é que a gente vai fazer ? “ e ela “ – Não....vai dar certo! ” Aí a gente parou um dia no restaurante e pedimos assim ...papo reto mesmo ! A gente não tem dinheiro, se você puder me dar qualquer coisa ...eu lavo o seus pratos , ajudo você [risos] faço qualquer coisa! [ risos] E a pessoa colocar nos para dentro, dar um parto de comida, a gente falou assim: “ – a gente ajuda! ” E ele falou assim “ Não precisa, fica tranquila !” Vocês estão em casa! Chegar em casa de família que você vê a condição financeira, das.. das famílias assim e todo mundo fala; “- não você vai lá ficar com a gente” E aí você fica preocupada se está dando uma despesas, porque você sabe quanto que custa as coisas e ficar assim não , não precisa e é um prato de comida, ne ? E você vê que tem quinze pessoas morando num apartamento, numm...numa Favela, num barroco de quarto por quarto assim, que tem pai, mãe, filha e neto e eles vão te receber com todo amor e carinho do mundo! ... Nossa! [Tom de emoção] Éééh difícil assim você não se emocionar, você não parar para pensar na vida por pior que seja! Eu venho de família pobre di di...eu também já passei... não por dificuldade, a gente foi ... tivemos a vida muito difícil e você vê famílias que tem muito menos que você, te dando tudo que eles tem ! Isso é a viagem mexeu muito ! Hoje em dia eu sou muito mais confiante eu pego estrada mesmo ! Eu volto [ risos], eu não tenho medo do que pode acontecer, porque eu sei que se vai acontecer, vai acontecer ! Tem gente ruim em qualquer lugar do mundo! Eu não preciso está longe para as coisas passagem...roubo pode acontecer saindo do trabalho ou pode acontecer , lá em Honduras , não sei ...é tanta coisa , que eu não sei nem o que te contar [ Risos ]

E: Mas você teve muita dificuldade... Como foi essas relações com as fronteiras , como as pessoas te viam ? Essa questão também da própria autoridade da Fronteiras ?

VP: A bicicleta é uma porta aberta! É eu não fui revistada, eu passei por quatorze países , eu não fui revistada em nenhum deles! Nenhum .... Alguns países cobram, uma taxa de entrada ou de saída ... dez dólares ou vinte dólares, que é taxa obrigatória pra qualquer tipo de viajante, mas eu não... passei por nada .... é as pessoas veem o Brasil com bons olhos ... Então, as vezes eu usava a bandeira do Brasil, eu botava alguma camisa, alguma coisa , viam no meu passaporte Brasil ... “- ahh, brasileira, você está sozinha, aí que legal ! Brasil, Brasil, eu gosto muito do Brasil sampa, futebol, caipirinha [ imitação da fala e risos]” Michel Teló , aquela música: “ aí, se eu aqui se te pego [ risos] eles...eles conhecem ! ... Então, as fronteiras foram muito tranquilas, só que assim , sempre assim ...Zona de Fronteira é meio terra de ninguém ... Então, sempre que eu ia cruzar uma fronteira , eu estava muito feliz de está: “- UAU! Vou para mais um país de bicicleta, eu estou aqui sozinha !” [ Risos ] Mas também, eu estava sempre muito apreensiva, que fronteira tem muito ladrão ! Então, tem que está atento ! [ risos]

E: Mas você sentiu que foi bem recebida? Assim, como as pessoas te viam?

VP: Muito bem recebida !...

E: A viagem inteira...

VP: Não! [ Mudança de tom] A viagem inteira, não! .... Tem lugares que as pessoas são ... muito fechadas! Então, eles te olham...é um forasteiro...você... pode ser boa pessoa, como não ser. Então, nem sempre te tratam muito bem, ser bem tratada em qualquer lugar, eu acho que aqui no Brasil! O México eu fui... não posso reclamar! Mas tinham muitos lugares .... A Guatemala, por exemplo, eu ia pedir um copo d’água e as pessoas faziam que não entendiam ou pedia para acampar em algum lugar, eu já levei não! Já fui em igreja e já levei não, esperei acabar missa e pedir se podia acampar no fundo da Igreja, assim ... só na lateral, só para não ficar na rua ... e as pessoas falaram que não dá! O mundo não é um mar de rosas! Mas a partir do momento que você entende que está viajando, que põe sua conta em risco e que aquilo é para você, você vai aprender a lidar com o não, também! Ninguém está ali para te servir. E isto, eu aprendi!

E: Como então, é ser a mulher que viaja sozinha para você ?

VP: É MARAVILHOSO! [Tom alto e risos]....

E: [Risos]

VP: Aí, eu brinco que tem um .... Eu falo que acontece uma magia todo dia pela manhã [Sorrisos com emoção] quando eu sento na bicicleta e dou aquele primeiro giro, hora que faço o primeiro giro no pedal, eu sinto o peso das minhas coisa, das minhas responsabilidades, dos meus sonhos, de tudo que eu preciso... da minha comida, da minha água, tudo está ali ... na minha bicicleta! Então, pra mim é a melhor sensação do mundo! Eu sentir que sou dona de mim, dona do meu tempo e que eu posso fazer meu caminho ! Se eu escolho andar vinte

quilômetros ou duzentos, eu não tenho que perguntar nada para ninguém ! Eu não tenho que dar satisfação de nada ! Eu que resolvo ! Então, essa sensação da liberdade e do usar o tempo a meu favorr ...ééh o que mais me encanta em está sozinha ! Qui ... Não que não seja bom estar com alguém. Que eu já tive companhia das meninas, foi muito divertido, já tive com outros viajantes quando eu estava viajando também, de cruzar um dia ou dois, é legal também ! Mas o fato de poder usar o tempo da maneira que EU quero! Acho que é o mais legal ! [ risos]

E : E como é ser a mulher que viaja ?

VP: AH! Eu me sinto em perigo! Não vou dizer que não! Tanto é que, se você for olhar as minhas roupas da viagem do México para o Brasil, era totalmente para não dizer que sou mulher! Eu usava camisa de manga comprida, chapéu de palha, roupa folgada, tentava estar sempre, assim, está meio ogra mesmo! [Risos] até a bicicleta com panela pra fora! Parecia um mendigo! Quem me olhava podia não olhar com bons olhos! Eu estava realmente mal vestida! Eu tinha medo de ser roubada, medo de ser assaltada, de alguém fazer uma coisa pior, violação que a gente sabe que pode acontecer! Então tirando toda essa parte do medo externo! Quando eu penso em mim como mulher , viajando de bicicleta é ...o melhor... a melhor sensação de liberdade, é o melhor que o posso fazer por mim , com meu tempo, com a minha saúde , com a minha vida, com tudo pra mim tá ali na bicicleta sozinha é o ápice da conquista! Eu brinco que o sucesso temm...como é que fala... tem...diferentes significados [risos] para alguém o sucesso pode ser financeiro, trabalhar em uma grande companhia, outros podem ser , ser mãe , como foi para a Jana, neh?! Pra ela o sucesso da vida dela, foi ela ser mãe! Está com o bebezinho ...tem outras amigas está com o corpão sarado, pra mim o sucesso é eu conseguir fazer tudo sozinha [sorrindo] tudo por minha conta, assim...realizar os sonhos , porque querendo ou não tem sonhos envolvidos , e eu sei que tem muita gente que não tem essa possibilidade ! Tem países que só por você ser mulher você já passa é ... privações! E eu graças a Deus nasci num país livre, a gente alguns perigos, mas não me impede de fazer o que eu quero!

E: É ... Como é viajar no Brasil sendo mulher e sozinha também?

VP: No Brasil acontece o seguinte, o assédio é grande ! Mas não é um assédio que eu acho que alguém vai lá por a mão em mim, como acontecia nos outros países . É na Nicarágua ... os caras... eu andando na rua com o meu namorado e mesmo de mãos dadas, eles passaram a mão na minha bunda! E mexem, falam palavrões! Era assim fortíssimo. Eu tive boas expressões lá, mas também tive esse lado negativo! [...] No Brasil é assim , eu to passando vai ter cinquenta fiu fiu , vai ter o gostosa, vai ter vários coisas desagradáveis, mas eu não sinto que alguém vai me perseguir ! Tipo... “aí ...daqui vinte quilometro eu sei que ela vai estar sozinha, eu vou lá fazer alguma coisa ruim com ela!” Eu não tenho essa sensação no Brasil! Mas tenho medo de

andar em cidade grande! Tenho medo de cruzar .... Eu não veio para São Paulo sozinha de bicicleta ...tenho medo! Eu não vou cruzar Salvador, tem horários a noite que não vou andar sozinha ... isso não só de bike mais também, mas como mochileira antes, que eu viajava de carona, mas eu me sinto bem confortável no Brasil , até demais , dá para fazer uma leitura física e visual pelas minhas roupas , se você comprar as roupas que eu usava na América Central ! Aqui no Brasil, eu já pedalo de bermuda , eu ando com roupinha mais justa, ée..não uso o chapéu de palha, to de bonezinho [risos] estou bem mais feminina aqui ! [risos] Então, coisas que ... qui fiz antes lá pra me tentar me proteger , eu não faço aqui que eu não sinto necessidade , se eu senti ...com certeza vou repaginar de novo o look [ rios] , mas eu me sinto bem ! [sorrindo] .

E: É ... você chegou a comentar, que antes você estava como mochileira, neh ? Como você se defini nessa experiência de agora, desde que você começa a viajar, porque essas outras viagens que você comentou do início, você já estava sozinha, ne?

VP: Sempre sozinha

E: Também ..i como você se defini nessa experiência?

VP: Eu já fui caroneira [Risos] a mochileira que anda de carona por aí e ... hoje em dia o nome que dão para o que eu faço é cicloviajeira, né? Que é alguém que viaja de bicicleta! ...Eu costumo dizer o que não sou .... Eu não sou ciclista, aquela pessoa que vai fazer tudo de bicicleta. Até quando eu estiver qui ... parada uns dias eu não vou sair por aí para ir andar de bicicleta! Eu gosto de bicicleta para viajar, eu gosto de levar minhas coisas nela. Então, não sei ... [...].Eu sou alguém que gosta de viajar [risos] levando tudo que precisa e ainda usa bicicleta [...].

E: Você... qual lugar assim que você mais se identificou das suas experiências?

VP: Humm..Difícil ! Porque cada lugar a gente está de um jeito , eu não vou dois mais dois, tipo não vou aquela pessoa... então, cada lugar que eu passei .... era porque eu tinha que passar ....o Mexico foi a primeira vez que eu peguei um avião, que fui para fora do país , que eu estava muito longe , que eu não conseguiria voltar em dois dias ou três dias de carona , eu tive muitas experiências lá ...era um país que tava barato, eu pude ter um poder de compra de assim , chegar no mercado e comprar varias coisas de comer , retaurante as vezes , fazer passeio , Mexico para mim tem um significado muito grande ! Eu diria que eu voltaria lá ,que os outros lugares eu gostei , mas acho que é o único que eu sinto saudade mesmo ! por enquanto, é o Mexico . [risos]

E: Se você pudesse dizer qual é a maior aprendizagem que você teve e está tendo ainda na viagem ? É o que você mais aprendeu com essa experiência ?

VP: Pode ser varias coisa ....mas acho que o mais difícil para mim era lida com o amanhã ..era “ - Meu Deus, eu larguei tudo , eu vendi tudo as minhas coisas , estou viajando , tranquei minha

faculdade, o que vai ser de mim amanhã ?” Lidar não só com a cobrança externa , que todo mundo queria saber e eu não tinha resposta , mas com a interna eu me preocupava um pouco , eu o futuro, e se eu ficar velha, se eu não tiver como pagar o plano de saúde, alguma coisa ... isso que eu aprendi com a viagem de bicicleta que é viver um dia de cada vez , eu não consigo fazer um planejamento pro mês inteiro de bike , todo os dias eu posso panejar cem quilômetros, mas se o meu pneu furar , se tiver chuva, se eu parar para conhecer alguém na estrada, eu atrasar ...eu não vou conseguir fazer o cem , mas vou fazer o que der , então aprendi viver um dia década vez , hoje ... eu estou viva, hoje eu tenho dinheiro para eu comer , mas amanhã , eu não sei ! [risos]

E:[Risos]

VP: É isso...

E: Então, você pode dizer era também uma forma da sua relação com sua própria bicicleta?

VP: Pode ser ...eu chamo ela de Monalisa, a minha musa pobre ! [risos]

E: [Risos] Esse é o significado dela para você ?

VP: é... eu sou mundo fã de Da Vinte eu gostava da obra dele Monalisa ...Mas um dia eu rindo com a bicicleta, porque a gente fica meio louco também , viajando de Bike, tah! [ Risos] A gente conversa muito sozinho ! Eu rindo com ela ...chamei ela de Mona...a ...lisa , por causa disso , a Mona me ensinou muito isso... e também fisicamente ...pedalar é tipo um vício , é químico mesmo, você...você faz esporte, seu corpo endente as endorfinas , as serotonina tudo trabalhando ali no seu corpo , se no dia seguinte você não pedala , ele sente falta , ele te cobra , ele te pede ...i e aquilo se torna , você associa, aquilo com o prazer . Fala “ – Poxa! Estava tão gostoso , ontem ..vamos fazer de novo hoje?” [risos] até me perdi...

E: Você pode dizer qual foi o maior impacto da viagem ?

VP: Eu acho que o impacto não é só na minha, eu descobri que fazendo isso ...eu atinjo várias pessoas, eu só não estou realizando um sonho meu, mas eu estou deixando uma sementinha por onde eu passo, principalmente, as pessoas que eu não conheço ainda, as pessoas que eu conheci pela internet é...o que tem mais de bonito para mim , não é só a viagem em si, eu chegar um ponto no outro, é a transformação pessoal, que isso foi acontecendo de uma maneira muito bonita, muito boa , muito bonita na bike é o fato de eu me sentir útil na vida dos outros , se você pegar a minha caixa de mensagem, a quantidade de mensagem que eu recebo , de gente dizendo : -Ah, obrigada sua mensagem me fez bem ou estava sem saída, fazer uma viagem que você recomendou , deu tudo certo obrigada, até teve uns vinte dias atrás ,eu não sei se eu posso até falar sobre isso ....

E: Fica à vontade....

VP: eu vou falar...um rapaz ...um americano, brasileiro que mora lá ...falou que estava querendo se suicidar e me acompanhava e eu me falou assim: “- eu preciso falar com você agora” e assim

eu nunca tenho internet, é raro eu ter uma internet boa ...a gente começou a conversar , só que ele não me contou isso ... Ele falou que ele estava com depressão profunda, que estava tudo errado, me contou algumas coisas, eu falei para ele vou passar meu contato pessoal você me adiciona e eu vou conversar por *whatssap* com você, agora! Eu fui para casa .... no lugar que estava . Andei uns vinte minutos, assim correndo para conversar com ele, ai depois de toda conversa ...ele falou assim para mim “é, muito obrigado, hoje se você não tivesse falado comigo ... eu teria me matado” [emoção] Eu fiquei assim apavorada ... eu disse : - não faz isso ...pq é um peso para mim, meio me sentido responsável por você agora”, mas ai ele se acalmou: “ não ...é o que você faz me dá esperança” , o que está acontecendo com minha vida , você não tem culpa ! Mas é muito bom acompanha o seu *blog* , você me traz uma paz , o que faz é muito bom , eu tenho certeza que você ajuda outras pessoas” ... E esse tipo de situação com frequência, esse do suicídio ..foi muito ...muito explicito que me contou ...mas outras pessoas que também estava com problemas e vem falar comigo , encontram....não que viajar vai resolver seus problemas, mas o fato de ela encontrar algo de bom na vida delas , que eu tento encontrar em cada um quando vem conversar comigo ... eu faço um trabalho de psicóloga de maluco [ risos] éh , muito bom ! eu me sinto útil , eu me sinto viva , eu me sinto grata , a maneira que eu encontrei de pagar, o tanto o que eu ganho, que o universo me dá.

E: Você quando estava lá bem no comecinho a sua maior inspiração e maior motivação ? o que mais você precisa conhecer , também , assim ?

VP: Hã Hã... inspiração ... eu nunca tive alguém ....nem antes da bicicleta ...nunca falei – ai, quero ser aquela pessoa !” [risos] Mas desde criança eu assistia muito globo reporte e o fantástico pra ver a família Shiva , pra ver ...aqueles canais que passavam ....os pinguins da Patagônia [...] o ovo não sei da onde ...eu ficava louca vendo isso ... acho que a televisão teve um impacto muito positivo na minha vida [ risos] por causa disso ... como é as inspirações...e

E: A motivação ... O que você mais procurou conhecer, as diferenças culturais percebidas que você mais percebeu nesse processo?

VP: Eu sou muito.... muito ligada a água, então todos os meu roteiros , são assim... eu quero conhecer a cachoeira tal , eu quero nadar em tal lugar... e a bicho ... então, quando eu fui para México , eu vi o tubarão baleia que eu consegui nadar com eles , eu queria conhecer a cultura Maia, depois os Incas no Peru também, então isso querendo ou não a gente aprende muito e poder ver que o mundo é Tão grande , tão fasto e a gente é ... Nada [ risos] Tem tanta coisa legal , não sei...não sei ...enumerar um , mas tudo é importante de uma... certa maneira .

E: Você chegou ver outras mulheres, viajando... sozinha ...de bicicleta? Desde... fora do Brasil e dentro do Brasil ...

VP: Poucas ....

E: Que sejam Brasileiras, que nem você ....

VP: Euuu...não encontrei pessoalmente nenhuma brasileira viajando de bicicleta, mas eu já conheci no Brasil , a Ada de Brasília , a Cris lá da Bahia , uma dentista que viajou sozinha, mas ela já estava ...terminada a viagem. E sei de umas oitos mulheres brasileiras que viajam de bicicleta , só .... mas pessoalmente , viajando ... Nada ! Gringa ....gringa sozinha eu conheci duas ...conheci uma ...uma ...acho que ...Em Belize ...Uma da Califórnia e outra que passou na minha casa que é uma suíça , também toda solitária ...eu gosto dela..... Só que eu esqueci o nome [ fala sussurrando] [ risos] .....

E: Tudo bem .... [risos] .

VP: a gente passa...

E: Você comentou que um momento mais difícil ...um deles quando você teve que ...esse momento do quase roubo ...né... Você teve outros momentos que você considera mais difíceis? O seu maior desafio nessa viagem ....

VP: humm...o desafio é bem o do dia a dia, porque todo dia é um dia diferente, deve dias assim.. de estar em lugar ...eu chegar numa cidade um pouco tarde , o dia que eu pedi na Igreja e me disseram não ... já era tipo nove horas da noite... eu assisti a missa inteira [ risos] eu fiquei sabendo que eu não teria lugar para ficar [risos] ai eu pedalei até o ultimo pico de luz , assim da cidade [ risos] achei um barracão e fiquei lá ...era tipo uma olaria aberta, ai eu não estava muito confiante , o tempo estava feio, não arme barraca, coloquei a rede, assim e fiquei assim um olho no peixe e outro no gato. Já está em outras situações, de eu não ter certeza de estar dormindo num lugar bom e ter medo de alguém ir lá passar a noite ...teve as vezes de eu estar deitada, está tudo bem e me dar um alerta na cabeça como se fosse um sexto sentido ...tipo fica aí e saí daí AGORA ! [ risos] de eu desmotar tudo , saí na noite e ir para outro lugar por eu estava com medo , eu não nego o a sexto sentido [riso] ...medo medo medo...eu não sei assim ... eu não fico preocupada com as coisas , porque eu sei que tem um monte de coisa que pode acontecer [ risos] então nem fico pensando [risos] mais ...perigo ...perigo mesmo ... Não ... acho que não

E: Você comentou que o lugar mais difícil foi a Nicarágua?

VP: Teve muito assédio a Nicarágua, mas foi meus países favoritos mesmo assim ...eu adorei trabalhar lá ... as estradas são boas, o clima era agradável .... Fiquei numa ilha maravilhosa, fiz amizades para o resto da vida. Acho que o mais perigoso foi aaa Guatemala pelo transito, o mais perigoso da viagem!

E: Você chegou a ter problemas com a bicicleta?

VP: A minha bicicleta aconteceu ...parece até mentira eu tive um furo [risos] um furo, quer dizer quando eu estava no Brasil ainda, eu tive vários, que tinha pneus comum, quando eu fui para o México, eu investi o sal da viagem inteira, o sal da janta que eu falo [risos] investiu num pneu alemão, que só me deu um furo só a viagem inteira e meu bagageiro quebrou, na

Colômbia, já terminando a viagem, meu bagageiro dianteiro, eu concertei, soldaram lá pra mim e beleza! Nada nada nada...

E: Você tem uma página né? que você registra seus momentos, você teve alguma outra forma de registro?

VP: Eu fiz na viagem um diário meu, pessoal na viagem, tem coisas que eu não contava na página, na página eu dou um resumo, faço brincadeiras, conto as informações que as pessoas precisam, quanto custa, qual que a distância, tal? Mas o meu diário de sentimentos, ééh eu tenho ele por escrito que é o estou escrevendo o livro da viagem agora, vou terminar se Deus quiser ainda nesse ano [risos] E já no finalzinho da viagem, eu abrir um *instagram*, porque que eu percebi que o face, ele já não estava mais distribuindo mais tantas mensagens para as outras pessoas e abrir o instagram e achei ele mais dinâmico, hoje em dia, eu uso instagram e face raramente!

E: Se você tivesse que fazer uma estimativa dos seus gastos, assim ...

VJ: Eu sou gastadeira [risos] quando eu tenho, quando não tenho [risos] éééh...eu costume dizer que eu gasto em média vinte reais por dia, mais o menos cinco reais para café da manhã e quinze reais pra alimentação almoço e janta e às vezes ... tinha lugares que tinha que comprar água , isso é o básico , alguns lugares tem que pagar passeio, tem que pagar para entrar, tem paga para sair do país, alguns lugares a água não é potável, aí tem que pagar a água , aí aumenta , como eu não tinha uma renda fixa pingando na minha conta, eu ia fazendo viajando, teve mês que tinha dois mil reais ...eu gaste DOIS mil reais no mês [risos] eu fazia de tudo lá , aí era assim: “ - aí está acabado, vou guardar cem reais, então [ risos]

E: mais chegou algum momento que você não tinha dinheiro nenhum?

VJ: Cheguei, tive em Belize, eu não tinha nenhum, na Guatemala e cruzei a Guatemala inteira com ...acho que ...oito dólares ou sete dólares assim, passei vários dias, como o dinheiro que eu tinha no México eu comprei, eu estava num lugar chamado San Cristóbal de las Casas e tinha feiras de cereais, coisas assim a granel mais barato, aí eu comprei aveia, linhaça, chia, tudo que dava para comprar pra não istraga...istraga ...estragar [som de mão] ... o instagram não saí da minha cabeça [risos]

E: [risos] estragar

VJ: Estragar [risos] tudo que não ia perder e comprei muito atum... éé vinte lata de atum e estoquei na mala e fui pedalar, então quando eu cruzei para Guatemala eu tinha muita comida, eu num num quase não usei dinheiro lá, também porque eu não tinha, [risos] as vezes eu ganhava tomate, ganhava banana, ganhava ... ou pegava abacate na estrada í deixava madurando e acabei misturando com aquela comida, mais a média é isso são cerca de vinte reais por dia , quando eu tenho mais eu gasto mais, eu não me preocupo vivo como se não estivesse amanhã [risos]

---

E: [Risos]

VJ: Eu ajudo ...já aconteceu de encontrar outras pessoas viajando e falo: “– Ah, não vamo comer todo mundo “– mas não tenho dinheiro “.... “- Hoje eu pago!” ... Tô rica hoje e pobre amanhã! [Risos]

E: [risos] ...é [silêncio] só processando um pouquinho

VJ: as comidas ...[risos] ...era muito legais [indecifrável] eu queria provar tudo quanto coisa, só que tinha muita pimenta, eai eu tenho um tipo de uma alergia a pimenta que me fecha a garganta, aí eu comia comia no restaurante passava mal depois, aí eu falei: “Não, vou ter comprar um fogareiro, ai comi a cozinha e fazer a minha própria comida, porque não dava para comer mais não México [risos]

E: Você comentou que teve esse momento que você quis voltar, o que significou isso pra você?

VJ: Eu estava me sentindo muito ... muito ... Primeiro eu estava me sentido muito decepcionada, tinha feito uma proposta de mais oito mês de viagem e estava me sentido fraca mas eu estava me sentido fraca: “- Pô vai desistir agora!?” [risos] Bem , assim só que depois eu tendi que eu não precisava mostrar nada para ninguém, eu tinha que estar bem comigo mesmo , tinha que estar me sentido bem ,se não estava me sentido bem ...eu iria para casa , eu queria ver a minha mãe , eu iria ver a minha mãe, não importava está viajando naquele momento, i mas quando quando... voltei que estava tudo bem ...que eu contava as coisas da viagem , eu só primeiro conseguia lembrar dos momentos ruins ,muito triste, esses momentos de desespero , eai eu parei para pensar : “.nossa passei tanto tempo fora...não foi isso que eu aprendi ...teve tanta coisa boa [risos]” depois eu entendi que faz parte o momento de recuar , de estar em casa, de curtir outras outras coisas , tanto é , que quanto é que passei em julho do ano passado , quando foi dezembro eu já pronta para viajar de novo [risos] já estava maluca pra sair [risos] mais conseguir sair no final de maio , mais tudo bem , tem que trabalhar também [risos]

E: Quais são seus planos agora?

VJ: Depende de qual plano de pedalar ou de vida?

E: De vida...você ainda está em viagem, né? Você pretende continuar?

VJ: Eu não me considero mais que eu estou em viagem, eu acho que vivo agora, na estrada eu eu ...não fechei o ciclo ...é Bonito eu tenho namorado tudo e a gente está junto a cinco anos e pouco, tentei ... tentamos terminar [risos] Falei para ele que: “eu quero viver outras coisas, que eu quero passar um tempo viajando, e que não vai ser fácil , porque não foi está longe namorando alguém , aí a gente chegou num acordo, que ele falou que vai continuar tentando vir me ver, que a gente vai tentar dar um jeito e se realmente eu não quiser mais ele vai entender , eu peguei e deixei as poucas coisas que ainda tenho, duas caixinhas que é o xirateis e o xiragol [indecifrável, risos] na casa e está assim, tudo o que eu preciso está na bicicleta, a ideia é assim fazer um pouco de Brasil agora, juntar um dinheiro para comprar passagem para Ásia , ou para

Europa ...para qualquer , eu quero outro continente , eu tenho essa necessidade de outros desafios , já está muito fácil aqui [risos]...já está muito cômodo. Já conheço tudo, já domino o idioma ...não me sinto mais tão... já não é desafiador, eu estou querendo um desafio, eu acho que fico.... no máximo até dezembro aqui no Brasil...no máximo! I vou viver planos aí a fora [inaudível] .. Ou se quando der uma deprê uma choradeira, eu volto pra casa também! [Risos] não tem problema!

E: Você encara isso como um modo de vida?

VP: Éh... eu não sei.. não saberia voltar a ser a pessoa que eu era antes, não tenho mais aquele desejo, de... ter um lar, de ter uma família, de esta fixa ...de morar em algum lugar só, eu consigo pensar em Bonito o meu marco zero, que é lá que o Dan tá , querendo ou não, a gente tem uma vida muito bacana juntos lá, tenho a minha horta, tenho uma cozinha , que a gente construiu numa varanda lá e eu recebo meus amigos. Mas nesse momento pensando eu como pessoa, como um ser humano em evolução, eu não quero esta fixa ainda, eu quero estaaa... migrando! [Riso]

E: Só para você comentar mais um pouco

VP: hum

E: Como você se via antes e como você se vê agora, após essa experiência, você está na experiência!

VP: É Tão difícil [risos] porque ainda tô ...[risos]

E: Mas como você se vê?

VP: Não sei...Tão difícil... eu via alguém cheia de barreira , eu tinha a barreira do idioma, a barreira financeira , barreira da língua...pra mim o que me impedia de ir de ir mais longe ... quando eu pensava quando eu queria viajar para Europa ...eu pensava , nunca que eu vou conseguir , porque para ir para Europa tem que ter dinheiro e tem que falar pelo menos inglês ..eu pensava assim...hoje em dia sei que eu consigo me virar em qualquer situação do mundo ! Eu não tenho medo mais do do diferente ...eu tenho BUSCA pelo diferente ...isso me deixa assim: Uau! [Som com a mão] ...vô ali passar um perrengue no novo [risos] ...eu acho que para mim ...essas foram um das grandes mudanças! Antes, eu tinha medo ...que nem ...quando eu fui para o México, eu tinha medo de errar a plataforma de embarque no aeroporto, de descer e acontecer alguma coisas...hoje em dia eu sei que as coisas pode acontecerem ...ah, o que passou ...passou ...bola pra frente, trabalha de novo, compra de novo e vamos embora. [Risos]

E: Essa necessidade que você me diz, se eu posso chamar de necessidade ... é ...pela busca do diferente, é só do diferente?

VP: É os desafios pessoas, eu eu aprendo muito nos erros tantos dos meus como das outras pessoas. Então, a partir do momento que eu saio daqui ...que eu vou parar na casa de alguém que conheço, eu vejo outra forma de viver, outra forma, outra cultura, outro tipo de comida,

outro tipo de levar a vida, eu aprendo tanto com com o desenvolvimento das outras pessoas também, e viajando isso é mais intenso, é mais forte, é mais rápido, do que eu tando parada [risos] não sei se estou conseguido resp.. contar exatamente porque é muito difícil [riso]

E: Sim.. sim... Então , você começa no México o totais de países ?

VP: O que já começo são dezenove, quatorze de bicicleta e dezenove no total, os outros foram com carona.

E: Quando você no início procurar levar além das ferramentas, que você chegou a comentar, é de bicicleta, o que você procurou levar?

VP: Eu queria fazer uma viagem autônoma até por situação financeira que eu não tinha como ficar pagando hotel e restaurante todo dia, então levar barraca, saco de dormir, isolante, kit de higiene, sempre coisas pequenas, shampoo, sabonete normal, o kit de cozinha, no começo eu só tinha só uma espiriteira, hoje eu tenho o fogareiro. Hoje eu carrego panela, uma frigideira e uma panela, cuscuzeira que eu tô pedalando agora na Bahia, [risos] fazer cuscuz éé, kit de ferramenta, duas chaves além, uma de boca que regula, um alicatezinho, um kit de reparos, uma câmera extra nova , os pagamentos, as tirinhas , que fazem a cola e tal, quando fura o pneu, que mais, eu levo o computador, que eu gosto de escrever no computador, câmera fotográfica, garrafa d'água , no total são cinco litros, uma garrafa de três e outra duas cada uma de um.

E: O total mais ou menos que você carrega?

VP: A minha bicicleta tem mais ou menos cinta e cinco quilos com tudo, dezessete de bicicleta e o resto de bagagem.

E: E quantos quilômetros totais?

VP: Eu tenho na viagem do que subi México e Brasil, foram quatorze mil duzentos e setenta e poucos, quase quinze mil, né? Uns quatorze e mim e pouco e agora e acho que teve ter fshiiii ...uns quatrocentos, seiscentos quilômetros agora. tenho beirado quinze mil [risos]

E:É bastante [risos]

VP: [ Risos de emoção] é fora as caronas ...carona eu não saberia nem contar ....[ riso]

E: E as pessoas como te vêm quando encontram com você?

VP: “- MENINA, sua louca! [Risos] cadê ? Você está sozinha? Mas porque sozinha?” As pessoas primeiro se assustam. Porque ... Não entende, o porquê alguém vai largar as coisas da sua vida para viajar de bicicleta. Outra é, que sou mulher e estou sozinha. Então na cabeça de todo mundo uma mulher não pode fazer as coisas sozinha, que ela vai correr perigo. Ela está correndo [risos] mas também não vai deixar de viver por causa disso e , principalmente, que também pelo fato de não ter dinheiro, não ter uma renda! “- Então, e como você se vira? Como faz para se manter? Ah, por aqui eu gasto só pra viver três mil reais de conta fixa em casa, como você faz para estar morando na estrada?” E aí eu explico que dá para trabalhar viajando, que o

fato de eu estar sozinha, eu só preciso de duas pernas para pedalar [risos] que risco a gente corre em qualquer lugar! Mas geral é uma admiração, é uma coisa muito bonita. A bike abre as portas de uma maneira super linda, quando eu conheço, são raras as pessoas, que olham torto ou que, ou sei lá me tratam, com desprezo, que também acontece, pelo fato ... eu brinco assim..que quando a gente está nú , quando a gente está viajando é como que estivesse nu , como você estivesse sem nada, a pessoa não sabe se você é um médico, se você é um piloto de uma espaçonave, se você é um mendigo, o que você é ?! ... Porque se ela vai te ajudar, ela vai te ajudar porque ela é boa e ela quer te ajudar, não pelo fato de você ser alguém ou que você está oferecendo alguma coisa para ela. Então, todo mundo que me ajuda no caminho, para mim é muito especial, porque eles não sabem nada da minha vida, eles só querem passar um tempo junto, querem só compartilhar ...isso é...o lindo do dia a dia!

E: Com toda essa experiência ...se pudesse dizer todo esse sentimento nessa experiência, o que representa na sua vida?

VP: [risos], só faz pergunta difícil essa, menina [risos].

E: O que você sentiu?

VP: Ah, eu diria que beira o que chama de plenitude, tem dias que eu estou pedalando, que está difícil, que está aquele vento, sol na cabeça, é inevitável, a gente ficar pensando no no outro lado da vida, poxa se eu estive num escritório, se eu terminar minha faculdade, se eu tivesse todo o conforto, como será que seria? .... Pedalar é um exercício para pensar, e ai tem momento que eu estou assim com todo esse questionamento, com toda esse balanço assim .... e me vem um conforto , um afago tão bom que fala assim: – “*você está vivendo os melhores dias da sua vida , aproveita e pare de pensar tanto....[risos]*” Então, eu acho que pra mim ... está podendo vivendo isso, além de ser um privilégio, é uma sensação de realização muito boa, o que sinto é isso plenitude, a realização de não só os meus sonhos, o sonhos de muita gente, que gostaria de fazer, mas... eu como pessoa, se eu pudesse melhorar a minha vida, eu acho que não ... se eu ganhasse na megasena hoje, eu não mudaria minha vida, eu ia ajudar outras pessoas a fazer o mesmo e, não deixaria de viajar de bicicleta, no máximo iria comprava uns equipamentozinhos melhores e comprar uma bota nova ! [Risos] Acho que é isso ...

E: E hoje você está quase uns dois anos, neh?

VP: Fazem três que eu comecei, fiquei um parada em casa curtindo família namorado, casa, trabalhando, fazendo grana, trocando equipamento e recebendo gente, já recebi mais de centas pessoas, cinto cinquenta pessoas, nesse ano que eu fiquei parada!

E: Quero agradecer ...

VP: ahhh [risos]

E: Muito obrigada!

VP: De nada

E: E a sua viagem ainda não terminou ...[risos]

VP: Não, [risos] daqui um tempo, quem sabe eu tenho algo concreto pra te dizer assim, é isso, isso, isso [risos] que por enquanto, sei lá o pensamento vaga tanto, olha eu não fumo, não bebo [risos] sou doida assim mesmo! [Risos] Faltou a Mona aqui!

E: Ela ficou na Bahia ...Mogonge num camping de uns amigos que eu conheci, aí eu volto pra lá, eu vou ficar uns dias no campimp.

E: Sem planos?

VP: Ah, to assim todo dia eu acordo, e faço uma pesquisa do Brasil para qualquer lugar mais barato [rios] todo dia, a hora que der certo, tiver um dinheirinho na conta, eu vou comprar primeira passagem que tiver e vamos embora ...

E: Ai você quer concretizar esse plano de outro continente?

VP: Ééé...eu quero fazer a volta ao mundo, não quero ...não é um país, não é o lugar é o tempo que eu passo pensando na bicicleta, [risos] é o tempo que eu estou vivendo as experiências, então não importa o país, porque todo lugar tem algo bom pra oferecer não é só uma praia paradisíaca, cadê as pessoas que estão ali na praia [risos], qual a história desse lugar ?!

E: Muito obrigada!

VP: Adorei, muito bom falar de viagem! Já está pronta agora?

[Final]

[AUTORIZAÇÃO EM ÁUDIO]

[VP] Eu Pamella Vadez Marangone autorizo o uso de áudio, imagem e vídeo para fundamento de pesquisa para o mestrado da Camila Maneze, obrigada!

[E] Obrigada, você!

## APÊNDICE D – Transcrição III

Transcrição da terceira viajante

Dia 14/ 09/ 2018 às 20 horas

Início: Protocolo inicial de pesquisa por *skype*

Entrevistadora [E]: Obrigada, Ada por aceitar participar! Eu vou começar o protocolo de pesquisa. Inicialmente, eu agradeço em nome da Universidade de Brasília por você aceitar participar da pesquisa: A transformação humana nas viagens: encontro de si e busca de ser.... é ... pra fins do...da dissertação de mestrado em turismo. E agradeço por doar essa entrevista pra futuras pesquisas...não é... acadêmicas. Hamm... O objetivo dessa pesquisa é um relato de uma experiência significativa de viagem, em que os critérios são viajar sozinha e de bicicleta.

E: Eu gostaria que você se apresentasse ...fica a seu critério como gostaria de se apresentar e você me disse como você decide tomar essa decisão pela viagem, como tudo aconteceu e seus momentos mais marcantes

Viajante Ada [VA]: Eu sou a Ada Cordeiro eu tenho hoje trinta e sete anos e sou mineira da cidade Itabira, Minas Gerais e atualmente eu trabalho eu moro em Brasília, vim pra cá por causa do trabalho, eu sou funcionária pública iiiii. Bom, a minha relação com a bicicleta, ela surgiu desde sempre eu acho, que eu costumo dizer que a minha relação, quando as primeiras...eu lembro eu lembro de quando eu tive uma bicicleta quando era criança ...mas eu lembro da fase quando tinha quinze anos, quando todas minhas amigas queriam uma festa, um presente diferente, o presente que eu queria ganhar quando tinha quinze anos era uma bicicleta! E na época era até uma bicicleta estilo Ceci, que eu queria mais o meu irmão me convenceu, de pedir ao pai uma *Mountain Bike* , claro, ele queria usar a bicicleta também. [Risos] Então, eu consegui que meu pai me deu essa bicicleta e ela me acompanhou a muito tempo, inclusive o meu período de universidade, que eu estudei em viçosa e todo o meu período a acadêmico essa bicicleta foi a minha companhia, foi o meu meio de transporte, o meu momento de lazer. Então, eu sempre tive essa relação muito próxima com a bicicleta eee viajar não! Não tinha esse contato com a bicicleta para viagem. E isso aconteceu foi a partir de dois mil e treze, quando eu tive meu primeiro contato com a cicloturismo, eu sempre usei a bicicleta, vim para Brasília, comecei a usar muito mais a bicicleta , como meio de transporte e principalmente como atividade física mesmo naquela época e em dois mil e treze , eu conheci uma pessoa, um rapaz, um mineiro, também mas que na época morava no Canadá, ele falou naquela época que estava trabalhando no Canadá, porque juntava dinheiro para fazer uma viagem.... de volta ao mundo e não caso ele iria fazer essa viagem de bicicleta! Eu pensei: “- *Nossa, como assim de bicicleta?*” Eu sempre andava de bicicleta quase todos os dias e nunca tinha pensado em fazer nenhuma viagem! E aí ele me convidou para fazer uma viagem com ele. Foi uma viagem curta de três dias, só, em Minas. Saímos de Belo Horizonte fomos até a Serra do Cipó, aí eu fui tento mais contato com esse mundo até viajar de bicicleta. E nessa viagem de três dias eu já me apaixonei por pelo esse estilo de viagem. Comecei a pensar em outras possibilidades de viagem, eu costumo dizer que ter conhecido ele foi como uma janela de um mundo que se abriu para mim de possibilidades que antes não sabia que existia! Eu comecei a pesquisar e tudo e resolvi então fazer uma outra viagem. Uma viagem com amigos pra Estrada Real. E nessa da estrada real decidi fazer uma viagem um pouquinho maior. Foi a viagem a Santiago de Compostela. Porque eu queria fazer uma viagem sozinha, iiiii porque na época, não tinha companhia. Seria uma viagem de mais ou menos um mês. Eu comecei a pesquisar. Vi que o caminho é um lugar

seguro e muitas pessoas faziam de bicicleta e resolvi tentar fazer! E aí nessa viagem do caminho de Santiago, eu vi que não era um bicho de sete cabeças, assim! Principalmente, o fato de estar sozinha. Foi a primeira vez que fiz uma viagem sozinha, neh? de bicicleta e para outro país. Então, tudo era muito novo, assim! Mas eu vi que tudo era possível ao mesmo tempo. O fato de estar sozinha, não fazia que realmente eu estivesse sozinha a viagem inteira. Eu estava sozinha porque queria, porque encontrava pessoas e tudo. Iii Eu vi que era possível, que não precisa ter medo e não tinha tanto perigo, em fim essa viagem do caminho de Santiago me mostrou que era realmente possível assim, que eu daria conta de fazer outras viagens, inclusive sozinha, também. E aí lá foi a viagem mais longa, que tinha feito até então na minha vida, que foi um mês[risos] E dizem que o caminho de Santiago é uma viagem que você não escolhe, fazer o caminho. Ele que te escolhe, no momento certo da sua vida. E naquele momento, é umm normalmente é um percurso de peregrinação, então as pessoas buscam um encontro de alguma maneira respostas para questões que elas tem, querem se encontrar, estão ali buscando estar com elas mesmas, né?! Resolvendo questões e eu não fui por nenhum desses motivos. Mas acabou que a viagem se tornou um assim encontro mesmo comigo, dessa minha visão de acreditar que eu poderia fazer outras viagens também e que eu tinha capacidade para fazer aquilo. Inclusive sozinha! Lá tomei a decisão que eu ia me planejar para fazer uma viagem mais longa que é eu inicialmente eu pensava que seria uma viagem de um ano. Durante o caminho de Santiago, eu conheci várias pessoas, mas um grupo de colombianos foram muitos especiais, porque eu estava sozinha, mas eles praticamente me adotaram e eu fiquei muito amiga de um deles eu fiquei muito amiga do José. E ao final da viagem eu falei para ele: “-*José, em dois mil e quinze eu vou te visitar na Colômbia e vou de bicicleta.*” [Sorrindo] Claro que não sabia, mas de alguma forma a viagem começou acontecer! Porque dentro de mim tomei a decisão, que eu a faria, entendeu? Então, voltei ao Brasil MUITO encantada com esse mundo, comecei a pesquisar, vi que várias outras pessoas viajam da mesma maneira, é inclusive mulheres. Na época a Carol ela estava saindo, ela viajou sozinha também e comecei acompanhar a viagem dela e falei: “- *Nossa, ela tem quase a mesma idade que eu está indo sozinha também, é possível!*” Eai fui começando a pesquisar e planejar, né?! no todos os sentidos. É ... No caso do meu trabalho a minha ideia era pedir licença, é o planejamento financeiro, também, de juntar dinheiro e me auto sustentar nesse período que iria estar fora e principalmente o planejamento psicológico mesmo, de me prepara para esse momento, que seria um momento de uma vida totalmente diferente, daquilo que eu havia vivi, vivendo até ali até então e aí foi isso... um ano e meio de preparação! Mas todo mundo me pergunta: “- Mas porque você foi sozinha?” Bom, eu adoraria ter uma companhia, mas naquele momento, eu não tinha! Então, era assim, o momento que eu tinha para mim! Eu tinha as condições, consegui todas as condições, eu não podia ficar esperando encontrar uma companhia, que pudesse me acompanhar por um ano! Não é todo mundo que está disposto e ainda mais de bicicleta é por isso que fui sozinha, porque não tinha ninguém que pudesse me acompanhar nesse período, mas acabou uma escolha boa, eu acho? Porque é muito bom fazer viagens acompanhadas, mas quando você está sozinha, você é dona do seu caminho, você é responsável por todas as escolhas e seu tempo, por tudo que você faz! Íiiiih foi um encontro, eu fui me conhecendo, nesse caminhar, me descobrindo, coisas que até então, eu não conhecia, iii então foi por isso que eu resolvi ir sozinha, mas o roteiro inicial, eu pensei viajar um ano, e seria ... minha ideia inicial era sair daqui do Brasil, eu escolhi sair do Sul do Brasil, de Florianópolis, e a ideia, seria ir até a Colômbia, eu não tinha, um roteiro fixo, definido na minha cabeça, mas tinha lugares, que eu gostaria de conhecer. E então, no caminho eu iria me revolvendo, como eu iria chegar nesses lugares, na verdade esse plano mudou porque, uma viagem que seria um ano se transformou numa viagem de quase dois anos, foram setecentos e noventa e dois dias o caminho que era só até a Colômbia chegou a ser quase toda América do Sul, volte né? Até chegar na casa dos meus pais em Minas Gerais, então, assim na verdade, o caminho vai definido a sua rota, não tem acho que numa viagem de um ano não tem como ser tão preciso, ai vou fazer isso hoje e amanhã e daqui um mês eu vou estar em tal lugar, é meio difícil, assim, ter essa possibilidade e o tempo eu tinha essa licença, né? Que inicialmente era de um ano e quando eu já estava, quase chegando na Colômbia, eu estava num ritmo de viagem, muito tranquilo e no caminho encontrei com pessoas também, eu estava viajando com outras pessoas e eu queria e

teria tempo o suficiente para chegar na Colômbia como eu me planejei, mas eu não queria ir tão rápido, queria ir aproveitando o caminho e chegar na Colômbia, conhecer o lugar aproveitar com os meus....[Interferência da internet ]

E: Ixi cortou ...cortou

VA: e se me concedessem... eu iria....

E: Cortou

VA: Ata...[risos]

E: Está travando, agora

VA: Será que é a internet?

E: Agora, está ok! Você estava comentando da suas motivamos com seus amigos,

VA: Sim então, eu ia até a Colômbia e esse era o plano inicial, mas aí quando eu já estava no Peru, faltava um mês e pouco eu poderia chegar no tempo previsto, mas eu ia ter que ir muito rápido e eu não queria isso, então resolvi pedi a prorrogação da licença para eu poder ir mais tranquila até chegara a Colômbia, eai deu tudo certo! Ele me prorrogaram a minha licença um parêntese é uma licença sem vencimento, néh, uma licença pra tratar de assuntos particulares, então e eu não recebia nada nesse período, claro! E prorrogaram minha licença, então eu pude ir tranquila para a Colômbia, mas só que prorrogaram por mais um ano e eu pensei: *“Ah, já que eu tenho um ano, eu vou aproveitar [risos] esse ano!”* E assim, realmente, até a Colômbia e até os últimos dias da viagem eu estava alí porque eu tava, porque eu queria, mesmo, sabe? eu sai com esse propósito de que a viagem, ela iria acontecer até o momento que seria bom para mim! Se acontece alguma coisa no meio do caminho, que me fizesse querer voltar, querer parar eu não tinha motivo para seguir e não tinha compromisso com ninguém! Do que eu tinha que seguir até a tal lugar, então assim, esse foi o meu proposito inicial e assim, eu estava chegando na Colômbia e estava muito feliz, o fato de estar na estrada, as experiências, eu queria realmente, queria continuar então eu resolvi aproveitar, esse tempo, pra eu usar pra voltar e chegar até o Brasil, e chegar em casa, pedalando, então eu percorri doze país da América do Sul, faltou apenas o Paraguai, porque não era o caminho, inicial que eu pretendia fazer, mesmo e do Brasil foram quinze estado brasileiros e quase vinte três mil quilômetros , nesse dois anos, quase dois anos, de pedal. Foi assim, uma experiência bastante ...assim, não tenho nem.... Palavras ...acho que as pessoas perguntam o lugar que você mais gostou, não tem como dizer, porque cada dia era uma experiência diferente, cada país tinha um lugar especial, então, assim, foi realmente tudo muito muito especial, mesmo e ...

E: E você é até o lugar que você, mas se identificou você também não saberia dizer?

VA: Não, assim de todos os países a Colômbia foi um país muito especial, porque, primeiro porque era o meu destino inicial, então chegar na Colômbia e rever o meu amigo, eu não cheguei em dois mil em quinze, eu cheguei um pouquinho depois, em janeiro, não? Abril, março abril de dois mil dezesseis, mas chegar lá e reencontrar o meu amigo foi foi um momento muito especial, porque foi a sensação de que realmente o propósito da viagem tinha dado certo, que eu cheguei até ali, e não tinha acontecido nada e tinha dado muito tudo certo, então assim eu fiquei muito feliz de ter conseguido realmente chegar até lá, e a Colômbia é um país muito parecido com o Brasil, principalmente, as pessoas, eles são muito acolhedores, são muito ...Assim, foi um país que me senti muito, muito em casa assim, sabe? Tanto que foi o país que eu mais fiquei, fiquei mais de três meses eii eu me senti muito a vontade lá, então ficaria talvez até mais tempo, foi um lugar, muito especial não. Talvez...não tenha sido o lugar com as paisagem mais bonitas, sabe? Mas por esses encontros por esse propósito, foi um dos lugares mais especiais, assim ... que mais? [Risos]

E: Você chegou a comentar queria falasse mais um pouquinho, você fala que a viagem descobriu coisa que você nem sabia em você, você podia comentar mais um pouco disso ou o que você sentiu com toda essa experiência e lugares que percorreu?

VA: Eu acho assim que a gente é criado pra é não ser nômade par ter um lugar fixo e tudo certinho, né? Você tem que crescer estudar e depois trabalhar a minha vida ela estava seguindo esse rumo quase que previsto sabe? Tudo certinho, sabe? E todo mundo pergunta: “Oh, por que que você saiu? Foi uma promessa ou desamor alguma coisa assim? “ - Não...” Não foi muito pelo contrário estava tudo muito bom assim ...o que me motivou sair mesmo foi essa vontade de conhecer de ver as coisas como elas realmente são ! Eu sempre gostei muito de viajar, sabe? Depois que eu descobri essa maneira de viajar com a bicicleta e foi uma maneira que mais me identificou, porque acho que assim ... Realmente como a gente uma maneira mais profunda, você só não passa nos lugares, você realmente vive os lugares é diferente de ser um turista, entendeu? E a bicicleta te aproxima muito das pessoas, porque quando você chega pode ser o lugar mais rico ou pode ser o lugar mais simples você está de igual para as pessoas, sabe? Não tem nenhuma barreira que... Que existe entre você e a pessoa, as pessoas. Então, as pessoas se aproximam mais, elas são mais acolhedoras... querem saber.... Acho que todo mundo na vida, já teve algum momento de relação com a bicicleta, então eles ficam admirados ih: “-Ah eu gostaria muito de fazer isso um dia”, então se identificam com a causa assim, e eu e a bicicleta foi uma evolução, assim...quando eu comecei a pedalar eu não achava que eu poderia pedalar muito, a primeira vez que eu pedalei cem quilômetros transformou vitória que foi daqui até Pirenópolis, uma viagem com um grupo de pedal aqui do *Rebas* e quando eu cheguei lá , eu lembro direitinho eu não acreditava consegui pedalar cem quilômetros, e foi assim uma vitória, muito grande , então a viagem me mostrou isso também, assim também que na verdade não existe limite pra o que a gente deseja. Muitas vezes os limites estão dentro mesmo da gente, a gente que si impõe, se eu não acreditasse que eu seria capaz ou se as limitações ficasse maiores na minha cabeça do que as minhas votantes eu não teria nem saído de casa pra começar. Então, assim eu fui acreditando e visualizando a realização desse sonho, sabe? Eu realmente acreditava e sonhava com imagem que aquilo iria dar certo e fui me enchendo de pensamentos positivos e vi que eu era capaz de chegar onde eu desejasse. Então, assim a primeira descoberta que eu tive que foi essa, que realmente eu era capaz de chegar onde quisesse, assim que o limite do meu sonho dependia de mim, das minhas vontades. Eee passei assim aaa me conhecer mais as minhas limitações, também, o meu tempo como pessoa, como no ciclo da vida a gente como mulher tem períodos que está mais aberto pra alguma coisa, mais dispostos, quando você está viajando de bicicleta é uma relação do que tudo está muito interligado. Tipo o seu corpo, a sua mente, a natureza, tudo é muito interligado. Eu aprendi a respeitar esses limites do meu corpo, se um dia eu me sentia que eu não estava bem, não estava fisicamente disposta, a seguir, eu ficava, então ...fui sabe? me adaptando ao que me corpo me dizia e não uma rotina que eu tinha que seguir, que na verdade isso não existia. Iee, eu acho que foi isso assim, e também assim di di da menos valor, não mesmo valor, acho que o medo é importante, mas de não deixar que o medo me dominasse, sabe?

E: Hum

VA: O medo ele existia tadas ... todos os momentos ele existia, claro que eu tinha medo di de acontecer alguma de ser roubada, de acontecer alguma coisa comigo, mas eu pensava também que isso podia acontecer em qualquer lugar, que não é era o fato de estar viajando que podia maximizar esse risco assim tanto que a única vez que tentaram me roubar de bicicleta, mas se eu ficasse com isso na minha cabeça nem teria saído, porque isso acontece, seis meses depois que eu sai , eu tinha medo e ele existia era um termômetro , mas ele nunca me limitou, sabe ?

E: Hum, Você chegou a comentar que sua viagem não foi como turista, neh? Você podia comentar um pouco sobre isso e como você se define nessa experiência?

Quando eu comecei, eu estava muito ansiosa para começar e insegura também, porque o meu mundo ainda tinham muitos medos!

Então, eu fui me transformando na viagem, néh, no início, quando eu comecei eu estava muito ansiosa e insegura também, o meu mundo ainda tinham muitos medos, neh? aquilo que a gente escuta na televisão de todo o dia que é assalto, que é perigoso, que ...todo mundo você tem que desconfiar das pessoas isso estava na minha cabeça, então quando eu comecei, primeiro que eu pensava e não sei se era também uma vontade de sair logo. Então, eu tinha muita vontade de pedalar muito e não aproveitava tanto os lugares, às vezes eu chegava no lugar e as alguém falavam “- fica” [...] e eu “não, não, eu tenho que seguir”. Eee talvez era porque era o início, eu tinha ansiedade diii pedalar, se distanciar, de seguir viagem. E eu tinha esses medos das pessoas, também! Então, eu acho que criei uma barreira inicial, que qui por causa desse medo, mesmo. No decorrer da viagem, eu aprendi que eu poderia confiar mais nas pessoas, viajei com outras pessoas e aprendi muito com eles também... .ai fui viajando de uma maneira mais lenta , aproveitando mais os lugares e mais as pessoas, e por exemplo sempre que eu tentava chegar no lugar eu buscava primeiro uma alternativa, assim ... eu sempre me preocupei com a minha segurança, mas éh...eu buscava às vezes escola, às vezes igreja, bombeiro ou conversando com as pessoas eu descobria lugares que eu podia ficar e nesse lugares acabava que eu me relacionava com as pessoas , o mundo foi se abrindo, porque eu passei a não ter tanto medo das pessoas, sabe ? E assim, muita gente vai falar “- É só para economizar, pra ficar uma viagem barata” ... acabou sendo o meu estilo de viagem, mesmo, porque era uma viagem mais econômica que eu fiz, mas também era uma maneira de eu me relacionar com as pessoas, porque as experiências que eu tive nesses momentos, a maioria, assim no momento de dormir, que como eu me preocupava com a segurança, eu sempre tentava buscar um lugar para dormir que fosse um casa, algum lugares que tivesse pessoas por perto. Claro, se fosse no parque nacional, um deserto, uns lugares assim, ok! Eu dormia no lugar que não tinha ninguém, mas se era próximo a cidade eu preferia buscar um lugar com pessoas de preferência famílias e via que era família, eu me sentia mais segura e isso foi criando, assim .... encontros, sabe? Eu fui relacionando com várias pessoas, eu tive muitas experiências muitos boas, isso só aconteceu por causa disso, por foi uma mudança que aconteceu no meio da viagem, assim, por assim eu perdi um pouco do medo, sabe? ... do outro. Eu confiava ... se a pessoas estava abrindo a porta da casa dela, deixando eu ficar ali .... Porque eu tinha que ter medo, néh? É uma questão de confiança dos dois lados, assim, eu tinha que confiar na pessoa, e isso aprendi do meio para final! Aprendo aaah ir mais devagar aproveitando os lugares, não passou a ser o objetivo mesmo um lugar específico, destinos, mas era o caminho mesmo, o caminhar, que era o principal!

E: Você dizia que foi a maior aprendizagem da sua viagem?

VA: Foi foi foi... um dos maiores aprendizados, assim .... é confiar mesmo nas pessoas eee ver a vida, aaa vida mesmo assim de uma maneira muito mais simples ei dar valor mesmo as coisas que realmente importam sabe? É por, exemplo, eu apenas carregava o que eu era capaz de carregar, então, tudo o que tinha ali, não era muito, mas era o suficiente. Então assim, eu não preciso de ter muita coisas, eu posso ter o suficiente aquilo ali pode ser o suficiente para me fazer muito feliz, sabe? Acho que uma vida quanto mais simples, a gente vai se tornado mais feliz. Eu costumo falar com as minhas amigas, que sou uma pessoa feliz por causa disso, porque os meus sonhos e meus desejos são coisas simples, eai eu consigo realizar todos e não tem motivo ficar triste [risos]. Eu não fico sonhando com coisas impossíveis, são coisas que estão dentro do possível. Acho que esses foi um dos grandes aprendizados, também de ter uma vida mais simples, de confiar nas pessoas, de acreditar mesmo do que... em mim mesmo de ver que não existe limite para meu sonho, para o que eu acredito, eu acho que esse foram os mais importantes, assim ...

E: E você acredita que também formam os maiores impactos da experiência na sua vida ou você diria outros da sua experiência?

VA: Eu acho que sim! ... Acho que éé isso tudo foi um propósito também que que ... quando eu cheguei ....outra coisa néh.?! muitas pessoas saem numa viagem que talvez não tem fim que

transformam na vida delas, a minha viagem não ....eu saí com o propósito de voltar, quando eu sai ....eu sabia que eu voltaria . Iih, então, assim esse retorno, eu sabia que ele iria acontecer um dia, e não foi um momento fácil voltar depois de viver tantas coisas, mas o que eu me propus mesmo era de trazer esses aprendizados para a minha vida, sabe? De fazer do que a minha vida ela é se tornasse uma vida melhor da maneira que pudesse assim, mesmo tendo a rotina, mesmo tendo essa vida na cidade, assim, o que eu aprendi na estrada, não podia me abandonar! E essas coisas são primordiais, mesmo da confiança no outro, da... tentar levar uma vida mais simples do contato com a natureza, da confiança nas pessoas, confiar em mim mesmo. Em tudo, isso o maior aprendizado. Aprendizado de vida mesmo! De de ... que eu pretendo levar para sempre , assim.

E: Você comentou que você levou muita pouca coisas, neh O que você mais se preocupou em levar na bicicleta, como ferramentas ...chegou usar roupa específicas? Teve essas preocupações ou se jogou?

VA: Éh, quando eu saí, eu saí mais como uma ciclista do que uma viajante, então, eu me preocupava muito, muitas coisas que depois eu não me preocupava mais tanto, por exemplo, mas assim eram coisas importantes, a bicicleta é uma bicicleta que eu tenho muito tempo que eu já esse contato com ela, já conhecia, já era familiarizada com ela. É me preocupei com a questão da manutenção, de aprender um pouco daquele instrumento que iria ser meu meio de transporte, dur... esse tempo todo, então o básico, pra qualquer problema , eu tinha e sabia, eu sabia resolver eu mesma, e me preocupei também com as coisas, assim pra ter uma viagem...não tão sofrida, eu acho que se a pessoa vai viajar ela vai de qualquer maneira, uma barra forte, uma bicicleta sem macha, um caixote de feira atrás , que você viaja. É.... mas se puder se preparar e você tiver instrumentos para ter uma viagem com menos transtorno e a vai se um pouco confortável e eu pensava que eu queria viajar e não queria sofrer tanto, então eu me preocupei com essas coisas, assim com os equipamentos que iria levar, néh, com questão de barraca, fogareiro, que é uma viagem independente, néh ?! Então, eu levei tudo todas essas coisas e quando eu saí ... eu estava com a cabeça mais de ciclista, então, eu saí com roupa de pedal, assim usava bermuda e calça de ciclista e tudo, mas depois eu já, assim me transformei, assim numa pessoa normal pedalando, entendeu? Na verdade essa o objetivo, o objetivo era, mesmo ser menos notada na estrada, do que se fazer notar às vezes como um ciclista, mesmo que fica tão chamativo aqui, assim não, eu queria era mesmo ser ... não tem como não ser notado, numa viagem de bicicleta, neh? Com tantas coisa [riso] mas... eu tentava, não chamar mais a atenção e usava as coisas co...normais, assim não especifica pra bicicleta.

E: Você que se considera uma pessoa normal que viaja de bicicleta, né? Mas também, você chegou a comentar que saiu mais ciclista, do que uma viajante, se viu como uma viajante?

VA: Sim..

VA: Chegou a sentir que era uma viajante?

VA: É porque, na verdade oo quando eu saí, igual eu te falei me preocupava muito com o essa questão: “- Ai, eu tenho que pedalar tantos quilômetros, num dia, eu me preocupava bem assim, eu tinha na minha cabeça uma preocupação com a segurança, eu pensava que eu estava segura se eu chegasse na numa cidade, então eu tentei, tentava planejar os meu caminhos, mesmo ...então, se eu sai daqui e a próxima cidade fosse daqui cem quilômetros, eu tinha que pedalar cem quilômetros em um dia , porque eu tinha que chegar nessa cidade , então quando eu sai eu tinha essa ...esse pensamento e às vezes fiz loucura assim, eu pedalei muito só porque eu pensava que tinha que chegar num lugar e depois, não . Eu não tinha mais esse foco, o foco era o caminho mesmo, a minha preocupação, era com a minha segurança, mas em outro sentido, era na hora de parar de pedalar, eu tinha um horário de segurança, lá pelas quatro da tarde, independente do horário que eu saí, eu já começa a buscar, um lugar para dormir e isso podia, coincidir de ser numa cidade, mas na maioria das vezes, não era no meio da estrada mesmo, era onde eu tivesse passando e isso foi a diferença, porque ai eu ia mais tranquila não tinha essa

preocupação com aí quando quilômetro, eu vou fazer ...não, eu deixa o tempo , porque num dia você não tem como planejar , tudo ... pode chover, pode fazer muito calor , pode estar mais disposta , pode estar menos disposta , então pode conhecer um lugar incrível, e querer ficar! Então, eu não me preocupava tanto com isso... eu não... me preocupava muito! Eu deixa as coisas fluírem, deixar acontecer, eu tivesse ....eu tinha um mantra dos dias, todos os dias eu chegava e encontrava um lugar, é pra ficar eu sempre agradecia... muito, por encontrado um lugar seguro pra poder passar a noite e no outro dia, a primeira coisa que eu pedia quando eu estava na estrada, era que o universo conspirasse para que o dia fosse tranquilo e que para no final dele, eu encontrasse de novo, o lugar seguro pra pra passar a noite. Então, assim eu não me preocupava onde seria esse lugar, as coisas ... eu sabia que as coisas iam acontecer de uma maneira tranquila e que iria dar certo! E impressionante todos os dias acontecia uma coisa boa e dava certo. Passei que o universo me guiar, querer ser dona das coisas e deixei as coisas acontecerem por isso que eu, me senti mais como uma viajante, não como uma ciclista, no caso.

E: No caso você como mulher, você sentiu muita diferença, do jeito como você foi recebida é ... você falou que percorreu pelo Brasil? Quinze estados, né? ...

VA: Sim...

E: ...E fora do Brasil na América Latina em si, você percebeu diferenças por você ser uma mulher? Das pessoas com relação a você que está viajando sozinha e de bicicleta e sendo mulher?

VA: Sim, Bom ...com relação as pessoas normalmente elas se assustavam, a primeira pergunta, em quase todos os lugares por onde eu passei, quando eu chegava era: “- *Nossa! Mas você está sozinha? E cadê seu namorado? Cadê seu marido?*” Então, assim as pessoas já não acreditava muito que era... é possível... uma mulher está sozinha! Ai, eu contava a história, falava: “*Não, estou sozinha*”. Mas aí perguntava: - “mas porque você está sozinha?”. Já pensavam que era promessa [risos] ou coisa nesse sentido! Mas a pergunta era onde estava o meu companheiro, as pessoas nunca aceitava muito essa ideia de ser mulher de você está sozinha e você estar sozinha porque você escolheu estar sozinha né ? foi ....uma opção, assim. E a recepção , muitas pessoas pensam , que é muito perigoso o fato de você está... ser mulher, eu acho que, no caso o fato de ser mulher é muitas vezes ajudava, porque as pessoas queriam ajudar e ficavam mais preocupados “*Nossa, você está sozinha? E não sei o que*”.... e queriam me ajudar, não vi nenhuma é...nenhum fato negativo nisso do fato de ser mulher, porque na maioria das vezes , as pessoas queria mesmo eram ajudar. CLARO que , o machismo , ele existe e esta impregnado em todas as sociedade em todos os países e no Brasil também, em todos os lugares, não é?! Eu nunca passei por nenhuma situação assim que eu me vise realmente em perigo, por ser mulher e está na estrada, ou algum outro lugar é ... mas, claro que eu passei por situações que acontecem em todos os lugares e até na cidade, quando eu indo para o trabalho ou para qualquer lugar, as vezes acontece, das pessoas mexer, falar coisas indesejáveis, indesejadas, enfim, esse tipo de pratica que infelizmente acontece até hoje , eee mas assim.... eu nunca me limitei de fazer nada pelo fato de ser mulher , sabe isso nunca foi uma limitação pra mim , eu não sei si porque a minha família não via isso uma limitação , eu não tive nenhum [ riso] nenhuma restrição dentro da minha própria casa , pra isso, por exemplo, Ada você não vai fazer isso por você é mulher, nunca tive esse tipo de atitude . Então, também nunca tive isso pra mim, sabe? O fato de eu ser mulher nunca me limitou a nada, se eu queria fazer uma coisa, eu ia e fazia! Eee...então, assim o fato, né? Como eu estava falando de não ter uma companhia, o que eu podia fazer, eu não iria fazer, só porque eu não era mulher e não tinha ninguém? Não! Se eu tinha as condições e tinha a oportunidade, eu tinha que ir e fazer e então assim, eu acho que realmente para mim, no meu caso assim, não vi como algo, ruim, porque não sei se tive sorte. Muitas meninas me perguntam e eu até tenho medo assim de dar conselho, porque eu acho que é uma experiência de cada uma, sabe? O que eu vivi, não quer dizer que deu certo para mim, que vai dar certo para outras pessoas. Mas assim, o que eu posso dizer que pra mim foi uma experiência que para mim deu certo, a gente tem que ter pulso firme, vai ser assediada, vai! Mas você tem que deixar bem

claro aa ...o porquê que você está ali! E o que que você, espera dessa situação, sabe? Eu fiquei muitas vezes hospedada em *Warmshowers* e *CouchSurfing*, que é um tipo de hospedagem solidária e muitas vezes em casa de homens que moravam sozinhos. E assim, deixei muito claro a minha postura diante disso, que o fato de eu estar viajando sozinha não dá o direito de alguém querer, sabe? ... Passar por cima das minhas vontades, não ...eu deixava muito claro, a minha posição, então eu acho que isso também foi um fator que não me trouxe muitos problemas, mas foi a minha experiência, eu não sei e não posso garantir que pra todo mundo vai ser a mesma coisa!

E: Ham ..., Mas você sentiu alguma diferença assim do machismo, mas forte dentro do Brasil ou fora, ou não percebeu?

VA: Não, eu acho que toda a América Latina é muito arraigado isso ... Tem alguns países, que talvez sejam um pouco mais forte, talvez nem é o país mais a região, assim, quanto mais para o interior que você vai, as vezes as pessoas esperam que uma mulher da minha idade deveria estar casada e com filhos, não de bicicleta ou sozinha. Então, assim, talvez nas capitais de países de geral essa mentalidade já tenha mudado um pouco, no interior isso sempre acontece, é o Chile e a Argentina. No interior assim, isso é muito forte! Uma coisa que senti muita diferença, foi que eu viajei sozinha os seis primeiros meses e depois quando já estava no Chile, eu encontrei um casal que estava viajando para o mesmo lugar que eu. Eu viajei com eles muito tempo, eu passei andar com pessoas durante muito tempo, viajei com eles talvez uns quatro meses do Chile até o Peru eu viajei com companhia e ai depois desse tempo eu voltei a viajar sozinha e eu não sei se foi o fato de ser no Peru, mas no primeiro dia que eu voltei para a estrada sozinha, eu senti uma diferença muito grande! Eu não sei se foi uma coincidência ou se foi porque eu estava no Peru e o Peru é onde os homens assediam mais, mais eu me recordo que é ... pedalando assim, eu me senti muito incomodada, porque muitas pessoas passavam, assim eles usavam muito moto e passavam muitos homens, assim, e falando coisas e mexendo, eu me senti realmente incomodada, ai eu não sei se quando eu estava com outras pessoas eu não senti tanto isso, talvez eles respeitavam mais pro eu esta acompanhada de outras pessoas e no Peru então teve esse fator e quando eu entrei no Equador, que foi o país em seguida, eu ainda estava sozinha e já havia uma mudança de comportamento muito grande, já não sofri esse assédio tão forte assim! Outra coisa, mesmo, eu tive uma amiga que foi me encontrar e estamos viajamos juntas, duas mulheres, e mesmo sendo duas mulheres juntas as pessoas faziam a mesma pergunta: 'mas vocês estão sozinhas? Não, nós não estávamos sozinhas, estávamos juntas e acompanhadas, mas o fato de não ter um homem junto, elas já fazia essa pergunta. Então, assim, isso do machismo e do assédio, acho que é geral, infelizmente. Tem lugares que bem mais forte assim, realmente é um pouco mais pesado, mais ... Acontece e isso não pode também um ser um limitador, sabe? E a gente tem que mostra que a gente, não é assim o fato de você estar sozinha, que dá o direito da outra pessoa invadir sua privacidade!

E: Você considera que o Peru foi um dos lugares ou lugar um dos momentos mais difíceis que você passou na sua experiência toda ou teve outro momento e que você teve o maior desafio na viagem com você mesma ou se não o momento mais difícil?

VA: Com relação ao assédio?

E: Com relação a qualquer situação, que você ache tenha sido mais difícil, ou momento ou lugar, que foi mais difícil ou maior desafio pra você.

VA: Então, os maiores desafios para mim não foram esses desafios relacionados a pessoa....foram desafio que eu sabia que eu iria ter enfrentar mesmo, assim da natureza, mesmo de do ato de como eu fale... de quando você está viajando de bicicleta, não tem o controle total de tudo, porque tem a natureza, que às vezes é muito mais forte, que vai te conduzir. Então assim, os maiores medo e desafios que eu tive foi com maiores fatores relacionada com a natureza, a questão dos ventos que ... na Argentina e na Patagônia, os ventos são muito fortes! E foi uma região que eu estava sozinha e ainda um pouco insegura por ser início da viagem e foi

num momento assim que realmente, eu normalmente não gostava de, por exemplo pedir carona, tinha dessa coisa, assim....mas nesse dia foi uma sensação de impotência tão grande diante da natureza, porque eram um vento tão forte que eu não conseguia ficar em cima da bicicleta, a bicicleta quase caía, então assim eu não tinha como pedalar, eu tinha que me apoiar no chão, pra tentar, sabe não ser levada ali pelo vento e nesse dia eu tentei pedir carona e ninguém parou, é um lugar assim muito deserto. Muito deserto mesmo que nem se quisesse colocar a barraca ali teria como, por causa dessa situação. Ali me via realmente sozinha e impotente diante de tudo aquilo que a natureza, eu não tinha o que fazer, era muito mais forte. E também, com relação as montanhas, assim, eu acho as Cordilheiras dos Andes foi um dos grandes desafios, da... físicos e psicológicos, muito mais psicológico, do que físicos, sabe? Você as sumidas, são muito fortes, de ter trechos que você tem, que pega sessenta, setenta quilômetros de subida, isso são três dias pedalando ... e assim era um desafio que eu me propus a fazer, porque eu sabia que eu podia pegar uma carona e fazer aquilo de outra maneira, mas eu sabia que a viagem não era só coisa boa, tinham momentos que tinha que me, sabe? me esforçar para conseguir vencer, era parte do processo! E ter conseguido, vencer essas subidas e ter conseguido chegar a altitudes, assim quase ... que nunca pensei que iria chegar pedalando, a quase cinco mil metros de altitude pedalando e superar, sabe? Ver isso aí foi... ao mesmo tempo desafiador, mas também foi igual eu falei que me mostrou que era realmente capaz!, assim se eu me propus a fazer eu conseguiria. Então, assim os desafios da natureza foram, mas forte do que esses da ...da ...que acontece mesmo das pessoas assim ... É e foram em vários países, no só na na .... Todo Lugar até a Colômbia foi esse desafio, essa briga, com os ventos e com as montanhas.

E: Foram ou seus momentos mais difíceis ....

VA: E também uma experiência que eu tive, que não teve relação com a bicicleta, foi quando eu estava no Equador com uma amiga até e nós tivemos uma experiência muito assim forte, que foi no mar e que realmente eu quase morri, assim ... foi o momento da minha vida até hoje, que até arrepiava quando vou contar isso, porque foi o momento que eu vi que a morte estava ali, que não adiantava eu lutar contra a natureza e contra o mar, que foi uma ressaca que teve, que levou a gente bem rápido e não tinha que fazer, não tinha como brigar e nesse momento eu falei mesmo, assim com Deus e com o Universo, falei: “*se tivesse que ser agora que me leve*”, porque eu não tem mais forças para lutar, sabe? Eu me vi realmente assim, muito frágil e vi que eu não era nada, sabe? ... diante do Universo, que se por um triz eu podia não estar mais aqui hoje, assim acho que foi o maior de todos assim que me vi mais em perigo, que me vi que eu poderia não estar aqui hoje!

E: O que você sente sentiu depois que aconteceu isso?

VA: Eu falo.... foi muito forte e foi assim ... a primeira experiência realmente que eu vi que foi por um triz, assim ... e mais forte ainda porque eu estava com essa minha amiga, que passou por tudo igual e foi a assim um RENASCIMENTO!, Sabe? Pra minha vida e daquele momento em diante eu vi como um renascimento. Eu vi que realmente o que a gente tem que fazer tem que tem que aproveitar e tem que ser agora, porque realmente não se sabe o que pode acontecer daqui dois segundos, que tudo pode acabar. E.... mas foi um renascimento muito forte! Sabe? Principalmente, com relação com essa minha amiga que eu vi também que a gente renasceu ali naquele dia e a nossa relação de amizade se tornou muito forte, também! Ela é uma pessoa que eu considero muito... que foi uma das pessoas mais importantes que eu encontrei, nessa minha viagem, que eu considero como uma irmã mesmo de vida, de um encontro de vida! E depois que você passa por uma situação como essa sabe todo muito fala que acha que o perigo tá, na estrada, está no fato de estar de bicicleta, está no fato de ser mulher, mas é assim .... Acho que morrer a gente pode morrer em qualquer lugar, qualquer hora, pode ser aqui, sabe não tem escrito a hora certa, o lugar certo, então eu que realmente assim eu mesmo dar valor mais ainda valor pra vida e pra tudo assim, aproveitar porque, é tudo muito num instante, daqui dois segundo, a gente pode não estra aqui mais, sabe? E tinha assim ... ao mesmo tempo que

tinha ... quando eu sai .... Sabia que eu podia MORRER! Que podia acontecer alguma coisa, mas eu até falava, com a minha família: “- Mãe, oh... não se preocupa, porque se acontecer alguma coisa comigo, a senhor pode ter certa, que eu vou estar muito feliz e eu estava fazendo o que eu queria fazer, entendeu? Então assim, eu estava muito tranquila, com relação a isso também, não tinha esse medo de acontecer alguma coisa e se acontecesse, era porque tinha que acontecer e eu estava feliz, no lugar que eu queria estar, entendeu? Então, assim foi um experiência forte realmente, mas foi importe, acho que nada acontece por acaso assim ...

E: Você chegou ter algum problema com a bicicleta?

VA: Não, com a bicicleta foi assim ... foram coisas simples que foram possíveis de resolver ou o que eu tinha ali na hora ou né?, na cidade mais próxima, assim ... eu tive um problema na Colômbia, que o pneu da minha bicicleta abril , talvez foi o problema mais grave eu acho ... acho ... que ele abriu no meio da estrada e tava pedalando , assim e vi que a bicicleta estava meio estranha e quando fui ver a câmara de ar estava saindo , o pneu tinha rasgado e eu não observei isso , porque ele não rasgou de um dia pro outro ! Foi algo que foi acontecendo, mas eu nem me toquei e realmente não tinha assim .... não tinha o que fazer , eu tive que , consegui concertar a bicicleta , fiz uma gabiara , pra conseguir chegar em uma cidade, mas tive que trocar , esse pneu para comprar um outro para poder seguir viagem. Mas assim o resto que aconteceu foram problemas que eu consegui resolver, mesmo, assim ...não foi nada, tão tão grave, não! Não tive nada, muito grave! Eu fazia as manutenções, eu mesma fazia e quando era um período mais longo, assim eu levava em algum lugar para fazer a manutenção, eu acho que isso ajudou também! A não ter nenhum problema mais grave!

E: Você chegou a encontrar outras mulheres viajantes sozinhas, que seja brasileira de bicicleta?

VA: Sim, eu encontrei várias ... encontrei mulher sozinha, primeira foi a Carol...eu a encontrei ela no Chile e em dois lugares do Chile, nós nos encontramos, aí depois eu encontrei que é a minha amiga que passou por essa experiência comigo, a Cris que é uma Baiana e estava viajando, também sozinha e não somente de bicicleta, ela viajava de ônibus, de mochila, mas estava com a bicicleta dela e depois dela, quem mais ...éé....Na Colômbia, na Colômbia não , na Bolívia é uma ... boliviana que saiu sozinha , mas depois encontrou várias pessoas , mas ela saiu sozinha, também . Encontrei na Colômbia uma menina, um dia na estrada assim e por coincidência, ela estava em sentido contrário, não a conhecia de internet, nada ... E nesse dia até indiquei o lugar que eu tinha ficado e ela dormiu nessa casa. Olha, eu encontrei, até bastante ... tem muito mais mulheres do que a gente imagina. Não, encontrei a Juli, mas ela saiu no mesmo período, quase que eu estava viajando. Ahh...ééé... tinham outras brasileiras também que eu não encontrei, mas que assim a gente estava próximo, sabe? Que estava viajando no mesmo tempo, assim ...

E: Todo momento da viagem você procurou pedalar ... chegou pegar carona? Ou qualquer outro tipo de transporte?

VA: Peguei assim em alguns momentos, mas não era.... eu tentava pedalar assim , era meu objetivo fazer o máximo , que eu pudesse pedalando , mas aconteceu de pegar carona em situações que eu não estava me sentido muito bem e aí peguei carona , éé fiz alguns trechos de ônibus ou de trem , porque eu queria adiantar , era um trecho que não tinha nada assim que eu gostaria de conhecer e tal ... na Argentina fiz um trecho de trem e um outro trecho de ônibus. No norte do país, pra voltar da Colômbia pro Brasil eu fiz a viagem de barco pela Amazônia e .... é foi isso ....Nu por exemplo, na Guiana, a Guiana , Suriname, Guiana Francesa foram países que eu tinha ... fiquei muito ansiosa , assim por fazer até com um pouco de medo , porque eu não encontrava informação de pessoas que já tinham passado de bicicleta , ai na época , eu consegui o livro de um artista , ele é de fortaleza e ele chama Rafael Lima Verde e ele ia passa por lá, chegou ir até a Guiana e eu estava numa casa e tinha esse livro eu comecei a ler os relatos deles, e isso eu estava em Boa Vista, já ! Já quase indo lá e os relatos dele era terríveis assim, Péssimos! Foram experiências muito ruins e imagina que tinha acontecido dez anos atrás! Aí,

fiquei pensando: “- *ele homem e passou por tudo isso, como que vai se eu sozinha!*” E não encontrava muita informação na internet! Com as pessoas que eu falava, ali de Boa vista, da...região mais próxima. Todo falava: “-*Nossa, mas é muito perigoso. A Guiana é perigoso*”, porque é uma região de floresta, néh? Assim.. a estrada principal está assim no meio da Amazônia. Ai, eu perguntava pra pessoas: “- *Mas você já foi pra lá, quanta vezes?*” ... “*Não, eu nunca fui ...é o que falam que é muito perigoso!*” Então, assim a maioria das pessoas que falaram que era perigoso, nunca tinha ido! Eai, eu fui éé, colhendo informações à medida que eu iria chegando mais perto e quando eu cheguei na fronteira, na cidade de Lethem, que já na Guiana. Eu fiquei numa casa e o morador lá da casa, ele tinha sido motorista e me deu dica do caminho quase todo. E ELE me falou assim: “- *Olha, até um terminado ponto, eu acho que é super seguro, você pode ir e não tem nenhum problema, neh? Mas depois desse ponto até determinada cidade, eu não aconselho, porque... é um pouco perigoso, é uma região de mata, é uma região que tem muito garimpo, é ilegal, então assim além dos perigos de ser uma floresta, dos animais e, tudo, tem esse perigo, também!*” Iih, Então, eu fui à medida que fui avançando, eu fui perguntando para as pessoas: “- *Aqui é seguro? Até tal lugar?*” “- *É seguro!*”. Mas realmente, desse ponto em diante todo mundo falava para mim que não era aconselhável passar sozinha. Eram trechos de cento e cinquenta quilômetros e aí eu falei: “- *Eu não estou aqui pra ...pra ... ariscar minha vida atoa, assim!*” Todo mundo falou que não é seguro e eu realmente não estou me sentido a vontade pra fazer isso, eu não vou! Eai esse trecho, eu fiz também de carro ... NEM ônibus passa lá, nesse lugar, eram tipo umas vans e ai fiz esse trecho .... de carro, assim. Mas a maioria dos trechos foi ... quando era possível, eu ia pedalando mesmo!

E: Você teve algum problema com fronteiras ou com as fronteiras da Guianas mesmo? Questão de passaporte, acho que ali precisa, né ?!

VA: Os outros países não precisam de ... nem a maioria de passaporte...

E: Você tranquilo até com as autoridades?

VA: Nos outros países eu não tive nenhum problema, foi super tranquilo. Na Guiana, Suriname e Guiana Francesa você precisa de passaporte pra entrar, é ... e as vacinas. Foi o ÚNICO país que realmente que verificaram o cartão de vacinas, que estava tudo, ok... na Guiana e i foi tranquila essa questão... Pra entrar na Guiana Francesa, aí sim eu tive problema com visto! Porque a Guiana Francesa, você precisa de visto, para entrar e eu não consegui tirar esse visto na Guiana e então eu ia tirar no Suriname, quando eu cheguei no Suriname, era assim ...muita burocracia pra tirar e tentei um visto de transito, apenas ...porque o visto de turista precisa de mil coisas, de reserva de hotel, de coisas que eu não tinha como comprovar, eai eu tentei o visto de transito e foi muita dor de cabeça, eu tive que ir lá e tive que explicar que era uma viagem de bicicleta e tal , mas mesmo assim eu tive que pagar na época nem lembro quantos euros foram para poder pedir e fazer seguro de saúde e tudo, para poder entrar na Guiana Francesa. E aí eles deram só dez dias, um...visto de transito mesmo, assim. Quase que não deu tempo de atravessar o país todo e o finalzinho também, eu tive que fazer.... Eu fiz uns cem quilômetros, mais ou menos de carro, porque Senão eu não iria conhecer nada do país! E assim, o meu objetivo era conhecer, também! Então, assim eu priorizei de ir nos lugares que eu queria ir e acabei fazendo esse restinho de carro, porque não dava tempo. Eu só tinha dez dias!

E: O seu problema foi mais com relação com documentos né? Eles não ficaram indagando, você estava sozinha e de bicicleta? Teve esse problema também?

VA: Sim, também, porque é assim, eles tem a legislação os documentos que são exigidos, eu não tinha como comprova pro visto de de turismo, por exemplo, para ganhar uns noventa dias ou o que fosse, porque eu não tinha passagem, não tinha reserva de hotel e nem ia fazer isso. Então, assim a única saída, que eu tinha, era tentar o visto de transito, que era que me exigia menos coisas, eai mesmo assim, eu só consegui dez dias, porque eu tive que ir e explicar, que era uma viagem de bicicleta e enfim, porque senão, eles iriam dar menos tempo ainda e aí assim, eu tive que ficar de um.... Foram quase uma semana na capital do Suriname tentando

isso, indo todos os dias lá e com um atendimento assim ruim, sem falar o idioma, né? Ih assim, ele não faz questão nenhuma de...se esforçar para tentar te ajudar, entendeu se você não consegue falar francês foi um pouco complicado, assim ...eu realmente, pensei, eu não vou me sujeitar a isso, é ficar implorando pra pra poder passar e conseguir um visto! Só porque eu nem queria ir lá conhecer, mas assim ... mas eu só vou assim, porque era o único caminho que eu posso fazer do Suriname. Ou iria da Guiana Francesa ou eu teria que retornar pra Guiana ou pegar um avião até o Brasil, pro Suriname ...Eu cheguei a ir até o consulado brasileiro para ver se tinha algum avião sei lá do exército.... de alguma coisas, que eu podia pegar uma carona pra qualquer cidade do Brasil. Só para não ter que passar pela Guiana Francesa, mas aí não tinha como, a passagem de avião como era em cima assim, era muito caro, aí falei não , vou ter tentar entrar , então eu insisti e consegui uns dez dias e falei : “ *Tá bom, então, vamos !*”

E: O problema da linguagem foi mais com a Guiana, né? O espanhol você fala fluente ou não ...foi tranquilo?

VA: É eu sei não falava espanhol fluente, sabia uma pouco, bem pouco, mas aprendi na viagem e foram praticamente, foi um ano e meio quase falando só o espanhol, praticamente e aí aprendi bastante o idioma e falo bem, mas quando chegou nas Guiana foi a outra barreira que era o idioma, porque aí a Guiana era inglês, o Suriname Holandês e Guiana Francesa o francês. Então, o único que eu me virava mais ou menos era o inglês. Então, na Guiana foi mais ou menos tranquilo, eu consegui me virar. No Suriname também, porque quase todo mundo fala inglês, é o segundo idioma que eles aprendem, quase todo mundo mesmo na rua. Tudo fala inglês. Mas na Guiana Francesa já foi bem mais difícil, porque eles falam só o francês mesmo, ao não ser, que fiquei hospedada em Coutchsurf e aí normalmente Coutchsurf são pessoas que viajam e tem essa relação com outros viajantes então eles falavam um pouco de inglês, um pouco de espanhol, e aí eu podia me virar um pouco mais, mas fora isso era bem difícil mesmo, eu tive que me esforçar para poder me comunicar no básico. Eu tive um amigo que me ensinou, fez as palavras mágicas para eu poder pedir armar barraca para passar uma noite e aprendi isso [risos] só para poder me comunicar o básico e foi bem complicado, assim, mas acabou dando certo! [Sorrisos]

E: Como você fez para se manter em viagem? Chegou algum momento que acabou o dinheiro e qual foi estimava de gastos assim que você teve na viagem?

VA: Então, quando eu sai que eu pensava que iria ficar um ano, como eu disse minha maior preocupação era com a segurança. Então eu pensa que a minha segurança estava relacionada a um lugar para dormir e pensava: “o mínimo que eu tenho que ter é para pagar um hotel se for preciso, porque eu não vou ficar num lugar, que seja perigoso! Aí eu estimei mais ou menos setenta reais por dia pra viajar um ano! Essa era a minha ideia o meu conceito básico assim, inicial e para conseguir esse dinheiro, eu economizei durante um ano e meio, mais ou menos, e quando eu saí, eu desfiz de tudo que eu tinha, que não era muita coisa, era um carro velho e algumas coisas da casa que eu morava, eu pagava aluguel e não iria ficar o pagando aluguel esse tempo todo! Então, desfiz de tudo e eai esse dinheiro, eu me propus a me manter durante esse tempo. Só que na viagem, eu descobri que a viagem podia ser de uma maneira muito mais simples, mesmo e tal e acabou sendo muito mais econômico do que eu me imaginava. Tanto que com esse dinheiro que eu pensava que daria para viajar um ano, eu acabei viajando dois! E né? Viajei de uma maneira simples, mas também não me privava das coisas que eu queria, fazer, porque imagina tô num lugar que eu não saberia se iria voltar ali um dia e eu não iria visitar um museu ou não ia entrar num parque porque era um pouco caro, então esse tipo de luxo assim, eu me dava [risos], quando possível, mas foi uma viagem bem simples e aí no decorrer da viagem, também, eu comecei a fazer algumas coisas pra vender, eu vendia postais. Tinha uma página na internet, que era uma vaquinha, aquele site da vaquinha e os amigos, as pessoas que queriam colaborar com a viagem, depositava ali qualquer valor e eu enviava um postal do lugar que estivesse, assim. E foi uma das maneiras que ajudou durante a viagem e também alguns momentos eu passei a vender coisas assim. A partir do Equador, quando eu até me encontrei

com a Cris a gente viajava junto e no Equador mesmo, a gente vendia muita coisa, é brigadeiro, comida e artesanato também, porque eu aprendi a fazer algumas coisa de ...utilizando coisas da bicicleta mesmo, corrente, chaveirinho, fazia uma bicicletinhas, e isso eu aproveitava para dar para as pessoas que me recebiam, que me ajudava de alguma maneira e também deixava venda se alguém quisesse comprar, éee foram essas principais maneiras e às vezes também aconteceu na viagem de trocar por exemplo, hospedagem por trabalho, em hostel , então, foram essas coisas que me manteram.

E: Foi difícil fazer essas trocas?

VA: Não, não era difícil não... é até muito mais fácil do que a gente imagina, assim, tem no caso dessa hospedagem por trabalho tem em sites que proporcionam essa o contato, você vê os lugares que estão disponível e pode pedir a a oportunidade pra trabalhar e a maioria das vezes se você chega mesmo num hostel e fala, aí to viajando e tal tem a oportunidade de trocar, muitos, quase toda ... maioria assim aceita, voluntário, sabe? Eles dão hospedagem e às vezes café da manhã, alguma coisa em troca do trabalho!

E: Você comentou que era setenta reais no começo da viagem, mas depois você não fez mais nenhuma estimativa ... vou bem menos?

VA: No final das contas ficou pela metade mesmo, eram uns trinta e cinco e quarenta reais, eu tenta não gastar mais que dez dólares por dia. Estava na época uns trinta e cinco reais, que era um gasto mesmo com alimentação, quase tudo ia para alimentação, hospedagem era difícil assim. Passei acampar muito assim e a usar esses sistemas de couchsurf , warmshoer , e o principal gasto era da alimentação e ai quando eu comecei a fazer essas coisas de artesanato, principalmente, os chaveirinhos, eu trocava muito por coisas, as vezes na beira da estrada assim por fruta , por sei lá , coisas de diversas assim eu já troquei e era uma moeda de troca também, não era dinheiro , mas...

E: Era simples também de trocar?

VA: Sim, porque chegava, começa a conversar e perguntava e a maioria das pessoas aceitava a troca ee foi bem simples assim até!

E: Você disse que até o bombeiro, você se hospedou? Foi simples?

VA: Para quem viaja de bicicleta são tipo os anjos maiores assim, porque em todos os países, a maioria, eles aceitam viajantes assim, você chega e pede um lugar para colocar a barraca e eles deixam e muitas vezes deixam usar o banheiro pra você tomar banho, as vezes se eles tem lugar de dormir, que eles oferecem também, ai muitas vezes eu fiquei no bombeiro como se fosse num hotel, porque em alguns não tinha mulher, mas tinha o quarto de mulher, então às vezes eu ficava lá sozinha , porque não tinha outra bombeira, assim . E são muitos acolhedores são todos os país no mundo, no Brasil também. Todos os lugares são... foi uma experiência bacana também! ... Sim, eles são dez!

E: Você também chegou nomear a sua bicicleta?

VA: Sim, saiu com nome [risos] ela tem nome desde que nasceu, Branquinha!

E: Tem algum significado esse nome?

VA: Não é muito obvio porque ela é branca, [risos] não teve muita criatividade, mas pegou. E realmente, a bicicleta para gente ela se torna muito mais que um objeto, assim ...é uma relação de às vezes se pegar conversando, com a bicicleta. Porque ela vira uma companheira mesmo.

E: Quais foram sua forma de registro em viagem? Sei que você tem *blog*, mas chegou fazer outras formas?

VA: Ai caiu aqui ... [Interferência]

E: Eu estou te vendo ...

VA: Vai desligar espera aí .... que eu vou pegar o celular

E: Tá bom! [Pausa de espera] Caiu ...

VA: Tinha acabado a bateria aqui... [áudio baixo] está me escutando?

E: Agora estou! Podemos continuar?

VA: Sim, podemos...

E: Sua formas de registro feita em viagem?

VA: Tem os meus diários ...de papel mesmo, assim era um habito diário praticamente todos os dias eu escrevia ...aquele dia [som inaudível] .... O *blog* também, depois eu criei o *facebook*, uma conta lá da página da viagem e o *instragram* também de fotos e depois quando eu já estava viajando eu comecei a fazer alguns registro de áudio, *podcast*, *eles* gravava assim uma vez por mês [inaudível] como era princípio de entrevista, ficou registrada ali o que tinha acontecido naquele período e tem as emoções, assim da volta, foi tudo bem legal assim, quando eu escutei o primeiro *postcast* foi na época que eu estava viajando , um ano depois , eu...foi muito legal, eu senti exatamente, o que eu estava sentido daquele dia, sabe? .... Bem bacana mais assim pra mim até do que pros outros [inaudível] Tá ruim o áudio?

E: Eu estou tentando escutar, mas acho que está gravado, saiu o áudio ...

VA: Ve se melhora ....

E: Melhorou ...melhorou ... você estava dizendo dos seus sentimentos que você estava de escutar o áudio né?

VA: Isso...foi exatamente essas maneiras que eu utilizei para registrar e pra divulgar também a viagem! O *blog*, eu tenho o *blog* desde... que eu fiz a primeira viagem de bicicleta e foi essa viagem de minas e resolvi criar o *blog*, mesmo... porque quando estava ... ia fui fazer o caminho de Santiago de Compostela, eu pesquise muita coisa na internet. E encontrei muita informação na internet através de *blogs*. Então, eu vi que assim a experiência dos outros, me ajudou muito a preparar a minha experiência, aí resolvi criar o *blog* porque vi que a minha experiência também podia tanto motivar outras pessoas como também ser fonte de formação mesmo pra preparar outras viagens.

E: É você mantinha contato com a família?

VA: Sim, nesse período eu não voltei para casa, nesses quase dois anos e nem eles foram me encontrar, foi num período assim que a gente só se falar por... internet, praticamente *skype* eee *whatsApp* eu acho, que já usava ...nem lembro... Mas era mais *shype* assim, quando eu tinha uma conexão boa, eu sempre mandava notícias de onde eu estava mantinha ... eu ligava e fala com eles por vídeo, também!

E: E foi tranquilo para eles?

VA: Foi...eu já morava aqui em Brasília, então assim ... eu já não moro mais com meus pais já faz um tempo, então essa distância, eu já estava um pouco acostumada, né? Mas claro que dá saudade, lógico mas é assim nunca você pode ter tudo, néh? Foi a escolha que eu fiz! Então, até quando eu voltei, quando estava para terminar a viagem, eu realmente estava num momento que eu já queria voltar assim, sabe? Já estava com saudade, tinha um sobrinho que nasceu nesse período que eu estava viajando, então que eu não conhecia! Então, assim acho que quando eu terminei, eu terminei no momento certo assim, também porque já era o momento assim que eu já estava com vontade de de vê-los de novo, sabe? Já estava na hora mesmo de voltar ...foi no tempo exato!

E: E como foi essa volta?

VA: Então, a volta foi, assim ...Como eu disse, eu já tinha certeza que ia voltar um dia, já sabia que isso ia acontecer. Mas realmente é um período assim difícil de... readaptação, porque...na verdade ...eu sai e vivi muitas coisas e voltei uma nova pessoa, mas as pessoas que ficaram elas praticamente ficaram as mesmas, sabe? Então, assim ...o choque maior foi... isso com as pessoas mesmo e com ás vezes é... tem que aprender ali de novo com essas diferenças assim .... de... coisas que as pessoas acreditam, que eu acredito de ....o ...[inaudível ] rotina....

E: O áudio ficou baixo [interrupção]

VA: Tá ...perai. ...É está melhor?

E: Melhorou!

VA: Vou ter que falar assim bem pertinho...

E: Tá!

VA: Você não vai me vê, mas pelo menos tem áudio...

E: Então aí, eu .... difícil também foi ter que acostumar com a rotina, né ? Porque eu estava vivendo uma vida, que era... nem um dia era igual ao outro, sabe? Cada dia tinha certeza de que algo novo iria acontecer e... todo dia era imprevisível e eu gostava dessa sensação, sabe ?! ... de não saber o que iria acontecer no dia seguinte! E quando você volta para rotina, ela é exatamente o lado oposto ... você tem a certeza praticamente que todo dia vai ser igual. Então, isso tudo é ...Um...pouco...difícil ...até hoje pra mim! Mas eu tentei transformar minha vida éé...com coisas mais mais...éh... que me deixam mais feliz assim....para não resumir a minha vida ao retorno ao trabalho, sabe? Eu faço outras coisas que dão sentido para minha vida e que tornam mais...uma vida feliz também, não estando viajando. Eu recebo viajantes na minha casa e isso faz que de uma certa maneira, eu esteja viajando com as outras pessoas, sabe? Eu adotei uma vida aqui que não dependo que carro também, então a minha rotina diária é feita com a bicicleta...éh... fui fazendo pequenas coisas pra tentar assim, transformar essa minha nova rotina uma vida mais agradável!

E: E você chegou a trazer muitas coisas em viagem ou que você buscou trazer?

VA: Não! Coisas eu não trazia, porque não cabia na mala! De recordações, você diz?

E: Pode ser, também!

VA: Não, só experiências, foram assim ...não. Minto, eu tinha muitas coisas, afinal minha bicicleta parecia um ...aí, não sei explicar! ...Mas ela era assim cheia de coisas que ia ganhando no meio do caminho e as pessoas tem mania de querer te dar coisas, [inadiável] ou uma recordação delas naquele lugar e aí era pequenas coisinhas assim ... dentezinho de uma lhama no Peru, aí eu pendurava na bicicleta, uma pulseirinha da Colômbia, eu amarrava na bicicleta, o adesivo de algum lugar, fui transformando a minha bicicleta no memorial da viagem, sabe? Cada lugar que eu passava, eu tinha uma recordação, em algum lugar! Fora isso foram as lembranças mesmos e as experiências, porque isso é bom também! E isso bom, em viajar de bicicleta você não tem espaço para essa questão do consumo, não é uma viagem de consumo, é uma viagem de experiência, mesmo!

E: Quantos quilos você carregou na bicicleta?

VA: Quando ela estava com comida e água eram cinquenta quilos, a bicicleta mais toda a minha bagagem! ... bastante coisa.

E: Você estava comentado que você passou pela Guiana e depois você já começou descendo pra voltar pra terminar a viagem?

VA: Eu fiz todo o litoral do Brasil até Salvador, depois Chapada de Diamantina e aí já fui para Minas [inaudível] e pra poder terminar em casa... em minas.

E: Quais é seu planos ...Você tem planos futuros de viagens ou viagem longo você não está mais disposta?

VA: Naum, eu sempre estou dispostas pra viajar! [Sorrindo]. E ás vezes, assim dá até uma saudade, mesmo ... da estrada, sabe? Ontem mesmo, eu estava escrevendo, né? E relendo os diários da de viagens, assim ...e às vezes eu me pego com saudade assim da viagem, dos sentimentos que eu tinha quando eu estava na estrada, das experiências, de ser cada dia novo e o mais bonito que eu acho que quando você está viajando que tudo é muito verdadeiro! Sabe? Principalmente, assim ...de bicicleta, você não tem muitas coisas, tipo... o que você tem é você, não tem roupa bonita... não tem nada além de você! Então assim, toda relação que você constroem nesse caminhar são relações muito verdadeiras, assim ... porque as pessoas chegaram até você e você chegou as pessoas por você mesmo, entendeu? ...é tudo muito sincero, se alguém gostou de você foi porque teve algum motivo ali pra gostar e não é por que você tinha algo que pudesse despertar um interesse! Tudo é muito sincero. Eu tenho muita vontade de viajar de novo ...agora eu sempre viajo, mas nas férias, né?! ...agora, quando eu posso, mas eu quero assim ...fazer outras viagens longas de mais um ano, sabe? ...dois ...não sei... eu tenho vontade e ainda vou fazer outras viagens! ... Passa... Eu acho que tem dois lados das vidas, eu conheci pessoas assim .... Pessoas que viajaram um longo período ou elas vão querer fazer isso pelo o resto da vida, quando puderem ou elas não vão quererem fazer isso numa mais [risos], tem os dois lados, mais eu estou no primeiro grupo! [Sorriso].

E: Se você pudesse me dizer ...como você se via antes e agora você se vê após dessa experiência?

VA: Eu acho que foi um pouco do que eu falei assim ...Quando saí eu acho que eu era uma pessoa mais éé ...insegura, com muitos medos, que talvez nem existem assim...medos a relacionados a perigos, que nem são tão reais, éé...presa a conceitos e valores, que hoje para mim não tem mais sentido, sabe!? Eu acho que eu voltei uma pessoa, assim muito mais simples, muito mais conectada com as coisas que eu acredito, com meus valores, com a natureza, com o meu ser e principalmente enquanto pessoa, sabe?! Sou uma pessoa que acredita e confia assim mais nas pessoas. Acho que a experiência que eu tive me mostrou que existe pessoas mais boas do que ruins, sabe? Me mostrou um outro ser humano ali do lado, sabe? ... [inadiável] de não ver ele como uma ameaça e sim visto como uma pessoa que é igual a mim, assim, sabe?! Tem algo bom, assim como tem...[inaudível] Eu perdi um pouco desses medos e voltei uma pessoa mais confiante também, mas certa das coisas das coisas que eu quero e acredito assim.... o mundo pode melhor, sabe? Mas depende da gente, das nossas atitudes, do que a gente acredita, assim ...tento melhor isso da maneira que eu posso assim, onde vivo, na cidade que eu vivo, voltei... disposta aa isso, sabe?! ...a decisão de voltar a trabalhar e de tentar ter uma rotina mais... amigável e também tendo fazer que a vida seja um pouco melhor. Então assim, acabei me envolvendo com questões de ativismo...por busca por .... mais ciclo ....segurança, ciclovias, éé nessas questões da cidade , mas que podem transformar a cidade uma... em um ambiente mais agradável, para todo mundo , sabe ?

E: Você considera que a sua experiência representou isso na sua vida?

VA: Com certeza, ela foi também ...eu vi que... vendo tudo isso ... eu sou agente de mudança no mundo e no lugar o que eu tô, entendeu ?! Se eu escolhi está aqui, tento fazer algo para transformar esse lugar no lugar melhor, de alguma maneira! Então, eu acho que eu voltei também mais consciente doo meu lugar na sociedade, sabe?! Ser não só um agente passivo, mas também um a gente ativo no lugar que eu escolhi para viver, acredito!

E: Com toda essa experiência, como é essa viagem sozinha ... como você a define?

VA: Eu acho assim, eu escolhi sair sozinha ... eu estive sozinha só no momento que eu realmente quis, porque na verdade eu estava cercada de pessoas, sempre assim ...quando eu

escolhi pedalar sozinha, eu aprendi muito com isso entendeu eu era dona do meu tempo , eu fazia o que eu queria , muitas vezes eu estava mais aberta a me relacionar com outras pessoas e outros lugares que eu passava, mas que eu também tive o outro lado de viajar acompanhada de muitas pessoas e foi também um aprendizado [Chiado do áudio, inaudível] .... É você aprender a compartilhar, aprender não ir só no seu limite, mas no limite do outro, aceitar é a seeder um pouco. Às vezes ter que se impor, são as dificuldades de relacionamento, mas que ao andar de bicicleta são [inaudível] Então, assim apesar de ter saído sozinha, eu não estava sozinha! O fato também de ter dar do certo ...foi quando eu saí, eu estava muito bem resolvida comigo mesma, o fato de estar indo sozinha eu não tinha medo desse fato [inaudível] eu acho que muita gente tem medo de ir sozinha, não pelo fato de estar ali só, mas pelo fato de que ela vai se encontrar com ela mesma e eu não tinha esse medo, eu estava muito tranquila comigo, do que eu estava sentindo naquele momento! Então, o fato de eu estar bem comigo, fez com que estivesse bem quando estivesse sozinha e quando estivesse acompanhada [chiado, inaudível] ....

E: Você está escutando esse chiado? Desculpe, interromper ... mas você está escutando esse chiado?

VA: Tô!

E: Ah...

VA: Não sei... não sei o que é ... não é daqui parece...

E: Ai, teve momento que sua voz abaixou, aí não quis te interromper, espero que tenha gravado certo, que você estava falando desse processo de estar sozinha ...

VA: É se não der ... você me fala ...

E: Você só podia comentar mais pouco sobre isso, porque o som ficou muito ... esse som do chiado está muito grande ... está falando agora ....

VA: Oi

E: E u estou escutando, mas está bem chiado ....

VA: Será se eu colocar o fone melhora?

E: tenta?

VA: Vou fazer um teste...

E: Agora melhorou, você poderia repetir ... desculpa de pedir ... que ficou muito forte o chiado...

VA: Tá

E: Esse processo que você estava falando, assim que muitas pessoas buscam estar com elas mesmas, você podia comentar sobre isso, como foi isso para você?

VA: Então, o que eu estava falando era que na verdade, eu escolhi sair sozinha, mas que eu estive sozinha nos momentos que realmente eu quis estar, porque na verdade, eu encontrava pessoas, todos os dias e estava me relacionando com as pessoas todos os dias e o fato de ter viajado sozinha, ter escolhido sair sozinha, pra mim não foi um problema e acho que muitas pessoas, quando falam assim: “-Nossa, mas você foi sozinha?” E muita gente não sai pra uma viagem sozinha e para nenhum lugar sozinha. Muitas vezes não é o medo de ir sozinha, é pelo medo do encontro que ela vai ter com ela mesma, às vezes pessoa não está preparada para esse encontro com ela. E eu sai numa situação muito tranquila, eu estava muito bem resolvida comigo mesma, eu não tinha esse medo do du que eu iria encontrar, da Ada que eu iria encontrar, sabe ?!... no meio do caminho... eu estava muito tranquila em relação a isso. E por isso eu acho que eu estive bem nos momentos que eu estava sozinha, que eu me relacionei com outras pessoas e no momento que eu estava viajando em grupo, também ... que a convivência é de um relacionamento mesmo, você está ali vinte e quatro horas ...eu viajei com muitas pessoas, durante muito tempo assim....meses, então acho que isso foi bom, porque eu estava assim, o fato de estar bem e tranquila comigo mesma, eu pude estar só e pude estar com as pessoa, também!

V: Você chegou a encontrar essa Ada no meio do caminho?

VA: Ah, encontrei e vivo encontrado [risos] , com ela todos os dias, acho que isso é um assim processo ..ninguém assim...é um processo diário, não é...nada assim que vai conseguir se definir ... se encontrar ...sabe? Eu vou sair, por exemplo ...eu vou sair e fazer o caminho de Santiago, porque lá eu vou me encontrar ...isso é um processo ...são descobertas que você vai fazendo ao longo da vida, você passa talvez ficar mais atenta aos detalhes, entendeu? A dar mais atenção

pra você mesmo, para o seus sentimentos e pra... pra sua vida! Foi uma descoberta durante a viagem iiih essa descoberta ainda não terminou, acho que ela vai até sempre ...porque também a gente ééh, né ?! O ser humano está em constante transformação, que bom que não sou a Ada que saiu, mas eu espero também não ser a mesma a Ada ... daqui ...sei lá alguns anos, entendeu é um processo de mudanças, eu espero estar mudando sempre!

E: É assim que você defini sua experiência? como um processo ...

VA: Sim, um processo sim... de aprendizado e de mudança!

E: Muito obrigada, Ada! [Sorrisos de emoção] Gostei muito de escutar seu relato! Gostei muito de conhecer você!

VA: Eu também, obrigada assim de verdade [sorrisos de emoção] Eu fico muito feliz de participar e de ter sido convidada e te conhecer e de saber do seu trabalho assim, da sua pesquisa, que né?! Assim, pensar que uma viagem pode ser um instrumento de... estudo e de pesquisa, de incentivo de tantas coisas! Fico feliz de poder de ajudar de alguma maneira! [Emoção]

E: Eu feliz de você está participando! Eu só queria tirar uma dúvida, você chegou a se formar em que? Você poderia comentar?

VA: Ahh...eu nem falei, né? Foi em administração .

E: Bom, eu acho que é isso, muito obrigada!

VA: Ah, eu lembrei uma coisa que talvez seja relevante, assim de momentos difíceis da viagem que vou perguntou, que foi algo que aconteceu que realmente não foi, na viagem não são só coisas boas , que teve um momento, que eu já estava no Brasil que eu fui roubada , foi a única vez da viagem , que eu falei que não tinha tido experiência ruim com pessoas, mas que aconteceu, mas que também é... acho que nem lembrei porque não foi algo que deixei que marcasse , tanto quanto as coisas boas [ risos].

E: E você quantos quilômetros ... você totalizou ...pedalados?

VA: Foi vinte e dois mil e seiscentos e noventa dois? Acho que foi isso... quase vinte três mil!

E: Muito obrigada, espero te conhecer em Brasília!

VA: Oh, vinte e dois mil seiscentos e cinquenta e dois, estou vendo a foto da minha chegada!

E: Ah, Outra coisa que lembrei, você escreveu quantos diário?

VA: Nossa! Nem sei nem te dizer, eu tenho uma caixa de diário aqui! Não sei se você vai ver aqui eu guardo os diários, eu nem sei, eu ia fazendo os caderninhos... não é essa é outra... já está lá em cima ... mas é uma igual a essa, eu ia fazendo os caderninhos e despachava pelo correio, eu gostava de escrever mesmo!

E: Muito Obrigada! Vou desligar o gravador!

[Autorização em áudio]

VA: Então, Camila eu te autorizo a usar o áudio dessa nossa conversa, neh ?! Para a sua pesquisa acadêmica e para outras pesquisas que surgirem em nível acadêmico e não tem nenhum problema, pode usar com o meu nome que eu uso mesmo com Ada Cordeiro, meu nome é Ada Fernandes Cordeiro, qualquer um dos dois, pode ser!

E: Muito obrigada, Ada!

VA: De nada! [Sorrindo]

[Finalização do áudio]

## ANEXO A- Convite das viajantes



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidada a participar da pesquisa "A TRANSFORMAÇÃO HUMANA NAS VIAGENS: ENCONTRO DE SI E BUSCA DE SER", de responsabilidade de Camilla Aparecida Leves Menezes, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é analisar a figura da viajante independente construída no percurso das viagens, por meio de um relato de uma experiência significativa de viagem de bicicleta. Assim, gostaria de consultá-la sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-la. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagens, ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio do método e técnica de entrevista de história oral temática, que trata apenas de um momento particular da vivência narrada com o auxílio do roteiro com os tópicos a serem abordados para o relato. E para estes procedimentos que você está sendo convidada a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco pessoal ou social.

Espera-se com esta pesquisa atingir o objetivo da pesquisa, dar voz a mulher viajante e compreender a tradição, o fluxo e o fenômeno social das viajantes independentes para os estudos de Turismo e na promoção de mais políticas públicas para os pontos de carema, vias livres para a mobilidade de bicicleta e hospedagem com mais segurança no Brasil.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação a pesquisa, você pode me contatar através do telefone // 994763985 ou pelo e-mail [hp\\_co22@hotmail.com](mailto:hp_co22@hotmail.com).

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de seus e-mails e com a entrega da pesquisa, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br).

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

OBSERVAÇÃO: Apresenta-se o termo modelo para preservar a identidade das Viajantes.

## ANEXOS B - Termo de imagem e som



### Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz para fins de pesquisa

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado *A TRANSFORMAÇÃO HUMANA NAS VIAGENS: ENCONTRO DE SI E BUSCA DE SER*, sob responsabilidade de *Carla Aparecida Leves Menezes* vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília.

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados apenas para análise por parte da pesquisadora, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas, eventos acadêmicos, atividades educacionais, futuras publicações em periódicos científicos.

Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com a participante.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

OBSERVAÇÃO: Apresenta-se o termo modelo para preservar a identidade das Viajantes